**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS DE
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

LÍGIA REGINA MÁXIMO CAVALARI MENNA

**A literatura infantil além do livro: as contribuições do jornal
português *O senhor doutor* e da revista brasileira *O Tico-Tico***

São Paulo

2012

Versão Corrigida

Lígia Regina Máximo Cavalari Menna

A literatura infantil além do livro: as contribuições do jornal português *O senhor doutor* e da revista brasileira *O Tico-Tico*

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com vistas à obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientador: Prof. Dr. José Nicolau Gregorin Filho

São Paulo

2012

Versão corrigida

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M5471 Menna, Lígia Regina Máximo Cavalari
A literatura infantil além do livro: contribuições do jornal português O senhor doutor e da revista brasileira O Tico-Tico / Lígia Regina Máximo Cavalari Menna ; orientador José Nicolau Gregorin Filho. - São Paulo. 2012.

314 f

Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa.

1. Literatura Infanto-juvenil. 2. Periódicos. 3. Infância. 4. Educação. 5. Gêneros literários. I. Gregorin Filho, José Nicolau, orient. II. Título.

Lígia Regina Máximo Cavalari Menna

A literatura infantil além do livro: as contribuições do jornal português *O senhor doutor* e da revista brasileira *O Tico-Tico*

Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutora em Letras.

Aprovada em: 9/10/2012

Banca Examinadora

Prof. Dr._José Nicolau Gregorin Filho	Instituição:FFLCH-USP
---------------------------------------	-----------------------

Profª. Drª Idméa Semeghini Siqueira	Instituição:FE-USP
-------------------------------------	--------------------

Profª Drª Vera Lúcia Bastazin	Instituição:PUC-SP
-------------------------------	--------------------

Profª Drª Maria Otília G Ninin	Instituição:UNIP
--------------------------------	------------------

Profª Drª Maria Zilda da Cunha	Instituição: FFLCH-USP
--------------------------------	------------------------

AGRADECIMENTOS

Várias pessoas, direta ou indiretamente, auxiliaram na realização deste trabalho. Gostaria de manifestar a minha gratidão em particular:

Ao Prof. Dr. José Nicolau Gregorin Filho; por sua orientação, por suas palavras de incentivo e por não me deixar desistir. Um querido mestre e um querido amigo.

À Profª Drª Maria dos Prazeres Santos Mendes; por me guiar pelos primeiros caminhos desta pesquisa, por seu carinho e seus ensinamentos valiosos.

À Profª Drª Maria Zilda da Cunha, pelas valiosas observações no exame de qualificação.

Aos funcionários das bibliotecas Brasileira Guita- Mindlin, Monteiro Lobato e Nacional, por sua cordialidade e atenção.

À minha querida aluna Ione Kadlec, pela transcrição dos textos dos periódicos.

A todos meus colegas professores da UNIP- Universidade Paulista (Ana Lúcia, Adilson, Andréa, Bárbara, Cielo, Déborah, Elaine, Janaína, Joana, Otília, Palma, Sandra, Simone e Siomara, revisora deste trabalho, entre tantos outros) pelas palavras de incentivo nos momentos difíceis.

À querida Solange Gervai, por sua mão amiga, substituindo-me para que terminasse minha pesquisa.

À querida Simone Gonzalez, pelo carinho, pelo incentivo e pelas constantes traduções em o Inglês.

À querida Hiromi Shibata, doutora em Educação, pelo incentivo e por suas

valiosas sugestões nessa área.

À querida amiga Roseli Gimenes, pelo carinho, por suas palavras de incentivo e pela confiança.

À querida amiga Maria Carolina C C Carneiro, por me ajudar com os gráficos e mais uma vez me acompanhar em tão difícil jornada.

À querida amiga Regina Horta, minha parceira em tantos projetos, caminhos de pedras e de sucessos.

À querida amiga Romilda Célia Pacheco, por estar sempre ao meu lado, mesmo quando distante.

A minha querida Márcia, por cuidar de mim e da minha família com tanto carinho e dedicação.

Aos meus queridos pais, irmãos e familiares, por todo carinho e compreensão, mesmo com minhas ausências e isolamento.

Aos meus amores, meu querido marido Miguel, companheiro de uma vida, e meus queridos filhos, Victor e Guilherme, por serem tão carinhosos, amorosos e compreensivos: vocês são minha maior motivação.

RESUMO

MENNA, Lígia R M. C. **A literatura infantil além do livro: contribuições do jornal português *O senhor doutor* e da revista brasileira *O Tico-Tico*** 310 p. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

Há vários estudos sobre as relações entre Literatura e Imprensa, livros e periódicos, suas confluências e divergências, seus produtores e seus leitores. Quando o assunto é a literatura destinada ao público infantil, esses estudos tornam-se bastante reduzidos.

Este trabalho tem como seu principal objetivo preencher essa lacuna, demonstrando a importante contribuição do jornal português *O senhor doutor* e da revista brasileira *O Tico-Tico* para a formação de leitores, assim como para a educação informal e a história da Literatura Infantil. .

Verificamos, em uma perspectiva histórica e comparatista, como a literatura infantil foi construída além do suporte livro, levando em conta diferentes concepções de infância, tendências pedagógicas e a própria materialidade dos textos, além das diferentes práticas de leitura suscitadas.

A partir desse pressuposto, levamos em conta a estrutura dos periódicos, a periodicidade dos gêneros, o contexto de produção e como a literatura infantil e seus leitores formaram-se além dos livros.

É importante ressaltar que a forma como os textos literários para as crianças eram apresentados nos jornais, revistas e almanaques, no início do século XX, imprime-lhes uma legibilidade específica, própria da literatura infantil contemporânea. Essa especificidade confirma tais textos como fontes essenciais para a história dessa literatura, tanto no Brasil quanto em Portugal.

Consideramos, portanto, que um estudo mais aprofundado sobre as produções literárias para crianças em periódicos torna-se necessário e justificável

Acreditamos também que nossa pesquisa possa contribuir com uma visão mais ampla e consistente do processo de formação da literatura infantil em Língua Portuguesa, assim como sua contemporaneidade e perspectivas futuras.

Palavras-chave: Literatura infantil, Periódicos, Infância, Educação, Gêneros Literários.

ABSTRACT

MENNA, Lígia R M.C. **Children's Literature beyond the book: contributions of the portuguese newspaper *O senhor doutor* and the brazilian magazine *O Tico-Tico***. 310 p. Thesis(Doctorate).Philosophy, Languages and Humana Sciences College, University of São Paulo. Brazil. 2012.

There are multiple studies about the relations between Literature and Press, books and periodicals, their confluences and divergences, their writers and their readers. When the matter is literature destined to children, little has been carried out.

The target of this work is to fill in this gap, showing the contribution of the portuguese newspaper *O senhor doutor* and the brazilian magazine *O Tico-Tico* for the education of readers as well as for informal education and the history of Children's Literature.

We have verified, in a historical and comparative perspective, how children's literature has been constructed beyond the book as a support, taking into account different conceptions of childhood, pedagogical approaches, the materiality of the texts and the different reading practices elicited.

From this conjecture, we have considered the structure of the periodicals, the periodicity of the genres, production context and how children's literature and its readers arised beyond the books.

It is important to emphasize that the way upon which the literary texts for children were presented in the newspapers, magazines and almanacs in the beginning of the twentieth century imprints specific legibility, characteristic of contemporary children's literature, and thus marks these texts as essentials to this literature, both in Brazil and Portugal.

Therefore, we believe that a further study on the literary productions for children in journals becomes necessary and justifiable.

We also believe that our research can contribute to a broader and more consistent vision of the process of children's literature formation in the Portuguese Language as well as to its contemporaneity and future perspectives.

Key Words: Children's Literature, Periodicals, Childhood, Literary Genres, Education.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- DETALHE DA CAPA DA EDIÇÃO	134
FIGURA 2- DESTAQUE: “UM EPISÓDIO HERÓICO DA NOSSA AÇÃO EM ÁFRICA: O ESCUDO”	136
FIGURA 3- “A VIDA NO FUNDO DOS MARES”	138
FIGURA 4- “VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA”	140
FIGURA 5- “AS AVENTURAS DOS AUTÊNTICOS ZUCA, ZARUCA, E BAZARUCA”, DE STUART DE CARVALHAIS.	145
FIGURA 6- <i>FAÇANHAS DO CÉLEBRE DETETIVE CENTELHA E DO SEU FAMOSO CÃO-POLÍCIA FAÍSCA</i> , DE JOSÉ OLIVEIRA COSME, ILUSTRADO POR CARLOS RIBEIRO.	146
FIGURA 7- ILUSTRAÇÃO DO CONTO “ CONVERSA COM ANA MARIA”	152
FIGURA 8- ILUSTRAÇÃO DO CONTO “ ZOOLOLÂNDIA- A ESCOLA”	153
FIGURA 9- ILUSTRAÇÃO DE “ALDEIA DE CHORAMIGAS”	161
FIGURA 10- LOGOTIPO E CABEÇALHO DAS PRIMEIRAS EDIÇÕES DE <i>O TICO-TICO</i> , ILUSTRADO POR ÂNGELO AGOSTINI.	174
FIGURA 11- LOGOTIPO E NOVO CABEÇALHO DE 1930, ILUSTRADO POR LUIZ SÁ.	182
FIGURA 12- “LIÇÕES DE VOVÔ”	185
FIGURA 13- LAMPARINA	190
FIGURA 14- RECO-RECO, BOLÃO E AZEITONA	192
FIGURA 15- BENJAMIN, LILI, CHIQUINHO E JAGUNÇO.....	194
FIGURA 16- KAXIMBOWN E PIPOCA	196
FIGURA 17- CAPA DO LIVRO <i>UM PASSEIO EM PETIZÓPOLIS</i> , DE MAX YANTOK.....	197
FIGURA 18- DESTAQUE- ANJO DE “COLAR DE LÁGRIMAS”	200

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 -PERIODICIDADE POR BLOCOS: GÊNEROS DA LITERATURA INFANTIL E OUTROS	
GÊNEROS, <i>O SENHOR DOUTOR</i> , 1933	132
GRÁFICO 2- PERIODICIDADE DOS GÊNEROS NO JORNAL <i>O SENHOR DOUTOR</i> , 1933.....	132
GRÁFICO 3 - PERIODICIDADE POR BLOCOS: GÊNEROS DA LITERATURA INFANTIL E OUTROS	
GÊNEROS, REVISTA <i>O TICO-TICO</i> , 1933.....	181
GRÁFICO 4- PERIODICIDADE DOS GÊNEROS NA REVISTA <i>O TICO-TICO</i> , 1933.....	181
GRÁFICO 5- COMPARAÇÃO ENTRE <i>O SENHOR DOUTOR</i> E <i>O TICO-TICO</i>	211
GRÁFICO 6- PERIODICIDADE POR BLOCOS: GÊNEROS DA LITERATURA INFANTIL E OUTROS	
GÊNEROS, <i>O TICO-TICO</i> , 1929.....	216
GRÁFICO 7- PERIODICIDADE DOS GÊNEROS NO <i>ALMANAQUE D' O TICO-TICO</i> , 1929.	216
GRÁFICO 8- PERIODICIDADE POR BLOCOS: GÊNEROS DA LITERATURA INFANTIL E OUTROS	
GÊNEROS , <i>O TICO-TICO</i> , 1937	218
GRÁFICO 9- PERIODICIDADE DOS GÊNEROS NO <i>ALMANAQUE D' O TICO-TICO</i> , 1937.....	218

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
I- INFÂNCIA E EDUCAÇÃO: ALGUMAS LEITURAS	26
1.1- DIFERENTES CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA	26
1.1.1 <i>Infância: da indiferença ao auge</i>	31
1.1.2 <i>Criança: entre a inocência e a ignorância</i>	39
1.2- A EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA.....	44
1.2.1 <i>Educação em Portugal: primeiras décadas do século XX</i>	56
1.2.2 <i>Educação no Brasil: primeiras décadas do século XX</i>	64
II- LEITURA E LITERATURA PARA A INFÂNCIA	77
2.1- LEITURA: UMA PRÁTICA SOCIOCULTURAL	77
2.1.1 <i>Diferentes processos e formas de leitura</i>	77
2.1.2 <i>Protocolos e revoluções da leitura</i>	85
2.2- UMA LITERATURA PARA A INFÂNCIA.....	90
2.2.1 <i>Literatura e literariedade</i>	90
2.2.2 <i>Literatura infantil : do início, no século XVII, à consolidação no século XIX</i>	95
2.2.3 <i>A literatura infantil em Portugal</i>	102
2.2.4 <i>A literatura infantil no Brasil</i>	112
III- A LITERATURA INFANTIL ALÉM DO LIVRO.....	127
3.1- O JORNAL O SENHOR DOUTOR.....	127
3.1.1 <i>Periodicidade dos gêneros</i>	131
3.1.2 <i>Capa</i>	133
3.1.3 <i>Sentenças do “Senhor Doutor” e visto da censura</i>	137
3.1.4 <i>Página das meninas</i>	141
3.1.5 <i>“Coca bichinhos”, “Cantinho da Palestra”, anúncios e encartes para montar</i>	142
3.1.6 <i>Histórias em quadrinhos e quadrinizadas</i>	144
3.1.7 <i>Contos, poemas, mitos e folhetins</i>	147

3.1.8 Os contos do avô do cachimbo.....	156
3.2- A REVISTA O TICO-TICO.....	169
3.2.1 Periodicidade dos gêneros	180
3.2.2 Capa	182
3.2.3 Anúncios publicitários	183
3.2.4 Lições do vovô e textos de divulgação científica	185
3.2.5 Tico-tico mundano	187
3.2.6 Costura e Bordado, Nossos concursos e encartes.....	188
3.2.7 Histórias em quadrinhos e quadrinizadas	189
3.2.8 Contos, poemas e folhetins	198
3.3 CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS	208
3.3.1- Entre um Senhor Doutor e um Tico-Tico.	209
3.3.2- Os Almanques d' O Tico-Tico: 1929 e 1937.....	213
CONSIDERAÇÕES FINAIS	220
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	227
APÊNDICES.....	234
ANEXOS	257

INTRODUÇÃO

Em 2002, quando fazíamos nossa dissertação de mestrado (MENNA, 2003); em que se realizou, entre outros aspectos, um estudo sobre *As aventuras maravilhosas de João Sem Medo*, de José Gomes Ferreira; deparamo-nos com o jornal *O senhor doutor*, periódico no qual foram publicados vários episódios que deram origem a essa obra. Foi uma grata surpresa encontrar tão rico material, suscitando questões como: “Um jornal para crianças em 1933?” “E com literatura?” “Teríamos no Brasil algo similar?” Eis alguns dos primeiros questionamentos que nos motivaram a iniciar uma longa pesquisa, cujos resultados serão apresentados neste trabalho.

Inicialmente, constatamos que há vários estudos voltados para as relações, entre a imprensa e a literatura, seus gêneros, seus produtores e receptores, adultos por excelência.

Como exemplo, citamos o livro *Imprensa, História e Literatura*, organizado por Isabel Lustosa (LUSTOSA, 2008), com análises diversas, inclusive da professora Marisa Lajolo, da Unicamp. Há também o livro *Pena de Aluguel*, de Cristiane Henriques Costa (COSTA, 2005) - doutora em Cultura e Comunicação pela UFRJ- obra que nos apresenta um amplo panorama da produção literária e jornalística no Brasil, durante o período de 1904 a 2004.

Costa analisa várias biografias e faz entrevistas com escritores recentes, tomando como ponto de reflexão as intersecções entre gêneros, alguns tidos como mais literários, outros, como mais jornalísticos, suas contribuições e possíveis prejuízos. Ela se refere a antigos escritores, como José de Alencar, Machado de Assis, Coelho Neto, Olavo Bilac, Monteiro Lobato, Graciliano Ramos, e os contemporâneos Luiz Rufatto e Marçal de Aquino.

A autora ainda cita o livro *Momento literário*, de João do Rio (RIO, 1903) resultado de entrevistas com diversos escritores sobre as influências do jornalismo na literatura, o qual também consultamos.

Quanto ao tema, verifica-se que há opiniões positivas como a de Olavo Bilac, para quem o jornalismo:

[...] é para todo escritor brasileiro um grande bem. É mesmo o único meio do escritor se fazer ler. O meio de ação nos falharia absolutamente se não fosse o jornal - porque o livro ainda não é coisa que se compre no Brasil, como uma necessidade (BILAC apud RIO, 1903:10)

Todavia, há também outras divergentes, como a opinião de Coelho Neto:

[O jornalismo], como nunca teve audácia para educar, aceita um trabalho, não pelo gênio do autor, mas sempre de acordo com o agrado do público. (...) Veio o anúncio, o balcão dominou, começaram os incentivos para o trololó. Hoje o público está acostumado e não quer outra coisa. Quanto à literatura que publicamos nos jornais, lembra os livros impressos no tempo do Santo Ofício: não têm o visto da inquisição, mas têm o visto do redator chefe(COELHO NETO apud RIO, 1903: 61).

Como podemos observar, a temática é bastante polêmica, visto que , de um lado, Bilac valoriza a imprensa como forma de divulgação das produções literárias, de outro, Coelho Neto critica a censura existente, além de o jornal ter se tornado um amplo espaço para os anúncios publicitários. Quem estaria com a razão? Provavelmente ambos.

Seguindo a opinião de Olavo Bilac, Monteiro Lobato, em suas cartas a Godofredo Rangel, em vários momentos, aconselha o amigo que faça como ele, publique em jornais e revistas da época para que sua obra se torne conhecida, ou mesmo como uma forma de avaliar o gosto dos leitores, conforme observamos em carta de dois de Fevereiro de 1923:

Está me voltando a mania e creio que dou mais dois livros este ano. Como sempre, parto gêmeo. Um, de ideias e impressões extraídas daquele meu velho Diário de Solteiro, com leves apuros da forma e da filosofia. Outro de contos-contos novos. Não dispensei teu juízo preliminar, à moda de sempre. Ponho-os na Revista e depois dou-os em livro- o bom sistema. (LOBATO, 2010:482)¹

É importante destacarmos que a liberação da imprensa no Brasil foi tardia, ocorrendo somente em 1808, com a vinda da família real. A partir desse momento, escritores vislumbraram nos jornais não só uma forma de sobreviverem, publicando artigos e críticas, mas também de divulgarem suas produções literárias. A indústria

¹ Essa obra foi editada pela primeira vez em 1944.

editorial ainda estaria muito longe de existir, haja vista o caso do pioneirismo de Monteiro Lobato nos anos de 1920, com seus sucessos e fracassos.

Como pudemos observar, houve um tempo em que diferentes periódicos-jornais, revistas, almanaques e suplementos - assumiram-se, entre outros aspectos, como os mais eficientes germinadores e divulgadores da literatura. Dessa forma, graças à mídia impressa, além do livro, vários autores da literatura brasileira e portuguesa puderam registrar sua arte na história da literatura.

Atualmente, quando pensamos em literatura, logo nos vêm à mente nossos autores e obras preferidos, seus livros preservados em estantes. Quando pensamos na imprensa ou mesmo no jornalismo, reportamo-nos aos jornais e às revistas como meios de comunicação voltados para a atualidade e para a informação, efêmeros em seu conteúdo e materialidade.

Entretanto, essa distinção nem sempre foi clara, tendo em vista que livros e periódicos, enquanto suportes², assim como seus respectivos gêneros, transformaram-se ao longo dos tempos, confundiram seus conteúdos, suas formas e mesmo suas funções sociais.

Segundo Roger Chartier, por exemplo, em *Cultura escrita, literatura e história*³, os primeiros periódicos, até o século XVIII, eram muito parecidos com os livros, pois recebiam o mesmo tipo de encadernação, não se vinculavam à atualidade, eram quinzenais ou mensais, vendidos por assinatura a um grupo reduzido de privilegiados. Como exceção, destaca-se o pequeno “diário”, *journal* em francês (CHARTIER, 2001:128).

Na França, somente a partir do século XIX, iniciou-se um processo de emancipação dos periódicos em relação aos livros:

Na década de 1840, baixa o preço do periódico, que definia até esse momento uma sociedade de leitores muito restrita que adquire novas formas, por exemplo, com a publicação dos 11 (folhetins)(...) A verdadeira evolução do periódico aconteceu na década de 1860, com a compra por número, que permitiu a difusão em todo o país graças ao correio ou à estrada de ferro[...] (CHARTIER, 2001:128)

² Entendemos “suporte” como o espaço em que se fixam os textos, espaços físicos, como uma folha de papel, um jornal, um livro, a tela do computador, a pele, o tronco de uma árvore, parede, entre outros. Conf. MARCUSCHI(2008:173-186)

³ Esse livro é o resultado de várias discussões entre Roger Chartier e estudiosos da cultura escrita, como Daniel Goldin, Antônio Saborit, Jesús Anaya Rosique, entre outros.

Como podemos observar, foram necessárias transformações tanto de ordem técnica quanto de ordem econômica, tais como a redução dos custos em relação ao livro, a venda por número e maior circulação devido a novas formas de locomoção, para que os periódicos se multiplicassem rapidamente.

Chartier considera que a maior distinção entre o periódico e o livro esteja na efemeridade do primeiro. Daniel Goldin, complementando o pensamento do primeiro, cita um comentário de Borges: “escrever para o jornal é escrever para o esquecimento...” (CHARTIER, 2001:130)

Por outro lado, contrapondo essa ideia, o historiador Antônio Saborit, esclarece que o caso americano difere do europeu e cita o México, cuja situação se assemelha à brasileira:

No século XVIII, o jornal está vinculado ao efêmero, mas busca o prestígio livresco, pois são folhas colecionáveis, que, finalmente, formarão um livro[...] No século XIX ocorre no México uma coisa muito interessante: o jornal acaba tomando o espaço do livro...Todas as energias humanas e o investimento vão para a fundação de jornais e não existe a indústria editorial propriamente dita (CHARTIER, 2001:131-2)

Ao tratarmos dos periódicos, não podemos nos esquecer de destacar a importância das revistas ilustradas. Segundo Ana Luiza Martins, em seu texto “Revistas na emergência da grande imprensa: entre práticas e representações (1890-1930)” (MARTINS, 2000), esses meios foram responsáveis pela formação de diferentes comunidades leitoras, de diferentes faixas etárias e gêneros, com destaque para as mulheres, sendo que esse tipo de periódico revelou-se como veículo ideal de publicação, desde as primeiras manifestações da imprensa no Brasil. Como possíveis causas, a autora destaca as especificidades históricas brasileiras, já que a introdução da imprensa em nosso país, como citamos, foi tardia e sofreu severa censura. Além disso, o Brasil inseriu-se em um sistema de origem escravocrata, com grande parcela da população analfabeta e de escolarização bastante precária:

Nessas circunstâncias, essa publicação de caráter ligeiro, fácil impressão, custo baixo, passível de reunir vários assuntos numa só publicação, lúdica- em razão das possibilidades de ilustração- constituiu-se na fórmula certa para o inicial exercício do impresso entre nós. Logo, as revistas possibilitaram o exercício de gráficas

incipientes, a emergência de tipografias, a colocação de autores, a inicial editoração e, finalmente, ensejaram a avaliação e criação de um mercado consumidor(MARTINS, 2000:248)

Conforme se pode verificar, as vantagens das revistas eram muitas e o Brasil não foi um caso isolado. Apesar de esse tipo de periódico ter surgido nos séculos XVII e XVIII em países com tradição de leitura, como Inglaterra e França, foi no século XIX que alcançou maior notoriedade na Europa, principalmente pelo espaço concedido aos romances em forma de folhetim, pelo espaço dado à literatura de forma geral e às demandas da publicidade impressa.

Segundo Martins, um elemento fundamental para o sucesso das revistas no Brasil foi a possibilidade de se incluírem ilustrações, principalmente caricaturas, como forma de crítica política e social bem humorada, seguindo principalmente os modelos franceses. Entre algumas revistas, a autora cita a primeira delas, *Lanterna Mágica*, de Araújo Porto Alegre, de 1834; em seus termos, a “comportada” *Semana Ilustrada*(1860-1876), de Henrique Fleuiss, e a “contestadora” *Revista Ilustrada* (1876-1898), de Ângelo Agostini (MARTINS, 2000: 248-249), sendo este, inclusive, um dos primeiros ilustradores da revista *O Tico-Tico*.

No século XX, podem ainda ser mencionadas as revistas literárias como *Revista Klaxon* e *Revista de Antropofagia*, além de outras mais genéricas, como *Revista do Brasil*, *Vida-Moderna*, *A Cigarra*, *O Malho*, entre tantas outras.

Em Portugal, por exemplo, houve revistas que originaram, e muitas vezes sustentaram, estéticas literárias, como a *Águia*, o *Orpheu* e a *Presença*.

No entanto, nesse contexto, há uma questão a ser respondida: “E as publicações para as crianças?” Nesse sentido, quando voltamos nosso olhar aos periódicos infantis e aos estudos existentes, encontramos um grande desafio e muitas lacunas a preencher, já que há poucas referências teóricas sobre o tema e os periódicos no Brasil encontram-se cada vez mais raros e em más condições de conservação.

Marisa Lajolo, Regina Zilberman, em *Literatura Infantil brasileira, história e histórias* (2007) e Nelly Novaes Coelho, em *Panorama Histórico da literatura infantil e juvenil* (1991) e *Literatura infantil: teoria, análise e didática* (2000), por exemplo, chegam a citar a mídia impressa, com destaque para a revista *O Tico-Tico*, enfatizando, contudo, sua relevância apenas como divulgadora das histórias em quadrinhos, pela contribuição de suas personagens no imaginário infantil, ou mesmo

como um produto da indústria cultural.

Em Portugal, Natércia Rocha, em sua obra *Breve história da literatura para crianças em Portugal*, de 1984, chega a citar vários periódicos relevantes, mas sem aprofundamento, o que era de se esperar de uma publicação que se assume como “breve” e não apresenta uma bibliografia comentada.

Entre os pesquisadores de literatura infantil brasileira, quem trata do assunto de forma mais significativa é Leonardo Arroyo. Em seu livro *Literatura infantil brasileira*(2010)⁴, o autor dedica um capítulo significativo para os estudos da imprensa infantil: “a imprensa escolar e infantil”, no qual enfatiza a importância da imprensa para formação e desenvolvimento da literatura infantil brasileira:

Os jornais infantis marcaram bem determinado período da literatura infantil brasileira. Para a formação das coordenadas da literatura infantil brasileira(sic), a criação de um campo propício à sua evolução- sem nunca esquecer aqui a importância fundamental do desenvolvimento da educação e do ensino- para a sua base, se assim podemos exprimir, foi a imprensa para crianças e jovens, imprensa não só na forma de jornal, como na forma de revistas (ARROYO, 2010:179-180)

Como observamos, é notável a importância basilar dos jornais e revistas para a formação dos leitores e para a germinação e florescimento da literatura infantil. A existência dos pequenos jornais escolares, de no máximo quatro páginas, ainda colaborou com as primeiras tentativas literárias de muitos escritores, como Monteiro Lobato, por exemplo, que escrevia em 1896 no jornal *O Guarani* (ARROYO, 2010: 136).

A partir desse pressuposto, consideramos que um estudo mais aprofundado sobre as produções literárias para crianças em periódicos torna-se necessário e justificável.

A hipótese desta pesquisa é que a literatura para crianças, no Brasil e em Portugal, de maneira sistematizada, germina e se amplia a partir de sua divulgação em jornais e revistas, sendo esses suportes essenciais para os estudos da história da literatura infantil.

Vale observar que, se o livro tornou-se o suporte ideal para a educação formal das crianças, os jornais e revistas assumiram-se como coadjuvantes nesse

⁴ O livro foi editado pela primeira vez em 1968 e estamos usando a edição de 2010.

processo, por meio de uma abordagem mais informal e lúdica. Todavia, demonstravam, explicitamente, seu interesse em formar e educar seus pequenos leitores a partir das concepções de infância e das tendências pedagógicas vigentes.

Vale destacar que um dos maiores obstáculos para os pesquisadores de jornais e revistas no século XIX, e primeiras décadas do século XX, principalmente no Brasil, é a escassez de materiais de consulta. Vários dos jornais citados por Arroyo não podem ser mais localizados e outros se encontram em péssimas condições, conforme pudemos verificar em nossas pesquisas.

Quanto aos jornais e às revistas para adultos, muitos já estão salvos em microfilmes ou mesmo digitalizados, podendo ser encontrados, por exemplo, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro⁵ ou no Arquivo Público do Estado de São Paulo.⁶ Os jornais e revistas destinados ao público infantil não tiveram a mesma atenção e poucos se encontram preservados.

Como exceção, citamos a Biblioteca Monteiro Lobato⁷ e a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin⁸, ainda em estruturação, no Brasil, assim como a Biblioteca Nacional de Lisboa⁹, nas quais pudemos encontrar material para nossas pesquisas.

Para este estudo, como recorte temporal, optamos pelas primeiras décadas do século XX, principalmente os anos 30. Nossa escolha por esse período justifica-se, primeiramente, por ser crucial para formação da literatura infantil brasileira, com o retorno de Monteiro Lobato para o Brasil e a publicação de *Reinações de Narizinho*, em 1931.

É importante lembrar que esse processo já havia começado em 1920, quando Lobato publicou o álbum ilustrado *A menina do Narizinho Arrebitado*, seguido pela versão escolar e por diferentes episódios da menina Lúcia na *Revista do Brasil*, os quais seriam incorporados posteriormente na versão de 1931.

Além disso, nos anos de 1930, surgiram sistemas repressivos que se tornariam fortes ditaduras, como o Estado Novo em Portugal (1933-1974) e o Estado Novo no Brasil (1937-1945), com tendências pedagógicas e sistemas educacionais bem específicos.

⁵ <http://www.bn.br/portal/>

⁶ <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/>

⁷ http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/monteiro_lobato

⁸ <http://www.brasiliana.usp.br/>

⁹ <http://www.bnportugal.pt/>

Em terceiro lugar, mas não em menor importância, verificamos que é no início do século XX, até meados dos anos 40, que se verifica o auge da publicação de suplementos, de jornais e de revistas para crianças, os quais já apresentavam uma visível influência dos *comic books* norte-americanos, incorporando novas técnicas e estruturas que dariam origem às histórias em quadrinhos, no Brasil, ou bandas desenhadas, em Portugal.

A partir dos anos 40, as HQ¹⁰; que conviviam há muito com outros gêneros comuns à literatura infantil, como contos, poemas, fábulas, mitos e folhetins, passaram a ocupar todo o espaço na imprensa, com a publicação de revistas exclusivas no gênero, como, por exemplo, a revista *Gibi*, tão inovadora e popular para a época que sua denominação, *gibi*, passou a se referir a qualquer revista de HQ.

Considerando as inter-relações entre a literatura infantil brasileira e a portuguesa, faremos um estudo comparado da veiculação dos gêneros comuns a essa literatura, que foram divulgados no jornal português *O senhor doutor* e na revista brasileira *O Tico-Tico*, com enfoque para o ano de 1933.

A escolha desse *corpus* se justifica por sua relevância cultural e história junto aos periódicos infantis, o que contribuiu para que alguns de seus exemplares fossem conservados.

Como complemento, compararemos o *Almanaque d' O Tico-Tico* de 1929 ao de 1937, elucidando as diferenças e similaridades de uma mesma publicação em décadas e contextos distintos.

Entendemos *comparatismo* de uma forma bastante ampla, isto é, como um método de análise e crítica, procedimento essencial para refletirmos sobre a formação da literatura infantil e juvenil em língua portuguesa. Não nos ateremos às influências ou fontes de obras e autores, mas sim aos processos de intertextualidade, sempre que se fizerem necessários e pertinentes, em uma perspectiva histórica, social e cultural.

Nossa proposta, dessa forma, é verificar, em uma perspectiva histórica e comparatista, não prescindindo de uma análise crítica, como a literatura infantil foi construída além do suporte livro, em periódicos, tanto no Brasil quanto em Portugal.

Faz-se necessário citar uma conceituação de Henry H H Remak, para quem a

¹⁰ Usaremos a sigla HQ para nos referirmos ao gênero Histórias em Quadrinhos, denominado também Banda Desenhada, em Portugal.

literatura comparada é :

O estudo da literatura além das fronteiras de um país em particular, e o estudo das relações entre literatura de um lado e outras áreas do conhecimento e crença, como as artes (pintura, escultura, arquitetura, música) a filosofia, a história, as ciências sociais.(...) em suma, é a comparação de uma literatura com outras esferas da expressão humana (REMAK,1971¹¹ apud CARVALHAL,& COUTINHO,1994:175)

Dessa forma, entendemos a literatura comparada, em seus aspectos analíticos e críticos mais abrangentes, como uma forma específica de interrogar os textos literários na sua interação com outros textos, ou seja, em um processo intertextual, em diferentes suportes, em diferentes épocas e em diferentes países, com o objetivo de entender melhor nosso próprio sistema literário e a formação da literatura infantil e juvenil em um contexto mais amplo, histórica e socialmente construído.

Nessa perspectiva, podemos citar Tânia Carvalhal, que resume nossa visão sobre o comparatismo:

A investigação de um mesmo problema em diferentes contextos literários permite que se ampliem os horizontes do conhecimento estético, ao mesmo tempo que, pela análise contrastiva , favorece a visão crítica das literaturas nacionais. (CARVALHAL& COUTINHO: 1994:12)

Portanto, analisaremos diferentes contextos, sejam literários, sejam sociais, sejam educacionais, de diferentes países, em um mesmo período histórico, ou de um mesmo país em diferentes contextos.

Iniciaremos o primeiro capítulo percorrendo sobre a criança, leitor privilegiado da literatura infantil, assim como sobre as diferentes concepções de infância observadas ao longo dos tempos, esclarecendo que a noção de criança, um ser que sempre existiu, difere da noção de infância, um conceito construído social e historicamente a partir do século XVII.

Por meio de uma perspectiva social e histórica, conforme já dito, levamos em conta que a educação é um fato social e se relaciona diretamente às diferentes

¹¹REMAK,Comparative literature-its definition and function. In:Stallknecht, N P & Frenz,H.*Comparative literature; method and perspective*. Revised edition. Illinois, Illinois University Press, 1971.

concepções de infância, à leitura das crianças e à literatura infantil, sendo, portanto, esses conceitos bastante relevantes para nossas análises.

Segundo Bárbara Freitag, em *Escola, Estado e Sociedade* (1980), quanto à conceituação de educação e sua situação em um determinado contexto social, a maioria dos estudiosos apresentam dois pontos em comum, os quais contribuem para nossas reflexões e escolhas:

- 1) A educação sempre expressa uma doutrina pedagógica, a qual implícita ou explicitamente se baseia em uma filosofia de vida, concepção de homem e sociedade;
- 2) numa realidade social concreta, o processo educacional se dá através de instituições específicas(família, igreja, escola, comunidade) que se tornam porta-vozes de uma determinada doutrina pedagógica (FREITAG, 1980:15)

Acrescentamos, ainda, que tais “doutrinas”, as quais chamaremos de “tendências” ou “perspectivas” pedagógicas, baseiam-se, por extensão, na concepção de infância e na formação que se pretende dar à criança em um projeto político e econômico pré-estabelecido.

Entre as instituições específicas que disseminam uma determinada tendência pedagógica, podemos acrescentar a grande mídia, atualmente composta pelas emissoras de rádio, TV, jornais e revistas.

A partir do exposto, para que possamos identificar as tendências pedagógicas vigentes e relacioná-las aos periódicos analisados, trataremos da educação, primeiramente, em uma abordagem geral, distinguindo a educação formal da informal, para depois traçarmos um panorama em Portugal e no Brasil, com ênfase nas primeiras décadas do século XX.

No segundo capítulo, a partir das diferentes concepções de infância e pensamentos pedagógicos identificados, trataremos de leitura e de literatura infantil, inseridas no mesmo processo histórico e social.

Para tratarmos de leitura, utilizaremos como referencial teórico Vincent Jouve e Roger Chartier, considerando que a leitura é uma prática sociocultural, múltipla e diversa, que engloba diferentes processos e formas, com distintos elementos norteadores, como , por exemplo, o tipo de leitor ideal que se almeja e o contexto de produção.

Assim como a leitura, a literatura é um fenômeno social por natureza, uma

vez que, segundo Antônio Cândido, em *Literatura e Sociedade*¹²:

A arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana (pois) depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais (CÂNDIDO, 2000:20).

Há, portanto, “um movimento dialético que engloba a arte e a sociedade em um vasto sistema solidário de influências recíprocas”(CÂNDIDO, 2000:24).

Nesse sentido, a arte, e por extensão a literatura, torna-se essencial para que o ser humano alcance sua formação integral:

Literatura é *arte* e, como tal, as relações de aprendizagem e vivência que se estabelecem entre ela e o indivíduo são fundamentais para que este alcance sua formação integral (sua consciência do eu + o outro+ mundo, em harmonia dinâmica) (COELHO, 2000:10)

Ressalta-se que, segundo Cândido, o caráter social é inerente à obra de arte e independe da percepção dos artistas ou mesmo do público, o que não significa que a obra deva ser vista isoladamente, pois entre autor, obra e leitor há um conjunto de múltiplas relações (CÂNDIDO, 2000:21).

Consideraremos esses três elementos em nossas análises, acrescentando a relevância das diferentes estratégias de publicação, da figura do editor e da própria materialidade do texto.

Em se tratando da literatura infantil, referenciamos Nelly Novaes Coelho, Leonardo Arroyo, Marisa Lajolo, Regina Zilberman, entre outros.

Determinar a literariedade de um texto não é tarefa fácil, principalmente quando tratamos de Literatura Infantil e de sua formação, pois há especificidades a se considerar. As intenções didáticas, moralistas, a fruição, a valorização estética, o lúdico e o simples entretenimento fundem-se ou tornam-se mais ou menos evidentes, em diferentes épocas.

Assim, consideramos primeiramente que a literatura infantil é literatura, e, por extensão, também é arte, conforme Coelho (2000):

¹² Esse livro foi publicado originalmente em 1965

Literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização (COELHO, 2000:27).

A natureza da literatura infantil, portanto, seria a mesma da literatura que se destina aos adultos, sendo que “as diferenças que a singularizam são determinadas pela natureza do seu leitor/receptor: a criança” (COELHO, 2000:29).

Vale lembrar que uma característica marcante da literatura infantil é a sua “vocação pedagógica”, que perdura até os dias atuais, conforme nos aponta Marc Soriano (apud COELHO, 2000):

[...] Se a infância é um período de aprendizagem,[...] toda mensagem que se destina a ela, ao longo desse período, tem necessariamente uma vocação pedagógica. A literatura infantil é também ela necessariamente pedagógica, no sentido amplo do termo, e assim permanece, mesmo no caso em que ela se define como literatura de puro entretenimento [...] (SORIANO apud COELHO, 2000:31)

Nelly Novaes Coelho defende a posição de Marc Soriano, principalmente devido às reações contrárias à “vocação pedagógica” da literatura infantil, a favor do puro entretenimento.

Assim, devido ao público a que se destina e a suas raízes históricas, das quais também trataremos no segundo capítulo, a literatura infantil foi concebida como uma prática pedagógica, atrelada aos destinos da escola, o que lhe confere uma especificidade, tanto valorizada quanto criticada.

Nesse segundo capítulo, também definiremos os gêneros que consideramos como integrantes da literatura infantil em oposição aos outros gêneros de diferentes esferas.

Em seguida, apresentaremos um breve histórico da literatura infantil no qual aliaremos as produções em periódicos às produções em livros, assim como organizaremos informações dispersas a respeito de autores e obras, com objetivo de preencher algumas lacunas sobre a história da literatura infantil e seus diferentes processos de formação.

O terceiro capítulo constitui-se no núcleo de nossas pesquisas, sendo que nele analisaremos o jornal *O senhor doutor* e a revista *O Tico-Tico* individualmente,

em um primeiro momento, para posteriormente estabelecermos uma análise comparativa. Como complemento, apresentaremos uma breve comparação entre os almanaques de *O Tico-Tico* de 1929 e de 1937.

Para tanto, levaremos em conta a estrutura dos periódicos, a periodicidade dos gêneros, o contexto de produção e como a literatura infantil e seus leitores formam-se além dos livros.

É importante ressaltar que a forma como os gêneros da literatura infantil eram apresentados nos jornais, revistas e almanaques, no início do século XX, imprimem uma legibilidade específica, própria da literatura infantil como a conhecemos em nossa atualidade, configurando-os, assim, como essenciais e basilares para os estudos literários, tanto no Brasil quanto em Portugal.

Após nossas considerações finais, apresentamos as referências bibliográficas consultadas, assim como uma lista de apêndices e anexos: fotografias digitais, *fac-símiles* de periódicos; transcrições, tabelas e organização de dados utilizados nesta pesquisa.

I- INFÂNCIA E EDUCAÇÃO: ALGUMAS LEITURAS

1.1- Diferentes concepções de infância

Inicialmente, a fim de se introduzir o tema de nossa pesquisa, torna-se imprescindível estabelecer algumas considerações sobre a criança, enquanto leitor privilegiado da literatura infantil, assim como rever diferentes concepções de infância observadas ao longo dos tempos.

Nesse sentido, vejamos, primeiramente, algumas acepções sobre o termo infância encontradas no dicionário Houaiss:

- 1- na vida do ser humano, período que vai do seu nascimento ao início da adolescência; meninice, puerícia
- 2- Rubrica: termo jurídico. período da vida que é legalmente definido como aquele que vai desde o nascimento até os 12 anos, quando se inicia a adolescência
- 3- o conjunto das crianças Ex.: muito se diz e se escreve, e pouco se faz pela educação da infância. (HOUAISS, 2001:1611-12)

Quanto à etimologia, ainda segundo o mesmo dicionário, o termo deriva do latim: *infantia*, *ae* “dificuldade ou incapacidade de falar, mudez; infância, meninice, primeira idade dos animais; o que é novo, novidade”, do lat. *infans, ántis* “que não fala; criança.” (HOUAISS, 2001:1612)

Observa-se uma multiplicidade de significados, de certa forma restritivos. Vale refletirmos sobre o termo *infans* e sua raiz etimológica. Esse alguém “que não fala”, passou a ser aquele de quem mais se fala e cuja voz passou a ser ouvida.

É importante ressaltar, como já dissemos, que a noção de criança difere da de infância, uma vez que a primeira sempre existiu, já a segunda constituiu-se social e historicamente a partir do século XVII, com considerável ênfase nos séculos posteriores e consolidando-se no século XIX.

O dicionário Houaiss ainda denomina, segundo a psicologia do desenvolvimento da criança: “a primeira infância como o período do nascimento até três anos de idade; a segunda infância, dos três aos sete anos e a terceira infância, dos sete anos até o início da adolescência”. (HOUAISS, 2001:1612). Uma classificação que se demonstra puramente biológica/psicológica.

O dicionário Aurélio (1998) apresenta significados semelhantes ao anterior,

acrescentando juízos de valor ao considerar a dinamicidade e riqueza da infância:

4- Período da vida que vai do nascimento à adolescência, extremamente dinâmico e rico, no qual o crescimento se faz, concomitantemente, em todos os domínios, e que, segundo caracteres anatômicos, fisiológicos e psíquicos, se divide em 3 estágios: primeira infância, zero aos três anos; segunda infância, de três a sete anos e terceira infância de sete anos até a puberdade. 5- Bras. Pop. Ingenuidade, simplicidade, inocência (FERREIRA, 1998:942)

Todavia, diferentemente do primeiro verbete, são acrescentados a esse último os sentidos de *ingenuidade*, *simplicidade* e *inocência*, aspectos que abordaremos ainda neste capítulo.

Pode-se considerar que tal objeto de estudo, a infância, assim como suas acepções, apesar de ser tão citada e discutida por diferentes estudiosos, tais como educadores, psicólogos, médicos, juristas, sociólogos, literatos, entre outros, está longe de ser considerada uma unanimidade. Daí a possibilidade de se fazerem os seguintes questionamentos: “Será que a infância se prolongaria até os doze anos, como dito nos verbetes dos dicionários?” “O que distinguiria a infância da vida adulta?” “Inocência seria realmente um sinônimo para infância?”

As respostas a essas questões não são tão simples, principalmente se pensarmos que, ao longo da história, tais questionamentos chegaram a ser impensáveis ou mesmo irrelevantes.

Marisa Lajolo sintetiza algumas díspares e curiosas concepções, desde a Idade Média até as teorias de Freud. Para a autora, a partir da questão “o que é infância?”, diferentes disciplinas formularam várias respostas:

[...]primeiro vendo a criança como um adulto em miniatura; depois concebendo-a como um ser essencialmente diferente do adulto, depois...Fomos acreditando sucessivamente que a criança é uma tábula rasa, onde se pode inscrever qualquer coisa, ou que seu modo de ser adulto é predeterminado pela sua carga genética, ou ainda que as crianças do sexo feminino já nascem carentes de pênis[...](LAJOLO, 1997:228).

Verifica-se, então, que há uma variedade de concepções sobre a infância, ou seja, perspectivas variadas, em oposição àquilo que se toma por adulto. Tais definições ora assumem a perspectiva histórica, ora filosófica, ora psicanalítica, ou até mesmo biológica, o que propicia essa diversidade ao se buscar uma definição.

Para tratarmos dessas diferentes concepções, tomaremos como base os estudos de Philippe Ariès, em *História Social da Criança e da Família* (1981), uma das mais importantes referências sobre o tema, citados por diferentes estudiosos da Literatura Infantil, como Marisa Lajolo, Nelly Novaes Coelho e José Nicolau Gregorin Filho, por exemplo.

Como acréscimo, e eventual contraponto, utilizaremos também Colin Heywood, em *Uma história da infância* (2004), o qual apresenta, dialogando com Ariès, uma síntese do avanço dos estudos sobre o tema em alguns países europeus, com destaque para o Reino Unido, e os EUA. Faz-se necessário apontar, então, que esses autores concentram seus estudos na criança europeia.

Nosso objetivo não é produzir um extenso inventário sobre o assunto, mas pontuar algumas diferentes concepções de infância ao longo dos tempos, conforme apresentadas pelos autores, para entendermos a concepção (ou concepções) vigente(s) tanto em Portugal quanto no Brasil dos anos de 1930, contexto de produção dos periódicos analisados.

Segundo Ariès, o termo “infância” nem sempre teve a acepção da atualidade. Somente a partir do século XVII houve uma evolução, um novo hábito da burguesia ao utilizar tal denominação, com a acepção mais moderna do termo. Havia antes uma indiferença quanto aos fatores biológicos do ser humano e suas diferentes fases de desenvolvimento ao longo da vida, pois a ideia de infância estava mais ligada a questões sociais e econômicas, especificamente a uma questão de dependência; assim, um *petit garçon*, por exemplo, poderia ser uma criança, mas também um serviçal, devido a sua classe social e a sua relação de dependência com seus senhores.

O autor considera, ainda, que o mundo medieval ignorava a infância, “não percebia o período transitório entre a infância e a idade adulta.” Essa afirmação deve-se ao fato de Ariès não ter encontrado representações de crianças no material iconográfico pesquisado, ou, quando as encontrou, lembravam “adultos em miniatura”, o que o leva a afirmar que, até meados do século XII, havia um desconhecimento da infância ou pelo menos uma acepção divergente da moderna:

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo (ARIÈS, 1981:50).

Para Ariès, o sentimento “encantador da tenra infância” permaneceu limitado ao menino Jesus até o século XIV, a partir de quando surgem gravuras com anjos de ar jovial, comuns nas obras de Fra Angélico e Boticelli. Mesmo assim, durante muito tempo, as crianças consideradas “comuns” ainda foram caracterizadas como homens reduzidos, sem traços particulares.

Em contrapartida, Heywood discorda de Ariès quanto ao fato de a infância ser ignorada na Idade Média simplesmente por estar ausente das pinturas. Para ele, de forma semelhante, na Inglaterra do período moderno, as crianças também estiveram ausentes da literatura, aparecendo no máximo como um ser à margem do mundo adulto. Enfim, para o primeiro não há uma relação direta entre representação da infância e a sua percepção.

Segundo Heywood, as conclusões de Ariès apresentam falhas, uma vez que o francês limita-se à iconografia medieval para estabelecer afirmações muito categóricas a respeito da infância.

Entretanto, incoerentemente, Heywood incorre no mesmo erro, o da generalização, chegando a conclusões preconceituosas. Nesse sentido, ele afirma, por exemplo, que as pessoas das favelas da América Latina e das regiões devastadas da África não associariam inocência, vulnerabilidade e assexualidade às suas crianças, como ocorre no Ocidente. Tal afirmação não é seguida por qualquer especificação, exemplo ou comprovação.

Para refutar a hipótese de Ariès, Heywood cita outro estudioso, Anthony Burton, o qual afirma que a concentração em temas religiosos era tão intensa na Idade Média que “quase toda a vida secular” ficou ausente de suas obras, não apenas a criança. (HEYWOOD, 2004:25).

Heywood acrescenta, ainda, que já havia, na Antiguidade Clássica, um discurso greco-romano sobre o sujeito, tradição adotada pelo latim medieval. Nesse discurso, a infância era dividida em três etapas:

Infantia, do nascimento aos sete anos; *Pueritia*, dos sete aos doze anos para meninas e até os catorze para os meninos e *Adolescentia*, dos doze ou catorze até os vinte e um anos(HEYWOOD, 2004:26).

Como outro argumento, o autor cita uma pesquisa francesa recente, sem especificar a data ou pesquisador, em que se afirma que a criança nunca foi tão

celebrada quanto na Idade Média:

Pode-se citar ninguém menos do que o papa Leão, o Grande, pregando no século V que ‘ Cristo amou a infância, mestra da humildade, lição de inocência, modelo de doçura’ (HEYWOOD, 2004: 28).

Entretanto, nesse mesmo século, nem todos viam a criança como um ser divino, pois havia a maioria da elite instruída que preferia mostrá-la como uma criatura pecadora, segundo os preceitos de Santo Agostinho, os quais apresentaremos posteriormente.

Para o autor inglês, a infância apenas poderia ser compreendida como uma construção social, ou seja, os termos “criança” e “infância” seriam compreendidos de formas diferentes, em diferentes épocas e lugares, estando condicionados a questões culturais, filosóficas, econômicas e muitas vezes religiosas.

Dessa forma, vale ressaltar que aspectos como etnia, gênero, religião, classe social, contexto histórico e cultural devem ser levados em conta para se estabelecer uma determinada concepção de infância, estando a criança sujeita a seu tempo, a seu meio cultural e às ideologias vigentes.

Nesse sentido, Heywood amplia os estudos de Ariès, ao concluir que não existe somente uma infância, mas várias. Em sua obra, o autor opta, inclusive, por uma análise mais temática em vez de cronológica, por considerar que temas e concepções repetem-se em épocas diferentes ao passo que concepções opostas podem conviver em um mesmo período.

Para o mesmo autor, o que havia não era o desconhecimento, mas uma imprecisão para se definir a infância. Desse modo, nos EUA, por exemplo, *boy* aplicava-se a um adulto escravo:

Conclui-se que a infância durante a Idade Média não passou tão ignorada, mas foi antes definida de forma imprecisa, e por vezes, desdenhada (HEYWOOD, 2004:29).

Como vimos anteriormente, Ariès também exemplificou essa imprecisão ao se referir ao termo *petit garçon* para designar os serviçais e não somente as crianças.

Polêmicas à parte, os estudos de Ariès e Heywood são essenciais para entendermos a história social da infância, se não em todas suas concepções, ao menos no que concerne à tradição cristã, burguesa e europeia em que estão

inseridos os textos aqui analisados.

1.1.1 Infância: da indiferença ao auge

Para Ariès, a descoberta da infância começou no século XIII e sua evolução pode ser acompanhada por meio da história da arte e da iconografia durante séculos, com ênfase significativa no século XVII.

O autor argumenta que, na Idade Média, a infância era considerada uma fase sem importância e não fazia sentido fixá-la na lembrança, tendo em vista que as pessoas não se apegavam muito a algo que era considerado uma perda eventual, como, por exemplo, essa fase, que se tornava efêmera devido ao alto índice de mortalidade infantil.

Ariès acrescenta que a indiferença pelas características próprias da infância também poderia ser observada no mundo dos trajes, exceto quando se tratava de Nossa Senhora Menina. Na Idade Média, e em boa parte da Idade Moderna, logo que as crianças largavam as fraldas, usavam roupas de adulto. Somente a partir do século XVII a criança de boa família, nobre ou burguesa, passou a ter um traje reservado para sua idade.

Dessa forma, segundo o autor, nada nos trajes separava as crianças dos adultos na Idade Média, pois se vestiam igualmente. O que era visível eram os degraus da hierarquia social, ou seja, pessoas de classes sociais diferentes vestiam-se de formas diferentes, independentemente de ser uma criança ou um adulto.

Essa indistinção entre as crianças e os adultos na Idade Média também é confirmada por Dieter Richter, citado e traduzido por Regina Zilberman (2003):

[...]não havia a “infância” : nenhum espaço separado do “ mundo adulto”. As crianças trabalhavam e viviam junto com os adultos, testemunhavam os processos naturais da existência (nascimento, doença, morte), participavam junto deles da vida pública (política,), nas festas, guerras, audiências, execuções etc., tendo assim seu lugar assegurado nas tradições culturais comuns: na narração de histórias, nos cantos , nos jogos (RICHTER¹³,1977:36 apud ZILBERMAN, 2003:36).

Por outro lado, o fato de as crianças participarem das atividades adultas, na

¹³ RICHTER, Dieter. Til Eulenspiegel-der asoziale Held und die Erzieher. Kindermedien. Asthetik und Komunkation. Berlin: Auk Verlag, n 21, abr. 1977.

Idade Média, não lhes dava qualquer privilégio ou poder decisório, segundo o historiador Lawrence Stone:

As crianças eram frequentemente negligenciadas, tratadas brutalmente e até mortas; muitos adultos tratavam-se mutuamente com suspeita e hostilidade; o afeto era baixo e raro[...] (STONE¹⁴, 1979:69 apud ZILBERMAN, 2003:36).

Vale observar que esse tratamento dado às crianças diverge da postura cristã pregada no século V pelo papa Leão, o Grande, que dizia que a infância era amada por Cristo, devido à sua doçura, inocência e humildade, conforme vimos anteriormente.

Retomando as pesquisas de Ariès, ao delinear a história da infância a partir do século XVII, além de utilizar fontes iconográficas, o estudioso passa também a analisar materiais escritos, como é o caso do diário de um médico conhecido por Heroard, o qual relata suas observações sobre a educação e o comportamento do Delfin francês, o futuro rei Luís XIII, nascido em 1601 (ARIÈS, 1981: 85).

Embora houvesse de se considerar que os relatos sobre a educação de um futuro rei não se constituiu em um paradigma, essas observações justificam-se no trabalho por trazerem aspectos significativos para nossas reflexões e possíveis relações com outras crianças, guardadas as devidas proporções.

Pelas informações de Ariès, o Delfin era livre para fazer o que quisesse, sendo educado, a princípio, quase que exclusivamente por mulheres. Desse modo, várias histórias eram contadas para a criança, como as *Histórias da Melusina*¹⁵, uma fada ou um espírito feminino das águas doces.

Interessante destacar que o médico preocupava-se em esclarecer ao Delfin que essas não eram histórias reais. Relata-se ainda que o príncipe brincava de boneca, arco, xadrez e jogos de salão.

Outro aspecto importante a se considerar é que, com sete anos, o príncipe abandonou os trajes de criança e passou a ser educado por homens. A partir dessa nova fase, deveria abandonar as brincadeiras anteriores e se dedicar a jogos

¹⁴ STONE, Lawrence. The family, sex and marriage in England 1500-1800. London: Pelican Books, 1979

¹⁵ Segundo Dicionário Aulete, Melusina, é, na heráldica, uma sereia com cauda de serpente, banhando-se e penteando-se num tanque. Disponível em <http://aulete.uol.com.br/site>, acessado em 16/10/2010.

adultos, como os de cartas:

Tudo indica que a idade de 7 anos marcava uma etapa de certa importância: era a idade geralmente fixada pela literatura moralista e pedagógica do século XVII para a criança entrar na escola ou começar a trabalhar (ARIÉS, 1981: 87).

Além da mudança de trajes e o contato com os homens, houve poucas mudanças para o príncipe, visto que continuava brincando como antes e sendo surrado, como era o costume na época. Diferentemente, começou a ir muito ao teatro, como se pode observar:

Enfim, participa das grandes festividades coletivas que eram as festas religiosas e sazonais (...) Parece, portanto, que no início do século XVII não existia uma separação tão rigorosa como hoje entre as brincadeiras e os jogos reservados às crianças e as brincadeiras e os jogos dos adultos. Os mesmos jogos eram comuns a ambos (ARIÉS, 1981: p.88).

O estudioso aponta o caráter religioso das brincadeiras, pois, segundo o autor, anteriormente, durante o século VIII, existia uma relação estreita entre a cerimônia religiosa comunitária e a prática lúdica que compunha seu rito essencial.

Com o passar do tempo, ainda na Idade Média, essa prática libertou-se de seu simbolismo religioso e perdeu seu caráter comunitário, tornando-se, ao mesmo tempo, profana e individual.

Nesse processo, ela foi cada vez mais reservada às crianças,

cujo repertório de brincadeiras surge então como repositório de manifestações coletivas abandonadas pela sociedade dos adultos dessacralizados (ARIÉS, 1981: 89).

No que diz respeito às brincadeiras especialmente, assim como em relação aos trajes, as distinções entre o universo infantil e o adulto não eram muito claras:

Por volta de 1600, a especialização das brincadeiras atingia apenas a primeira infância, depois dos três ou quatro anos, ela se atenuava e desaparecia. A partir dessa idade, a criança jogava os mesmos jogos e participava das mesmas brincadeiras dos adultos, quer entre crianças, quer misturada aos adultos (ARIÉS, 1981: 93).

É interessante observar que a inclusão da criança no mundo adulto, fator observável mais claramente durante a Idade Média, mantém-se ao se considerarem os jogos e as brincadeiras. Ressalta-se, ainda, que tais considerações sobre esses elementos, assim como sobre roupas e costumes em geral, juntamente com as produções culturais para as crianças, com destaque para a literatura, que veremos neste trabalho, contribuem significativamente para entendermos as diferentes concepções de infância apresentadas nos periódicos analisados.

O fato de crianças praticarem jogos de azar a dinheiro, por exemplo, não era objeto de espanto para as pessoas da época, tendo em vista que esse procedimento era comum. Por outro lado, os adultos praticavam jogos considerados atualmente infantis, como cabra-cega e esconde-esconde.

Ariès ainda afirma que os jogos ocupavam um lugar de grande relevância nas sociedades antigas, porém havia uma minoria poderosa e culta de moralistas rigorosos, incluindo-se a Igreja Medieval, que condenava quase todas as formas de jogos, considerando-os imorais.

Somente no século XVII surgiria um novo compromisso em relação a essa prática, mostrando um novo sentimento em relação à infância, uma preocupação de preservar a moralidade da criança e de educá-la, proibindo-se os jogos “maus” e recomendando os “bons”.

A partir dessa época, portanto, passou-se a ter uma atitude moral em relação aos jogos de azar, modificando-se alguns e dando origem a outros, como o xadrez, por exemplo.

Portanto, no século XVII, havia uma distinção entre os jogos dos adultos e dos fidalgos, e os jogos das crianças e dos vilões. A distinção era antiga e remontava à Idade Média. Mas na Idade Média, a partir do século XII, ela se aplicava apenas a certos jogos, pouco numerosos e muito particulares: os jogos de cavalaria. Antes disso, antes da constituição definitiva da ideia de nobreza, os jogos eram comuns a todos, independentemente da condição social (ARIÈS, 1981: 116).

Assim, vários elementos da cultura popular passaram a se integrar ao universo infantil, contribuindo para sua configuração:

É notável que a antiga comunidade dos jogos se tenha rompido ao mesmo tempo entre as crianças e os adultos e entre o povo e a burguesia. Essa coincidência nos permite entrever desde já uma relação entre o sentimento da infância e o sentimento de classe (ARIÈS, 1981: 124).

Analisando diferentes momentos históricos, Ariès acredita que a maneira de ser das crianças tenha sempre encantado as mães e as amas, entretanto eram sentimentos não expressos, como tantos outros.

A partir do século XVII, como vimos, a criança passa a ser diferenciada do adulto em seus trajes, brincadeiras e jogos. Além disso, passa a ser vista como um ser frágil, o qual é preciso proteger, um ser gracioso que se pode admirar. Essa nova forma de ver a criança não apenas propõe o interesse em educá-la e respeitá-la, como também o de mimá-la, surgindo, assim, um sentimento denominado pelo autor de “paparicação”¹⁶ :

Um novo sentimento da infância havia surgido, em que a criança, por sua ingenuidade, gentileza e graça, se tornava uma fonte de distração e de relaxamento para o adulto, um sentimento que poderíamos chamar de paparicação (ARIÈS, 1981: 149).

Anteriormente, no século XVI, havia aqueles que chegavam a hostilizar um contato maior com as crianças, como é o caso de Montaigne (1533-1592), o qual se indignava quando alguém beijava uma criança recém-nascida, pois, para ele, esse “ser” ainda “não tinha nem o movimento da alma, nem era reconhecida no corpo”, ou seja, não era alguém, e por isso mesmo não contava nem como parte da família.

Entre os moralistas e educadores do século XVII, teria surgido um outro sentimento da infância em diferentes classes sociais. O apego à infância não se exprimia mais por meio da distração, da brincadeira, mas pelo interesse psicológico e pela preocupação moral.

Para esses homens, a infância não era divertida nem agradável, conforme se observa nesta afirmação de um padre jesuíta: “ Só o tempo pode curar o homem da infância e da juventude, idades da imperfeição sob todos os aspectos” (GRATIEN, 1646 ¹⁷ apud ARIÈS, 1981:162).

De acordo com Ariès, isso não é uma ignorância a respeito da infância, mas um sentimento sério a respeito dessa fase da vida, que deveria ser conhecida para ser corrigida.

Segundo Zilberman (2003:37), corroborando a visão de Ariès, é no século XVII que surgem algumas mudanças sensíveis com relação à infância,

¹⁶ Segundo a tradução de Nora Flaksman

¹⁷ B. Gratién. *El Discreto*, Huesca, 1646. Tradução francesa de 1723 pelo PE. De Courbeville.

principalmente devido ao enfraquecimento dos grupos de parentesco vinculados às grandes propriedades e à aristocracia fundiária, assim como à instituição do Estado Moderno que encontrou na família a sustentação para seus ideais:

Vê-se, pois, que a mudança aponta para a aliança entre o poder político centralizador e a camada burguesa e capitalista, que se lança à expansão de sua ideologia familista, fundada no individualismo, na privacidade e na promoção do afeto: entre esposos, estimulando a instituição do casamento; e entre pais e filhos, por estar interessada na harmonia interior no núcleo familiar (ZILBERMAN, 2003:37).

Portanto, é a partir do século XVII que se observa um interesse especial, tanto pela família quanto pela criança, surgindo os primeiros tratados de pedagogia, escritos pelos protestantes, sejam eles ingleses sejam franceses, assim como as primeiras obras literárias destinadas ao público infantil.

Como vemos, motivada por causas políticas e essencialmente econômicas, surge a necessidade de se fortalecer a família burguesa e seus ideais, entre eles a educação de suas crianças.

Gradativamente, a burguesia assume várias vertentes sociais, econômicas e culturais, impondo seus gostos, conforme nos lembra Arnold Hauser, em *História social da arte e da literatura*, quando se refere ao século XVII :

Em toda a história da arte e da cultura, a transferência de liderança de uma classe social para uma outra raramente ocorre com tão absoluta exclusividade quanto no presente caso, em que a aristocracia é completamente desalojada pela burguesia e a mudança no gosto, que coloca a expressão no lugar da decoração, não poderia ser mais clara(...). Gradualmente, a burguesia foi tomando posse de todos os instrumentos da cultura; não só escrevia livros, mas também os lia, não só pintava quadros, mas também os adquiria[...] (HAUSER, 2003: 498-506).

Vale observar que o “domínio burguês” foi gradual e não homogêneo, uma vez que o próprio autor faz considerações específicas sobre a burguesia italiana, a francesa, a inglesa, a holandesa, cada qual com suas especificidades.

Significativamente, é no século XVIII que se intensifica uma nova concepção de infância a partir dos ideais iluministas.

Nesse contexto, destacamos o filósofo francês Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), que, segundo Gadotti, foi quem centralizou pela primeira vez o tema da

educação da infância, considerando que a criança não seria mais um adulto em miniatura, mas sim um ser que vive em um mundo próprio, o qual é necessário compreender (GADOTTI, 2003).

Em seu livro *Emílio ou da educação*, Rousseau defendia que os adultos deveriam permitir que a criança desabrochasse junto à natureza, sem ser reprimida ou modelada. Para tanto, dividiu educação em várias etapas: *a idade da natureza* (até os doze anos), dividida em *idade do instinto* (até os três anos), *idade das sensações* (dos quatro aos doze anos), *idade da força* (doze aos quinze), *idade da razão e a das paixões* (dos quinze aos vinte anos) e, finalmente, *a idade da sabedoria e do casamento* (dos vinte aos vinte e cinco anos).¹⁸

Observa-se que, para Rousseau, como a infância tinha formas próprias de ver, pensar e sentir, deveria ser respeitada, bem como guiada pela natureza, pelas experiências e não pelo homem:

Respeitai a infância e não vos apresseis em julgá-la, quer para bem, quer para mal. Deixai as exceções se revelarem, se provarem, se confirmarem muito tempo antes de adotar para elas métodos particulares. Deixai a natureza agir bastante tempo antes de agir em seu lugar(...) Ficais alarmados por vê-la(a criança), consumir seus primeiros anos sem nada fazer. Como! Não é nada ser feliz?[...] (ROUSSEAU, 2004:119).

Vale dizer, entretanto, que o autor não via as crianças como virtuosas durante os primeiros doze anos, a “idade da natureza”. O raciocínio infantil seria mais “sensível” e “pueril” em relação aos adultos, assim “os muito jovens não deveriam ter o encargo da distinção entre o Bem e o Mal” (HEYWOOD, 2004, p. 38).

Já os românticos, ao contrário de Rousseau, apresentavam as crianças como “criaturas de profunda sabedoria, sensibilidade estética mais apurada e uma consciência mais profunda das verdades morais duradouras” (HEYWOOD, 2004: 38).

Assim, durante o Romantismo, século XVIII e meados do século XIX, destaca-se uma visão idealizada e sacralizada da criança, um ser puro e redentor.

No entanto, essa não era uma visão generalizada, uma vez que, também no século XIX, com a Revolução Industrial, a criança pobre passou a viver como na Idade Média, ou seja, precocemente como um adulto, trabalhando em fábricas ou

¹⁸ Introdução de Michel Launay in ROUSSEAU, JJ. *Emílio ou a educação*., p. 13 a 15.

vivendo na marginalidade.

Já no início do século XX, várias transformações, de ordem política, econômica e cultural puderam ser observadas como fatores detonadores de novas concepções de infância. Entre essas transformações, as que mais se destacam foram as disputas políticas e econômicas que influenciaram conflitos como a Primeira Grande Guerra Mundial.

Nesse contexto, os países envolvidos nesses conflitos, como Inglaterra e Alemanha, por exemplo, veem ameaçados sua soberania e o destino de suas nações. Surge, por esses motivos, a busca incessante pela eficiência nacional, por um lado, e a luta contra a degeneração das crianças e jovens por outro.

Para alcançar tais objetivos, tornou-se fundamental valorizar os cuidados com a saúde, a higiene, a educação e a moral para construção de nações fortes. Há, como exemplo, a implantação do escotismo por Robert Baden Powell na Inglaterra, em 1907, o qual tinha como intuito principal proteger os meninos ingleses da degeneração e do contato com gangues.

Assumiu-se, portanto, uma posição bastante nacionalista, voltada principalmente para crianças e jovens, como forma de solidificar as estruturas diante da crise política e econômica que assolava não só a Inglaterra como toda Europa.

Segundo Heywood, em um jornal britânico de 1910, temos, por exemplo, a seguinte citação: “A criança de hoje tem a chave para o reino de amanhã” (*Child Welfare Annual*, apud HEYWOOD, 2004:44). Essa ideia parece-nos bastante familiar, já um senso comum, visto que hoje em dia poderíamos afirmar: “as crianças são o futuro da nação”.

Boa parte da Europa e da América do Norte passou a seguir tais preceitos diante da criança e de sua formação. Desse modo, segundo Viviana Zelizer¹⁹, professora de Sociologia da Universidade de Princeton, nos EUA, no século XX, a criança tornou-se “economicamente sem valor, mas emocionalmente inestimável”.

Do final do século XIX às primeiras décadas do século XX, para estimularem a retirada das crianças do trabalho, os reformadores norte-americanos promoveram novamente uma “sacralização” da infância, segundo a autora.

Todavia, as classes trabalhadoras ainda dependiam dos salários de seus filhos, o que provocou um grande conflito, aguçando ainda mais a divisão de

¹⁹ ZELIZER, Viviana A. Pricing the priceless child: the changing social value of children. New York. Basic books. Tradução livre.

classes, ou seja, a criança do povo e a criança da elite cada vez mais receberiam tratamentos diferentes. Segundo Zelizer:

O conflito do trabalho infantil é uma chave para a compreensão da profunda transformação dos valores econômico e sentimental das crianças no início do século XX. O valor de uma criança considerada economicamente útil, isto é, uma criança assalariada, era inversamente proporcional ao valor moral de uma criança não assalariada, mas emocionalmente inestimável(ZELIZER, 1985: 57).²⁰

Assim, a partir do século XX, tudo que se refere à criança e à infância tornou-se essencial. Questões relacionadas à saúde, tanto física quanto mental, à preservação da vida, à educação (moral e cívica), à cultura da criança, entre outras, assumiram proporções nunca vistas. Esse ser tornou-se o núcleo da família e da sociedade, posição que perdura até nossos dias.

1.1.2 Criança: entre a inocência e a ignorância

Além dos aspectos vistos até o momento, como a distinção de classes, por exemplo, há outros de extrema importância no que concerne a diferentes concepções de infância: a inocência ou a impureza, assim como o caráter e a inteligência, quer sejam inatos quer sejam adquiridos.

Seguindo uma linha mais temática que cronológica, vejamos primeiramente como a inocência, ou sua ausência, era vista em diferentes momentos.

Quanto à sexualidade, referenciamos Ariès, para quem a idade de sete anos, novamente, marcou o fim das brincadeiras sexuais do Delfin. Além disso, era preciso ensinar ao indivíduo bons modos e linguagem decente:

A educação praticamente só começava depois dos sete anos. E esses escrúpulos tardios de decência devem também ser atribuídos a um início de reforma dos costumes, sinal de renovação religiosa e moral do século XVII (ARIÈS, 1981: 128).

Já no que diz respeito às crianças em geral, segundo o padre Dainville,

²⁰ “The child labor conflict is a key to understanding the profound transformation in the economic and sentimental value of children in the early twentieth century. The price of a useful wage-earning child was directly counterposed to the moral value of an economically useless but emotionally priceless child.”

historiador dos jesuítas e da pedagogia humanista, não havia qualquer respeito ou cuidados especiais em relação à privacidade sexual, às atitudes ou à linguagem utilizada:

O respeito devido às crianças era então (no século XVI) algo totalmente ignorado. Os adultos se permitiam tudo diante delas : linguagem grosseira, ações e situações escabrosas; elas ouviam e viam tudo (DAINVILLE ²¹ apud ARIÈS,1981: 128).

Contatos físicos com as crianças, antes da puberdade, eram normalmente aceitos. Eles acreditavam, primeiramente, que a criança impúbere era alheia e indiferente à sexualidade. Em segundo lugar, não se considerava que esses gestos pudessem macular a inocência infantil, pois nem sequer se acreditava que essa inocência existia.

Segundo Ariès, a concepção de criança como um ser inocente estava longe de ser considerada. Quanto à inocência ou à impureza das crianças, Colin Heywood parte do pressuposto de que uma mesma sociedade, em uma mesma época, pode abrigar concepções conflitantes.

Ele cita primeiramente o historiador Robert Patison, para quem a posição de Santo Agostinho (354-430) fez recair sobre a criança um imenso peso do dogma cristão do pecado original. Ela era vista como uma criatura com vontade própria, igual a um adulto. Já os bebês mortos sem batismo arderiam nas chamas do inferno.

Essa visão de que a criança nascia com o pecado foi predominante até o século XII, quando começou a conviver com outras visões. Heywood supõe que se os autores medievais prestavam pouca atenção nas crianças é porque, praticamente, não compartilhavam da visão moderna de que a formação do caráter ocorre nos primeiros anos de vida.

Para a mente medieval, a natureza com a qual se nascia era a influência mais importante na vida. Sem essa natureza, a criação mais refinada seria desperdiçada. A partir desse pressuposto, mesmo se um nobre fosse adotado por camponeses, sua natureza, cedo ou tarde, viria à tona.

Santo Agostinho, por exemplo, considerava que as ideias eram inatas ao ser humano. Vale lembrar que, em sua concepção educacional, considerava que

²¹ P. de Dainville, *La Naissance de l'humanisme moderne*, 1940, p.261. Mechin, Annales Du collège Royal de Bourbon. Aix, 2 vols. 1892.

somente Cristo era o mestre, um mestre interior, responsável pela aprendizagem, cabendo ao professor simplesmente iluminar as ideias inatas ao aluno:

Agora, avisei-te, simplesmente, que não lhes (às minhas palavras) atribuas importância maior do necessário, para que, não apenas se creia, mas também se comece a compreender com quanta verdade está escrito nos livros sagrados que não se chame a ninguém de mestre na terra, pois o verdadeiro e único Mestre de todos está no céu. (Santo Agostinho²² apud GADOTTI, 2003:60)

Essa concepção de Santo Agostinho ainda perduraria por muito tempo, até surgirem outras, como a de São Tomás de Aquino, quem, ainda na Idade Média, considerava que o conhecimento não era inato, mas sim adquirido.

Heywood acrescentou que a inocência das crianças também estava enraizada na fé, na tradição cristã. Na Alta Idade Média, havia, por exemplo, os que pensavam que as crianças estavam sob influências diabólicas ou divinas.

São Tomás de Aquino (1224 ou 1225-1274), no século XIII, chegou ao meio termo quanto ao pecado original, falando de um *limbus puerorum* especial para as almas das crianças, em que elas seriam poupadas das chamas, mas privadas da Visão Beatífica.

Já Martim Lutero (1483-1546) assumiu uma posição ambígua ao afirmar que o pecado original estava arraigado na criança e no adulto, embora aceitasse a inocência das crianças até cerca de seis anos (OSMENT, 1983:164 apud HEYWOOD, 2004:50).

Quanto ao caráter, é importante destacarmos o filósofo John Locke (1632-1704), autor de *Concerning Education*, de 1693, para quem um homem era mau ou bom dependendo de sua educação.

Para Locke, tudo poderia ser aprendido, não havendo, portanto, ideias inatas; dessa forma, a educação tornou-se um fator determinante para a humanidade. Entretanto, o filósofo fazia distinções entre as classes, considerando que a massa não corresponderia a sua natureza de seres racionais concedida por Deus e estaria fadada à miséria infinita (HEYWOOD, 2004:37).

Além disso, segundo Gadotti (2003), Locke ainda faria outras distinções com relação ao conteúdo que as diferentes classes deveriam aprender. Nesse sentido,

²² SANTO AGOSTINHO. *De Magistro*. Universidade do Rio Grande do Sul. 1956.

perguntava-se, por exemplo, para que serviria o latim para as classes populares, para os homens que trabalhariam em fábricas, sendo melhor ensinar-lhes mecânica ou cálculo, embora as classes dirigentes devessem continuar aprendendo latim e grego, assim como recitar belos poemas.

O livro de Locke incentivou uma visão mais simpática pelas crianças, ao menos as mais privilegiadas, mas as apontava como seres que precisavam de ajuda, já que eram descuidadas, desatentas, alegres, ou seja, eram “pessoas fracas, sofrendo de uma enfermidade natural” (LOCKE,²³1693:101-137 apud HEYWOOD, 2004:38.). Assim, por sua fraqueza e fragilidade, as crianças seriam tábuas rasas, uniformes, e tudo aceitariam.

A partir dessa visão, Locke valorizava significativamente a educação na infância:

O grande erro que observei na educação dos filhos é que não se cuida o suficiente desse aspecto na época devida; que a mente não é tornada obediente à disciplina e dócil à razão quando, no início, era mais tenra, mas facilmente dobrada [...] (LOCKE apud GADOTTI, 2003: 85)

Nessa linha, vários outros estudiosos viam a criança como um ser mais propenso ao aprendizado, pois, na infância, as pessoas estariam mais receptivas ao ensinamento e às influências dos bons exemplos (GADOTTI, 2003: 63).

É relevante destacar que essa preocupação com as crianças surgiu tanto entre católicos quanto entre protestantes, na Inglaterra e na França.

Com a grande mudança de costumes ocorrida durante o século XVII, surgiu uma farta bibliografia moral e pedagógica e uma nova iconografia religiosa: “uma noção essencial se impôs: a da inocência infantil” (ARIÈS, 1981:136).

A criança passou a ser vista não somente como um ser inocente, mas também como um ser ignorante, que deveria ser civilizado e educado:

Há dois aspectos do sentimento da infância do século XVII, a inocência que é preciso conservar e a ignorância ou a fraqueza que é preciso suprir ou tornar razoáveis (ARIÈS, 1981:149).

²³ LOCKE, John. *Concerning education*, 1693, p.107, 134-135 e 141, Ezel, *Images of Childhood*, passim.

Já no século XVIII, para o estudioso Gerson, autor *De confessione mollicei*, 1706, citado por Ariès, a criança não era originariamente consciente de sua culpa; assim sendo, o confessor é quem deveria orientá-la.

Vale dizer que, nessa época, era comum a coabitação na mesma cama, nas diversas camadas sociais. Em um sermão, Gerson alerta que as crianças não deveriam deixar que os outros as tocassem ou beijassem.

Para Ariès, Gerson foi um inovador e estava à frente de seu tempo, uma vez que observou a infância e sua sexualidade, e ditou regras que depois foram seguidas.

A partir desse mesmo século, destacaram-se as ideias de Jean-Jacques Rousseau, que se opôs mais diretamente à tradição cristã do pecado original, pois considerava a criança um ser inocente por natureza, mas que corria o risco de ser sufocada pelas instituições sociais: “Tudo está bem quando sai das mãos do autor das coisas, tudo degenera entre as mãos do homem”(ROUSSEAU, 2004:7).

Há, entretanto, nessa mesma época, posturas divergentes. Heywood cita uma religiosa inglesa, Sra. Sherwood, a qual considerava as crianças más por natureza, havendo assim a necessidade de que os pais fossem devotos e prudentes para guiá-las.

Como vimos anteriormente, a associação direta entre a inocência e a infância ficou bastante marcada após o Romantismo no século XIX, sendo a criança retratada como um ser puro e angelical, tanto na pintura quanto na literatura.

Nesse sentido, um exemplo dado por Heywood é a pintura *Age of innocence*, 1788, de Joshua Reynolds, a qual, com o sugestivo nome de “idade da inocência”, retrata uma menininha de ar inocente e frágil, bem vestida, provavelmente pertencente à burguesia.

Mesmo Charles Dickens, ao retratar crianças de rua de forma tão intensa, não pôde escapar da idealização romântica. Ressalta-se que “Essa atmosfera sentimental só seria dissipada, de qualquer forma, com o surgimento das teorias de Freud sobre a personalidade humana” (HEYWOOD, 2004:51).

Com os avanços científicos durante o final do século XIX e início do século XX, vários cientistas negaram que as crianças viessem ao mundo como folhas em branco e começaram a questionar o que havia em seus genes.

Surgem, então, várias teorias, como a do francês Alfred Binet(1857-1911), que concluiu que as crianças poderiam ser classificadas em uma única escala, por

meio de testes de QI e elas seriam educadas pelo que herdaram de seus antepassados.

Nessa perspectiva, alguns cientistas pioneiros, norte-americanos, supunham que haveria diferenças de inteligência segundo as raças. Lewis Terman, por exemplo, considerava que :

A deficiência “limite”(QI na faixa de 70-80) “ era muito comum entre famílias hispano-índias e mexicanas do sudoeste, e negros”. Sugeriu que essas crianças fossem segregadas em grupos raciais, turmas especiais para serem transformados em trabalhadores eficientes (HEYWOOD, 2004:53).

Já o inglês Cyril Burt apontava as diferenças entre classes sociais e não entre raças. Em 1909, ele concluiu que a inteligência dos pais poderia ser herdada e, em posterior pesquisa, concluiu também que uma educação mais elaborada para a maioria da população seria um desperdício. Além disso, enfatizou que havia os que eram dotados de dons superiores (HEYWOOD, 2004).

As considerações vistas até o momento contribuem para o delineamento de diferentes concepções de infância e, por contiguidade, para diferentes concepções de educação, conforme veremos a seguir.

1.2- A Educação da infância

Longa é a história da educação e múltiplas são as ideias ou tendências pedagógicas, por isso apontaremos algumas considerações gerais sobre a educação das crianças europeias, com eventuais apartes sobre a situação no Brasil e em Portugal, para depois nos referirmos especificamente à educação nesses países, nas primeiras décadas do século XX, com ênfase para os anos de 1930, contexto de produção dos periódicos analisados.

Para iniciarmos, consideramos importante tratar da distinção entre a educação formal e a informal; entre a educação infantil e a dos adultos e, finalmente, entre a educação burguesa e a das classes populares.

Primeiramente, é necessário considerar que existe a educação formal,

idealizada e organizada institucionalmente, isto é, um sistema educacional, desenvolvido em espaços coletivos, com professores e livros didáticos, por meio do qual as crianças podem ser educadas, controladas e vigiadas

Há também a educação informal, na qual podemos inserir o convívio familiar e comunitário, assim como a leitura de jornais e revistas, foco de nosso trabalho. Devemos considerar, ainda, mais tarde, o rádio, o cinema e outras formas tanto de comunicação quanto de aquisição de conhecimento.

Sobre essas diferentes formas de educação, Colin Heywood questiona se os métodos informais de socialização dentro da família e comunidade seriam inferiores aos da escola, ao sistema formal oferecido, ou seja, o autor valoriza a educação informal, fora da escola, o que acontecia frequentemente tanto no mundo medieval quanto no moderno.

Heywood concorda com Ariès na questão de que era uma prática muito difundida esperar que as crianças aprendessem a “arte de viver” informalmente com os adultos.

Para os cavaleiros na Idade Média, por exemplo, os mestres eram muito importantes, pois cuidavam de sua formação moral, bélica e artística, tratando de assuntos referentes a armas, a vestimentas, ou seja, a questões mundanas, assim como, ao canto, à dança, à música, entre outros. As moças também tinham preceptoras para lhes ensinar a serem fidalgas e boas esposas:

As crianças nos períodos medieval e moderno tinham muitas outras oportunidades de absorver as habilidades, os conhecimentos e os valores que os levariam pela vida adulta (HEYWOOD, 2004: 207).

Por outro lado, conforme nos esclarece esse autor, os filhos da aristocracia europeia aprendiam com seus pais atividades peculiares a suas propriedades, a fim de manterem seguros seu conhecimento e patrimônio.

Heywood conclui que camponeses e trabalhadores com pouca formação escolar não eram ignorantes ou analfabetos, valorizando, dessa forma, a educação informal.

Esse tipo de educação, em família e na comunidade, foi definindo-se devido ao seu conservadorismo. Cada geração, em círculo estreito, somente passava aquilo que sabia. Seria um sistema adequado a uma “sociedade relativamente estável e agrária, mas não a uma mais inquieta, comercial e urbanizada”

(HEYWOOD,2004:209).

Quanto à educação formal, é importante destacar que a ascensão da escola está diretamente ligada à revolução burguesa²⁴, conforme Lajolo & Zilberman:

A ascensão da escola fez parte da revolução burguesa , que recorreu à educação como forma de preparar seus quadros e, ao mesmo tempo, desafiar o poder feudal, fundado na propriedade da terra e nos títulos herdados(LAJOLO & ZILMERMAN, 2002:30)

Assim, foi preciso mudar o processo de aprendizagem consolidado pela aristocracia, o qual se baseava em uma formação pessoal, além de ser necessário coletivizar um processo de aprendizagem baseado em conteúdos que resumissem o conhecimento burguês até então constituído. Desse modo, os alunos passaram a ser divididos em classes conforme suas idades e padrão social.

Vale destacar que Portugal, e por consequência suas colônias, não participou dessa revolução burguesa. Alguma modernização no país pôde ser alcançada somente com a expulsão da Companhia de Jesus, em 1759, pelo Marquês de Pombal:

Portugal, que pilotou os descobrimentos no século XV, não foi capaz, entretanto, de promover sua revolução burguesa. Esta teve que aguardar 300 anos e não pôde contar com o apoio da Igreja, que, dominada pelos jesuítas, de posições bem conservadoras, impedia a modernização do país[...](LAJOLO & ZILBERMAN, 2002:31)

Por outro lado, vale esclarecer que a educação jesuítica preocupava-se com a formação do homem burguês, em detrimento da formação das classes populares, sendo que Ignácio de Loyola (1491-1556), fundador da Companhia de Jesus, também era um burguês.

Em seu *Ratio Studiorum*, aprovado em 1599, os jesuítas divulgaram planos, programas e métodos da educação católica, com o intuito de “converter os hereges e alimentar os cristãos” (GADOTTI, 2003:65).

Segundo Gadotti (2003), além da formação dos burgueses, junto às colônias, os jesuítas ainda teriam de cuidar da catequese dos indígenas:

²⁴ Lajolo e Zilberman não se referem especificamente à Revolução Francesa em 1789, mas a todo processo de mudanças provocado pela burguesia a partir do século XVI.

Os jesuítas desprezaram a educação popular. Por força das circunstâncias, tinham de atuar no mundo colonial em duas frentes: a formação burguesa dos dirigentes e a formação catequética das populações indígenas. Isso significava: a ciência do governo para uns e a catequese e a servidão para outros. Para o povo sobrou apenas o ensino dos princípios da religião cristã (GADOTTI, 2003:65).

Prosseguindo em nossas considerações, além das diferentes formas de educação, formal ou informal, é preciso delimitar a das crianças, diferenciando-a da educação dos adultos.

Ressalta-se que, como vimos anteriormente, a partir do momento em que as crianças são percebidas em suas particularidades, surge a necessidade de educá-las. A descoberta da infância, nos termos de Ariès, implica em uma educação específica. Assim, ao tratarmos das diferentes concepções de infância, já pontuávamos questões referentes à educação infantil.

Quanto às especificidades dessa educação, vale destacar a importância dos reformadores religiosos a partir do século XVI, como o Cardeal Guillaume d'Estouteville (1403-1483), o já citado Gerson, os jesuítas e os jansenistas²⁵, que, segundo Ariès, foram verdadeiros inovadores em se tratando da educação das crianças:

Com eles, vemos surgir o sentido da particularidade infantil, o conhecimento da psicologia infantil e a preocupação com um método adaptado a essa psicologia (ARIÈS, 1981:188).

É importante esclarecer que, nesse período, havia uma massa de tratados de civilidade no que concerne à maneira de educar, porém, era difícil reconhecer o que era para as crianças e o que era para os adultos. Somente ao longo do século XVII essa confusão atenuou-se devido, em parte, ao empenho dos padres jesuítas, responsáveis pela separação do que era ou não apropriado para as crianças. Quando liam os clássicos, por exemplo, procuravam retirar as partes “nocivas à fé e aos bons costumes” (GADOTTI, 2003:65).

Ainda no século XVI, na Europa, as reformas, tanto protestantes quanto

²⁵ Jansenistas, adeptos ao Jansenismo: Doutrina criada pelo bispo de Ypres, Cornélio Jansen, a qual buscava conciliar a liberdade humana e a graça divina. Desenvolveu-se principalmente na França e na Bélgica nos séculos XVII e XVIII, contrariando algumas doutrinas e práticas da Igreja Católica. Fontes: <http://www.priberam.pt/Produtos/Dicionario.aspx> Acessado em 25 jan 2011.

católicas, estimularam as igrejas a uma disputa pelos mais jovens, surgindo assim diversas instituições religiosas com interesses educativos, as quais se expandiram e coletivizaram o ensino.

No Brasil, entretanto, a educação seguia outros caminhos. Segundo Lajolo & Zilberman(2002:26), nos séculos XVI e XVII , a catequese dos índios, realizada pelos jesuítas e promovida pela administração portuguesa, foi o único programa educacional existente. Não havia um sistema escolar exclusivo para os jovens brancos, que tinham poucas escolhas: ou assistiam às lições dos jesuítas ou “permaneceriam analfabetos, aprendendo eventualmente a ler, escrever e contar com particulares” (LAJOLO& ZILBERMAN, 2002:26).

Já na Europa do século XVII, segundo Ariès, além da descoberta da infância, surgia também uma nova noção moral que distinguiria a criança escolar das outras, sendo esta bem educada e preservada das rudezas e da imoralidade, traços das camadas populares e dos moleques, os meninos de rua. Mesmo assim, é interessante observar que a escolarização, nessa época, não era monopólio da nobreza ou do clero, uma vez que havia pessoas do povo que estudavam e nobres que não.

Com a distinção da criança escolar, a “duração da infância” passou a se misturar com a duração da escolaridade, ou seja, a infância era prolongada até quase toda a duração do ciclo escolar. Enquanto durasse a escolaridade, a criança era submetida a uma disciplina cada vez mais rígida.

Assim, como vemos, as relações entre infância e escolaridade vão se tornando consistentes, assuntos afins, e não se pode tratar de um sem levar em conta o outro.

Quanto à universalização do ensino na Europa, Heywood afirma que iniciativas governamentais para obrigar todos a frequentarem a escola têm uma longa história, com obstáculos materiais e culturais. Havia limitações para esse progresso, principalmente devido ao pequeno número de professores com formação e aos poucos prédios destinados para esse fim.

Como visto anteriormente, no século XVIII, intensificou-se uma nova concepção de infância a partir dos ideais iluministas, o que provocou uma mudança significativa em termos de educação. Nesse sentido, vários reformadores na Europa continental, influenciados pelo Iluminismo, começaram a pensar em termos de um sistema nacional de educação.

A partir das ideias de Locke, para quem, como vimos, a educação transformaria os homens, os reformadores acreditavam que ela seria capaz de reduzir a criminalidade e a desordem, além de tornar os trabalhadores mais produtivos. Tais possibilidades fizeram surgir uma política de investimento nas escolas e o início de sua ampliação.

Segundo Gadotti (2003), o século XVIII foi político-pedagógico por natureza, com amplas discussões sobre a formação dos cidadãos. Nessa época, as camadas populares reivindicavam mais saber e educação pública, entretanto, a formação continuava sendo elitista:

A escola pública é filha dessa revolução burguesa. Os grandes teóricos iluministas pregavam uma educação cívica e patriótica inspirada nos princípios da democracia, uma educação laica, gratuitamente oferecida pelo Estado para todos. Tem início com ela a ideia da unificação do ensino público em todos os graus. Mas ainda era elitista: só os mais capazes podiam prosseguir até a universidade (GADOTTI, 2003:88).

Retomando a visão de Rousseau sobre as crianças e a educação, conforme apontado anteriormente, observa-se que esta, no período da infância “ não deveria apenas instruir, mas deixar que a natureza desabrochasse na criança” (GADOTTI, 2003:88). Assim, o educando seria guiado por seus instintos e interesses naturais. Significativamente, o iluminista também influenciou a transição do controle da educação da Igreja para o Estado.

Gadotti ainda destaca esse filósofo como um dos precursores da Escola Nova, a qual teve grande êxito na primeira metade do século XX, conforme veremos posteriormente.

No entanto, segundo Manacorda (2002), não podemos reduzir o pensamento de Rousseau simplesmente a uma visão puerocêntrica ou à consciência da natureza da criança, pois é importante levarem-se em conta os aspectos sociais envolvidos, e ainda “seria pior reduzir o seu puerocentrismo à espontaneidade e à permissividade, quando nele há tantos outros e complexos aspectos”(MANACORDA, 2002: 243).

Quanto aos vários aspectos do pensamento de Rousseau que negam a educação tradicional, Manacorda destaca:

O direito à felicidade, o direito à ignorância das coisas inadequadas à infância, a rejeição do método catequético, a exclusão dos estudos

especulativos, a necessidade de ensinar não muitas coisas, mas coisas úteis, não as ciências, mas o gosto de cultivá-las; a condenação dos livros “ triste bagagem” da idade infantil, cujo abuso mata a ciência; a evocação constante da natureza como mestra de Emílio[...] (MANADORDA, 2002:243)

Para esse mesmo período, é importante destacar, ainda, o projeto de reforma escolar de Condorcet²⁶ (1743-1794) para a Assembleia Constituinte de 1789, na França, o qual propunha um ensino universal como forma de se eliminarem as desigualdades. Todavia, sua proposta considerava que havia uma desigualdade natural entre os homens, a qual deveria ser respeitada (GADOTTI, 2003:88).

Ressalta-se que essas ideias revolucionárias influenciaram o pensamento pedagógico de vários países, como Alemanha, Inglaterra e América do Norte.

No entanto, concretamente, a burguesia em ascensão criou um mundo à parte, dando origem a um sentimento de família e de classe que exigia uma educação distinta para suas crianças, as quais , como vimos, tornaram-se o alvo de seus ideais.

Nesse mesmo século, o sistema educacional passou a ser dividido. De um lado, havia o liceu, o colégio e o secundário, que eram mais longos e se destinavam aos burgueses; por outro, o ensino primário, mais curto, era destinado ao povo. Desse modo, as crianças burguesas passaram a ter uma educação cada vez mais privilegiada, aguçando-se as diferenças sociais.

Observa-se, ainda, que, além da riqueza e do *status*, outros fatores influenciaram o acesso à escola, como o gênero, a raça e a religião. Nesse sentido, mulheres e escravos, por exemplo, foram colocados em segundo plano.

Nessa perspectiva, é importante salientarmos que o caso de Portugal no século XVIII é bastante específico, já que foi marcado pelo contraste entre as tradições religiosas e a influência iluminista dos intelectuais portugueses que residiram no exterior, como foi o caso de Sebastião José de Carvalho e Melo, o futuro Marquês de Pombal, ministro de D. José I.

Devido aos seus vínculos com outros países europeus, intelectuais como Pombal eram chamados de “estrangeirados” e

[...] defendiam o desenvolvimento cultural do Império português pela

²⁶ Marie Jean Antoine Nicolas de Caritat, Marquês de Condorcet.

difusão de novas ideias de base empirista e utilitarista; pelo derramamento das luzes da razão(SAVIANI, 2008:80).

Esses intelectuais concentraram-se em livrar a educação do monopólio jesuítico, apesar de se torna importante esclarecer que Pombal, ao expulsar os jesuítas de Portugal e de suas colônias, não retirou o ensino das mãos da Igreja, conforme explica Rômulo Carvalho²⁷:

Quando se fala na secularização do ensino decretada por Pombal relativamente às Escolas Menores, e se aplaude o ministro de D. José por ter retirado o ensino nas mãos da Igreja, confunde-se Igreja com a Companhia de Jesus. Pombal retirou o ensino das mãos da Companhia de Jesus, mas a Igreja continuou a dominar superiormente o ensino.(CARVALHO, 2001:467)

É importante também destacar que Pombal , em 1768, criou a Real Mesa Censória, sob o comando quase integral da Igreja, transformando a Inquisição em um instrumento do Estado.

Como feitos dessa Mesa, pode-se citar, por exemplo, que em 1770 o órgão repressor lançou,sob a forma de edital, uma lista de livros proibidos, condenados à fogueira por Pombal.

Assim, autores como Hobbes, Diderot, Rousseau, Voltaire, La Fontaine, Espinosa, entre outros, foram queimados em praça pública por conterem, conforme consta no documento, doutrina “ ímpia, falsa, temerária, blasfema, herética, cismática, ofensiva da paz e sossego público” (CARVALHO, 2001:468).

Dessa forma, é importante pontuar que, nessa época, vários aspectos referentes à educação na Europa não são válidos para Portugal e suas colônias, onde o poder da Igreja, a repressão e o caráter ambíguo da administração de Pombal prevaleceram:

[...] foi em um ambiente de repressão brutal que o marquês de Pombal procede a uma reforma do ensino que pretende preparar homens esclarecidos, capazes de construir um Portugal novo(CARVALHO, 2001:468).

²⁷ Rômulo de Carvalho (1906-1997) foi professor, pedagogo e autor de manuais escolares, historiador da ciência e da educação, uma referência em Portugal. Como poeta, usava o pseudônimo de Antônio Gedeão.

Avançado no tempo, com referência ao restante da Europa, principalmente Inglaterra e França, o século XIX e a Revolução Industrial trouxeram novas configurações para a educação, principalmente pelo surgimento das classes operárias. Alguns educadores e religiosos consideravam que essas classes não saberiam criar seus filhos, logo, a escola surgiria como a responsável por fazê-lo:

Em 1846, um religioso, que também era inspetor escolar em Lancashire, escreveu sobre “a falta de pudor e os hábitos sujos, a falta de castidade, a ignorância e o descuido com relação à religião, o descaso com a reputação, a brutalidade, a negligência e o estado quase animal de algumas classes trabalhadoras”, e o efeito benéfico de se separarem as crianças dessa espécie de pais (HEYWOOD, 2004:214).

Heywood (2004) destaca o fato de que, em autobiografias do século XIX, pode-se observar que as crianças das classes populares aprendiam muito pouco no curto espaço de tempo que ficavam na escola; entretanto, consideravam esse momento como um descanso do trabalho pesado das fazendas.

Apesar de tal descanso, havia os castigos, sofrimentos, flagelos, fome e punição corporal, imprimindo-se a imagem do mestre-escola autoritário, com um açoite ou palmatória em punho, pronto para castigar, já que havia o princípio de que só se aprenderia pelo castigo físico.

Um regime disciplinar cada vez mais rígido levou as crianças a serem retiradas da sociedade, confinadas nas escolas e até enclausuradas em internatos:

Passou-se a admitir que a criança não estava madura para a vida, e que era preciso submetê-la a um regime especial, a uma espécie de quarentena antes de deixá-la unir-se aos adultos[....]A família e a escola retiraram juntas a criança da sociedade dos adultos. A escola confinou uma infância livre num regime disciplinar cada vez mais rigoroso, que nos séculos XVIII e XIX resultou no enclausuramento total do internato (ARIÈS, 1981:277).

Além disso, a partir da revolução do século XIX, na indústria têxtil, a criança pobre passou a viver como na Idade Média, ou seja, precocemente como um adulto, abandonando os estudos para trabalhar nas fábricas e auxiliar no sustento da família.

Por outro lado, a criança das elites recebia uma educação cada vez mais privilegiada, apta a se tornar um adulto pró-ativo e a assumir seu espaço junto às

classes dominantes.

Segundo Gadotti (2003), o pensamento positivista foi o responsável por consolidar a concepção burguesa de educação. Desde o século XVIII, duas forças se opunham: o movimento popular socialista e o movimento elitista burguês. No século XIX, esses movimentos culminaram no marxismo²⁸, de Karl Marx (1818-1883) e Frederich Engels(1820-1895) e no positivismo²⁹, de Augusto Comte(1798-1857), respectivamente (GADOTTI, 2003:107).

Já o pensamento pedagógico socialista formou-se a partir do movimento popular pela luta da democratização do ensino, opondo-se fortemente à concepção burguesa de educação.

Gadotti esclarece que os princípios de uma educação pública socialista foram apenas introduzidos por Marx e Engels, os quais não realizaram uma análise sistemática da escola e da educação, sendo que esse assunto fora tratado por eles de forma fragmentária.

Entre os seguidores desse pensamento, o autor destaca Mikhail Bakunin (1814-1876), que propôs “a luta contra o elitismo educacional da sociedade burguesa”. Além de Francisco Ferrer Guardia (1859-1909), que defendia uma educação mais “racional, laica , integral e científica” , destaca-se Lênin(1870-1924), que no controle do governo na Rússia valorizou a educação “no processo de transformação social” e pôde implantar os ideias socialistas na educação, entre muitos outros. (GADOTTI, 2003:12-122).

Nesse contexto, o positivismo, segundo Gadotti, foi representado por Comte como a doutrina que serviria de base para uma formação científica da sociedade:

O positivismo representava a doutrina que consolidaria a ordem pública, desenvolvendo nas pessoas uma “sábia resignação” ao seu *status quo*. Nada de doutrinas críticas, destrutivas, subversivas, revolucionárias como as do iluminismo da Revolução Francesa ou as do socialismo (GADOTTI,2003:108).

O maior representante do positivismo foi o inglês Herbert Spencer (1820-1903), importante por valorizar a educação física e o estudo da natureza, aspectos muito

²⁸ O marxismo, iniciado Karl Marx e Frederich Engels e seguido por outros estudiosos, constituiu-se como um movimento de luta contra o capitalismo , defendendo uma sociedade sem classes.

²⁹ O positivismo , difundido por Augusto Comte, valorizava a ciência para obtenção do progresso, assim como a ética cívica de respeito às leis. O lema “Ordem e progresso” da bandeira brasileira é de inspiração positivista.

difundidos nos periódicos analisados:

Acentuou o valor utilitário da educação e mostrou que os conhecimentos mais importantes são os que servem para a conservação e a melhora do indivíduo, da família e da sociedade em geral[...] influenciado pelas ideias naturalistas de Rousseau, deu grande importância à educação física e ao estudo da natureza(GADOTTI, 2003:111).

Quanto à sociologia da educação positivista, destaca-se o francês Émile Durkheim (1858-1917), para quem a educação seria imagem e reflexo da sociedade: “A educação é um fato fundamentalmente social, dizia ele. Assim, a pedagogia seria uma teoria de prática social”(GADOTTI, 2003:109).

Vale dizer que a teoria educacional de Durkheim opunha-se à de Rousseau, pois aquela considerava que deveria haver uma ação efetiva dos adultos sobre as crianças:

Enquanto este (Rousseau) afirmava que *o homem nasce bom* e a sociedade o perverte, Durkheim declarava que *o homem nasce egoísta* e só a sociedade, através da educação, pode torná-lo solidário. Por isso, a educação para o último se definia como ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontravam ainda preparadas para a vida social (GADOTTI, 2003:110).

Importante destacar que Durkheim considerava que deveria haver uma educação para cada classe social, já que cada profissão exigia habilidades específicas:

[...] de fato, cada profissão constitui um meio *sui generis*, que demanda aptidões e conhecimentos específicos (...) e, já que a criança deve estar preparada com vistas à função que será levada a cumprir, a educação, partir de determinada idade, não pode mais continuar mesma para todos os sujeitos aos quais ela se aplicar(DURKHEIM, 2011:51).)³⁰

Por outro lado, para Durkheim, as diferentes formas de educação deveriam ter uma base em comum, principalmente no que concerne à cultura religiosa:

³⁰ Esse livro foi publicado originalmente em 1922.

Não há povo em que não exista certo número de ideias, sentimentos e práticas que a educação deve inculcar em todas as crianças sem distinção, seja qual for a categoria social à qual elas pertencem(...) sempre há uma religião comum a todos, e por conseguinte, os princípios da cultura religiosa, que é então fundamental, são os mesmos na faixa inteira da população(DURKHEIM, 2011:51

No início do século XX, o pensamento pedagógico mais expressivo foi o da Escola Nova, que, segundo Gadotti, “representa o mais vigoroso movimento de renovação da educação depois da criação da escola burguesa” (GADOTTI, 2003:142).

A teoria e a prática escolanovistas disseminaram-se por todo o mundo a partir da proposta de que a educação se transformasse, instigando também as mudanças sociais.

Gadotti cita vários teóricos com propostas de métodos diversificados, como Adolphe Ferrière(1879-1960), um dos pioneiros da Escola Nova, William H Kipatrick(1871-1965), Maria Montessori(1870-1952), Édouard Claparède (1873-1940), entre outros.

Um dos mais influentes, tanto no Brasil quanto em Portugal, nas primeiras décadas do século XX, foi o educador norte-americano John Dewey (1859-1952), que , a partir da formulação de um novo ideal pedagógico, afirmava que “o ensino deveria dar-se pela ação (*learning by doing*) e não pela instrução” (GADOTTI, 2003:143).

Dewey defendia a Escola Ativa, a qual propunha uma atividade pessoal do aluno. Foi responsável por traduzir para a educação o liberalismo político-econômico dos Estados Unidos. Mesmo se opondo à educação tradicional, criticando a obediência e submissão, não questionava as raízes das desigualdades sociais:

Através dos princípios da iniciativa, originalidade e cooperação, pretendia liberar as potencialidades do indivíduo rumo a uma ordem social que, em vez de ser mudada, deveria ser progressivamente aperfeiçoada (GADOTTI, 2003: 148)

No entanto, é importante esclarecer que a Escola Nova fez parte de um amplo processo, isto é, não foi simplesmente um movimento liberal, contendo até mesmo ideias contraditórias:

O movimento da Escola Nova foi se construindo junto com a própria escola moderna, científica e pública. Os escolanovistas não puderam negar as contribuições do positivismo e do marxismo. Daí constituir-se num movimento complexo e contraditório. (GADOTTI, 2003: 148).

A seguir, abordaremos aspectos mais específicos da educação em Portugal e no Brasil.

1.2.1 Educação em Portugal: primeiras décadas do século XX

O objetivo nesta sequência é traçar um breve panorama da educação em Portugal nas primeiras décadas do século XX, para que se contextualize a época de circulação do Jornal *O senhor doutor*.

Para melhor entendemos o processo educacional e a tendência pedagógica dos anos trinta, torna-se necessário elucidar alguns aspectos da primeira República (1910-1932).

Como vimos anteriormente, a concepção de infância é um construto social e difere temporal e culturalmente, aspecto também observável entre as comunidades lusófonas com relação à educação das crianças.

Quando pensamos na educação formal, não devemos nos esquecer de que várias pesquisas baseiam-se no discurso oficial que, mesmo não sendo totalmente representativo, apresenta-nos ideologias vigentes em determinado período.

Nesse rol, destacamos o livro *Para uma história da educação da infância em Portugal*, de Maria João Cardona (1997)³¹, que, apesar de se concentrar na educação para a infância³², revela-nos dados pertinentes sobre a educação primária como um todo, a partir do discurso oficial composto por leis e decretos por ela analisados.

Além de Cardona (1997), usaremos como referências Rômulo de Carvalho (2001), Manuel Igreja (2004) e Maria Proença (1998).

Segundo Cardona, em Portugal, as legislações a respeito da educação

³¹ Maria João Cardona é doutora em Ciências da Educação, docente da Escola Superior de Educação de Santarém. .

³² Em Portugal, o termo “educação para a infância” se refere somente à pré-escola, à educação infantil. O Ensino fundamental I (crianças com a faixa etária de 6 a 10 anos, em média) é denominado de *educação primária*.

podem ser divididas em quatro períodos. O primeiro é o da Monarquia, de 1834 a 1909; o segundo, da Primeira República, de 1910 a 1932; o terceiro inicia-se com o Estado Novo, em 1933, com a publicação da Constituição, mas que já se encontrava delineado desde 1926 com o golpe de Estado de 28 de maio, durando até 1973; e, finalmente, há o quarto período, que se inicia após a revolução de 25 de abril de 1974.

A República, instaurada em 5 de outubro de 1910, prega um novo tempo, com propostas de desenvolvimento sociocultural, tendo a educação seu lugar de destaque enquanto principal caminho para essa renovação.

A situação desse setor era tão preocupante que o movimento republicano definiu-o como prioridade, promovendo a educação popular como a solução para ultrapassar o grande atraso econômico e cultural em que o país se encontrava em relação aos outros países europeus.

Segundo TEODORO (1976³³ apud CARDONA, 1997:34), no início da República, a taxa de analfabetismo entre a população maior de sete anos era de 69%, sendo que, para o sexo feminino, essa taxa era de 77%³⁴. A rede escolar primária era extremamente deficiente, com apenas um terço das escolas necessárias para suprir as necessidades da população. Para completar, havia um corpo docente sem preparação, mal remunerado e sem perspectivas profissionais.

Esse quadro desanimador motivou a formação de uma comissão para a reforma do sistema educativo em 1910. Faziam parte dessa comissão, por exemplo, João de Barros, autor do livro *Educação Republicana*, de 1916, e João de Deus Ramos, filho de João de Deus. O primeiro tinha um projeto pelo qual defendia que o método de João de Deus³⁵, a *Cartilha Maternal*, fosse implementado nacionalmente, não sendo a educação infantil desvinculada da educação primária. Esse projeto também previa uma reflexão maior sobre a formação dos professores e um ensino laico.

³³ TEODORO, A. *Perspectivas do ensino em Portugal*, Porto, Ed. Cadernos, 1976, p. 19.

³⁴ Igualmente, no Brasil, a taxa de analfabetismo, segundo o IBGE, em 1900 era de 65% com relação a pessoas acima de 15 anos. IBGE. Indicadores de Ensino. Disponível http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos_xls/palavra_chave/educacao/indicadores_de_ensino.shtm. Acessado em 07 abr 2011.

³⁵ João de Deus de Nogueira Ramos (1830-1896) além de criar um método de ensino de leitura foi um grande poeta romântico, com destaque para a coletânea de poemas *Campo de Flores*, de 1893. O autor contrariava as formas tradicionais de alfabetização, em que se deveria decorar as letras do alfabeto isoladamente, e propunha o estudo das sílabas e formação de palavras

A Constituição de 1911 trouxe alterações significativas para a Educação, sendo que algumas propostas dessa comissão foram colocadas em prática. Como forma de combater o analfabetismo, a educação primária passou a ser obrigatória e gratuita e a educação infantil tornou-se oficial, mas não como suporte para a primária, como queria João de Barros.

Segundo o decreto de 29/03/1911(*apud* CARDONA, 1997:37), “a educação das crianças(...) é feita na escola pela professora e na família pela mãe, devendo ambas harmonizar-se na orientação a dar à educação da criança”, notadamente, trata-se de uma concepção maternal de educação, embora mais organizada e reconhecia pela legislação.

Cardona complementa que a Monarquia passa a ser sinônimo de “decadência”, enquanto República de “regeneração”. Entendamos que regenerar por intermédio da educação correspondia, entre outras coisas, romper com a tradição educativa dos jesuítas e resgatar o passado glorioso da pátria, o período das grandes navegações e da expansão ultramarina. Promovia-se, portanto, uma educação laica, sem as amarras religiosas. A Igreja ficou fortemente vinculada à Monarquia, tornando-se empecilho para os ideais republicanos de renovação e de constituição de uma nação moderna.

Assim, tornou-se necessário combater o predomínio do catolicismo sobre a mentalidade portuguesa. Segundo Joaquim Pintassilgo:

[...] o republicanismo sentiu necessidade em produzir uma alternativa que preenchesse a função consensual e integradora até aí desempenhada pela religião. A escola primária tornou-se, desta forma, o lugar privilegiado para recriar um conjunto de ideias e aspirações comuns a todos, embora tendo como ponto de partida um fundamento completamente diferente do permitido pela religião. (PINTASSILGO³⁶, 1996 *apud* IGREJA, 2004, P. 118)

Para os republicanos, a educação deveria ser neutra, conforme observamos no Decreto de 29 de março de 1911:

Nem a favor de Deus, nem contra Deus. Dela se banirão todas as religiões, menos a religião do dever, que será o culto eterno desta nova Igreja cívica do povo³⁷ (Decreto. 29/3/1911)

³⁶ PINTASSILGO, Joaquim. “A Educação Moral e Cívica no Currículo da Escola primária Republicana- O Debate no movimento pedagógico” in Magalhães, m Justino (org.) Fazer e Ensinar História da Educação. Braga, Universidade do Minho, p.271

³⁷ Decreto-29/03/1911 (Diário do Governo 73) Ministério do Interior. Direção Geral da Instrução primária

A educação e a valorização da instrução eram considerados os principais caminhos para se alcançar o progresso sociocultural e econômico. Além disso, os republicanos acreditavam que a educação deveria ir além da instrução básica, ou seja, deveria haver a preocupação da educação mais global, com cidadãos conscientes e críticos.

Para Cardona, apesar dos empecilhos e das poucas concretizações, o período inicial da República foi rico em novas ideias e experiências que se desenvolveram posteriormente.

Nesse mesmo ano de 1923, um vereador propôs na Câmara Municipal de Lisboa que a cultura física e a higiene deveriam ter um papel primordial na educação das crianças. A infância é apresentada como fase de...

[...] idealismo, ingenuidade, a espontaneidade, a expansão, o otimismo, a curiosidade; e só nos jardins-de-infância, verdadeiros viveiros onde se cultivam as tenras plantas do gênero humano, se poderão desenvolver todas as faculdades belas e educar as crianças no amor ao trabalho, desenvolvendo-lhes todas as qualidades necessárias para triunfar na vida (FERREIRA³⁸, 1923, apud CARDONA, 1997:42).

Conforme o mesmo autor, passou-se a defender as ideias da Escola Nova, valorizando-se a abertura da escola para o meio, propondo-se a inclusão das famílias e das comunidades no processo educativo.

No entanto, apesar das boas ideias, a “educação republicana”, denominada assim na época, constituiu um fracasso, segundo os próprios republicanos. Em 1916, João de Barros considerava a educação ainda bastante ineficiente. Isso não significa que os republicanos não tenham contribuído para melhorarias no ensino (CARVALHO, 2001:708-709).

Segundo Carvalho, em um balanço sobre a educação na Primeira República, houve um sensível aumento no número das crianças escolarizadas, dos sete aos catorze anos. Em 1910, havia 1.194.851 crianças no país, sendo que 22,7% frequentavam a escola primária. Já em 1926, o número de crianças aumentou para 1.251.120, com 29,45% nas escolas; enfim, as crianças restantes, mais de 70%, “estariam ajudando os pais nos trabalhos do campo ou vadiando nos meios

³⁸ In Ferreira. Propostas sobre os campos de jogos, jardins-de-infância, escolas primárias (tipo municipal) - sessão da Câmara de Lisboa de 30/11/1923

cidadinos”(CARVALHO, 2001:712).

Com o início do Estado Novo (1933-1974), Portugal sofreu várias transformações, inclusive no que concerne à educação. Ao povo caberia somente a instrução básica, para que absorvesse com maior facilidade os ideais do regime e sua doutrina.

Precedendo esse momento, em abril de 1928, realizaram-se eleições presidenciais em que Oscar Carmona apresentou-se como único candidato. Já com Carmona como Presidente da República, foi delegada a Antônio de Oliveira Salazar a pasta das Finanças, o que lhe possibilitou o controle absoluto das despesas de todos os Ministérios.

Enquanto Ministro, Salazar conseguiu equilibrar o orçamento do Estado, estabilizar a moeda e os preços e reduzir a, até então, preocupante dívida externa. Tais feitos conferiram-lhe grande prestígio, apesar de para consegui-los, ter implementado uma política de austeridade, por meio do aumento dos impostos e da redução das despesas de todos os Ministérios.

Apesar da ditadura em Portugal já existir desde 1926, após golpe militar, o Estado Novo, período de forte censura e repressão conhecido por Salazarismo, iniciou-se oficialmente com a Constituição de 1933, tendo seu término ocorrido em 25 de abril de 1974, data da Revolução dos Cravos. Apesar de ter entrado em vigor em 11 de abril de 1933, essa Constituição já havia sido publicada no *Diário do Governo*, em 22 de fevereiro, para ser colocada em votação, em plebiscito, no mês de março desse mesmo ano.

Esse regime em Portugal, devido à política austera em relação à grave situação econômica, recebeu, no seu início, um grande apoio popular, assim como ocorreu com outras ditaduras na época (Alemanha, Itália, Espanha, entre outras)

Diferentemente dos ideais da primeira República, o Estado Novo baseou-se no pensamento católico. A trilogia “Deus, Pátria e Família” tornou-se responsável pela ordem que se queria estabelecer, a qual deveria ser ensinada para as crianças desde pequenas, tanto pela família quanto pela escola, cuja tarefa principal era a propaganda do Estado, por ser um lugar privilegiado para a doutrinação.

Desde o início do Estado Novo, foram tomadas medidas econômicas para reduzir os gastos com educação. A política educativa era de austeridade, passando o tempo de escolaridade obrigatória de quatro para três anos, sendo que os programas da escola primária também foram reduzidos. Além disso, entre 1930 e

1937, foram extintas as classes de educação infantil do ensino oficial.

Segundo Carvalho, com a instauração do regime ditatorial, várias personalidades de expressão nacional manifestaram-se favoráveis ao analfabetismo ou à validade de não se alfabetizar as pessoas, o que contribuiu para a implantação da ideologia política de Salazar.

O autor refere-se, por exemplo, à escritora Virgínia de Castro e Almeida, que inclusive escreve para o Jornal *O senhor doutor*. Em 1927, considerando que havia 75% de analfabetos, ela disse ao jornal *O Século* que:

A parte mais linda, mais forte e mais saudável da alma portuguesa reside nesses 75 por cento de analfabetos”. E se referindo aos trabalhadores rurais disse “que vantagens foram buscar a escola? Nenhumas. Nada ganharam. Perderam tudo. Felizes os que esquecem as letras e voltam à enxada (CARVALHO, 2001: 727).

Outro exemplo é do historiador Alfredo Pimenta, que dizia que

Ensinar o povo português a ler e escrever para tomar conhecimento das doutrinas corrosivas dos panfletários sem escrúpulos(...) é inadmissível. (CARVALHO, 2001: 727).

Tais afirmações, entre muitas outras citadas por Carvalho, amenizavam qualquer crítica às mudanças de Salazar quanto à educação.

Cardona (1997) salienta que, apesar das más perspectivas, surgem personalidades como Irene Lisboa, escritora, poetiza e professora da Escola Normal de Lisboa, que, em 1931, propõe “As bases para um programa de escola infantil”, com sugestões para melhorias na organização do meio educativo e com ênfase nos interesses das crianças, mediadas pela professora.

Para um controle maior da situação imposta pela ditadura, foram criadas polícias políticas, como a PIDE, e instituída a censura aos meios de comunicação, não se deixando avançar qualquer tipo de rebelião contra o regime, velando-se sempre pela moral e os bons costumes que Salazar defendia.

Todas as formas de expressão cultural eram controladas. Fazia-se uma censura prévia que abrangia a imprensa, o cinema, o teatro, as artes plásticas, a música e a literatura, tanto para crianças quanto para adultos. Muitos tinham de agir

na clandestinidade ou refugiar-se no exílio, quando não eram aprisionados e torturados. Sobre os rapazes de dezoito anos ainda pairava o espectro da guerra colonial, o que causava revolta, principalmente dos universitários, que eram obrigados a lutar por ideais que desconheciam ou nos quais nem acreditavam.

Vale citar um trecho de um discurso de Salazar proferido durante os anos 30:

É necessário convenceremos o povo de que não pode encontrar felicidade na vida moderna e nos seus artifícios. É preciso procurá-la na adaptação de cada um de nós à ambiência exterior. (...) Para a solução do problema que acabo de vos apresentar, conto com a desvalorização da instrução, com a seleção das leituras. (...) Leio muitas vezes nos jornais uma frase de súplica: É preciso ensinar o povo a ler. E penso.: mas ler o quê ?(...) as más leituras... (SALAZAR, 1930³⁹ apud CARDONA, 1997:48. Grifos nossos).

Além de propor a desvalorização da instrução, com a seleção prévia de leituras, seleção esta que, para ele, seriam boas, em comparação às existentes, o trabalho da mulher foi condenado por ferir a integridade e a harmonia familiar, sendo a família, para o Estado Novo, a base de uma sociedade bem organizada.

Os ideais salazaristas são bem solidificados no texto da Constituição de 1933⁴⁰, que deixa claro que o ensino deveria ser orientado pelos princípios tradicionais da religião católica, sendo a família “a base primeira da educação”.

Quanto à “educação, o ensino e cultura nacional”, destacamos os artigos 42 e 43:

Art. 42º . A educação e a instrução são obrigatórias e pertencem à família e aos estabelecimentos oficiais ou particulares em cooperação com ela.

Art.43º O Estado manterá oficialmente escolas primárias complementares, médias e superiores e institutos de alta cultura.

1- O ensino primário elementar é obrigatório, podendo fazer-se no lar doméstico, em escolas particulares ou em escolas oficiais.

2- As artes e as ciências serão fomentadas e protegidas no seu desenvolvimento, ensino e propaganda, desde que sejam respeitadas a Constituição, a hierarquia e a ação coordenadora do Estado.

3- O ensino ministrado pelo Estado é independente de qualquer culto religioso, não o devendo porém hostilizar, e visa, além do revigoramento físico e do aperfeiçoamento das faculdades

³⁹ in Ramires, M e. Criança portuguesa: que acolhimento? Lisboa, IAC, 1988, p.10. Grifo nosso.

⁴⁰ Constituição de 1933 in Suplemento do Diário do Governo, Imprensa Nacional de Lisboa, 22/02/1933, nº 43. Constituição entrou em vigor em 11/04/1933.

intelectuais, à formação do caráter , do valor profissional e de todas as virtudes cívicas e morais.

4- Não depende de autorização o ensino religioso nas escolas particulares[...] (Constituição Portuguesa de 1933⁴¹).

Por meio do discurso oficial, observa-se que toda a vida privada e pública era cerceada pelo Estado. A família, a vida doméstica, as escolas, as artes, as ciências, enfim, tudo seria “protegido”, desde que fosse “coordenado” pelo Estado, termos velados, facilmente substituídos por “repreendido” e “manipulado”. Curiosamente, propõe-se um Estado laico, que não hostilizasse o culto religioso, mas que, na prática, valorizasse a religião como coadjuvante de suas ações.

Segundo Carvalho (2001), para que a política de ensino do Estado Novo tivesse êxito, era necessário que os livros da escola primária incentivassem o nacionalismo e a religiosidade, criando-se, assim, um decreto lei em 24 de novembro de 1936, o qual determinou, em suas palavras “a imediata caducidade da aprovação oficial de todos os livros do ensino primário”, para posteriormente, em 21 de julho 1937, instituir um concurso público para a elaboração de um livro único (CARVALHO, 2001:766).

Como ninguém ganhou o concurso, determinou-se, a partir do decreto de 14 de março e decreto de 1940, conforme dizeres deste,

A elaboração dos textos (do ensino primário elementar) e a sua ilustração colorida são confiadas a uma comissão de técnicos, escolhidos de entre os de reconhecido mérito pedagógico, literário e artístico (CARVALHO, 2001: 767).

Conforme Cardona (1997), a partir de 1936, com a criação da “Obra das Mães para Educação Nacional”, que se define como complementar à ação das famílias, passa-se a estimular a ação educativa essencialmente familiar, segundo os ideais do regime, sendo a mãe a educadora.

Dessa forma, a figura da mulher no mercado de trabalho passou a ser mal vista e desestimulada, tanto com o fechamento de creches nas fábricas, quanto com o pagamento de baixos salários. A mulher deveria ficar em casa, cuidando de seus filhos, além de guiá-los para o bom caminho, seguindo os princípios de uma pedagogia autoritária, baseada em uma doutrinação moral e cristã. A concepção

⁴¹ A ortografia foi atualizada.

rousseauniana sobre o fato de a criança ser um ser naturalmente bom, aceita durante a Primeira República, altera-se então.. Conforme Benavente:

[...] em oposição aos conceitos republicanos, próximos de uma pedagogia ativa, em que a criança, o indivíduo eram aceites como “naturalmente bons”, agora falava-se da desigualdade natural da natureza humana que era preciso “treinar” no bom caminho (BENAVENTE, 1990 apud CARDONA, 1997:51).

Quanto às estatísticas numéricas, segundo Carvalho, de 1930 a 1940 o analfabetismo em Portugal baixou 8,4%, sendo que em 1930 havia 4.627.988 milhões de analfabetos, o que correspondia a 67,8% da população. Já em 1940, representava 4.584.341 milhões, o que corresponderia a 59,4% da população (CARVALHO, 2001:771).

Em 1926, havia 6657 escolas primárias oficiais, com 316.888 alunos. Em 1940, houve um considerável crescimento, 7768 escolas e 2526 postos escolares (não há os números de 1926), com 554.892 alunos (CARVALHO, 2001:771).

O autor não apresenta o número total de crianças aptas a cursar o ensino primário em 1940, mas é importante lembrar que em 1926 somente 29,54% das crianças frequentavam a escola.

Como pudemos observar, em Portugal, durante o período do Estado Novo, a educação tornou-se instrumento de doutrinação para os ideais salazaristas, com forte presença da Igreja Católica, estendendo-se não somente à educação formal, como também à informal, junto às famílias, às artes e à imprensa.

Tal situação repressiva e controladora viria perdurar até o fim desse período, sendo a Revolução dos Cravos não somente o início da reconstrução de um Estado democrático, mas também de novos rumos para a educação em Portugal.

1.2.2 Educação no Brasil: primeiras décadas do século XX

Em um breve panorama, apresentaremos algumas considerações sobre a educação no Brasil durante os anos de 1930, período em que os periódicos que analisaremos foram publicados, considerando, portanto, as produções culturais para a infância tanto em seu contexto histórico quanto social.

Entretanto, consideramos importante retroceder no tempo para entendermos mais claramente o processo de transformações da educação brasileira.

Como referências, utilizamos Maria Lúcia Spedo Hilsdorf (2007), Moysés Kuhlmann Jr (2002), Boris Fausto (2002), Cynthia Vilhena (1992), Moacir Gadotti(2003) , Dermeval Saviani(2008) e Paulo Guiraldelli Jr (2000) .

A educação no Brasil pode ser dividida em diferentes períodos, o que varia conforme o referencial teórico utilizado. Paulo Ghiraldelli Jr(2000), por exemplo, a partir do século XIX, baseia-se nos períodos históricos, como Primeira República (1889-1930), Segunda República(1930-1937) e assim por diante.

Já Maria Lúcia S Hilsdorf (2007) optou por outros limites, os quais seguiremos por nos parecerem bastante justificáveis: de 1870 até 1920, período em que há iniciativas republicanas; de 1920 a 1930, período em que se manifestam outras escolas na Primeira República, com destaque para a Escola Nova; de 1930 a 1945, período de “reconstrução da nação”, e assim por diante.

Segundo Guiraldelli Jr (2000) o período de transição do Império para a República foi marcado por um “entusiasmo pela educação”, de caráter quantitativo devido ao fato de valorizar a expansão da rede escolar; seguido por um “otimismo pedagógico”, de caráter qualitativo em relação aos problemas educacionais:

O entusiasmo surgiu nos anos de transição do Império para a República, principalmente entre 1887 e 1896, sofreu um recuo entre 1896 e 1910, e depois nos anos 10 e 20 alcançou seus melhores dias. O otimismo, ao contrário, é típico de meados dos anos 20 e alcançou seu apogeu já na Segunda República, nos anos 30(GUIRALDELLI JR,2000 : 15)

Tanto “entusiasmo” pela educação no Brasil era um reflexo do que já estava acontecendo na Europa, conforme vimos anteriormente, nas considerações de Heywood e Ariès.

Todavia, importa destacar que a educação não era para todos, tendo em vista que, mesmo se considerarmos que houve um aumento dos estudantes de 1870 a 1920, os números são bastante ínfimos.

Conforme dados de Boris Fausto, em *História do Brasil* (2002:237), no ano de 1872 apenas 16,85% da população de 6 a 15 anos frequentava escolas, o que corresponde a cerca de 12 mil alunos matriculados no ensino secundário. Já em 1920, esse número aumentou para 52 mil, contudo a quantidade de jovens prontos para receber o ensino secundário superava os 6 milhões.

O período da Primeira República trouxe consigo diferentes metas e

reivindicações que apenas se consolidariam após a Revolução de 30, como, por exemplo, a criação do Ministério da Educação e da Saúde.

A década de 1920 foi bastante significativa para a escola brasileira, uma vez que educadores liberais foram introduzindo a pedagogia da Escola Nova por meio de reformas realizadas nos sistemas estaduais de ensino, não somente por interesses políticos, mas também pela divulgação de conhecimentos técnico-científicos.

Entre as principais iniciativas dessa época, vale citar a fundação da Associação Brasileira de Educação (ABE), no Rio de Janeiro, em 1924, por iniciativa de Heitor Lyra; ou ainda a promoção do “Inquérito sobre o ensino”, elaborada por Fernando Azevedo por meio do jornal *O Estado de S. Paulo* em 1926.

Segundo Guiraldelli Jr (2000), a divulgação dessa nova pedagogia ocorreu em meio à crescente influência cultural norte-americana sobre o Brasil, principalmente depois da Primeira Grande Guerra Mundial (1914-1918):

O imperialismo americano impôs não só padrões novos de consumo de bens materiais, mas também padrões de consumo de bens culturais, que trouxeram ao país as teorias pedagógicas do Movimento da Escola Nova (GUIRALDELLI JR, 2000:25)

A respeito das reformas nos sistemas estaduais, destacam-se Sampaio Dória em São Paulo, em 1920; Lourenço Filho no Ceará, em 1922; Anísio Teixeira na Bahia, em 1925; Fernando de Azevedo no Distrito Federal, em 1927; Casassanta e Francisco Campos em Minas Gerais, em 1927; sendo essa última reforma considerada como a mais pedagógica e a mais bem sucedida.

Anísio Teixeira, por exemplo, baseava-se na experiência escolanovista norte-americana de John Dewey, postulando “escola como comunidade”. Já Fernando de Azevedo apoiava-se na sociologia de Comte e Durkheim, destacando a tarefa social da escola.

Segundo Saviani, Lourenço Filho foi “uma figura chave no desenvolvimento e divulgação das ideias pedagógicas da Escola Nova no Brasil” (SAVIANI, 2008:205) e seu amigo, Fernando de Azevedo, com quem se correspondeu por mais de 40 anos, “foi o principal divulgador e apologeta do movimento” (SAVIANI, 2008:210).

Já na reforma mineira, a escola era vista como espaço de ação social, preocupada com a criança, suas motivações e interesses, visando também a

melhoria da Escola Normal e a formação dos professores, principalmente quanto à Psicologia Educacional, uma nova disciplina para a época.

Segundo Hilsdorf, o que conduziu a Escola Nova nos anos 20 foi a visão nacionalista, que já preocupava os intelectuais da década de 10 ao reivindicar a valorização da cultura nacional, como é o caso de Olavo Bilac em sua campanha a favor da alfabetização e do serviço militar obrigatórios (1915-1918), por exemplo. (HILSDORF, 2007: 83).

Tal valorização inspirou a Liga de Defesa Nacional (1916) e a Liga Nacionalista (1917), participantes da ABE, cujas propostas na década de 20 eram, entre outras:

[...]..fundação de escolas primárias e profissionais;instrução cívica do povo na obediência à leis e no respeito `as tradições nacionais por meio de impressos e conferências; incentivo à educação física, ao escotismo,às linhas de tiro e ao serviço militar, celebração dos fatos nacionais; obrigatoriedade do ensino da língua, da história e da geografias pátrias nas escolas estrangeiras(HILSDORF, 2007: 84).

Entre os congressos promovidos pela ABE, encontram-se o Congresso Brasileiro de Proteção à Infância (CBPI) e o 3º Congresso Americano da Criança (CAC) realizados no Rio de Janeiro de 28 de agosto a 5 de setembro de 1922, analisados por Moysés Kuhlmann Jr. no texto “Circulação das ideias sobre a educação das crianças: Brasil, início do século XX⁴² (1998), baseado na leitura dos boletins do CBPI e de várias comunicações feitas na época, denominadas então de *memórias*.

Esse texto de Kuhlmann Jr (1998) interessa-nos particularmente por apontar ideias e temas pertinentes à análise de nosso *corpus*, especificamente à revista *O Tico-Tico*, motivo pelo qual nos deteremos mais detalhadamente em seu teor.

Kuhlmann Jr verificou que as principais ideias em circulação na época versavam principalmente sobre eugenia,⁴³ educação popular (mas desigual) e uma relação direta entre higiene e educação física.

Vale esclarecer que a eugenia consistia em uma espécie de saneamento

⁴² Segundo o autor, este texto foi elaborado para o projeto *História da Educação da Criança Brasileira*, apoiado pela Universidade São Francisco.

⁴³ O termo “eugenia” foi criado por Francis Galton (1822-1911), que o definiu como: O estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente. José Roberto Goldim. <http://www.ufrgs.br/bioetica/eugenia.htm>. Acessado em 28 jan 2011.

biólogo da população, tomando grandes dimensões a partir dos anos de 1930, segundo Cynthia P S Vilhena⁴⁴:

A eugenia, enquanto ramo da medicina social, vai voltar-se contra esses males sociais (alcoolismo, doenças venéreas, psicopatias, loucura, entre outros) pelos efeitos que causam à “degradação da espécie” e ao “abastardamento da raça”. (VILHENA, 1992:49)

A importância dada à educação nos anos 20 pode ser observada pela variedade de órgãos inscritos nesses congressos, assim como os diferentes profissionais. Entre os inscritos, encontram-se desde os clubes Flamengo, Vasco da Gama e Fluminense, até entidades como a Associação Brasileira de Imprensa, a Associação Cristã de Moços, a Liga contra o Analfabetismo, o Serviço de Proteção aos Índios, órgãos públicos, hospitais, para citar alguns.

Além de diretores e professores, inscreveram-se senadores, deputados federais, religiosos, católicos em sua maioria, chefes de polícia, funcionários públicos, médicos, engenheiros, fazendeiros, jornalistas, entre outros, sendo que alguns se autodenominavam simplesmente “educadores”.

Segundo Kuhlmann Jr., a maioria dos inscritos era masculina, mas destacou a presença de diretoras e professoras da Escola Normal, bem como da escritora Júlia Lopes de Almeida.

Apesar de um número considerável de inscritos, cerca de 2632, segundo o autor, devido a mudanças de datas, muitos não compareceram, conforme verificado em atas.

Desse Congresso, surgiram várias propostas para as instituições de educação infantil, baseadas na...

[...] articulação de interesses jurídicos, empresariais, políticos, médicos, pedagógicos e religiosos em torno de três influências básicas: a jurídico-policia, a médico-higienista e a religiosa.
(KUHLMANN JR, 1998:81)

Em meio a tantos interesses e campos envolvidos, a educação ganhou um

⁴⁴ VILHENA, Cynthia P S. “A família na doutrina social da Igreja e na política social do Estado Novo”. São Paulo. Revista de Psicologia- USP. São Paulo, 3(1,2) p. 45-57, 1992. Artigo baseado em *Família, mulher e prole: a doutrina social da Igreja e a política social do Estado Novo*. Tese de doutoramento, FEUSP, 1988.

espaço privilegiado e evidenciou-se , segundo o autor, nas questões políticas, jurídicas e sanitárias, entre outras.

No Brasil da Primeira República, essa preocupação ainda atingiu outros patamares, pois, cuidar da criança, no que diz respeito à sua saúde, à educação e até à sua sobrevivência passaram a ser requisitos básicos para que o país se tornasse uma nação moderna.

Logo, não foi por acaso que o CBPI (Congresso Brasileiro de Proteção à Infância) tivesse ocorrido justamente durante a Exposição do Centenário da independência:

O CBPI (...) se revestia de um caráter simbólico ao se realizar durante a Exposição do Centenário da Independência, que pretendia celebrar a nação brasileira como parte do mundo “civilizado”. (KUHLMANN JR, 2002: 465)

Segundo Kuhlmann Jr, a nação brasileira era celebrada em seu centenário, entretanto almejava ser moderna e civilizada, equiparando-se a outras nações do mundo ocidental. Como dissemos anteriormente, é visível a influência dos Estados Unidos da América, uma ex- colônia que rumava para o progresso:

A evidência mais relevante do americanismo foi a decisão tomada no encerramento do congresso, de se estabelecer a comemoração do Dia da Criança em 12 de outubro, data da chegada de Colombo ao novo continente (KUHLMANN JR, 2002:467).

O mesmo autor relatou várias passagens dos boletins do CBPI que elogiavam as políticas públicas dos EUA e os colocavam como um modelo a ser imitado.

Nesse sentido, é importante ressaltar que a influência norte-americana interessa-nos, uma vez que também pode ser verificada em relação aos periódicos para as crianças, principalmente nos anos 30, pela inclusão cada vez maior das HQ, a partir dos *comic books*.

Entre os vários congressistas, havia os que consideravam ser necessário um sistema de assistência social à “infância desvalida ou moral e materialmente abandonada”, os que pregavam “o aperfeiçoamento da raça “ou que postulavam que “o índice de civilização de um povo se afere pelo grau de higiene” ; e os que defendiam a necessidade de um processo educativo que harmonizasse a educação física e a intelectual (KUHLMANN JR, 2002: 470- 477).

De um lado, os “escolhidos” seriam os fortes, bem educados, a salvação nacional, do outro, os pobres e desvalidos poderiam ter uma educação básica, mas deveriam ser segregados, para não comprometer o progresso da nação. Por meio de uma educação popular, os pobres seriam mantidos dóceis e sob controle, para isso a assistência social seria fundamental.

Kuhlmann considerava que a educação moral preparava as crianças para aceitar sua condição social. Alguns até mencionavam a *liberdade individual*, como Clemente Quanglio⁴⁵, da Escola Normal Caetano de Campos, de São Paulo, citando o sistema de Montessori, uma das escolanovistas, em que “o papel do professor se limita a prestar auxílio, se for pedido, aconselhando, sugerindo” (KUHLMANN JR, 2002: 478).

A obrigatoriedade do Ensino Religioso também aparece contemplada em diferentes comunicações, todavia há visões divergentes, mais críticas, que se opõem ao cunho autoritário do evento. É o caso de Maria Lacerda Moura⁴⁶, que acreditava em um ensino laico, em uma escola moderna, racionalista e científica, na qual se respeitasse a individualidade do aluno. Infelizmente, essa postura destoava do pensamento hegemônico e autoritário do Congresso, cuja maior meta era o controle social. Segundo Kuhlmann Jr:

A ciência e a liberdade são utilizadas para justificar a distribuição diferenciada do acesso aos bens materiais e culturais. Em nome da ciência, nega-se a razão e apela-se ao destino, ao perigo de desestabilização e às fantasias de uma degeneração racial e moral que exigiram o controle social. (KUHLMANN JR, 2002: 493)

Todas essas ideias podem representar o que já ocorria nas relações sociais daquela época no Brasil, entretanto, não podemos nos esquecer de que a concepção de uma sociedade moderna e progressista é uma herança dos intelectuais, tanto americanos quanto europeus, a qual, muitas vezes, não se ajustava à nossa realidade nacional.

Os estudos feitos por Kuhlmann Jr, apesar de restritos a um único Congresso, contribuíram significativamente para que tenhamos uma mostra considerável sobre a

⁴⁵ CANGLIO, Clemente. A imaginação nas crianças brasileiras, pp532-543 entre várias outras. Seção de Pedagogia. Congresso Brasileiro de Proteção à infância, Rio de Janeiro. 1922. Boletim 7. Rio de Janeiro, Emp. Graph, 1925.

⁴⁶ MOURA, Maria Lacerda de. “O atual regime social soluciona o problema da proteção à infância?”, PP 150-156. Pedagogia in Congresso Brasileiro de Proteção à infância, Rio de Janeiro, 1922. Boletim 7. Rio de Janeiro, Emp. Graph, 1925.

educação brasileira nos anos 20, com repercussão para as décadas seguintes.

Outro período importante para a educação brasileira pode ser demarcado de 1930 a 1945, período denominado por Boris Fausto de “O Estado getulista” (FAUSTO, 2002:329), no qual prevaleceu a ideia de “reconstrução da nação”. Esse ideário, segundo Hilsdorf (2007), não era novo, já que, em 1822 e 1889, construir uma nação também tinha sido um objetivo, porém não alcançado.

A partir dos anos 30, o que se intenta é um “desvendamento da cultura brasileira”, algo não tão simples de definir, já que a nossa cultura era interpretada por diferentes ideologias vindas da década anterior, como o tradicionalismo dos meios agrários, o radicalismo dos operários e de setores da classe média, bem como o americanismo da burguesia urbana.

Segundo Alfredo Bosi, a crise da República do Café e a do capitalismo internacional de 1929 abalaram a hegemonia oligárquica. A Revolução de 30, o movimento sindical anarquista e comunista, o tenentismo, o governo provisório de Getúlio Vargas, o ideário progressista dissidente da burguesia de São Paulo, tudo isso “provocou revisões fundas no quadro institucional do país.” (BOSI, 1992:211).

Já para Boris Fausto, a Revolução de 30 foi um movimento heterogêneo que, apesar de possuir um objetivo em comum e de acabar com a oligarquia cafeeira da Primeira República, tinha metas divergentes e conflitantes, as quais serão apresentadas a seguir.

Por um lado, os velhos oligarcas queriam transformações mínimas que reforçassem seu poder. Por outro, o movimento operário, controlado pelo Partido Comunista, via na Revolução de 30 um caminho democrático para uma revolução socialista.

Já as classes médias urbanas e tradicionalistas almejavam uma reabilitação da República de 1889, dessa vez mais organizada e honesta e que promovesse a educação popular. Os “tenentes”, representantes da rebeldia militar, reivindicavam um Estado forte e centralizado, eram radicais pelo uso da luta armada, porém suas reivindicações eram as mesmas da classe média urbana. (FAUSTO, 2002:325-328)

Apesar de o Estado Novo (1937-1945) iniciar-se somente em 1937, segundo Hilsdorf, já na Revolução de 30 havia marcas de autoritarismo e nacionalismo, característicos da ditadura, devido à influência das Forças Armadas e da Igreja Católica, “que viam nele (Estado Novo) uma oportunidade de colocarem em prática os seus projetos de educação do povo” (HILSDORF, 2007:92).

Boris Fausto esclarece que as iniciativas do governo Vargas para a educação não foram fascistas, mas autoritárias, ou seja, as mudanças ocorreram de cima para baixo, sem uma grande mobilização da sociedade ou mesmo uma formação escolar totalitária que abrangesse todo o universo cultural:

Mesmo no curso da ditadura do Estado Novo (1937-1945), a educação esteve impregnada de uma mistura de valores hierárquicos, de conservadorismo nascido da influência católica, sem tomar a forma de uma doutrinação fascista (FAUSTO, 2002: 337)

Segundo Fausto, a política educacional ficou na mão de jovens políticos mineiros que iniciaram suas carreiras na oligarquia de seu Estado. Foram eles os ministros da Educação Francisco Campos (de 1930 a 1932)⁴⁷ e Gustavo Capanema (de 1934 a 1945) (FAUSTO, 2002:337).

Quanto às estatísticas educacionais, vale destacar que entre os anos de 1920 e 1940 os índices de analfabetos ainda era muito alto. Tal índice caiu de 69,9%, em 1920, como vimos anteriormente, para 56,2% em 1940. No que diz respeito à escolarização (meninos e meninas de cinco a dezenove anos), em 1920, o índice era cerca de 9%, já em 1940 passou para 21% o número de crianças e jovens que frequentavam a escola (FAUSTO: 2002:394)

A educação brasileira nesse período era composta por duas correntes opostas: os reformadores liberais, como Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Anísio Teixeira, entre outros, e os pensadores católicos, com destaque para Alceu Amoroso Lima, conhecido também pelo pseudônimo de Tristão de Ataíde.

Em linhas gerais, os educadores liberais defendiam o ensino público gratuito, sem distinção de sexo. Já os católicos defendiam a escola privada e o ensino religioso, sendo que cada sexo deveria receber uma educação específica.

Dentro desse contexto dos anos 30, não podemos deixar de citar o *Manifesto dos pioneiros da Educação Nova*, em 1932. Segundo Saviani(2008) essa ação apresentou-se como um instrumento político ao expressar a posição dos educadores liberais que “viu na Revolução de 1930 a oportunidade de vir a exercer o controle da educação no país”(SAVIANI, 2008:244).

O Manifesto teve como redator chefe Fernando Azevedo, responsável pela

⁴⁷ O médico e político mineiro Washington Ferreira Pires foi o ministro da Educação e Saúde de 1932 a 1934.

reforma educacional no Distrito Federal em 1927. Seu teor, segundo Saviani, tem um caráter heterogêneo e contraditório.

Algumas passagens, por exemplo, fazem referência à “escola única”, ecoando uma concepção socialista de escola. Nessa perspectiva, no tópico “O Estado em face da educação”, há os seguintes princípios:

Função essencialmente pública da educação; escola única, laicidade, gratuidade, obrigatoriedade e co-educação⁴⁸ (...) a educação torna-se uma função essencialmente e primordialmente estatal(....) O Estado deve organizar a escola e torná-la acessível, em todos os seus graus, a todos os cidadãos, independentemente de suas condições econômicas e sociais. Eis aí o princípio da “escola comum ou única”. (SAVIANI, 2008:245)

Em um caminho contrário, o documento apresenta forte influência do positivismo, considerando os sistemas de ensino ora como homogêneos, ora como heterogêneos:

De Durkheim reteve a dupla função social dos sistemas de ensino: a função homogeneizadora dos indivíduos, que, para Azevedo, se realizaria por meio da escola primária e secundária; e a função diferenciadora de acordo com as aptidões dos indivíduos e suas destinações ocupacionais, atribuída ao ensino universitário(SAVIANI, 2008:253).

Como forma de ampliar o caráter heterogêneo do manifesto, Saviani completa que a formação de Azevedo, um autodidata, foi bastante diversificada. Como consequência, sua adesão à Escola Nova foi “ecletica” e “heterodoxa” (SAVIANI, 2008: 211), fato que deu à redação do Manifesto um tom híbrido e por muitas vezes conflitante.

A redação desse documento foi publicada em vários jornais em dezenove de março de 1932, sendo sua recepção bastante polêmica. Manifestações favoráveis vieram, por exemplo, dos poetas Cecília Meireles e Menotti del Picchia. Já a “avalanche de críticas” veio dos intelectuais ligados à Igreja, com destaque para o já citado Amoroso Lima, que escreveu, no dia vinte e três de março, um artigo denominado “Absolutismo pedagógico”, no qual considerava o “Manifesto” como:

⁴⁸ O autor explica que a laicidade, gratuidade, obrigatoriedade e a co-educação fundavam-se na finalidade biológica da educação. A co-educação previa que não se separasse os alunos pelo sexo, a não ser que fosse justificado por determinadas aptidões psicológicas.

[...] anticristão, por negar a finalidade espiritual do homem; “antinacional”, ao desconsiderar a tradição religiosa da população brasileira; “antiliberal”, por defender o monopólio do Estado e ser contra a liberdade de ensino; “anti-humano”, ao negar o sobrenatural e subordinar o homem ao âmbito material e biológico; e “anticatólico”, ao não reconhecer o direito da Igreja de educar publicamente os seus adeptos(SAVIANI, 2008 :254)

Com forte participação na Constituição de 1934, a Igreja Católica de certa forma “derrotou o movimento renovador” (SAVIANI, 2008:270), o qual continuou existindo, mas com menor fôlego.

Deve-se considerar o fato de que os adeptos da Escola Nova eram vistos como portadores de requisitos técnicos necessários para a modernização do país e não foram descartados. Nesse sentido, Lourenço Filho, por exemplo, colaborou significativamente com o ministro Gustavo Capamena. A pedagogia nova, no entanto, somente se tornaria predominante a partir de 1947.

Os interesses da Igreja Católica pela família e pela educação são coerentemente abordados por Cynthia Vilhena (1992). Segundo a autora, para a Instituição, a instabilidade da família moderna incitava a Igreja a tomar inúmeras ações em sua defesa:

Defender e preservar a estabilidade da família contra toda sorte de “fermentos desagregadores” significa, pois garantir a paz e a harmonia da sociedade enquanto conjunto de famílias e, em última instância, a sobrevivência da Igreja como instituição dentro do organismo social (VILHENA, 1992:48).

Assim, a partir do momento em que a família é concebida como a “célula-mater da sociedade”, segundo Vilhena, a educação passa a ocupar um lugar estratégico como instrumento de formação do tipo de homem que correspondesse à nova ordem social:

Esta nova ordem social era reivindicada em nome dos princípios da ordem, hierarquia, disciplina, respeito à família e às instituições, cumprimento dos deveres cívicos e amor à pátria forte e coesa, em clara oposição aos postulados do liberalismo democrático[...](VILHENA, 1992:47)

Desse modo, a Igreja solicitou do novo governo revolucionário o direito de

ministrar aulas de religião nas escolas e a instituição de um Estado Católico, não neutro.

Outra forte instituição durante o Estado Novo foram as Forças Armadas, que também apresentavam um projeto político como educadoras. O Exército, segundo Vilhena, parte de uma postura de “vigilante observador” dos acontecimentos nacionais, durante o Império e a Primeira República:

[...] ele passa a buscar maior participação no seio da sociedade civil, o que se dá a partir da Revolução de 30, como decorrência da cúpula dirigente, que instaura e concretiza o processo de reorganização interna das fileiras do Exército. (VILHENA, 1992:54)

Entre as propostas dessa instância do Poder, havia, por exemplo, um modelo do “quartel como escola”, pregado por Olavo Bilac, em uma visão nacionalista e cívico-militar, reivindicando o serviço militar como obrigatório, conforme vimos anteriormente.

Segundo Vilhena, o Exército tinha como objetivo reformular métodos e programas para a formação de efetivos nas escolas e superar o atraso na prática educacional em relação às correntes pedagógicas mais modernas. Além disso, havia o interesse de co-participar “dos rumos da educação geral da coletividade brasileira” (VILHENA, 1992: 55)

Vilhena concluiu que o Exército, a Igreja e o governo do Estado Novo tinham propósitos coincidentes, que se tornariam a base de uma nova ordem social, como:

[...] ordem, disciplina, respeito à hierarquia constituída, combate ao individualismo, exaltação do sentimento patriótico, culto aos deveres cívicos, oposição ao “pacifismo ingênuo”, respeito às tradições, às instituições brasileiras e, sobretudo, respeito, defesa e amparo à família, base do edifício social, todos estes elementos configurados como mecanismos de construção da nacionalidade e de estruturação de nova ordem social(VILHENA, 1992:56)

Finalizando nossas considerações sobre a educação nos anos 30, não podemos deixar de destacar os pontos coincidentes entre Portugal e Brasil.

O Estado, a Igreja Católica e o Exército encontram-se tanto na base do Salazarismo, o Estado Novo português (1933-1974) , quanto na do Estado Novo brasileiro (1937-1945), perceptível, desde os anos de 1930, no Estado

getulista(1930-1945).

A forte tendência ao nacionalismo, à exaltação à pátria, bem como à doutrinação católica marcaram a educação dos anos 30 e , por consequência, os livros de leitura e os periódicos destinados às crianças.

II- LEITURA E LITERATURA PARA A INFÂNCIA

2.1- Leitura: uma prática sociocultural

2.1.1 Diferentes processos e formas de leitura

Após observarmos as relações entre as diferentes concepções de infância e a educação para crianças, torna-se fundamental destacarmos, inseridas nesse mesmo processo histórico e social, a leitura e a literatura infantil.

Inicialmente, há de se considerar que o estudo de leitura é possível por diferentes enfoques, assim, conceituá-la exige que se leve em conta seu caráter múltiplo e complexo, conforme apresentado por Vincent Jouve em seu livro *A leitura* (2002)⁴⁹.

Baseando-se em Gilles Thérien, *Por uma semiótica da leitura*⁵⁰, de 1990, Jouve considera que há cinco dimensões que envolvem o processo da leitura, as quais apresentaremos a seguir.

Primeiramente, em seu aspecto físico, é preciso considerar a leitura como um processo neurofisiológico, já que, antes de qualquer coisa, é um ato concreto que compreende o funcionamento de determinados aparelhos do organismo e da atividade cerebral. Assim, “Ler é, anteriormente a qualquer análise do conteúdo, uma operação de percepção, de identificação e de memorização dos signos” (JOUVE, 2002:17).

Em segundo lugar, além de decifrar os signos, a leitura exige do leitor⁵¹ um esforço de abstração que está contida na conversão dos sinais gráficos em elementos de significação. Dessa forma, a leitura também é um processo cognitivo, uma vez que “o texto coloca em jogo um saber mínimo que o leitor deve possuir se quiser prosseguir a leitura” (JOUVE, 2002:19)

A recepção de um texto não recorre somente às capacidades reflexivas do leitor como também contribui para o afloramento de certas emoções, incitando-o a um engajamento afetivo, a uma identificação com o texto lido, normalmente um

⁴⁹ A primeira edição é de 1993

⁵⁰ THÉRIEN, G. *Por une sémiotique de La lecture*. Proteé, v2-3, 1990.

⁵¹ Conforme a linha teórica, há vários termos para definir o leitor de um texto (receptor, enunciatário, destinatário..) utilizaremos simplesmente “leitor”.

texto ficcional, ou mesmo à sua recusa:

As emoções estão de fato na base do princípio de identificação, motor essencial da leitura de ficção (...) querer expulsar a identificação- e consequentemente o emocional da experiência estética parece algo condenado ao fracasso(...) Mais do que um modo de leitura peculiar, parece que o engajamento afetivo é de fato um componente essencial da leitura em geral(JOUVE, 2002:19-21).

Quando pensamos nas leituras feitas pelas crianças, esse engajamento afetivo torna-se bastante necessário, mas muitas vezes é desprezado. Vale lembrar que a produção de textos, assim como sua escolha, compra ou adoção são conduzidas pelos adultos a partir do que consideram ser apropriado ou não ao gosto da criança. Muitas vezes esta é uma criança idealizada pelas vivências do adulto, percebida sob a luz de diferentes concepções de infância e de ideologias pedagógicas ao longo dos tempos, fazendo com que a leitura se torne uma imposição e não simplesmente uma escolha.

Consideramos que suscitar o engajamento afetivo do pequeno leitor requer muito mais que talento literário ou o cumprimento de ideias pedagógicos, visto que é preciso pensar na criança como um ser em transformação, com características bem específicas, que se alteram a cada geração.

Além dos diferentes processos citados, é preciso acrescentar que há, por parte do autor, uma intenção persuasiva, ou seja, a vontade de agir sobre o leitor e de modificar seu comportamento, sendo a leitura considerada também como um processo argumentativo:

Qualquer que seja o tipo de texto, o leitor, de forma mais ou menos nítida, é sempre interpelado. Trata-se para ele de assumir ou não para si próprio a argumentação desenvolvida (JOUVE, 2002:22).

Novamente, ao pensarmos nas leituras destinadas à infância, há de se acrescentar que o processo argumentativo evidencia-se a partir da transmissão de valores e conhecimentos que se supõem necessários para um determinado tipo de criança, conforme a época e a concepção de infância vigente, assim como o futuro adulto que se projeta formar.

Finalmente, segundo Jouve, há de se considerar que o sentido que o leitor atribuirá à leitura dependerá do contexto cultural no qual está inserido, nos modelos

propostos pelo imaginário de uma sociedade, ou seja, coletivamente, sendo que a leitura deve também ser vista como um processo simbólico:

Toda leitura interage com a cultura e os esquemas dominantes de um meio e de uma época. A leitura afirma sua dimensão simbólica, agindo nos modelos do imaginário coletivo quer os recuse quer os aceite (JOUVE, 2002:22).

Como podemos observar, em toda sua complexidade, a leitura pode ser vista em diferentes dimensões, tais como: neurofisiológica, cognitiva, afetiva, argumentativa e simbólica. Constitui-se, pois, não somente em um processo individual e dialógico, mas também em uma prática social e cultural.

Além disso, devemos acrescentar que, se o objeto lido, um livro ou um periódico, tenha como “leitor ideal” uma criança, torna-se imprescindível ampliar a noção de texto para além do verbal, relacionando dois planos de expressão, o visual e o verbal, conforme José Nicolau Gregorin Filho(2009):

Torna-se importante ter em mente que o enunciatário⁵² “ virtual” do texto é uma criança e a manifestação textual integral é resultado de duas semióticas (verbal e visual). Portanto, o texto “infantil” pressupõe um leitor competente intersemioticamente, isto é, um leitor que saiba ler e relacionar as temáticas concretizadas nesses dois tipos de texto (GREGORIN FILHO, 2009:17).

Quanto à essencialidade das imagens na literatura infantil, Nelly Novaes Coelho, (2000)⁵³, ainda acrescenta:

As imagens no livro infantil são essenciais no processo de comunicação mensagem/leitor, pois atingem direta e plenamente o pensamento intuitivo/sincrético globalizador que é característico da infância. (COELHO, 2000:217)

Dessa forma, as ilustrações e os aspectos gráficos em geral são elementos integrantes da literatura infantil, coadjuvantes nos diferentes processos de leitura apontados, os quais devem ser vistos de uma forma bastante específica, considerando-se, inclusive, os diferentes níveis de desenvolvimento infantil e o nível

⁵² O enunciatário se refere ao leitor, ao receptor do texto. Já o enunciador se refere ao autor, ao produtor do texto.

⁵³ A versão da obra utilizada neste trabalho é de 2000, da Moderna, uma reformulação da obra originalmente publicada em 1978, pela editora Ática.

de amadurecimento da criança.

Nesse sentido, é importante destacarmos as diferentes categorias de leitores propostas por Coelho (2000) a partir da psicologia experimental, que observou os diferentes estágios de desenvolvimento infantil. A autora, em uma concepção de infância atual, separou os leitores em diferentes categorias, não desconsiderando, contudo, que cada criança deva ser observada em sua individualidade. Por sua vez, as faixas etárias são apenas aproximativas, já que há vários fatores a se considerar:

[...]A inclusão do leitor em determinada “categoria” depende não apenas de sua faixa etária, mas principalmente da inter-relação entre sua idade cronológica, nível de amadurecimento biopsíquico-afetivo-intelectual e grau ou nível de conhecimento/domínio do mecanismo de leitura(COELHO, 2000:32).

Resumidamente, há o *pré-leitor*, dividido em duas etapas, a primeira infância (dos dezesseis ou dezessete meses aos três anos), na qual a criança “começa a conquista da própria linguagem”, e a segunda infância (a partir dos dois ou três anos), na qual se observa “um impulso crescente de adaptação ao meio físico e crescente interesse pela comunicação verbal”. Para esses pré-leitores, a imagem é extremamente importante, assim como a existência de diferentes recursos que agucem outros sentidos além da visão, com destaque para o tato e a audição. (COELHO, 2000:33).

Há o *leitor iniciante* (a partir dos seis ou sete anos), que se encontra normalmente na fase de aprendizagem da leitura, sendo necessária a figura do adulto como “estimulador” desse processo. Nas obras destinadas a esse tipo de leitor, há um predomínio do texto não verbal sobre o verbal, sendo as ilustrações de grande importância (COELHO, 2000:33-36).

Há ainda o *leitor em processo* (a partir dos oito ou nove anos) que se encontra em uma fase de amadurecimento quanto aos mecanismos de leitura e à concretização do pensamento lógico, sendo que, nas obras destinadas a ele , o texto verbal e o não verbal dialogam entre si.

Já o *leitor fluente* (a partir dos dez ou onze anos) é aquele que domina os mecanismos de leitura e passa a desenvolver “um pensamento hipotético dedutivo e a consequente capacidade de abstração”, sendo que as produções a ele destinadas enfatizam o texto verbal, tornando-se as imagens dispensáveis.

Finalmente, há o *leitor crítico* (a partir dos doze ou treze anos), isto é, aquele que domina a linguagem escrita e é capaz de uma reflexão mais profunda e uma consciência crítica sobre “as realidades consagradas” (COELHO, 2000:36-40).

Não entraremos em detalhes, mas é importante destacar que a autora elenca diversos princípios orientadores para cada categoria de leitor, como temática, gêneros, presença maior ou menor de imagens, tipo de linguagem, assim como sugere os livros apropriados para cada uma. Todavia, infelizmente, a partir de nossa experiência, pudemos constatar que muitas crianças e adultos alfabetizados não chegam a ser um leitor crítico, nem mesmo um leitor fluente.

Desse modo, levantam-se algumas questões: “Tais categorias de leitores, em uma perspectiva recente, poderiam ser aplicadas a outras épocas?” “Os leitores dos periódicos nos anos de 1930 poderiam ser enquadrados em que categoria?”

Para respondermos a tais questões, temos de considerar o contexto histórico e social, as diferentes concepções de infância, assim como a variedade de gêneros presentes nos periódicos analisados, o que já indica a possibilidade de diferentes leitores, conforme trataremos posteriormente.

Além dos diferentes tipos de leitor, é preciso considerar também que não há apenas uma forma de ler.

Segundo Roger Chartier, em seu artigo “Do livro à leitura”⁵⁴, (CHARTIER, 2009), existem diferentes estilos de leitura, não excludentes entre si, que demonstram as relações entre o leitor e o objeto lido: a *leitura intensiva* e a *leitura extensiva*.

A *leitura intensiva* (*traditional literacy*) era característica das sociedades europeias até metade do século XVIII. Com base no que ocorrera na Alemanha protestante nesse período, Chartier descreve essa leitura como aquela centrada em um número reduzido de livros, por exemplo, livros como a Bíblia e almanaques, cujos textos configuravam-se em uma referência familiar, sendo o objeto livro sacralizado.

Além disso, esse tipo de leitura não era um fim em si mesma, sendo utilizada como um instrumento de memorização e reprodução de conceitos, principalmente religiosos, transmitidos oralmente e reconhecidos dessa forma. Esse tipo de leitura situava-se em uma rede de práticas culturais, articuladas umas às outras, que

⁵⁴ In CHARTIER, Roger(direção). *Práticas de leitura*. A primeira edição é de 1996. Edição consultada de 2009.

incluíam:

A escuta de textos lidos e relidos em voz alta, na família ou na igreja, a memorização desses textos ouvidos, mais reconhecidos do que lidos, sua recitação para si e para os outros(CHARTIER, 2009:86).

Vale esclarecer que a Bíblia era o livro de referência das comunidades protestantes e da América puritana. É interessante notar que nos países católicos, como a França, por exemplo, não havia essa relação íntima e reiterada com a Bíblia, cabendo aos clérigos a transmissão da palavra de Deus.

Segundo Chartier, entretanto, havia outros textos, guardadas as devidas proporções, que caracterizavam a leitura intensiva na França, como era o caso da Biblioteca Azul⁵⁵, cujos textos eram lidos, escutados, memorizados e recitados.

Em *A aventura do livro, do leitor ao navegador* (1998), o autor ainda esclarece que esses livros, devido a sua estrutura e à possibilidade de incentivar o autodidatismo, permitiam uma apropriação indireta da cultura escrita, fora da escola:

Portanto, temos de um lado, os ensinamentos da escola e , de outro, todas as aprendizagens fora da escola, seja a partir de uma cultura escrita já dominada pelo grupo social, seja por uma conquista individual, que é sempre vivida como um distanciamento frente ao meio familiar e social, e ao mesmo tempo, como uma entrada para um mundo diferente(CHARTIER, 1998:105).

Nesses mesmos moldes, podemos incluir também diferentes manifestações da cultura popular, marcadamente orais, como as narrativas de cordel no Brasil, por exemplo, que eram ouvidas e recontadas por pessoas que nem mesmo sabiam ler.

Já a *leitura extensiva* surge a partir do século XIX, conforme observado principalmente na Nova Inglaterra, e é caracterizada pela variedade de textos lidos silenciosa e individualmente, sem caráter religioso ou familiar. Nessa perspectiva, a leitura ganha autonomia e passa a ter um fim em si. Além disso, os objetos impressos passam a ser vistos com mais naturalidade:

É, também, leitura laicizada, porque as ocasiões de ler se emancipam das celebrações religiosas, eclesiásticas ou familiares e

⁵⁵ Biblioteca Azul é um termo utilizado para descrever a literatura popular, de massa, dos séculos XVII ao XIX. A impressão era de má qualidade e a cobertura feita de papel azul. Era vendida por ambulantes em feiras e docas. Fonte: Universidade de Chicago <http://artfl-project.uchicago.edu/>. Acessado em 15 fev 2012

porque se espalha um contato desenvolvido com o impresso, que passa de um texto a outro e que não tem mais respeito para com os objetos impressos, amassados e jogados (CHARTIER, 2009:86).

Nesse sentido, podemos incluir a leitura de jornais e impressos de forma geral, efêmeros por natureza, ou mesmo livros populares, de larga circulação. Contudo, não se pode generalizar, uma vez que o tipo de leitura, intensiva ou extensiva, não depende do suporte mas da relação que o leitor mantém com o objeto lido.

Exemplificando, além da Biblioteca Azul, Chartier aponta que havia dois tipos de impressos que tinham larga circulação na época do Antigo Regime na França (anterior a 1789), os almanaques e os folhetins. Para o autor, esses são exemplos de leituras intensivas e, apesar de não se compararem à apropriação puritana da Bíblia, “eram suficientemente fortes para moldar as maneiras de pensar e de contar” (CHARTIER, 2009: 88).

Os almanaques eram objetos de manipulação frequente, permitindo constantes consultas. Segundo o autor, isso pode ser verificado em jornais e memórias da época, que faziam referências aos calendários e mapas astronômicos fornecidos por esses almanaques.

Quanto aos periódicos por nós analisados, podemos verificar que tal manipulação era possível, inclusive até proposta pelos editores em atividades lúdicas e de criação, o que não era permitido ao livro. Há desenhos para serem pintados, moldes para costura ou bordado para as meninas decalcarem, além de encartes de aviões para serem destacados e montados pelos meninos, por exemplo.

Além disso, podemos inferir que vários poemas eram copiados e decorados pelas crianças para serem declamados na escola, na família ou em brincadeiras infantis, além de algumas figuras as quais poderiam ser recortadas ou decalcadas para decorar outros espaços.

Verificamos, inclusive que, nos Almanques de *O Tico-Tico* consultados, há figuras recortadas, páginas retiradas, desenhos coloridos a mão e, acima de alguns poemas, a lápis, escrito “já”, o que supomos ser, “já lido”, ou “já decorado”.

Quanto aos folhetins, Chartier cita como exemplo o diário íntimo de Chavette, um trabalhador têxtil de Lille na época de Luís XIV, que toma esses tipos de impresso base para sua produção:

[...] a leitura dos folhetins tal como a pratica Chavette é absolutamente sintomática de uma maneira antiga: o impresso frequentemente manuseado, recortado, colado, transcrito, modelo da expressão pessoal, impõe sua definição de verdade, organiza os esquemas de percepção e apreciação do mundo exterior (CHARTIER, 2009:89).

Ressalta-se que o exemplo de Chavette não demonstra uma prática de leitura generalizada, mas nos dá uma ideia de uma prática comum para a época.

Observamos, ainda, que o tipo de leitura intensiva, característica até o século XVIII, não desaparece com o advento da leitura extensiva, sendo que essas “ figuras de leitura”, assim chamadas por Chartier , coexistem e não são as únicas formas possíveis:

As maneiras de ler não se reduzem, portanto, aos dois grandes modelos propostos e sua coleta deve ser empreendida cruzando-se, de um lado, os protocolos de leitura adequados aos diferentes grupos de leitores e, de outro, os traços e representações de suas práticas(CHARTIER, 2009: 89).

No artigo “As revoluções da leitura no ocidente”⁵⁶ (CHARTIER, 1999), o autor ainda acrescenta que os hábitos de leitura dos leitores mais populares foram direcionados durante um longo tempo pelo tipo de leitura mais tradicional, a intensiva, sendo que esse tipo os caracterizou pelo menos até meados do século XX(CHARTIER, 1999:26).

Dessa forma, podemos concluir que a leitura dos periódicos, jornais, revistas ou almanaques permitia diferentes figuras de leitura, conforme seus diferentes grupos de leitores e épocas distintas.

Por um lado, há a leitura intensiva, com o periódico sendo manipulado, por meio de seus textos lidos, escutados, memorizados e reproduzidos oralmente, moldando maneiras de pensar e de contar, algo comum nas classes populares, como também em relação às crianças, que encaram o material lido como lúdico.

Por outro, há uma leitura extensiva, na qual o objeto de leitura é dessacralizado, sendo lido e descartado, algo mais comum em relação aos jornais, já que as revistas e os almanaques ainda mantinham uma “sobrevida”, circulando

⁵⁶ in ABREU, Márcia(org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de letras: Associação de Leitura do Brasil, São Paulo FAPESP, 1999.

por hotéis, barbearias, repartições, clubes, bibliotecas e salas de leitura, por exemplo, sendo que alguns se tornaram objetos de coleção.

2.1.2 Protocolos e revoluções da leitura

Além de apontar essas diferentes formas de leitura, Chartier propõe, em seu artigo “Do livro à leitura” (2009), um projeto para a construção da história da leitura, cujo *corpus* seja o próprio objeto impresso, “pois traz em suas páginas e em suas linhas os vestígios da leitura que seu editor supõe existir nele e os limites de sua possível recepção” (CHARTIER, 2009:96).

Consequentemente, o impresso não é visto como um suporte neutro e sim

Um objeto cujos elementos e estruturas remetem, de um lado, a um processo de fabricação (...) e de outro, a um processo de leitura ajudado ou derrotado pelas próprias formas dos materiais que lhe é dado a ler (CHARTIER, 2009:96).

A partir desse pressuposto, é fundamental, portanto, considerar que os textos veiculados em periódicos apresentam elementos e estruturas específicas, diferentes das publicações em livros. Ao tratarmos de literatura infantil, esses aspectos se evidenciam pela frequência das ilustrações e pelo caráter lúdico que algumas obras apresentam. A disposição dos gêneros literários nas páginas dos periódicos, suas ilustrações, assim como os gêneros que os avizinham, são de grande importância para este estudo.

Quanto aos vestígios de leitura presentes no suporte, Chartier esclarece que há diferentes protocolos de leitura que precisam ser observados, isto é, em outras palavras, o texto traz pistas ou instruções para sua leitura que são :

[...] um conjunto de dispositivos resultantes da escrita, puramente textuais, desejados pelo autor, que tendem a impor um protocolo de leitura, seja aproximando o leitor a uma maneira de ler que lhe é indicada, seja fazendo agir sobre ele uma mecânica literária que o coloca onde o autor deseja que esteja (CHARTIER, 2009:97).

Entre esses diferentes dispositivos, podem-se incluir diferentes estratégias de

escrita como a aplicação de convenções sociais ou literárias, assim como um conjunto de técnicas narrativas ou poéticas.

Além desses protocolos, que podem aparecer nos textos de forma explícita ou implícita, segundo o autor, há outros tipos de protocolos que se inserem na própria matéria tipográfica, a partir de diferentes aspectos gráficos, normalmente constituídos por um editor:

[...] a disposição e a divisão do texto, sua tipografia, sua ilustração. Esses procedimentos de produção de livro não pertencem à escrita, mas à impressão, não são decididas pelo autor, mas pelo editor-livreiro e podem sugerir leituras diferentes de um mesmo texto (CHARTIER, 2009:97).

Como dissemos, se o texto em questão destina-se a uma criança, a tipografia e a ilustração, assim como a figura do ilustrador, assumem grande relevância.

Portanto, como podemos observar, a produção de textos não é igual à produção de livros, e, acrescentamos, assim como não o é a produção de revistas, jornais e almanaques.

Dessa forma, além de se considerar que há diferentes tipos de leitores e diferentes maneiras de ler, é preciso relevar os vestígios inseridos no texto, pensados para um “leitor ideal”, e os dispositivos tipográficos acrescentados por um editor:

[...] os atos de leitura que dão aos textos significações plurais e móveis situam-se no encontro de maneiras de ler, coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras, íntimas ou públicas e de protocolos de leitura depositados no objeto lido, não somente pelo autor que indica a justa compreensão de seu texto, mas também pelo impressor que compõe as formas tipográficas, seja com um objetivo explícito, seja inconscientemente, em conformidade com os hábitos de seu tempo (CHARTIER, 2009: 78)

Vale ressaltar que a escolha de determinadas formas tipográficas fazem parte de estratégias de publicação, geralmente guiadas por interesses ideológicos, políticos, comerciais e também pedagógicos, as quais devem ser observadas com atenção, já que, segundo Chartier, tais estratégias sempre moldaram as práticas de leitura, criando novos gêneros, novas fórmulas de publicação, pré-selecionando textos e inculcando uma preferência aos leitores, limitados em sua liberdade de

escolha:

Ao tornar os produtos de impressão mais baratos e disponíveis, por exemplo, a um consumidor popular (primeiro os livretos para venda ambulante; mais tarde as coleções populares e os jornais), ofereceu-se ao público um número cada vez mais amplo e diversificado de matérias de leitura.

Nesse sentido, a liberdade de escolha dos leitores só poderia ser exercida dentro de um conjunto previamente constituído com base em interesses e preferências que não eram necessariamente os seus(CHARTIER, 1999:30).

Acrescentamos que, quando o leitor preferencial é uma criança, esse “conjunto previamente constituído” torna-se mais complexo, uma vez que o autor do texto, ou mesmo seu editor, adultos, como já mencionamos, necessitam atingir não só a criança mas também seus mediadores, como pais, professores, ou seja, adultos.

Tais considerações de Chartier são extremamente importantes para nossa pesquisa, já que a forma como os textos literários para as crianças eram apresentados nos jornais, revistas e almanaques, no início do século XX, imprimem uma legibilidade específica, própria da literatura infantil que se iniciava, configurando-os assim como fonte essencial para os estudos sobre literatura infantil, tanto no Brasil quanto em Portugal.

Além dos aspectos apontados até o momento, como os diferentes tipos e protocolos de leitura, é preciso também situar a leitura historicamente, com destaque para os momentos mais significativos, considerados como verdadeiras “revoluções da leitura” por Chartier. Todavia, o autor esclarece que essas revoluções não estão necessariamente ligadas à invenção ou às transformações da imprensa, como se costuma postular.

A primeira revolução, por exemplo, teria ocorrido no início da Idade Moderna, com difusão da possibilidade de se ler silenciosamente e entrar em um contato mais íntimo com a própria escrita, precedendo, portanto, a revolução ocasionada pela impressão.

Outra revolução emergiu na Europa no século XVIII, durante a era da impressão e antes da industrialização do livro, em países como Alemanha, Inglaterra, França e Suíça, com uma ampla expansão dos impressos de forma geral. Quanto às diferentes circunstâncias que apoiaram essa revolução, Chartier elenca:

[...] crescimento na produção do livro, que triplicou ou quadruplicou entre o início do século e os anos 1780, a multiplicação e transformação dos jornais, o triunfo dos livros de pequeno formato e a proliferação de instituições (sociedades de leitura, clubes do livro, bibliotecas de empréstimos), que tornaram possível ler livros e periódicos sem ter que comprá-los (CHARTIER, 1999:24).

Nesse contexto, Regina Zilberman (2003), corroborando Chartier, afirma que a leitura, enquanto forma de obter informações e às vezes erudição, ganhou lugar de destaque e pode ser vista como uma conquista da sociedade burguesa do século XIX:

A expansão do mercado editorial, a ascensão do jornal como meio de comunicação, a ampliação da rede escolar, o crescimento das camadas alfabetizadas- todos estes são fenômenos que se passam durante o Iluminismo, sendo esta filosofia a sistematização e culminância teórica que justifica a práxis social, voltada à aceleração do processo civilizatório. (ZILBERMAN, 2003:55)

Assim, a leitura tornou-se um sinal de civilidade e de boa educação, devendo ser aprendida na escola e constituir-se em um hábito a ser difundido para o maior número de pessoas. Nesse sentido, uma literatura específica para as crianças encontrou o contexto propício para seu fortalecimento, ligado fortemente aos destinos da própria escola, conforme veremos posteriormente.

Com o Romantismo, segundo Chartier, uma nova forma de leitura intensiva surgiu, sendo que os romances de Goethe, por exemplo, passaram a ser lidos como os antigos textos religiosos, ou seja, uma forma tradicional de leitura adaptou-se a um novo gênero, “o romance foi lido e relido, memorizado, citado e recitado. Os leitores eram tomados pelos textos que liam” (CHARTIER, 1999:25).

Observa-se que tais considerações se referem ao contexto dos países europeus mais desenvolvidos. No Brasil, por exemplo, somente a partir de 1840, época do nosso Romantismo, é que começaram a surgir condições para o estabelecimento de uma sociedade leitora, segundo Lajolo & Zilberman ⁵⁷ :

[...] estavam presentes os mecanismos mínimos para a produção e circulação da literatura, como tipografias, livrarias e bibliotecas; a

⁵⁷ A edição utilizada neste trabalho é a de 2009, mas a primeira edição é de 1996.

escolarização era precária, mas manifestava-se o movimento visando à melhoria do sistema; o capitalismo ensaiava seus primeiros passos graças à expansão da cafeicultura e dos interesses britânicos, que queriam um mercado cativo, mas em constante progresso (LAJOLO& ZILBERMAN, 2009:18).

Assim, a melhoria de algumas condições econômicas e tecnológicas contribuiu para o início de uma sociedade leitora no Brasil, porém, vale ressaltar que esse processo já se iniciou de forma elitista e bastante desigual.

Voltando ao contexto europeu, a partir do século XIX, segundo o Chartier, ocorreu uma nova revolução, com uma ampla diversificação de práticas de leitura, devido ao surgimento de novas categorias de leitores, como as mulheres, as crianças e os trabalhadores.

Além disso, a industrialização foi responsável pelo surgimento de novos impressos, com novas técnicas, novos materiais e novos modelos de leitura, como, por exemplo, os livros de bolso e os livros ilustrados para crianças. Eis um momento decisivo para a literatura infantil.

O Brasil, como já dito, caminhava lentamente nesse processo, estando apto a essa nova revolução, de forma bastante tímida, descontínua e heterogênea, somente a partir do século XX.

Mesmo na Europa, não houve homogeneidade quanto às práticas de leitura, divididas em legítimas e ilegítimas, ou mesmo vulgares. Não podemos deixar de levar em conta que a escola impôs uma forma única de leitura tida como legítima, desprezando as outras diversas práticas existentes, como a leitura de jornais e revistas, as quais, entretanto, persistiram e podem ser observadas até nossos dias:

Por detrás da aparência de uma cultura compartilhada, fruto da alfabetização quase universal disseminada pelas regiões mais desenvolvidas da Europa, após os anos de 70 e 80 do século XIX, tanto dentro quanto fora das escolas, esconde-se uma diversidade extrema de práticas de leitura e comércio de impressos(CHARTIER, 1999:26).

Além disso, nem sempre a leitura foi vista como benéfica. Segundo Chartier, (1998), houve vários momentos em que se considerou que havia leitores e livros em excesso, sendo o acesso e a difusão da leitura verdadeiros perigos.

Na sociedade do Antigo Regime, por exemplo, o acesso à leitura e à escrita

era temido por estabelecer a desordem social.

O Estado considerava que uma grande população de colegiais ou universitários abandonaria o ofício dos pais, seja na terra ou no comércio, para se dedicar aos “ofícios da pena e da palavra”, o que levaria o país a importar aquilo que não se produzisse mais, ou seja, o excesso de leitura provocaria um desequilíbrio econômico (CHARTIER, 1998:108).

No capítulo anterior, vimos também como a leitura das classes populares foi mal vista pelo Salazarismo, com apoio de intelectuais da época, que viam na leitura formas de corrupção “da moral e dos bons costumes”.

Outro exemplo de reação contrária à difusão da leitura ocorreu no século XX e relaciona-se à multiplicação dos livros de bolso, considerada um perigo em potencial. Acreditava-se que muitos indivíduos não estariam preparados racionalmente para digerir tamanha profusão de livros, ou seja, esses leitores despreparados leriam o que jamais deveriam ter lido, “portanto, a ideia da proliferação das leituras incontroladas anda de mãos dadas com a da multiplicação dos leitores incontrolados.” (CHARTIER, 1998: 110).

Destacamos que, ao se analisar as produções literárias para crianças, tanto em livros como em periódicos; o pesquisador deve levar em conta a complexidade do processo de leitura e suas diferentes práticas.

Em outras palavras, é preciso considerar que há uma trama de aspectos envolvidos, como a criança leitora ou um leitor ideal, as ideias e sentimentos suscitados pela leitura, o contexto histórico, social e cultural, com suas implicações ideológicas e pedagógicas e, finalmente, a materialidade do objeto impresso, no caso deste trabalho, os periódicos.

2.2-.Uma literatura para a infância

2.2.1 *Literatura e literariedade*

A literatura caracteriza-se de forma bastante heterogênea, assim, defini-la torna-se uma tarefa complexa e pouco consensual. Entre as múltiplas definições possíveis, optamos por considerar *literatura* como a *arte da palavra*, um fenômeno de linguagem resultante de uma experiência existencial, social e cultural, conforme

apresentado por Coelho (2000):

A literatura é um fenômeno de linguagem plasmado por uma experiência vital/cultural/ direta ou indiretamente ligada a determinado contexto social e à determinada tradição histórica (COELHO, 2000: 10)

Como antecipamos na introdução, há um movimento dialético entre a literatura e a sociedade, com influências recíprocas, sendo a primeira essencial para a formação integral dos indivíduos, “ sua consciência do eu +o outro+ mundo, em harmonia dinâmica”(COELHO, 2000:10).

Outra questão importante e bastante complexa é a de definir a *literariedade*, ou seja, a natureza específica da linguagem literária, uma vez que essa concepção varia conforme diferentes teorias, épocas e ideologias, sendo também determinada por opções extra-literárias.

Vitor Manuel de Aguiar e Silva (1976), por exemplo, percorre mais de setenta páginas para conceituar literatura e a sua natureza.

O autor caracteriza o discurso literário a partir de um conjunto de qualidades que, isoladas, não definem a literariedade de um texto de forma satisfatória. Entre elas destacam-se uma estrutura linguística específica, uma linguagem conativa e plurissignificativa, um caráter inovador e ficcional, todas em detrimento da simples valoração da obra. Ainda conclui:

Não será possível, todavia, definir o conceito de literatura através de uma fórmula mais ou menos condensada em que se tenha apenas em conta uma das qualidades assinaladas como distintas do discurso literário. Com efeito, dado o caráter heterogêneo da literatura, nem a ficcionalidade, nem a particular “ordem sobreposta” às exigências da comunicação linguística usual, nem a plurissignificação constituem fatores que isoladamente, possam definir satisfatoriamente a literariedade(SILVA, 1976:71).

A partir do exposto, consideramos que tais qualidades são significativas e devem ser levadas em conta para se determinar a literariedade de um texto; entretanto, devido às especificidades da literatura infantil, que veremos a seguir, em uma possibilidade mais abrangente, tomaremos como referência o que propõe

Antonio Cândido. Em seu texto “Direito à literatura”⁵⁸(1995), o professor amplia os gêneros abarcados pela literatura, desde as *formas simples* ⁵⁹, nos termos de JOLLES (1976), até as formas cultas:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação (CÂNDIDO, 1995: 10).

Como consequência, por ser uma manifestação universal, a literatura é um bem essencial, um direito de todos, já que a fabulação é uma característica inerente ao ser humano e, portanto, um fator humanizador, no sentido mais amplo do termo:

Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito (CÂNDIDO, 1995: 10).

De acordo com o que podemos observar, essa é uma concepção bastante abrangente que, no universo das produções destinadas às crianças, abarcaria inclusive as HQ, por sua capacidade de levar o indivíduo a mergulhar no mundo ficcional, por seu apelo lúdico, assim como por seu caráter intersemiótico, no conjunto de suas expressões verbal e visual, fatores tão característicos da literatura infantil.

Em seu livro *Literatura Infantil: teoria, análise e didática* (2000), Coelho inclusive dedica um pequeno capítulo a esse gênero, com destaque para a revista *O Tico-Tico* e para o consistente e produtivo trabalho de Maurício de Sousa, iniciado na década de 1960 e até hoje difundido. Quanto à validade do gênero, esclarece:

As histórias em quadrinhos são tão válidas quanto os livros de figuras como processo de leitura acessível ou adequado às crianças pequenas (COELHO, 2000: 217).

⁵⁸ In. *Vários escritos* – edição revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

⁵⁹ Conf. JOLLES, André. *Formas simples*. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.

Se observarmos a forma como essas histórias se apresentavam, de forma geral, nos periódicos até meados dos anos de 1930, as relações entre a literatura em quadrinhos e a literatura infantil tornam-se mais evidentes.

Em uma tentativa de se fazer HQ, por influência dos iniciantes *comic books* americanos, os ilustradores da época (muitos dos quais se tornariam os precursores do gênero, no Brasil e em Portugal) criavam histórias em uma sequência de quadros ilustrados, dispostos em uma página, apenas com legendas e sem balões, e raros recursos visuais. Chamaremos essas produções de “histórias quadrinizadas.”

As histórias em quadrinhos distinguem-se das quadrinizadas por apresentarem balões para o registro do discurso direto, onomatopeias e uma narrativa visual aliada ao texto verbal. Vale esclarecer que essa não é uma distinção simples, já que estamos tratando de um gênero em transformação. Dessa forma, várias histórias em quadrinhos dessa época ainda apresentavam legendas, aliadas às falas dos balões.

Ressalta-se que nesses primórdios, em geral, as ilustrações serviam apenas como adornos,, sendo que as *histórias quadrinizadas* poderiam ser compreendidas somente por meio do texto verbal.

Em um exercício mental de composição gráfica, cada quadro dessas histórias pode ser visto individualmente como a página de um livro para crianças. Assim, essas produções, apresentam protocolos de leitura que viriam a ser típicos da literatura infantil, a qual ainda se encontrava em seu período de formação, tanto no Brasil quanto em Portugal.(Apêndice A)

Aos poucos, as *histórias quadrinizadas* foram se transformando e suas ilustrações foram ganhando um caráter mais narrativo, alinhadas ao texto verbal, tornando-se fundamentais para a compreensão do enredo como um todo. Foram acrescentados balões, onomatopeias, bem como diversos recursos gráficos para expressar sentimentos e ações em geral, até as legendas serem abandonadas. Ou seja, as *histórias quadrinizadas* foram sendo substituídas aos poucos por HQ de fato, em uma estrutura que se popularizou a partir dos anos de 1940, nos moldes norte-americanos e como as conhecemos em nossa atualidade.

É importante esclarecer que há vários gêneros nos periódicos analisados, muitas vezes híbridos, de difícil classificação e em formação. Além das *histórias quadrinizadas* citadas; há também gêneros classificados de forma imprecisa, como alguns poemas, por exemplo, que são intitulados contos.

Para definir gêneros, optamos por utilizar um conceito recorrente, a partir de uma perspectiva sócio-histórica, segundo Mikhail Bakhtin, para quem os gêneros se constituem em formas relativamente estáveis de enunciados, caracterizados pelo conteúdo, pelo estilo (a seleção de recursos da língua, como recursos lexicais, por exemplo) e pela construção composicional, determinados por contingências históricas e sociais:

Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente, é claro, individual, mas cada esfera⁶⁰ de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo que isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN,2000:279)⁶¹

Em outras palavras, podemos acrescentar que , segundo Marcuschi, os gêneros são textos materializados em situações sociocomunicativas , como uma carta pessoal, uma receita, uma notícia, um conto, um anúncio publicitário, instruções de uso, textos de divulgação científica, entre outros. Os gêneros apresentam, segundo Marcuschi:

[...] padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas (MARCUSCHI 2008:155)

Entre as diferentes “esferas de utilização da língua”, consideramos que a literatura infantil comporta um conjunto de gêneros específicos: os gêneros literários reconhecidos pela tradição culta, como contos, romances, novelas, narrativas de aventura, poemas e textos dramáticos, entre outros; há também os gêneros oriundos da tradição oral e popular que migraram para a literatura infantil, ou que foram produzidos em seus moldes, como os contos populares, contos maravilhosos ou de fadas, lendas, mitos e fábulas e, finalmente, incluiremos também as histórias

⁶⁰ Essa “esfera” , relacionada a uma atividade humana e institucionalmente marcada, nos termos de Luiz Antônio Marcuschi (2008), seria um “domínio discursivo”, por exemplo, instrucional, jornalístico, religioso, ficcional, publicitário, entre outros: “Constituem práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios ou específicos como rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradoras de relações de poder” (MARCUSCHI, 2008:155).

⁶¹ O texto original é de 1979, sendo traduzido para a língua portuguesa em 1992.

quadrinizadas e as histórias em quadrinhos(HQ).

Fora da esfera literária, outros gêneros também aparecem nos periódicos analisados, como anúncios publicitários, cartas ao leitor, charadas, perfis, relatos históricos e textos de divulgação científica.

Consideramos os textos de divulgação científica aqueles que tratam de ciências variadas (biológicas, humanas ou exatas) em uma linguagem mais familiar para o leitor leigo, ou seja, aquele em que há uma intersecção entre o discurso da ciência e o discurso jornalístico. Quando o leitor preferencial é uma criança, observamos uma intenção didática ou instrutiva, isto é, conhecimentos científicos variados são transmitidos em uma linguagem apropriada para o pequeno leitor, com exemplos e ilustrações, entre outros recursos. Segundo Ana Paula Leibruder:

Em linhas gerais, pode-se dizer que a divulgação científica opera uma espécie de tradução intralingual, na medida em que busca a equivalência entre o jargão científico e o jornalístico (...)busca propiciar ao leitor leigo o contato com o universo da ciência, através de uma linguagem que lhe seja familiar (LEIBRUDER, 2000:229)

Há outras formas de se agrupar os gêneros, conforme diferentes teóricos e concepções, todavia, não entraremos nessa questão. Utilizaremos simplesmente a denominação: *gêneros da literatura infantil*, como os elencados acima, e *outros gêneros*, de outras esferas.

2.2.2 Literatura infantil : do início, no século XVII, à consolidação no século XIX.

O termo “infantil” acrescenta à literatura um grau a mais de complexidade, sendo que a literatura infantil, oscilando entre a arte literária e a prática pedagógica, tem sido polemizada desde seus primórdios. Assim, para entender sua natureza, é necessário também contextualizá-la histórica e socialmente.

Antes da contextualização, contudo, vale lembrar que consideramos que literatura infantil também é literatura e, por extensão, também é arte e que a sua natureza, portanto, seria a mesma da literatura que se destina aos adultos, com o diferencial de que se destina a um leitor específico, a criança.

Desse modo, devido ao público a que se destina e a suas raízes históricas, que veremos a seguir, a literatura infantil também foi concebida como uma prática pedagógica, atrelada aos destinos da escola.

No entanto, questiona-se “será que cabe à literatura ensinar, instruir?” A esse questionamento, podemos responder que a literatura, como qualquer forma de arte, seja para crianças ou adultos, entre suas várias funções (entreter, expressar sentimentos e ideias, levar ao prazer estético ou a uma reflexão de si mesmo e da sociedade, entre outras) também é capaz de ensinar e instruir, mesmo que essa não seja a intenção do artista. Coelho(2000), inclusive, como vimos anteriormente, enfatiza que várias relações de aprendizagem e vivência são estabelecidas entre a arte e seu público.

Na literatura infantil, esse aspecto torna-se mais nítido, já que é na infância, em uma concepção atual, que a aprendizagem da leitura e da escrita se estabelece, sendo que as produções destinadas às crianças acabam por assumir uma “vocação pedagógica” até nossos dias, conforme citamos em nossa introdução.

Para entendermos melhor tal singularização da literatura infantil, vejamos, em linhas gerais, o contexto em que surgiu no século XVII até sua consolidação no século XIX, para depois tratarmos especificamente da literatura infantil em Portugal e no Brasil.

Ressalta-se que, ao apresentar o panorama histórico a seguir, não tivemos somente a intenção de contextualização, mas também de organizar dados dispersos por nós pesquisados, incluindo os periódicos aos já famosos clássicos em livros.

Consensualmente, em nossa sociedade ocidental, segundo Coelho(1991), Leonardo Arroyo(2010)⁶², Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2007)⁶³, foi no século XVII⁶⁴, durante o classicismo francês, que surgiram algumas obras que passaram a ser consideradas também como destinadas ao público infantil, como as *Fábulas*(1668 a 1694), de *La Fontaine* (1621-1692), *As aventuras de Telêmaco*(editadas postumamente em 1717), de Fénelon (1651-1715) e a mais significativa, *Os contos da Mamãe Gansa (Histórias ou narrativas do tempo*

⁶² *Literatura infantil brasileira* foi publicado originalmente em 1967 pela editora Melhoramentos. A partir de 2010 foi relançado pela Editora UNESP.

⁶³ *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. A primeira edição desse livro data de 1984

⁶⁴ Apesar de significativas, não trataremos das fontes indo-europeias e orientais da literatura infantil, assim como das primeiras manifestações ocorridas na cultura greco-romana, ou nos séculos anteriores ao XVII, aspectos amplamente exploradas por Nelly Novaes Coelho em *O panorama histórico da literatura infantil e juvenil*, 1991.

passado com moralidades, 1697), de Charles Perrault (1628-1703), obra que marcou a preferência pelos contos de fadas ou maravilhosos como principal leitura infantil durante várias gerações.

Todavia, o contexto favorável para a publicação das primeiras obras destinadas ao público infantil configurar-se-ia apenas no século seguinte.

Como vimos anteriormente, as transformações ocorridas do século XVIII na Europa, configuradas pelo Iluminismo e pela ascensão da burguesia, foram bastante significativas, tanto em relação à intensificação de uma nova concepção de infância - sendo que a criança começou a ser vista como um ser com necessidades específicas e não simplesmente um adulto em miniatura - , quanto em relação à educação, às formas de leitura, assim como à produção e divulgação de livros e periódicos.

Zilberman(1982) explica que a alfabetização em massa, que se iniciou no século XVIII na Europa, fruto de uma reforma escolar, como vimos no capítulo anterior, decorre ainda de um fenômeno mais abrangente, que progride nos séculos posteriores e é composto por diferentes acontecimentos, entre outros:

[...]a instalação plena da revolução industrial(...) ; a configuração de novas classes sociais, como uma burguesia composta de industriais, financistas , profissionais liberais e comerciantes; um proletariado constituído pela mão-de-obra disponível para a indústria(...) a expansão da vida urbana(...) a difusão do ideário democrático e liberal(...)a consolidação de uma estrutura familiar ciosa de sua privacidade(...) (e) a reforma da escola[...](ZILBERMAN,1982:96).

Nesse sentido, como já visto, a criança, núcleo da família burguesa , passa a ter um novo papel na sociedade, motivando uma produção de materiais de leitura específicos para ela, com ênfase na literatura.

Com um mercado editorial também promissor, restava habilitar a criança para o consumo das obras impressas, estabelecendo-se, assim, os laços entre a literatura, a escola e o mercado.

São dessa época, por exemplo, obras como o primeiro livro ilustrado para crianças, *Um bonito livro de bolso* (1744), do inglês John Newbery (1713-1767).

John Newbery, segundo Natércia Rocha, destaca-se também por abrir em Londres a primeira livraria especializada para crianças, por fundar uma editora específica para literatura infantil, além de lançar o primeiro jornal infantil na

Inglaterra, *The Liliputian Magazine* (Revista liliputiana), de 1751 a 1752 (ROCHA, 1984). Esse mesmo autor, segundo Arroyo (2010), também foi responsável por traduzir Charles Perrault para o inglês em 1730.

Nessa época ainda surgiram mais jornais para as crianças, tais como: *Le Magazin des enfants*⁶⁵ (1757), publicado na França por Madame Jeanne-Marie Le Prince de Beaumont (1711-1780), autora do famoso *A bela e a fera*; *Leipziger Wochenblatt für Kinder* (Revista Semanal para as crianças), publicado entre 1772 e 1774, entre vários outros na Alemanha; *Gaceta de los Niños* (Jornal dos meninos), na Espanha, sob a direção de José y Bernabé, Canga Arguelles, a partir de 1798 (ARROYO, 2010:181).

Datam também desse período obras destinadas, em um primeiro momento, ao público adulto, mas que passaram também a ser lidas pelas crianças, como *Robinson Crusoé*, (1719), do inglês Daniel Defoe (1660-1731), elogiado por Rousseau como obra exemplar para a educação de seu Emílio e lembrado por Drummond em seu poema *Infância*⁶⁶. Destaca-se também *Viagens de Gulliver* (1726), do irlandês Jonathan Swift (1667-1745), sendo que ambas obras foram publicadas, inclusive, em episódios na revista *O Tico-Tico*.

Segundo Zilberman, desde o século XVIII, o livro para as crianças assumiu uma dupla função: o escapismo, por meio da leitura ficcional, o que foi criticado e desprezado na escola, e a aprendizagem, por meio de uma leitura utilitária, bastante valorizada. Assim, o livro infantil, desde suas origens, adquiriu um caráter pedagógico:

Ao invés de lúdico, adotou uma postura pedagógica, englobando valores e normas do mundo adulto para transmiti-las às crianças. O ludismo, porque condenado como escapista e fantasioso, foi banido para obras sem maior importância e de livre trânsito entre as camadas populares (ZILBERMAN, 1982:100)

Vale observar que a autora veicula a literatura infantil somente ao livro, obviamente o suporte privilegiado para a educação formal, e não especifica quais seriam essas “obras sem maior importância” que mantiveram o ludismo. Inferimos

⁶⁵ Segundo Natércia Rocha essa obra foi publicada na França em 1757 e traduzida em Portugal em 1774 com o título *Tesouro das Meninas*. Arroyo data essa obra em 1760 e a traduz ora por *Revista dos adolescentes*, ora por *Revista das crianças*. Mesmo que tenha sido pensada inicialmente como revista, tornou-se um livro com várias reedições.

⁶⁶ ANDRADE. Carlos Drummond. *Antologia poética*. 30 ed. Rio de Janeiro: Record, 1995, p. 67

que essas obras seriam os jornais e revistas, as quais para nós são também divulgadores da literatura infantil.

Dessa forma, o ludismo e a fantasia, características essenciais da literatura infantil, em uma perspectiva mais atual (No Brasil, a partir de Monteiro Lobato, por exemplo), em um primeiro momento, restringiram-se a formas de expressão mais populares, pertencentes, segundo a autora, à “cultura de massa”, em termos atuais.

Essas obras mais populares eram mais baratas e consideradas vulgares, ou ilegítimas, como já visto, sendo marginalizadas pelos “canais institucionais”, o que a autora considera que ainda ocorria na época de seu artigo (1982). Para Zilberman, coube à literatura infantil contornar essa situação, confundindo-se com a própria escola:

A literatura infantil, a quem cumpria contornar este pejo, confundiu-se com a própria escola (....)o livro tornou-se tanto o simulacro da escola, por ensinar sempre uma atitude ou um saber à criança; e conformou-se em atuar como um instrumento do ensino, ao ser introduzido na sala de aula na forma simulada de livro didático(ZILBERMAN, 1982:100).

Avançando no tempo, coube ao século XIX, conforme já visto, uma ampla diversificação das práticas de leitura, assim como a solidificação de uma sociedade burguesa e capitalista. Esse século foi, “por excelência, o século da afirmação da literatura infantil” (ARROYO,2010:22).

Nesse contexto, a literatura infantil na Europa multiplicou-se , constituindo-se em um acervo sólido para a literatura de forma generalizada.

Vale lembrar que foi no século XIX que se intensificou uma visão romântica da criança, vista como um ser puro, inocente e sacralizado e quando surgiu também, por outro, uma visão mais “realista”, na qual a criança era descrita como um ser injustiçado ou esmagado por um sistema opressor.

Segundo Coelho (1991), destacam-se nesse período diferentes formas de narrativas⁶⁷. Primeiramente, há as *narrativas do fantástico e maravilhoso* , nas quais o folclore é resgatado em um mundo da fantasia, que é o que observamos, por exemplo, em os *Contos de fadas para crianças e adultos* (1812) dos irmãos

⁶⁷ A autora estabelece “ rótulos” que considera simplesmente didáticos,sendo passíveis de contestação e , não sendo, portanto, a única forma de classificar as obras desse período. Optamos por tal classificação por se mostrar bastante significativa, embora restrinja em poucos aspectos as obras citadas

Grimm(Jacob: 1785-1863 e Wilhelm:1786-1859), entre outros, como, *A Bela Adormecida* e *Branca de Neve e os sete anões* e em alguns contos de Hans Christian Andersen(1805-1875), como *Os sapatinhos vermelhos*, *A Rainha da Neve*, entre outros(Conf. COELHO: 1991:140-158).

Faz-se necessário esclarecer que os termos “fantástico” e “maravilhoso” são muitas vezes usados como sinônimos e de maneira imprecisa. Diferenciar tais termos não é tão simples, pois ambos têm recebido várias acepções ao longo dos tempos. Grosso modo, podemos dizer que, segundo Todorov (TODOROV, 2007), tanto o fantástico quanto o maravilhoso lidam com aspectos inusitados, mágicos, fora do mundo “real”. Entretanto, o *fantástico* não parece natural, nem para o leitor, nem para as personagens. Não há um apaziguamento, sendo que paira uma dúvida se os fatos insólitos ocorreram ou não. Quanto ao *maravilhoso*, ao contrário, tudo parece muito natural, até os fatos mais inusitados são aceitos como possíveis.

Dando continuidade às obras do século XIX, citamos também as *narrativas do realismo maravilhoso (ou mágico)*, em que o mundo real, de repente, transfigura-se em maravilhoso ou mesmo absurdo, como ocorre, por exemplo, em *Alice no país das maravilhas*(1862), de Lewis Carrol (1832-1898) e nas *Aventuras de Pinóquio*(1883), de Coloddi(Carlo Lorenzini- 1826-1890)(Conf. COELHO, 1991:158-169)

Destaca-se que nessa época surgem vários jornais para crianças na Itália, sendo que alguns capítulos de *Sotiria di um burattino* (História de uma marionete), futuro *Aventuras de Pinóquio* citado, foram publicados no *Giornale per i Bambini*(Jornal para as crianças), fundado em 1881 por Ferdinando Martini. Anteriormente também foram publicados o *Il Nipote*(O sobrinho ou O neto), de 1832 a 1848; e *Il Giornale dei Fanciulli* (O jornal das crianças), de 1832.

Como reflexo do Romantismo, há ainda a *novelística de aventuras*, a qual:

[...] ressurgiu para cumprir um importante papel: abrir novos caminhos para a ação do homem sobre o mundo e provar ao próprio homem sua possível capacidade de autorrealização em grandeza, coragem e generosidade(COELHO, 1991:169).

Como exemplo, a autora cita *Os três mosqueteiros*, de Alexandre Dumas (1803-1870), escrita para um público adulto , mas também apreciada pelo público infantil.

Já *As aventuras de Oliver Twist* (1837), de Charles Dickens (1812-1870), *Os desastres de Sofia e toda a “biblioteca rosa”*, da Condessa de Ségur (1799-1874) e *Coração* (1886), de Edmundo de Amicis (1846-1908), por exemplo, fazem parte das narrativas do realismo humanitário, nas quais há a valorização da vida cotidiana, evitando-se os acontecimentos fantásticos. Essas narrativas são definidas por Coelho como aquelas que “mostram o lado sentimental e generoso do espírito romântico, que advoga a causa dos fracos ou perseguidos” (COELHO, 1991: 183).

Coelho considera que, embora o Romantismo e o Realismo apresentem propostas diferentes, suas obras apresentam a mesma base ideológica, ou seja:

A crença nos valores do Sistema Liberal que se consolidava e a certeza de que só as más tendências do homem (egoísmo, orgulho, preconceitos, ambição desmedida...) impediam o funcionamento ideal da Sociedade (COELHO, 1991:185).

Como consequência, as obras dessa época, muitas elaboradas para adultos, com repercussão na literatura infantil, apresentam um “humanismo generoso” como forma de compensar o desequilíbrio vigente. A literatura com base humanitária visa, portanto:

[...] fomentar a generosidade, a piedade, o afeto e o paternalismo em relação aos fracos e ou desvalidos. Por outro lado, incentiva a humildade, a obediência, a submissão à autoridade, a dedicação ao trabalho, o espírito de sacrifício, o ideal da vida modesta e virtuosa (COELHO, 1991:185).

Tais aspectos podem ser verificados com bastante frequência em várias obras do século XX, tanto em Portugal quanto no Brasil, tanto nos textos publicados em livros quanto em periódicos, estando entre as várias tendências que compõem o que Coelho denomina a “tradição da literatura infantil”.

Como há uma ampla produção, citamos apenas algumas obras mais significativas que se tornaram clássicos infantis da literatura universal, cujos enredos e temáticas ainda influenciariam a literatura infantil de outras épocas.

A seguir, traçaremos um panorama da literatura infantil em Portugal e no Brasil, a partir do século XIX, com ênfase nos anos de 1930.

2.2.3 A literatura infantil em Portugal

Segundo Natércia Rocha, o século XIX apresenta uma ampla produção de livros para crianças, principalmente a partir de sua segunda metade, podendo datar daí o início da literatura infantil no país(ROCHA, 1984)

Em posição contrária, Lúcia Pimentel Góes, defende que nessa época não havia ainda em Portugal uma literatura produzida especificamente para as crianças, como já ocorria em outros países europeus, mas somente uma preocupação em selecionar materiais destinados à sua leitura (GÓES, 1998):

Nesses primórdios, não se cogitava ainda em criar algo específico para a infância, mas sim recolher textos acessíveis ou adequados que levassem a criança, desde os primeiros anos, a se preparar para realizar o ideal de homem que a sociedade consagrara(GÓES, 1998:33)

Tendo em vista nossas pesquisas, concordamos com as considerações de Lúcia Góes, uma vez que a maior parte das produções para crianças em Portugal, durante o século XIX, são traduções e adaptações.

Ressalta-se que o Romantismo, estética de concepção burguesa muito importante para a formação de novos leitores, iniciada ao final do século XVIII, demorou para se estabelecer no país.

Esse atraso deve-se a questões históricas importantes. Vale destacar que, desde 1808, com a vinda da Família Real para o Brasil, Portugal esteve sob diferentes comandos, primeiramente sob o domínio francês até 1817 e, em seguida, sob o governo do general inglês Beresford até 1820, o que configurou uma grave crise política, econômica e cultural.

Mesmo a retomada do poder português não foi pacífica, já que o país tornou-se palco de uma acirrada disputa entre os irmãos D. Miguel e D. Pedro IV(D. Pedro I no Brasil). Somente em 1834, o primeiro imperador brasileiro se tornou vitorioso, indicando sua filha Maria para assumir o trono português.

No entanto, apenas em 1847, início do período denominado de Regeneração, é que se estabeleceu uma certa ordem política, propiciando “ o florescimento do romantismo em Portugal, e, conseqüentemente, uma maior produção editorial voltada para os interesses burgueses.

Esse contexto tardio não foi capaz de propiciar produções originais para as crianças, mas foi capaz de ampliar as traduções, principalmente de autores franceses, como o *Tesouro das meninas*, de Mme. Le Prince de Beaumont e *As aventuras de Telêmeço*, de Fénelon, já citados. Tais obras continuaram alimentando as diversas coleções destinadas ao público infantil durante o século XIX.

Surgem, nessa época, as primeiras traduções dos contos de Perrault no livro *Contos de fadas e lobisomens* (data não citada por Natércia Rocha), integrante de uma coleção intitulada *Livraria do povo*, o que demonstra, segundo Rocha, a intenção de se atingir não somente as crianças mas também o grande contingente da população portuguesa, basicamente inculta.

Já as primeiras traduções dos Contos de Andersen datam de 1879 e dos irmãos Grimm, de 1883 (GÓES, 1998:32)

Data desse período também um grande interesse pela recolha de narrativas da tradição oral e popular. Segundo Coelho (1991), destacam-se, nesse sentido: O *Romanceiro* (1843-1851), de Almeida Garret; *Lendas e Narrativas* (1851), de Alexandre Herculano; *Contos populares portugueses*(1879), de Adolfo Coelho; e *Contos tradicionais do povo português*(1883), de Teófilo Braga.

Ainda segundo Coelho, João de Deus, poeta inicialmente romântico e autor da *Cartilha Maternal* (1876), já citado anteriormente por suas preocupações pedagógicas, foi o primeiro a escrever textos especialmente dedicados às crianças. Em seu livro *Campos de Flores*, de 1893, há uma parte especialmente destinada a elas, na qual podem ser encontradas fábulas e textos de educação religiosa e moral, entre outros (COELHO, 1991: 194-5).

Segundo Rocha, a poesia de João de Deus provavelmente tenha sido a que mais tocou as crianças daquela época, porque a “ fluidez do estilo, o pictórico da imagética e a simplicidade dos temas aproximavam do poeta os simples e os jovens.”(ROCHA,1984: 53).

Seguindo esse novo interesse pela leitura das crianças, destacam-se algumas obras dos escritores da geração realista de 1870, como: *Contos para infância*(1877), de Guerra Junqueiro ; *História de Jesus- para as crianças lerem*(1883), de Gomes Leal ; e *Tesouro poético da infância*(1883), uma recolha de Antero de Quental.

Segundo Natércia Rocha, ao final do século XIX, surgiram em Portugal

muitos jornais para as crianças, como: *Jornal de infância*⁶⁸ (1883), no qual podiam ser encontrados poemas de João de Deus; o jornal *Gaivota*; *O jornal das crianças*; e o suplemento *Zumbido* (todos sem as datas).

Como significativa contribuição para reflexões sobre a literatura infantil, tanto Coelho (1991:196-8) quanto Góes (1998:38) citam o texto “Literatura de natal”, de Eça de Queirós, publicado no jornal *Gazeta de Notícias* (1880 e 1882) do Rio de Janeiro e lançado na coletânea *Cartas de Inglaterra*⁶⁹, em 1905, cujo teor vale a pena ser mencionado.

Nesse texto, Eça de Queirós critica o fato de que, quanto à literatura infantil, somente as caras e pomposas publicações francesas eram difundidas em Portugal, com suas “encadernações decorativas como fachadas de catedrais”, e tece vários elogios à literatura infantil da Inglaterra, à altura da literatura para adultos, com sua linguagem simples, pura e clara, composta de “gênios”:

Em Inglaterra existe uma verdadeira literatura para crianças, que tem os seus clássicos e os seus inovadores, um movimento e um mercado, editores e gênios- em nada inferior à nossa literatura de homens sisudos. Aqui apenas o bebê começa a soletrar, possui logo os seus livrões especiais [...](QUEIRÓS, 2007:33-34)

O escritor ainda explica que não sabe se no Brasil haveria esse tipo de literatura, mas afirma que em Portugal nunca ouvira falar. A França produzia uma literatura infantil tão boa quanto a inglesa, mas essa não era importada por Portugal, a quem só interessariam livros decorativos e, com sua costumeira ironia, completa: “livros para completar a mobília, sim; para educar o espírito, não” (QUEIRÓS, 2007:35).

Eça de Queirós cita outros países como Bélgica, Holanda, Alemanha, os quais também valorizavam os livros para as crianças e se questiona:

Eu às vezes pergunto a mim mesmo o que é que em Portugal leem as pobres crianças. Creio que se lhes dá Filinto Elísio, Garção, ou outro qualquer desses mazorros sensaborões, quando os infelizes mostram inclinação pela leitura (QUEIRÓS, 2007:35)

⁶⁸ “Semanário ilustrado, instrutivo, recreativo e moral”. Ilustrado por Rafael Bordalo Pinheiro. Fonte: Biblioteca Nacional. <http://catalogo.bnportugal.pt/>. Acessado em JUL 2009.

⁶⁹ Várias crônicas que constituem as *Cartas da Inglaterra* já eram enviadas desde 1877 ao Diário de Notícias, em Lisboa, segundo nota da edição portuguesa consultada.

Ele ainda propõe que uma literatura nos moldes ingleses, franceses e holandeses, entre outros, também fosse produzida em Portugal, “pois bem: eu tenho certeza de que tal literatura infantil penetraria facilmente nos nossos costumes domésticos”, mas considera que , novamente em tom irônico, o romantismo português teria inventado coisas mais “nobres” e “Educar os seus filhos inteligentemente está decerto abaixo da sua dignidade”(QUEIRÓS, 2007:36).

Ao final, considerando a impossibilidade de isso acontecer em Portugal, o autor português demonstra o desejo de que sua ideia reverberasse no Brasil, como uma louvável contribuição ao Império e , bem humorado, sugere uma recompensa:

Mas enfim, se estas linhas animassem aí no Brasil, ou entre a colônia portuguesa, um escritor, um desenhista e um editor a prepararem alguns bons livros, bem engraçados, bem alegres, para os bebês- eu teria feito ao Império um serviço colossal, que não sei como me poderia ser recompensado. Uma boa fazenda, de rendimento certo, numa província rica, com casa mobiliada (...)E se me não quisessem dar nada, bastar-me-ia então que um só bebê se risse e fosse alguns minutos feliz. Pensando bem: é esta recompensa que prefiro (QUEIRÓS, 2007:36-7).

Não temos registros da recepção desse texto de Eça de Queirós nos meios intelectuais brasileiros e portugueses, contudo sua opinião sobre a literatura infantil é bastante relevante e significativa, e não passou despercebida, conforme podemos inferir pelas publicações posteriores de Antero de Quental , Gomes Leal, ou mesmo do *Jornal da Infância*.

Independentemente de sua qualidade ou originalidade, ampla foi a produção de livros para as crianças na época, como se pode observar pela publicação de diversas coletâneas de textos traduzidos ou de produção nacional, como a *Biblioteca rosa ilustrada* (1872-1922), *Biblioteca Ilustrada de instrução e recreio* (1873-1883), *Para as crianças* (1897-1921) , entre outras. Nessas coleções são predominantes os contos tradicionais, as fábulas, histórias “declaradamente moralizantes e casos exemplares de virtudes morais e patrióticas” que, apesar de se destinarem claramente às crianças, ainda apresentavam estruturas complexas e linguagem rebuscada, de difícil entendimento (ROCHA, 1984:45).

Segundo Coelho (1991), essas coleções apresentavam “livros de recreio e livros de instrução”, cujos responsáveis, verdadeiros pioneiros, seriam “intelectuais que se destacaram no campo educacional, através do magistério ou de estudos

feitos na área”. Ela cita, entre outros, Adolfo Coelho, Maria Rita Chiappe Cadet, Maria Amélia Vaz de Carvalho, Manoel Pinheiro Chagas, Virgínia de Castro e Almeida, citada no primeiro capítulo e Ana de Castro Osório(COELHO, 1991:196).

Essas duas últimas autoras prosseguiram com suas produções ao longo do século XX e são importantes, segundo Rocha, devido a suas contribuições para a melhoria, tanto qualitativa quanto quantitativa, da produção editorial para as crianças. Alguns de seus textos podem ser encontrados no jornal *O senhor doutor*.

Ana de Castro Osório (1872-1935), também conhecida como defensora dos ideais republicanos e dos direitos femininos, é considerada por muitos como a pioneira da literatura infantil em Portugal. Como editora, foi responsável, por exemplo, pela já citada coleção *Para as crianças*, que apresentava traduções de contos de Hans Christian Andersen e dos Irmãos Grimm, adaptações e recolhas de contos populares e algumas obras de sua autoria, como *Alma infantil*(1899), *Minha pátria*(1906), *A boa mãe*(1908) , entre outras. Em 1922, a autora ainda lançaria *Viagens aventurosas de Felício e Felizarda ao Polo Norte*. Vale ressaltar que várias de suas obras também foram muito lidas no Brasil.⁷⁰

Segundo Rocha, o trabalho de Ana de Castro Osório impulsionou o desenvolvimento da literatura infantil em Portugal, seguindo o teor pedagógico de sua época, mas incluindo o fator lúdico:

(ela) incentivou o desenvolvimento da produção nacional , dando-lhe uma marca de qualidade como garantia para pais e educadores. Impregnada pelos conceitos da época quanto à adequação dos livros aos interesses e necessidades das crianças(...) nos vários livros de leitura para o Ensino Primário introduziu preocupações com o fator lúdico, com a qualidade literária do texto, com a alegria e o divertimento (ROCHA, 1984:57)

Lúcia Góes não é tão efusiva quanto Natércia Rocha, mas também considera Ana de Castro Osório iniciadora da literatura infantil em Portugal, devido, principalmente, à sua atuação na Educação. Para Góes, a par dos contos moralizantes da autora, sua grande contribuição estaria na redescoberta do acervo popular de contos maravilhosos e de contos exemplares (GÓES, 1998:56).

Já Virgínia Lopes de Mendonça (1881-1969), filha do dramaturgo Henrique

⁷⁰ A autora tentou estabelecer relações comerciais com Monteiro Lobato, para a publicação de obras portuguesas no Brasil, mas não houve qualquer parceria

Lopes de Mendonça, viria a se destacar na literatura somente nos anos 30 , principalmente pelas contribuições para os jornais e por sua parceria com Laura Chaves(1888-1966), na peça *Maria Migalha* de 1937. Seu primeiro romance juvenil, “Ar puro”, data de 1945.

Laura Chaves, por sua vez, que não é citada por Natércia Rocha, nem por Lúcia Góes, foi uma compositora, escultora , dramaturga e poetisa famosa em sua época. Colaborou para periódicos como o *Almanaque das Senhoras* e o *Jornal da Mulher*, os suplementos infantis de *O século* e do *Diário de Notícias* e, com grande frequência, para o jornal *O senhor doutor*, com a publicação de poemas, letras de músicas e partituras.

Vimos no capítulo anterior que as primeiras décadas do século XX foram marcadas pelos ideais republicanos, com propostas de modernização do país, as quais previam, entre outros fatores, a diminuição do analfabetismo. Assim, a Constituição portuguesa de 1911 trouxe transformações significativas para a Educação, o que também proporcionou a expansão do setor editorial e mais publicações para as crianças.

Segundo Rocha, além das reedições das obras dos irmãos Grimm, Perrault, Andersen e Condessa de Ségur, nas duas primeiras décadas do século XX, havia também uma forte presença de autores portugueses que contribuíram para o desenvolvimento da literatura infantil por meio de textos e ilustrações cada vez mais apurados(ROCHA,1984 :60).

Entre esses vários autores e obras, segundo Góes, destacam-se nos anos de 1910, por exemplo: *Animais nossos amigos*(1911), de Afonso Lopes Vieira(1878-1946); *Contos infantis*(1912), de Álvaro de Magalhães⁷¹(?); *O barco voador*(1912), primeiro livro de Antônio Botto (1897-1959); *O reino do sol*(1913), de Emília Sousa Costa (1877-1959), sendo que alguns de seus contos também aparecem no jornal *O senhor doutor*, *A história de Jesus contada às crianças*(1913), de Maria Paula de Azevedo⁷²(?).

Para Rocha, na maioria dessas obras, o tom é didático-moralista e a abordagem é bastante tradicional. Ela ainda cita outros autores, cujas obras originais já estavam quase todas perdidas ou em estado de destruição em 1984, como Raquel Roque Garneiro, Francisco Valença, (Alonso) Santos e Silva, entre outros

⁷¹ Não obtivemos maiores informações sobre esse autor.

⁷² idem

(ROCHA, 1984:64).

Quanto aos periódicos, entre 1900 e 1911 surgem vários importantes jornais para as crianças: *Notícias Miudinho*; *Pim-Pam-Pum*; *Correio dos Pequeninos*; *O Gafanhoto*, dirigido por Henrique Lopes de Mendonça e Tomaz Bordalho Pinheiro; *O Jornal dos Pequeninos*, dirigido por Ana de Castro Osório; e *Revista Infantil*, dirigida por J. Fontana da Silveira (ROCHA, 1984:60).

Nos anos de 1920, destaca-se ainda o lançamento do jornal *ABCzinho* (1921-1925 e 1926-1932), sob direção de Manuel Oliveira Ramos e Cottineli Telmo.⁷³ Entre os livros, essa segunda década também se mostrou bastante significativa com o surgimento de obras como *O romance da raposa* (1924), de Aquilino Ribeiro; *Mariazinha em África* (1925), de Fernanda de Castro (1900-1994); *Bonecos falantes* (1925), de Carlos Selvagem (1890-1973); e *Portugal pequenino* (1929), de Raul Brandão (1867-1930).

Entre essas produções, Góes destaca o valor artístico de Aquilino Ribeiro, já famoso por suas obras para adultos, visto que “ao escrever para crianças, realmente, fez arte, mas não pequena, antes uma das mais importantes da literatura infantil portuguesa”⁷⁴ (GÓES, 1998:79).

Rocha também elogia o autor e considera *O romance da raposa* “uma das mais notáveis obras para crianças, escrita por autor português” (ROCHA, 1984:67).

A autora portuguesa ainda destaca a excelente qualidade do único livro para crianças publicado pelo poeta e jornalista Carlos Amaro de Miranda e Silva (1879-1946), *São João subiu ao trono*, de 1927, ilustrado por Sara Afonso.

Já os anos de 1930, período em que se inicia a ditadura salazarista em Portugal, não foram propícios para os livros infantis, sendo composto basicamente por reedições de obras anteriores.

Como vimos no primeiro capítulo, esse período foi contaminado por ideias reacionárias, que desprezavam a educação e, por consequência, entre outras medidas, provocaram a redução do período escolar para apenas três anos, diminuindo, portanto, as oportunidades de contato das crianças com os livros. Como consequência, Natércia Rocha (1984) considera que houve também uma redução no consumo de livros para crianças, mas faltam dados numéricos para tal comprovação.

⁷³ Fonte : Biblioteca Nacional de Portugal. <http://catalogo.bnportugal.pt/>. 10 jul 2009.

⁷⁴ Em seu livro, Lúcia Góes faz uma breve análise dessa obra. Conf. GOES, 1998:72-83.

Vale acrescentar que, durante o regime repressor, passaram a ser editadas e difundidas obras que tinham como principal objetivo enaltecer o regime e propagar seus ideais, “dando-o como único detentor das virtudes da raça e continuador das glórias passadas”. Além disso, todas as produções culturais deveriam passar pela aprovação da censura, tornando-se muito difícil fugir desse padrão pré-estabelecido. Como consequência, boa parte das obras desse período apresentavam....

(um) caráter histórico e apologético, o reforço das tendências moralizantes em detrimento do lúdico e principalmente o retraimento do original perante as adaptações e versões, tanto de contos tradicionais como de extratos de obras consideradas como satisfazendo os objetivos do momento político(ROCHA, 1984:73).

Dessa forma, segundo Lúcia Góes (1998), predominaram, nos anos de 1930, obras essencialmente tradicionais, que reforçavam valores ultrapassados, com raras exceções, como, por exemplo, *Meu Portugal, meu gigante* (1931) , e outras obras de Adolfo Simões Müller (1909-1989); bem como *O canto da mocidade* (1938), de Odette de Saint- Maurice(1918-1993). Além desses autores, Lúcia Góes destaca, em seu livro, alguns poemas de Fernando Pessoa , apropriados para o público infantil, dispersos em *Quadras ao gosto popular*, em coletâneas como *Cancioneiro*, de 1933 ou em revistas, com destaque para os *Poemas para Lili*, escritos para sua sobrinha Manuela Nogueira, mas endereçados para sua boneca Lili (“Levava eu um jarrinho”, “Pia Pia Pia”, “Comboio descendente”) e “Poema Piai” e “Saudades”, do livro *Quadras a gosto popular*.

As crianças nesse período foram privadas do livro infantil, mas não de outras produções culturais destinadas a elas.

Há uma forte expansão do rádio e do cinema, atraindo a atenção de jovens e crianças, e , segundo Rocha, novas histórias e heróis passaram a dominar o imaginário infantil:

As primeiras paixões por vedetas da sétima arte fazem empalidecer o encanto das fadas e bruxas. O cinema é o grande álbum de histórias. Os seus heróis vão ocupar a imaginação das crianças com a força adicional da novidade (ROCHA, 1984:75).

Multiplicam-se as transmissões radiofônicas para as crianças e, mais significativamente para nosso trabalho, as publicações de jornais e páginas infantis,

sendo o período de 1930 a meados dos anos de 1940, considerado como o auge dessas publicações em Portugal.

Nesse contexto, destacam-se os jornais: *O senhor doutor* (1933-1943), do qual trataremos posteriormente, dirigido por Carlos Ribeiro; *O Papagaio* (1935-1949); além dos *Tic-Tac* (1931-1937), dirigido por Lopes Cardoso e Luís Ferreira; *O Mosquito* (1936-1953), direção Raul Correia e Lopes Cardoso; *O Diabrete* (1941-1951); e *Faísca* (1943-1944).

Adolfo Simões Muller e Odette de Saint-Maurice tiveram uma participação efetiva nesse processo. O primeiro, poeta e jornalista, foi um dos grandes incentivadores da produção para crianças. Além da publicação de diversos títulos destinados a elas, foi responsável pela fundação do semanário infantil *O Papagaio* e em 1941 passou a dirigir *O Diabrete*.

Segundo Lúcia Góes (1998), muitas das obras do autor foram traduzidas para várias línguas, tantas outras foram radiofonizadas. O escritor recebeu vários prêmios, como o *Prêmio Calouste Gulbenkian de Literatura para crianças*, 1982, pelo conjunto de sua obra, e completa:

Em seus livros para crianças, mescla-se sempre o maravilhoso com a realidade e também a preocupação de ligar o presente ao passado. Inclusive grande dose de humor se mistura às narrativas (GÓES, 1998: 95).

Já a escritora Odette de Saint-Maurice foi uma das figuras portuguesas que mais se destacaram no movimento cultural após 1930. Iniciou a carreira publicando suas histórias em jornais e revistas destinadas ao público adulto e também colaborou intensamente para os jornais infantis *O Senhor Doutor*, *Tic-tac* e *O Papagaio*; colaborou, ainda, para os programas radiofônicos do próprio jornal *O Senhor Doutor*, na Rádio Clube Português e no *Tica-Tica*, na Rádio Graça.

Até os anos 1970, a produção da autora foi bastante intensa, abarcando livros, jornais, revistas, rádio, teatro e discos. Segundo Góes:

A obra multiforme e extensa, construída por Odette de Saint-Maurice ficará sem dúvida entre as que representam documentos expressivos da lenta e difícil evolução da produção literária para crianças (GÓES, 1998:116).

Um escritor que merece destaque nessa época, e cujos contos foram publicados no jornal *O Senhor Doutor*, é José Gomes Ferreira (1900-1985). Conhecido como poeta e ficcionista para adultos, sob o pseudônimo de *Avô do cachimbo*, escreveu diversos episódios sobre o aventureiro João Sem Medo, entre 18 de março a 27 de setembro de 1933, que dariam origem ao livro *Aventuras maravilhosas de João Sem Medo* em 1963. Mais tarde, em 1974, o livro passou a se chamar simplesmente *Aventuras de João Sem Medo*. Apesar de ser a única obra do autor destinada às crianças, tornou-se um verdadeiro clássico, sendo até hoje publicada e revisitada, em forma de blogs, quadrinhos, vídeos e teatro⁷⁵.

Conforme pudemos observar em nossa dissertação de mestrado, José Gomes Ferreira tinha...

ímpetus românticos e cívicos, voltado para a causa social dos tempos do Salazarismo e do pós-25 de Abril, com um vibrante amor pela natureza humana e seus conflitos, mas com um igual empenho na palavra poética e no sentido da sua fragmentação expressiva(MENNA, 2003:6)

Curiosamente, participou do governo de Salazar, na função de cônsul de 1925 a 1930, governo o qual passou a criticar constantemente.

Essa obra conseguiu burlar significativamente o regime repressor, tanto nos episódios do jornal, de forma mais velada, quanto em livro, forma mais direta e incisiva e, mesmo assim, não foi censurada, apesar de todas as obras terem o visto do censor, desde 1933.

Ressalta-se, também, que José Gomes Ferreira foi um grande apreciador e conhecedor dos contos populares, inclusive efetuou uma recolha de contos tradicionais portugueses, juntamente com Carlos de Oliveira, em 1957 e 1958.

A partir dos anos de 1940, os *comics*, material importado da *Kings Features*, passaram a dominar o mercado dos periódicos infantis em Portugal, muitos em versão brasileira. Foi o início da “americanização da imprensa infanto-juvenil”, segundo Natércia Rocha. Os vários jornais publicados até então começaram a perder a força, sendo substituídos por revistas somente com bandas-desenhadas, como já vimos, nome dado às HQ em Portugal.

⁷⁵ Em março de 2012, o espetáculo *Aventuras de João Sem Medo* foi encenado por João Mota, Alexandre Lopes, entre outros, no Teatro Nacional Maria II, em Lisboa. Notícia disponível em <http://criacria.com/2012/03/05/as-aventuras-de-joao-sem-medo-de-jose-gomes-ferreira-encenado-por-joao-mota/>. Acessado em 10 MAI 2012.

Além disso, segundo Rocha, começaram a surgir coleções de livros em pequenos formatos, de baixo custo, com textos e ilustrações empobrecidos.

A literatura infantil portuguesa seguiria seu lento caminho durante as próximas décadas, com produções de alta qualidade, mas ainda cerceadas pela censura. Como contribuições significativas, podemos citar as obras de Sidônio Muralha (1920-1982) e Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004), por exemplo.

A grande mudança no painel cultural português ocorreria na década de 1970, principalmente a partir de 1974, com o fim do regime ditatorial. Importantes autores iriam se incorporar à literatura infantil, com destaque para Antônio Torrado (1939) e José Jorge Letria (1951), entre tantos outros, com um sensível crescimento da produção de livros para as crianças. Em sentido contrário, os jornais ou suplementos infantis tornar-se-iam cada vez mais raros.

2.2.4 A literatura infantil no Brasil

Ao final do século XIX, o Brasil já tinha uma sociedade leitora entre os privilegiados, já acostumados aos jornais e livros; e um sistema literário consolidado, com representantes importantes como Olavo Bilac e Machado de Assis, por exemplo. Quanto à literatura infantil brasileira, ainda estaria dando seus primeiros passos.

Vimos no capítulo anterior como a transição do Império para a República trouxe consigo um “entusiasmo” pela educação, que se transformaria nos anos 20 e 30 em um verdadeiro “otimismo”, sendo que muitas das metas e reivindicações referentes à educação no período da Primeira República apenas se consolidariam após a Revolução de 30.

Como já havia ocorrido da Europa, a educação passa a ser vista como componente básico do processo civilizatório das sociedades modernas. A instrução e a escola passam a ser valorizadas e educar a infância no Brasil. A República passou a ser uma prioridade, pelo menos nas intenções. A modernização da sociedade brasileira, paradoxalmente de origens escravocrata e latifundiária, constituiu-se em um processo lento, desigual e cheio de mazelas, com reflexos observados até nossa atualidade. Segundo Lajolo & Zilberman:

(A modernização brasileira), imposta de cima para baixo, não levou em conta as peculiaridades de uma sociedade que queria abafar, num projeto de renovação aparente, a realidade social de um país que recentemente abolira a escravidão e cuja economia não apenas se fundava na estrutura arcaica do latifúndio, da monocultura e da exportação de matérias-primas, como não tinha o menor interesse em modificar essa situação (LAJOLO & ZILBERMAN, 2007 :25)

A leitura, como já visto, foi eleita como responsável por formar cidadãos aptos para a nova sociedade que se delineava, ou que se almejava. Entretanto, havia grande carência de materiais de leitura destinados às crianças, o que comprometia o projeto de modernização, fato gerador de um apelo nacional entre diversos intelectuais, como Sílvio Romero e José Veríssimo, por exemplo, que clamavam por uma literatura para a infância brasileira. Os poucos textos que circulavam eram traduções ou adaptações editadas em Portugal, de difícil compreensão para as crianças brasileiras.

Assim, segundo as autoras, escrever para as crianças passou a ser uma “tarefa patriótica”, com recompensa financeira. Os escritores bem relacionados com os órgãos governamentais teriam seus livros adotados pelas escolas e uma venda garantida.

Nesses primórdios, merecem destaque as traduções e adaptações de Carlos Jansen para a Editora Laemmert, como *Contos seletos das mil e uma noites* (1882), *Robinson Crusoe*(1882), *Viagens de Gulliver*(1888), entre outros.; e as adaptações dos clássicos dos irmãos Grimm, Perrault e Andersen, publicados nos *Contos da Carochinha*(1894), *Histórias da avozinha*(1896) e *Histórias da baratinha*(1896), assinados por Figueiredo Pimentel e publicadas pela livraria Quaresma, assim como a *Biblioteca Infantil*, de 1915, publicada pela editora Melhoramentos, sob a direção do educador Arnaldo de Oliveira Barreto, o que confirma as relações entre literatura infantil e escola desde seus primórdios (LAJOLO & ZILBERMAN, 2007:27-29)

Ainda no âmbito das traduções, mas fora do universo dos contos maravilhosos, destaca-se a tradução de *Cuore* (Coração), de Edmond Amicis, feita por João Ribeiro em 1891.

Quanto aos periódicos, como já mencionamos, Leonardo Arroyo (2010) dedica, em seu livro, um capítulo significativo denominado “A imprensa escolar e infantil”, no qual lista várias produções do século XIX nos diferentes estados

brasileiros.

Cronologicamente, segundo Arroyo, o primeiro registro de jornal para crianças data de 1811, na Bahia, com o jornal *O adolescente*. No entanto, o autor não teve acesso ao material e inferiu seu público-alvo pelo título.

Arroyo ainda cita *O Recompilador ou Livraria dos Meninos* (Salvador, 1837), *O Mentor da Infância* (Salvador, 1846), *O Juvenil* (Rio de Janeiro, 1835), *A Saudade* (Pernambuco, 1850) e vários jornais da cidade de São Paulo, como *Kaleidoscópio* (1860), *Ensaio Juvenil* (1864), *Imprensa Juvenil* (1870), *O Adolescente* (1887), além de muitos outros do interior do Estado de São Paulo, como, por exemplo, *O Colegial* (Piracicaba, 1880) e o *Escolar* (Santos, 1884).

Na sequência, o autor menciona as diferentes produções para crianças nos vários estados brasileiros, reforçando, com uma extensa lista de publicações, a relevância dos estudos desses periódicos, porém aponta, já nos idos de 1967, primeira edição de sua obra, que havia a impossibilidade de um levantamento rigoroso de todas as publicações para as crianças, uma vez que vários jornais já não mais existiam naquela época.

Vale destacar que muitos desses jornais eram editados nas escolas, primárias e secundárias, com produções dos próprios alunos, leitores e aprendizes de escritor.

Todavia, segundo Arroyo, a preocupação com a imprensa escolar e infantil era grande na segunda metade do século XIX e não se atinha apenas às escolas e colégios:

O jornal preenchia, sem dúvida, o lugar do livro, então mais difícil e que pouca atenção ainda merecia dos livreiros e editores brasileiros. É possível, também, que os jornais ficassem mais baratos e atendessem melhor ao complexo criador dos meninos, já ensaiando diversificada reação à literatura infantil que nos vinha de Portugal [...] (ARROYO, 2010:210)

Em julho de 2009, a partir de pesquisas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, encontramos ainda os seguintes jornais: *O infantil*⁷⁶ (1895), São Paulo; *Revista juvenil* (1876), Maranhão; *O juvenil* (1892) Rio de Janeiro; *Echo Infantil* (1894), *Gazetinha* (1882), *Tico-tico*⁷⁷ (1882), *A luz* (1884), *O Guarany* (1900), no

⁷⁶ Órgão dos alunos do Colégio Camargo.

⁷⁷ Órgão literário e noticioso dos alunos do Colégio São Sebastião.

setor de obras raras.⁷⁸

Os jornais a que tivemos acesso têm de duas a quatro páginas de 16 por 23 cm, sem ilustrações, produzidos por órgãos escolares, com textos dos próprios alunos, como contos, poemas e artigos, bastante diferentes do que hoje consideramos textos apropriados para crianças. A partir da concepção de infância da época, meninos de cerca de doze anos eram vistos como adultos em miniatura e assim se comportavam, conforme pudemos inferir a partir da leitura desses jornais.

Conforme Arroyo, os vários jornais por ele citados, com base em pesquisas próprias e nos trabalhos de Afonso de Freitas⁷⁹ e de Lafayette de Toledo⁸⁰, apresentavam muita moral, muita religião e poesia, além de uma forte preocupação cívica:

A expressão literária dos meninos dos fins do século XIX era bitolada, condicionada, por acentuada educação cívica e moral, em cujo lastro, por exemplo, o temário folclórico raramente se encontrava (ARROYO, 2010:190).

Um exemplo dado é o jornal *A Seta*⁸¹ (1895), um manuscrito publicado em São Paulo, que pretendia cultuar a memória do Marechal Floriano Peixoto, sob a direção de A. M Vasconcelos (Anexo A).

Arroyo ainda dá destaque para a *Revista do Jardim da Infância* (1896), publicada pela Escola Normal em São Paulo, dirigida por Gabriel Prestes, sendo que entre os colaboradores estava a escritora Zalina Rolim. Segundo o autor, a revista apresentava textos de interesse dos professores, como horários e relatórios do jardim da infância, além de poemas, contos, lições de desenhos, jogos, brinquedos e cantos para as crianças.

Em 1898, surgiu a primeira publicação destinada às meninas e a única do século XIX - a revista literária e educativa, também paulistana - , *Álbum das meninas*, dirigida por Anália Emília Franco, e distribuída gratuitamente.

No início do século XX, ainda em São Paulo, Arroyo cita vários periódicos, como: *A Juriti* (1904), somente para meninas; *O Pequeno Polegar* (1904), "revista bimestral ilustrada para meninos"; *A Mocidade* (1905); *O Cri-cri*(1907-1909); *O grilo*(

⁷⁸ Devido à fragilidade dessas obras, não foi permitido que as reproduzíssemos.

⁷⁹ FREITAS, A. A imprensa paulistana. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, SP, v. XIX, [s.d].

⁸⁰ TOLEDO, L. Imprensa paulista (memória histórica). Revista do Instituto Histórico Geográfico de São Paulo, São Paulo, v. III, [s.d]

⁸¹ O jornal digitalizado em 2010, encontra-se disponível em: <http://www.bn.br/portal/>

1907), editado e dirigido por João Monteiro Júnior, cujo lema era “leitura inocente para crianças de 6 a 60 anos”; *O pica-pau*(1908); *O Jornal das crianças* (1913), no qual colaboraram professores normalistas como Arnaldo Barreto, José Escobar, por exemplo; entre outros de uma longa lista de periódicos (ARROYO, 2010:194-197).

Arroyo complementa seus exemplos com algumas publicações do Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Rio Grande do Sul, Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

O autor considera que a imprensa escolar (e infantil) foi riquíssima em São Paulo, Pernambuco e Bahia, o que não ocorreu no Rio de Janeiro, e cita poucos jornais produzidos por órgãos escolares nesse estado, como: *O Tebyriça* (1861), dos estudantes do Liceu dos religiosos do Carmo; *Revista colegial* (1876), do Colégio Meneses Vieira; *A aplicação* (1889), dos alunos do Colégio do Mosteiro de São Bento; entre outros. Curiosamente, em 1887, os filhos menores da Princesa Isabel também tinham um jornalzinho, intitulado *Correio Imperial*.

Por outro lado, foi no Rio de Janeiro que surgiu a revista *O Tico-Tico* em 11 de outubro de 1905 (Anexo B), a qual seria publicada até 1962, tornando-se leitura constante das crianças brasileiras, produção da qual trataremos posteriormente.

Quanto aos livros, as obras e autores relevantes desse período, entre séculos até 1920, em ordem de publicação, são *Contos infantis* (1886), de Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira; *Livro das crianças*(1897), de Zalina Rolim; *O livro da infância* (1899), de Francisca Júlia; *Contos pátrios*(1904), de Olavo Bilac e Coelho Neto, *Histórias da nossa terra*(1907), de Júlia Lopes de Almeida; *Através do Brasil*(1910), de Olavo Bilac e Manuel Bonfim, e *Saudade*(1919), de Tales de Andrade.

Um dos *Contos Pátrios* (BILAC & NETTO, 1931⁸²), “Quem tudo quer, tudo perde”, assinado por Coelho Netto, já aparece na primeira edição de *O Tico-Tico*. Poemas de Olavo Bilac também são uma constante no periódico durante as duas primeiras décadas do século XX, Esse período, também conhecido como pré-lobatiano ou dos precursores da literatura infantil brasileira, foi marcado por obras que seguiam paradigmas tradicionais, também observados nos periódicos, em que se destacam a exemplaridade e a doutrinação, a saber:

⁸² Esses contos foram publicados originalmente em 1904.

[...] até o surgimento de Monteiro Lobato, os paradigmas vigentes eram o nacionalismo, o intelectualismo, o tradicionalismo cultural com seus modelos de cultura a serem imitados e o moralismo religioso, com as exigências de retidão de caráter, de honestidade, de solidariedade e de pureza de corpo e alma em conformidade com os preceitos cristãos (GREGORIN FILHO, 2009:28).

A partir de 1920, Monteiro Lobato, já conhecido por suas obras para os adultos, surge como o precursor de uma nova literatura infantil brasileira, com a publicação de *A menina do Narizinho Arrebitado*, um “livro de figuras”, em formato 30x20cm, ilustrado por Voltolino, e lançado por sua própria editora, Monteiro Lobato & Cia.

No texto “Linguagens na e da literatura infantil de Monteiro”, de 2008⁸³, Marisa Lajolo esclarece que vários episódios⁸⁴ da menina Lúcia foram lançados nas páginas da *Revista do Brasil* (Anexo C), entre janeiro e março de 1921, os quais mais tarde seriam incorporados à versão escolar.

Na apresentação dos episódios na revista, destinada ao público adulto, observa-se um interessante comentário sobre a maneira que a literatura infantil era vista até então , e como era vislumbrada, enaltecendo-se o trabalho de Monteiro Lobato, antigo proprietário dessa revista. Esse texto configura-se em um verdadeiro anúncio publicitário, tanto para o álbum anterior quanto para o futuro livro. Longo é o trecho, mas vale a citação:

A nossa literatura infantil tem sido, com poucas exceções, pobríssima de arte, e cheia de artifício,- fria, desengraçada, pretensiosa. Ler algumas páginas de certos “livros de leitura”, equivale, para rapazinhos espertos, a uma vacina preventiva contra os livros futuros. Esvai-se o desejo de procurar emoções em letra de forma; contrai-se o horror do impresso. Felizmente, esboça-se uma reação salutar. Puros homens de letras voltam-se para o gênero, tão nobre, por ventura mais nobre que qualquer outro. Entre esses figura Monteiro Lobato, que publicou em lindo álbum ilustrado o conto da “Menina do narizinho arrebitado”, e agora o vai ampliando em novos episódios, alguns dos quais se reproduzem aqui ⁸⁵(REVISTA DO BRASIL, 1921: 42)

Podemos observar que o otimismo pela educação, enfatizado nos anos de

⁸³ No livro LAJOLO & CECCATINI (org). *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil*. São Paulo: UNESP, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

⁸⁴ De janeiro a março, os episódios são: “O enterro da vespa”; “A pescaria de Emília”; “As formiguinhas”; “A colmeia” e “A rainha”.

⁸⁵ A ortografia do texto original foi atualizada.

1920, conforme visto no capítulo anterior, aliado a uma condição mais favorável de produção de livros, motivou também uma nova configuração para a literatura infantil, com novas produções para as crianças.

As preocupações do editor da *Revista do Brasil* e a forma como critica a literatura vigente remetem-nos ao texto de Eça de Queirós, escrito quase trinta anos antes, assim como às próprias reflexões de Lobato, enviadas ao amigo Godofredo Rangel em carta, em 1916, recolhida no livro *A barca de Gleyre*. Nessa época, Lobato, como pai e escritor, já se preocupava com o rumo da literatura infantil brasileira, vislumbrando a produção de um fabulário nacional, com animais brasileiros:

As fábulas em português que conheço, em geral, traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora-do-mato- espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim(sobre animais brasileiros) seriam um começo da literatura que nos falta. Como tenho um certo jeito pra impingir gato por lebre, isto é, habilidade por talento, ando com ideia de iniciar a coisa. É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos. Mais tarde só poderei dar-lhes o *Coração de Amicis*- um livro tendente a formar italianinhos. (LOBATO,2010 : 370)

Seguindo o trabalho que havia iniciado em 1920, Lobato publica , em 1921, *O Saci e Narizinho Arrebitado*- segundo livro de leitura para uso das escolas primárias, no formato 18x 13 cm, 180 páginas(até a página 66, o texto de *Narizinho Arrebitado* é igual ao álbum ilustrado que lhe deu origem)⁸⁶, com uma tiragem de 50500 cópias, um *record* para época, sendo adotado nas escolas públicas do Estado de São Paulo (COELHO, 1991:237).

O referido autor incorporou novas características à literatura infantil, explorando aspectos nunca antes vistos, como: o fato de apelar para teorias evolucionistas para explicar o destino da sociedade; onipresença da realidade brasileira; preocupação com problemas sociais; soluções idealistas e liberais para problemas sociais; relativismo de valores; questionamento do etnocentrismo e a religião como resultado da miséria e da ignorância, entre outros.

A partir de Monteiro Lobato, a literatura infantil brasileira assumiria novos

⁸⁶ Informação fornecida pela professora Márcia Razzini da Unicamp, em comunicação oral no Congresso da Abralic, em julho de 2011.

caminhos, não apenas por seu trabalho como autor, mas também como empresário e editor, fundando, além da Monteiro Lobato & Cia, a Companhia Editora Nacional e a Brasiliense.

O último lançamento de Lobato no Brasil foram *Os doze trabalhos de Hércules*, publicados sob a forma de episódios, em 1944, sendo que, a partir desse ano, o autor e editor começou a publicar na Argentina, onde viveu algum tempo.

Segundo Lajolo & Zilberman, pode-se estabelecer um limite cronológico entre 1920 e 1945, considerando o período como extremamente produtivo para a literatura infantil, com um aumento significativo das obras, edições e interesse das editoras, motivadas pelo sucesso de Lobato(LAJOLO & ZILBERMAN, 2007:44).

Esse período foi muito importante para a solidificação da literatura infantil brasileira, como um componente essencial da cultura brasileira:

Ao final desses 25 anos, a literatura para crianças oferece um largo espectro de autores envolvidos com ela e contempla os leitores formados pela assiduidade às obras a eles destinadas. Sendo, no início do período, uma produção rala e intermitente, vai se fortalecendo, até os anos de 40, quando o Modernismo encerrava seu ciclo, num acervo consistente, de recorrência contínua, integrado definitivamente ao conjunto da cultura brasileira (LAJOLO & ZILBERMAN, 2007:44-45)

No entanto, a proliferação de textos nos anos de 1920 ainda foi lenta. Além de Lobato, Tales de Andrade publicou na coleção *Encanto e Verdade*, pela editora Melhoramentos, e a Biblioteca Quaresma lançou *O reino das maravilhas*(1926), de Gondim da Fonseca.

A literatura brasileira, de forma geral, seguia os novos rumos do Modernismo, principalmente a partir da Semana de Arte Moderna de 1922, em um processo ao mesmo tempo de ruptura , apropriação e renovação da tradição literária europeia. Enquanto isso, a literatura para crianças caminhava a passos lentos.

Por outro lado, havia um clima de renovação educacional, como visto anteriormente, e tanto a leitura quanto o livro passaram a assumir um lugar de destaque na formação dos indivíduos. Isso ocorreu principalmente no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, cuja reforma da Instrução Pública, comandada por Fernando Azevedo, estabeleceu novas prescrições para o ensino da leitura escolar, o que promoveu, por consequência, um momento propício para a literatura infantil.

A professora Diana Gonçalves , em seu artigo “*Livros por toda parte: o ensino*

ativo e a racionalização da leitura nos anos 1920 e 1930 no Brasil”(1999)⁸⁷ discutiu amplamente o tema.

Segundo a autora, o livro passaria de simples depositário da cultura universal para se tornar uma fonte de experiência, dentro do que propunha a Escola Nova:

O universo da leitura e o da pesquisa empírica se associavam num jogo de complementação. Por isso, ler era tão ativo quanto realizar um experimento. O saber encontrado no livro não se oferecia mais à memorização: emulava a produção de novos saberes (VIDAL, 1999:339)

Além disso, algumas bibliotecas escolares passavam por reformas, sendo que os armários fechados iam se transformando em estantes abertas e as crianças poderiam fazer suas escolhas:

Liberdade de escolha, ambiente agradável, livros selecionados e a ao alcance das mãos, mesmo que pequeninas, traziam a leitura para o contato próximo do aluno. Em lugar de reverenciado, o livro deveria ser amado, conquistado pelo leitor, transformado em instrumento de seu deleite ou trabalho (VIDAL, 1999:345)

O que nos chamou mais a atenção no referido artigo foram as propostas de leitura e escrita desenvolvidas nos *Programas para os jardins de Infância e para escolas Primárias (1929)*⁸⁸, citados pela autora. Esses programas, assinados por Fernando Azevedo, Paulo Maranhão e Maria dos Reis Campos, entre outros, propunham mudanças bastante significativas para o ensino da leitura e escrita.

As professoras, por exemplo, eram orientadas a estimular em seus alunos o gosto e o hábito da leitura de forma agradável, com uma intensiva frequência às bibliotecas. Além disso, a leitura deveria ser exercitada em outros suportes além do livro:

Apesar das primeiras lições de leitura serem realizadas no quadro-negro, já se afirmava como importante o manuseio de livros pelas crianças pequenas. Qualificados como de texto fácil, mas contendo diversas palavras desconhecidas, os livros deveriam povoar o ambiente escolar, acreditando-se vantajoso que os alunos exercitassem a leitura em mais de um livro, além de em revistas e jornais, com o intuito de familiarizarem-se com diversos modos de expressão (VIDAL, 1999:348)

⁸⁷ In ABREU, Márcia. *Leitura, história e história da leitura*. 1999. P.335 a 355

⁸⁸ *Programas para os jardins de Infância e para escolas Primárias*. Prefeitura do distrito Federal. Rio de Janeiro: Off. Graphics do “Jornal do Brasil”, 1929.

Como podemos observar, a leitura de jornais e revistas era bem vinda, pelo menos nesse contexto, o que justifica, em boa parte, o sucesso dos periódicos nessa época, valorizados também pela educação formal.

Todavia, esse tipo de atitude pouco duraria, pois, como vimos anteriormente, a escola já havia optado pelo livro como suporte ideal para a educação formal, assim como a única forma de leitura legítima. As HQ, por exemplo, chegariam a ser consideradas uma péssima influência na formação das crianças.

Vidal termina seu artigo enfatizando que, para escola dessa época, era necessário que os leitores fossem capazes de decifrar a cultura urbana, do trabalho e social, tão em evidência, com destaque para diferentes mídias e diferentes práticas de leitura:

Constituir leitores era, assim, para a escola das décadas de 1920 e 1930, produzir decifradores de uma cultura urbana cada vez mais associada a signos escritos; de uma cultura do trabalho relacionada com informes e manuais e de uma cultura social caracterizada pela profusão de informações por jornais e rádios e pela explosão de imagens permitida pelo cinema (VIDAL, 1999:353)

Esse contexto foi bastante propício à afirmação da literatura infantil, tanto nos livros quanto nos periódicos.

Em 1931, após viver uma boa época nos Estados Unidos, Lobato publicou *Reinações de Narizinho*, texto remodelado a partir de *Narizinho Arrebitado*, de 1921, com o acréscimo de outras histórias, inclusive as publicadas na *Revista do Brasil*.

Surgiram nessa época outras obras também significativas, como: *Cazuza* (1938), de Viriato Correia (1884-1967) , autor que já vinha produzindo para crianças desde a primeira década do século XX ; e as diversas obras de Malba Tahan, pseudônimo de Júlio César de Melo e Souza (1895-1974), como *O homem que calculava*(provavelmente 1939).

Paralelamente aos esforços de uma reconstrução nacional, proposta pela Revolução de 1930, conforme tratado anteriormente, surgiram várias reivindicações sociais, expressas fortemente nos romances regionalistas, com destaque para as obras de Graciliano Ramos e José Lins do Rego.

Entre esses romancistas, encontram-se também produções para as crianças. Alguns recorreram ao folclore, como José Lins do Rego, com *Histórias da velha Totônia* (1936), Lúcio Cardoso, com *Histórias da Lagoa Grande* (1939), e

Graciliano Ramos, com *Alexandre e outros heróis*(1944), enquanto outros criaram suas próprias histórias, como Érico Veríssimo e Menotti del Picchia, *João Peralta e Pé-de-Moleque*, entre tantos outros(LAJOLO & ZILBERMAN,2007:45).

Coelho destaca que os anos de 1930 foram marcados pelo antagonismo entre o realismo e a fantasia. Em seu conjunto, as obras dessa época variavam entre *narrativas de pura fantasia*, como os contos maravilhosos, e outras com destaque para a *realidade cotidiana*. Havia ainda as que tratavam da *realidade histórica*, com destaque para a terra brasileira e seus homens célebres, além das que resgatavam as lendas folclóricas e sua *realidade mítica* e, finalmente, as que integravam o maravilhoso ao mundo real, um *realismo maravilhoso*, como fizera Monteiro Lobato. (COELHO,1991: 241)

Dessa época, há de se destacar o escritor Max Yantok, pseudônimo de Nicolau Cesarino (1879-1964), praticamente um desconhecido da literatura infantil, mais lembrado por sua atuação como desenhista e cartunista, mas com ampla produção nos anos 30 e 40, tanto em quadrinhos quanto em livros para as crianças.

Algumas de suas obras são citadas por Lajolo & Zilberman, como *Os sete serões de Nebayda* (1932), uma paródia inspirada nas *Mil e uma noites*, com reinos curiosos como Patacolândia, e personagens inusitados como o príncipe Kueka e o jardineiro Carruncho; e *O pequeno comandante* (1933), uma narrativa de aventuras dos moldes das epopeias clássicas(LAJOLO& ZILBERMAN, 2007 : 65-67)

Coelho (1995), em seu *Dicionário Crítico de Literatura Infantil*, ainda cita vários outros livros, com títulos que remetem a aventuras cômicas e picarescas: *Aventuras de Catrapuz e Raspassusto no Pólo Norte*, *Aventuras Maravilhosas de Juca Mutuca e Faniquito*, *O Lombrigoplano do professor Pipoca*⁸⁹, entre muitos outros (COELHO, 1995: 817).

Apesar dos livros de Max Yantok serem bastante raros, várias de suas HQ podem ser encontradas na revista *O Tico-tico*, com destaque para as aventuras de *Kaximbown e Pipoca*, personagens criados em 1911.

Entretanto, obras cheias de fantasia como essas passaram a ser vistas com muitas ressalvas. Nessa mesma época, devido aos interesses do Estado, em um regime ditatorial , e graças aos conflitos entre a educação leiga e religiosa, já abordados anteriormente, surge uma reação contrária à fantasia na literatura infantil,

⁸⁹ Há um exemplar de *Lombrigoplano do Professor Pipoca* na Biblioteca Monteiro Lobato, em São Paulo

por ser considerada prejudicial à formação das crianças, que deveriam ficar mais atentas à “ realidade” nacional.Segundo Coelho:

Tal reação antifantasia prossegue até os anos 40, provocando sérias polêmicas entre os diferentes grupos e incentivando a produção de uma literatura medíocre e “ exemplar”, destinada ao campo literário, então oferecido às tarefas escolares(COELHO, 1991:242).

Além disso, é importante ressaltar que a literatura não deveria estar somente a serviço da educação, mas também dos interesses políticos do Estado Novo, sob influência da Igreja e das Forças Armadas. Nesse sentido, Monteiro Lobato, por exemplo, foi perseguido pela ditadura getulista, sendo que seus livros, que tanto sucesso já faziam, foram apreendidos e queimados.

A intencionalidade pedagógica dos anos 20, um fator positivo em uma proporção adequada, radicalizou-se nos anos 30 e 40, transformando a literatura em apenas um meio educativo. Sobre esse assunto, Coelho alerta para o fato de que o exagero na intenção pedagógica compromete o valor estético da obra literária, o que pôde ser fortemente observado nesse período:

[...] além dos livros de Lobato e das obras clássicas traduzidas ou adaptadas, apenas alguns escritores, entre os que escreveram na época, atingiram a desejável literariedade. No geral, predomina o imediatismo das informações úteis e da formação cívica (COELHO, 1991:241)

Foi também nos anos de 1930 que se firmou o grande sucesso da revista *O Tico-Tico* como coadjuvante no processo de formação dos leitores. Além da revista semanal, havia também os *Almanaques O Tico-Tico, desde 1907*, editados próximos ao Natal, e a *Biblioteca Infantil O Tico-tico*, responsável pela publicação de várias obras.

Entretanto, nessa mesma década, surgiram fortes concorrentes. Em 1934, Adolfo Aizen fundou o *Suplemento Infantil* (posteriormente Juvenil) no jornal *A Nação*, no Rio de Janeiro. Esse suplemento foi um sucesso instantâneo e inaugurou uma nova fase na divulgação das HQ no Brasil, a partir do modelo norte-americano. No mesmo estilo, surgiu *O Globo Juvenil*, das Organizações Globo. Esse foi o início da decadência da revista *O Tico-Tico*, que sobrevivera, em uma situação instável, até o ano de 1962.

Surgiram, nessa época, também, vários suplementos infantis, como *A gazeta infantil* (São Paulo: 1929-1950) (Anexo D), *Suplemento Juvenil* (Rio de Janeiro, 1939) (Anexo E), *Correio Infantil* e revistas exclusivas de quadrinhos como a *Gibi* (Rio de Janeiro, 1939-1952) (Anexo F).

Conforme se pôde constatar por meio desta pesquisa, a partir de meados dos anos de 1940, a literatura infantil brasileira tomara outros rumos, marcados por uma crise aguda tanto na educação quanto na leitura.

Apesar de nosso *corpus* delimitar-se aos anos de 1930, apontaremos algumas breves considerações sobre a literatura infantil brasileira até os anos de 1970, época considerada como o “renascimento” do gênero. Esse avanço temporal justifica-se devido à influência dos periódicos nos novos rumos da literatura infantil, como veremos a seguir.

A literatura em quadrinhos, iniciada nos anos de 1930, de acordo com informações já apresentadas anteriormente, entraria em grande expansão nas décadas de 1940 e 1950, com modelos de uma cultura norte-americana, solidificada e em expansão, principalmente a partir da vitória dos Estados Unidos e demais países aliados na Segunda Grande Guerra Mundial.

A par dessas produções, surgiram algumas obras importantes, - como *Aventuras de Xisto*, de Lúcia Machado de Almeida, em 1957, que resgatam a fantasia até então condenada. No geral, o período foi composto por republicações de obras já consagradas.

Ressalta-se que a década de 1950 foi propícia para o teatro infantil, com o início do grupo *Tablado*, de Maria Clara Machado, em 1951, por exemplo. Deve-se considerar ainda que, com o advento da televisão, Tatiana Belinky realizou um memorável trabalho junto à TV-Tupi de São Paulo no período de 1951 a 1962; realizou obra também na TV Bandeirantes, com os espetáculos *Teatro da Juventude*, *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, *Lições de Coisas*, entre outros de 1967 a 1969. (COELHO, 1991:252-3).

Já a produção literária para crianças nos anos de 1960, época em que se iniciou a Ditadura Militar no Brasil, apareceu como uma preparação para “o grande surto criador que se deu nos anos 70.” (COELHO, 1991:254), com destaque para as obras da já citada Lúcia Machado de Almeida, além de Lucília J. de Almeida Prado, Maria Heloisa Penteado, Mara José Dupré e Odette de Barros Mott. Alguns escritores com experiência nas publicações para adultos, também publicam algumas

obras infantis, como Clarice Lispector, José Mauro de Vasconcelos, Maria Dinorah e Stella Carr.

Nos anos de 1970, além de obras que seguiam a tradição, sem grandes inovações, surgiu uma grande quantidade de escritores e escritoras com novas propostas para a literatura infantil:

[...] surgiram dezenas de escritores e escritoras, obedecendo a uma nova palavra de ordem: experimentalismo com a linguagem, com a estruturação narrativa e com o visualismo do texto; substituição da *literatura confiante/segura* por uma *literatura inquieta/questionadora*, que põe em causa as relações convencionais existentes entre a criança e o mundo em que ela vive, questionando também os valores sobre os quais nossa Sociedade está assentada (COELHO, 1991:259)

Nesse período, essa produção literária entrara em um processo de renovação e qualidade, fortalecendo-se enquanto arte e exigindo para si uma crítica literária específica.

São vários os escritores dessa época, entre os quais podemos citar como principais Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Bartolomeu campos Queirós, Edy Lima, Elias José, Ganynedes José, Giselda Laporta Nicolelis, João Carlos Marinho, Lygia Bojunga, entre tantos outros.

Vale dizer que essa produção dos anos de 1970, um verdadeiro *boom* da literatura infantil brasileira, foi alavancada pelo lançamento da revista *Recreio*, em 1969, ao custo de 1 cruzeiro.

A revista permaneceu até 1981 com a mesma concepção, de divertir e educar, conforme seu *slogan* já antecipava: "Leia e pinte, recorte e brinque". Em seu subtítulo ainda se lê: *A revista brinquedo Recreio escolar*.

Assim como ocorrera com a revista *O Tico-Tico*, a *Recreio* assumiu-se como um novo espaço de divulgação da literatura infantil. Nela se destacaram, entre tantos escritores, as já citadas Ana Maria Machado e Ruth Rocha, sendo que a obra desta última, o famoso *Marcelo, Marmelo, Martelo* (1976) foi publicada originalmente na revista nº 50 em 1970 (Anexo G).⁹⁰

A híbrida função, divertir e educar, assim como o baixo custo, acessível à

⁹⁰ A data de publicação não aparece na revista, mas como é o nº50, supomos que tenha sido publicado em 1970, antes da reforma ortográfica de 1971.

classe média, transformaram a revista em um sucesso de público em plena Ditadura Militar. Uma história diferente era publicada a cada semana, cercada de brincadeiras, jogos, adivinhações, músicas, quadrinhos, peças para montar cidades, circos, navios, entre outros.

Em 2000⁹¹, a publicação foi relançada e remodelada, diferindo muito da primeira versão. Essa nova versão apresenta curiosidades, passatempos, piadas, tiras cômicas, pequenas notícias, reportagens sobre temas variados (meio ambiente, alimentação, saúde, entre outros), entrevistas, dicas de filmes, teatro, leituras e *games*. Usualmente, é acompanhada por itens colecionáveis, como miniaturas de dinossauros.

Atualmente, a literatura infantil encontra-se bastante solidificada e diversificada, seguindo diversas tendências. Vários gêneros da literatura infantil podem ser encontrados nos livros, nas páginas da Internet ou em revistas exclusivas de HQ, sendo que no Brasil, há ainda o predomínio das publicações de Maurício de Souza. Nas revistas, jornais e suplementos infantis, esses gêneros são cada vez mais raros.

⁹¹ A versão atualizada da revista *Recreio* pode ser verificada no site <http://www.recreio.com.br/>. Acessado em 5 jul. 2012.

III-A LITERATURA INFANTIL ALÉM DO LIVRO

3.1-O jornal *O senhor doutor*

O jornal *O senhor doutor*⁹², com o subtítulo "um amigo que diverte, educa e instrui", foi um dos jornais infantis que marcaram a sua época. Era propriedade da Sociedade Editorial ABC, tendo iniciado suas publicações em 18 de Março de 1933, com término em 15 de Maio de 1944. O periódico era publicado semanalmente aos sábados, com 12 páginas, algumas em preto e branco, outras monocromáticas (azul, verde ou vermelho) e outras coloridas, a um preço de 1\$50 ou quinze tostões, o equivalente a uma "bica", isto é, uma xícara de café.

O seu diretor foi Carlos Filipe Correia da Silva Ribeiro (1894-1973), mais conhecido por Carlos Ribeiro, o qual, além de ilustrar várias histórias nesse veículo de comunicação, destacou-se também pela publicação de caricaturas em outros jornais, como o *Abczinho*, assim como por seu trabalho de cenógrafo para o cineasta português Antônio Lopes Ribeiro.

Quanto ao editor, Antônio de Oliveira, os mesmos prenomes de Salazar, não conseguimos obter informações, devido à grande quantidade de homônimos.

O material analisado compreende o ano de 1933, com ênfase nos dois primeiros meses de publicação, de 18/03/1933 a 06/05/1933.

Como vimos no primeiro capítulo, o início oficial do Estado Novo em Portugal (1933-1974) foi marcado por uma forte crise, tanto política quanto educacional. Contrariando a postura positiva, mesmo que pouco produtiva, da Primeira República, a política educativa do Estado Novo era de austeridade, com uma sensível redução dos gastos em educação.

Ao povo caberia somente a instrução básica, para que absorvesse com maior facilidade os ideais do regime e sua doutrina. Assim, o tempo de escolaridade obrigatória foi reduzido de 4 para 3 anos, além de terem sido extintas as classes de educação infantil do ensino oficial, entre 1930 e 1937. Enfim,, as crianças

⁹² O jornal faz parte do acervo da Biblioteca Nacional de Portugal e encontra-se disponível em microfilme. Todas as edições de 1933 foram por nós digitalizadas.

frequentavam a escola dos 7 aos 10 anos de idade, em média.

É importante considerar que esse descaso com a educação ocorria em um país agrário em que apenas 29,45 % das crianças frequentavam a escola em 1926 , sendo que mais de 70% estariam trabalhando com seus pais no campo ou vadiando nas cidades (CARVALHO, 2001:712). Como consequência, em 1930, o índice de analfabetos era de 67, 8%.

Como vimos anteriormente, os anos de 1930 não foram propícios para os livros infantis em Portugal, ocorrendo, basicamente, reedições de obras anteriores.

Além disso, a redução do tempo escolar trouxe graves consequências, segundo Natércia Rocha:

A redução do tempo de contato com a escola provocaria naturalmente uma diminuição grande das oportunidades para a possível habituação da criança ao livro, para treino de leitura seguida. Como amar o que não se chega a conhecer? (ROCHA, 1984:74)

A partir dos dados apresentados, pode-se supor que, com a redução do período escolar, a educação informal, nas ruas ou junto à família, ganharia mais espaço, e como consequência, os periódicos, os programas de rádio e o iniciante cinema a baixos custos, assumiram uma postura não somente de entretenimento mas também pedagógica.

É necessário considerar também que, seguindo os ideais do regime, em 1936, foi criada a “Obra das Mães para Educação Nacional”, com a qual se passou a estimular a ação educativa essencialmente familiar, sendo a mãe a educadora.

Desse modo, todas as formas de expressão eram controladas, livros didáticos, jornais, rádios, e mesmo os que sabiam ler deveriam receber materiais selecionados.

Vale lembrar, ainda, que Salazar desvalorizava a instrução e pregava uma seleção das leituras mais adequadas a seus objetivos , nas quais se destacasse a trilogia “Deus, Pátria e Família”. Além disso, o ditador recebeu o apoio de intelectuais da época que sustentaram suas ideologias, como o historiador Alfredo Pimenta, que defendia que o povo português não deveria aprender a ler ou escrever “ para tomar conhecimento das doutrinas corrosivas dos panfletários sem escrúpulos” (CARVALHO, 2001:727).

A partir de 1940, inclusive, o texto e as ilustrações do material didático destinado ao ensino primário ficariam a cargo de uma comissão de técnicos escolhidos pelo governo.

Como podemos verificar, o Estado Novo influenciou a formação escolar e cultural das crianças e jovens dessa época, aos quais eram oferecidas leituras que exaltassem os valores pátrios, a partir dos ideais nacionalistas e do Salazarismo, ou mesmo lhes eram negadas maiores oportunidades de aprendizado.

Ideologicamente, o jornal *O senhor doutor* constitui-se em um rico e contrastante exemplo, abarcando, por um lado, as ideologias salazaristas com relação à imagem que se queria ter da nação e à formação cívica, religiosa e moral das crianças, seus futuros cidadãos, assim como, por outro lado, constituiu-se em um espaço de experimentação e inovação literária, pedagógica, gráfica e lúdica.

Pelos níveis de analfabetismo e pela quantidade de crianças leitoras, presumimos que o público leitor de *O senhor doutor* era bastante reduzido, sendo constituído principalmente pelas crianças das classes privilegiadas. Entretanto, podemos supor que esse jornal poderia ser compartilhado com outras crianças, ou mesmo lido em voz alta para os iletrados.

Nas edições desse jornal publicavam-se semanalmente perfis de personalidades, relatos históricos e diferentes textos de divulgação científica. Além disso, estimulava-se um contato com a vida cotidiana e atividades práticas, com lançamento de miniaturas para serem montadas em papelão, como plataformas de aviões, navios, caminhões, bonecos, entre outros, assim como receitas de bordados, corte e costura, e culinária para as meninas, atividades para as quais havia uma página especial.

Essa página especial para as meninas não existia por acaso, já que a mulher era mal vista no mercado de trabalho e, enquanto núcleo familiar, deveria ficar em casa educando seus filhos. Assim, as meninas, futuras mães dessa sociedade, deveriam aprender boas maneiras e as conhecidas “prendas domésticas”.

Quanto aos gêneros comuns à Literatura Infantil, o jornal apresentava contos, mitos, poemas e os capítulos de um romance, em forma de folhetim, HQ, *histórias quadrinizadas*, seriadas, completas ou em tiras, nacionais ou estrangeiras.

As ilustrações eram constantes e variadas e apareciam em todos os gêneros, ocupando ora grandes espaços, ora pequenos. Encontravam-se em maior número nas histórias em quadrinhos e nas *histórias quadrinizadas*. Os contos, poemas e

folhetins costumavam ter apenas uma ilustração, sendo que o texto verbal se destacava. As receitas e instruções sempre vinham acompanhadas de uma ilustração explicativa, como um molde de costura, por exemplo. Os textos de divulgação científica e perfis também eram ilustrados, mas com desenhos bem simples e pequenos.

Havia ainda piadas e diferentes passatempos, como charadas, desafios, palavras cruzadas, jogos e concursos, como o “Concurso do borrão”: os leitores deveriam enviar seus desenhos para serem publicados no jornal.

Além disso, o periódico mantinha um diálogo com seu público por meio da frequente carta aos leitores e da seção “Cantinho da palestra”, do professor Lombriga, na qual os leitores eram chamados por seus nomes, recebiam cumprimentos ou respostas. Nessas seções não havia ilustrações, contudo, a partir da 22ª edição, começaram a aparecer fotografias dos leitores.

Além das fotografias, surgiram nas futuras edições partituras musicais e reportagens sobre os eventos do próprio *O senhor doutor*, como as premiações dos concursos, por exemplo.

Um aspecto bastante importante a se considerar são as relações dos jornais da época com as emissoras de rádio. Em 1934, com o apoio do jornal *O senhor doutor*, começaram as primeiras emissões radiofônicas de um programa homônimo, pela RCP, Rádio Clube Português e com a locução de Henrique Samorano, também redator do jornal.

As transmissões duravam quinze minutos aos domingos, quando eram lidos poemas e contos diversos, inclusive com a participação da escritora Odete Passos Saint Maurice. José de Oliveira Cosme, convidado por Samorano para colaborar nas transmissões, assumiu o comando do programa após a morte do colega ao final desse mesmo ano.

O programa chegou a ser transmitido por uma hora, com músicas, dramatizações e as “lições do menino Tonecas”⁹³, um aluno bem atrapalhado, na voz de Samorano, com seu insistente professor, voz de Oliveira Cosme. Em 1945, com o fim do jornal, Cosme passou a dirigir outro programa, “Emissões recreativas para miúdos e graúdos” e retomou os diálogos de Tonecas, agora na voz de José

⁹³ Trecho do programa pode ser ouvido em <http://www.classicosdaradio.com/licoesTonecas.htm>. Nos anos 90, a personagem do rádio recebeu sua versão televisiva em <http://youtu.be/59CIGRSnGPE>. Acessado em 10 mar 2012.

Pereira e Sousa.

Apresentaremos, a seguir, uma descrição da estrutura do jornal e os gêneros que o compõem, assim como algumas análises.

3.1.1 Periodicidade dos gêneros

Com o intuito de verificar a existência e relevância da literatura infantil no jornal, fizemos um levantamento da periodicidade com a qual diferentes gêneros aparecem, tomando como amostragem os dois primeiros meses, ou seja, 8 exemplares em sequência, o que julgamos ser suficiente para nossas conclusões, já que a estrutura do jornal não se altera ao longo de todo o ano de 1933.

Primeiramente, foram computados os dados de cada exemplar, sendo os textos separados em diferentes gêneros. Em um segundo momento, os dados dos oito exemplares foram totalizados em 204 textos (100%). Posteriormente, os gêneros foram divididos em dois blocos: *gêneros da literatura infantil*, 106 textos (HQ, histórias quadrinizadas, contos, mitos, poemas e folhetins) e *outros gêneros*, 98 textos (textos de divulgação científica, receitas e instruções, anúncios, perfis, relatos históricos, passatempos, cartas e respostas aos leitores).

É importante esclarecer que, eventualmente, há cinco ou seis textos em uma mesma página, ou textos longos que ocupam até duas páginas. Não levamos em conta o espaço físico ocupado pelos gêneros, mas sim a frequência com a qual aparecem durante dois meses. Contudo, pudemos verificar que os *gêneros da literatura infantil*, principalmente os contos e folhetins, são mais longos e ocupam mais páginas.

O detalhamento dessa coleta por edição encontra-se ao final deste trabalho (Apêndice B).

Ao compararmos os dois blocos, vemos como os gêneros da literatura infantil aparecem com maior frequência, perfazendo um total de 52%, enquanto os outros perfazem um total de 48% (Gráfico 1). Curiosamente, esses gêneros aparecem mesclados e compartilham eventualmente as mesmas páginas. Como já dissemos, se fôssemos considerar a extensão dos textos, os gêneros da literatura infantil também ocupariam a maior parte do periódico.

Podemos considerar que havia realmente uma preocupação com que as crianças fossem instruídas, além de se divertirem, tomando contato com algumas produções ficcionais e outras mais práticas, voltadas para o cotidiano.

Gráfico 1 - Periodicidade por blocos: gêneros da literatura infantil e outros gêneros, O Senhor Doutor, 1933

Gráfico 2- Periodicidade dos gêneros no jornal O senhor doutor, 1933

Quanto aos gêneros comuns à literatura infantil, especificamente, vale dizer que não apresentam seções fixas e se encontram dispersos ao longo do jornal, concentrados principalmente da página 3(três) a 9 (nove), em um total de 12(doze) páginas. Em frequência, desses 204 textos, destacam-se os contos (14,22 %), as histórias em quadrinhos (12,25%) e as *histórias quadrinizadas* (11,28%), seguidas por poemas (6,37%), folhetins(3,92%) e mitos(3,92%)(Gráfico 2).

É importante ressaltar que, conforme já dissemos, os contos ocupam também o maior número de páginas. Há uns mais realistas e outros maravilhosos, mas os

denominamos simplesmente de contos para não fragmentar excessivamente os dados.

Outros gêneros, não enquadrados na literatura infantil, localizam-se em algumas seções fixas como *As sentenças do Senhor Doutor*, *Página das meninas*, *Coca bichinhos* e *Cantinho da palestra*. Esses textos, em geral, são curtos, sendo em sua maioria receitas de corte, costura ou bordado e instruções para montar encartes (11,27%), textos de divulgação científica (10,78%), passatempos (charadas, piadas, palavras cruzadas) (7,84%), cartas e respostas aos leitores (7,35%), relatos históricos (4,41%), perfis (3,92%) e anúncios (2,45%) (Gráfico 2)

Todos esses gêneros, independentemente do bloco ao qual pertencem, apresentam ora um caráter mais lúdico e de entretenimento, ora mais didático ou mesmo doutrinário. Em outras palavras, um conto, uma história em quadrinhos, uma palavra cruzada, uma miniatura para montar ou mesmo um texto que explique como são feitas as projeções de cinema podem entreter, instruir e/ou ensinar.

A seguir, veremos mais detalhadamente como o jornal se organiza, suas diferentes seções e gêneros.

3.1.2 Capa

A capa apresenta sempre a mesma estrutura: o título (*O senhor doutor*) e o subtítulo (*Um amigo que diverte, educa e instrui*) no topo. À esquerda, há uma pequena seção intitulada “Bandeiras de todas as nações”, com novos exemplos a cada edição, e o preço logo abaixo. Em maior destaque, há sempre uma história quadrinizada em cores à direita (Anexo H)

Além disso, junto ao título, à esquerda, em destaque sobre a letra “o” há a figura de um burro de casaca⁹⁴, chapéu alto, gravata borboleta, segurando livros e fumando uma cigarrilha, da qual sai uma tênue fumaça (Fig. 1).

⁹⁴ Nos anos de 1940, o burro usará outras vestimentas, até roupas esportivas.

Figura 1- Detalhe da Capa da edição
Jornal O senhor doutor, 18/03/1933:1

A escolha da figura do burro para personificar o *senhor doutor* chama a atenção devido ao contraste de estereótipos. Por um lado, a imagem de um animal cujo nome costuma ser sinônimo para falta de inteligência. Por outro, a figura do mestre bem vestido, portando livros e usando óculos. Vale dizer que, para os padrões atuais, o uso do cigarro seria considerado politicamente incorreto, contudo, para a época, serviria apenas como um elemento a mais para a composição da figura do intelectual sábio, dando-lhe um tom reflexivo e um certo *glamour*. Faz-se necessário, ainda, lembrar que o burro é um animal recorrente em histórias infantis, nas quais este costuma ser caracterizado inclusive como um ser de grande sabedoria.

Segundo o Dicionário Houaiss, há mais de trinta acepções para o termo “burro”, sendo que no campo da zoologia, por exemplo, seria um animal híbrido, mistura de cavalo com jumenta. Pejorativamente, o termo é utilizado para designar o indivíduo que tem pouca inteligência, é estúpido e ignorante (HOUAISS, 2001:533).

Já, segundo o *Dicionário de Símbolos*, o burro (asno) não é apenas um símbolo de ignorância, mas de obscuridade e até de tendências satânicas ou sagradas, com destaque para a fêmea, a jumenta, símbolo de paz e humildade, acepções estas que não se aplicam a esse contexto:

[...] em certas tradições, o asno aparece como animal sagrado. Desempenha papel importante nos cultos apolíneos [...] A jumenta(

na concepção cristã) simboliza a humildade, e o jumentinho a humilhação [...] a jumenta é o símbolo de paz, de pobreza, de humildade, de paciência e de coragem, em geral, é apresentada sob a luz favorável da Bíblia (CHEVALIER, 1992:94)

Para o jornal, entendemos que o burro simbolize simplesmente a ignorância, mas revestida da possibilidade da sabedoria, com livros e coisas a aprender. Além disso, o burro ou jumentinho, em uma concepção cristã, são animais simpáticos, corajosos, que inspirariam a confiança das crianças.

Consideramos que, logo de início, o periódico apresenta uma concepção de infância e educação que partem das ideias de John Locke, o qual acreditava que tudo poderia ser aprendido e que a educação transformaria a humanidade. Assim, a criança seria um ser frágil e ignorante por natureza, uma tábula rasa que tudo aceitaria. Tal visão se confirma em outros momentos, como veremos.

Conforme fora tratado no primeiro capítulo, vários estudiosos viam a criança como um ser modelável, visto que, na infância, as pessoas estariam mais receptivas ao ensinamento e às influências dos bons exemplos (GADOTTI, 2003: 63).

Logo no título e subtítulo, pode-se observar os objetivos dessa publicação, que se apresenta como mestre, detentora do saber, “um senhor doutor” que se propõe, de forma amigável, a divertir, educar e instruir o pequeno leitor. Assim, o jornal assume-se, desde o início, como um espaço propício para o aprendizado e a transmissão de conhecimentos, ocupando, de certa forma, as lacunas deixadas por um mercado editorial tímido e um sistema educacional restrito.

Cada capa traz uma diferente *história quadrinizada*, ou seja, uma narrativa organizada em uma sequência de quadros com textos-legenda, sem balões.

Essas histórias não apresentam indicação de autor ou ilustrador, o que impossibilita sabermos se são produções nacionais ou traduções decalcadas de periódicos estrangeiros, prática comum na época.

Os enredos se passam em diferentes lugares, como África, Portugal, Canadá, Japão, Itália, China, o que denota uma preocupação em apresentar situações geograficamente distintas e variadas, aspecto curioso, se pensarmos na posição centralizadora e isolada que o governo salazarista assumiria posteriormente (“estamos orgulhosamente sós”). A seção de bandeiras também colabora para o ensino de aspectos geográficos. Contudo, é importante ressaltar que a preocupação em instruir, amplamente reforçada pelo jornal, perpassa também pelos

conhecimentos geográficos.

Como exemplo do teor cívico e didático-moralista das obras destinadas às crianças nessa época, temos logo na primeira página da primeira edição de 18/03/1933, uma história quadrinizada que glorifica a pátria, o império português e banaliza os maus tratos dados aos nativos: “Um episódio heróico de nossa ação em África: O escudo” (Anexo H) e (Apêndice C).

O texto-legenda apresenta o desenrolar do enredo, narrado em terceira pessoa e com a presença do discurso direto marcado pelo uso de travessões. As ilustrações, quadro a quadro, descrevem o texto verbal. Há um menino, “o negrinho Pete” que, ao ser “salvo” pelo capitão Albuquerque, oferece-lhe lealdade e se torna seu maior defensor. Note-se, no primeiro quadro (Fig. 2), a postura de submissão do menino, arcado, recebendo os maus tratos do colono e sendo defendido pelo capitão.

Figura 2- Destaque: “Um episódio heróico da nossa ação em África: O Escudo”
Jornal *O senhor doutor*, 8/03/1933:1

Ao defender o menino de seu agressor, “o cruel colono”, o capitão convida Pete para ficar a seus serviços, cuidando dos cavalos.

Vemos a concepção de infância que se tornou comum no século XIX, uma visão mais “realista”, na qual a criança era descrita como um ser injustiçado ou esmagado por um sistema opressor, em oposição à visão romântica, em que a criança era sacralizada.

Ao ver o capitão ser atacado, Pete, em retribuição, protege-o com um escudo, livrando-o da morte. Ao final, o capitão regressa com o menino para Portugal e não mais se separam. Vale ressaltar que a luta do exército é justamente contra os

nativos africanos.

Desse modo, fidelidade, heroísmo e gratidão são tratados como os principais motes, como valores a serem seguidos, contudo, o menino, de certa forma, trai os seus em favor do capitão, uma analogia à submissão da colônia, que deve ser fiel e grata à metrópole, benevolente e heróica.

Quanto ao título, este se torna ambíguo, uma vez que o “episódio heróico” pode tanto se referir à atitude do menino como à do capitão, já que o episódio seria “da nossa ação em África”.

3.1.3 Sentenças do “Senhor Doutor” e visto da censura

Na página 2, (Anexo I) encontra-se a seção fixa *Sentenças do “Senhor Doutor”*⁹⁵, na qual se publicavam semanalmente perfis de homens célebres, em “Os sete sábios da Grécia” e posteriormente “Filantropos e inventores”, assim como se concentram os textos de divulgação científica sobre diferentes assuntos em várias áreas do conhecimento, como Biologia, História, Química, Geografia, Física, entre outras. Explica-se, por exemplo, como as garrafas térmicas funcionam; como os filmes são projetados ou como os indígenas da Nova Zelândia se cumprimentam.

Notamos que o termo “sentenças” imprime um caráter de confiabilidade e seriedade a essa seção. Supõe-se que sejam verdades irrefutáveis, devendo ser aceitas pelos leitores sem contestação.

Nesse segmento, também podemos observar, conforme já expressei no subtítulo, uma efetiva preocupação quanto à educação e à instrução das crianças. Como exemplo, vejamos um trecho do texto “A vida no fundo dos mares” (Fig. 3):

⁹⁵ Nessa parte, *Senhor Doutor* vem grafado em letras maiúsculas, contudo, o título que aparece na capa está em letras minúsculas: *O senhor doutor*. Assim, sempre que nos referirmos ao jornal, utilizaremos a grafia da capa.

Figura 3- “A vida no fundo dos mares”

Jornal *O senhor doutor*, 6/05/1933:2

Os trabalhos dos naturalistas oceanógrafos, (sic) têm revelado um mundo de seres submarinos, que uns aparelhos especiais vão “pescar” a mais de 7.000 metros de profundidade. Vocês fazem uma ideia das condições de existência de semelhantes criaturas? Não fazem(....) Aqui, na gravura em cima, verão alguns exemplares da bicharada que mora pelo fundo dos mares. Uma simpática família, não é verdade?. (*O senhor doutor*, 18/03/1933:2)

Podemos verificar que há uma linguagem acessível, até informal, por meio da qual se estabelece um diálogo com o leitor, apesar da pergunta ser apenas retórica. O autor pressupõe que os pequenos leitores não tenham ideia da existência de tais criaturas, confirmando a força das “Sentenças do Senhor Doutor” e da valorização do discurso científico.

Além do vocabulário simples, a explicação é auxiliada pelas ilustrações. Dessa forma, o discurso científico é revestido pela informalidade, pela informação e pelo tom didático, dirigindo-se não somente ao jovem leitor, mas também aos leitores leigos em geral.

Nessa mesma página, à esquerda, em um espaço delimitado, há semanalmente uma carta aos leitores. Os assuntos variados vão desde cumprimentos pelo sucesso do jornal, novidades da edição, até informações sobre assinaturas.

Destacamos a carta da primeira edição (Anexo J) e sua transcrição (Apêndice D), a qual demonstra a postura moralizante e controladora da época, assim como

uma concepção de infância em que a criança é vista como um ser obediente, que não questiona, ou seja, uma folha em branco que tudo aceita, segundo já postulava John Locke. O editor espera que os leitores sejam idênticos, uma massa uniforme cujos gostos ele supõe conhecer:

Aqui têm o primeiro número dum jornal que foi feito de propósito para vocês, atendendo às vossas predileções, aos vossos gostos, gostos que têm a vantagem de serem uniformes, sem as diferenças que distinguem os (sic) das pessoas crescidas [...](*O senhor doutor*, 18/03/1933:2)

Podemos inferir que as crianças se diferenciam dos adultos justamente por se comportarem de maneira uniforme, segundo o editor. Além disso, a infância é sacralizada e idealizada como o momento mais maravilhoso de nossas vidas:

Pois o SENHOR DOUTOR, que é um burro velho, sabe isso muito bem, e está disposto a fornecer-lhes todos os sábados, copiosamente a lenha de que vocês precisam para atear o fogo sagrado da mocidade bem-disposta que é o melhor que se leva desse mundo. (*O senhor doutor*, 18/03/1933:2)

Observamos também que o autor dirige a carta aos meninos, mas enfatiza que os pais deveriam lê-la, confirmando assim a mediação dos adultos na escolha das leituras das crianças.

Lembramos que a produção de textos, assim como sua escolha, compra ou adoção são conduzidas pelos adultos a partir do que consideram ser apropriado ou não ao gosto da criança, muitas vezes idealizada a partir de suas vivências.

Ao se despedir, “o senhor doutor” reforça sua posição de “um amigo que diverte, educa e instrui”, estabelecendo um vínculo inicial com o jovem leitor:

E agora venha de lá esse abraço para celebrar as boas relações que se iniciam entre os meninos e este vosso novo grande amigo que é O Senhor Doutor. (*O senhor doutor*, 18/03/1933: 2)

O tom fraternal e o convite ao abraço fortalecem esse vínculo, caracterizando o “senhor doutor” com uma imagem e um discurso persuasivo e atraente para o jovem leitor, reforçando que a leitura não é apenas um processo argumentativo, como também afetivo.

Ao final dessa página, encontram-se os dados gerais da publicação, uma ficha técnica com a identificação do ano, número do exemplar, local, data, nome do diretor e do redator. Destaca-se o visto da censura: “Este número foi visado pela comissão de censura” (Fig. 4), o que comprova o cerceamento à liberdade de expressão e a preocupação dos editores em validar sua publicação, apresentando-a como um veículo confiável, adequado à formação das crianças, segundo os princípios norteadores do Estado Novo.

Figura 4 “Visado pela comissão de censura”
Jornal O senhor doutor, 03/06/1933:2

Faz-se necessário lembrar que a censura e a repressão fizeram parte da história de Portugal em diferentes momentos, principalmente quando o assunto era a educação. Na época do Marques de Pombal, como vimos, havia um ambiente de repressão brutal que, incoerentemente, pretendia preparar homens esclarecidos. Dessa forma, o ideário dos iluministas franceses foi considerado nocivo e a criação Real Mesa Censória, em 1768, transformou a Inquisição em um efetivo instrumento do Estado. Durante o Estado Novo, obviamente, não havia mais a inquisição, mas a força repressiva do Salazarismo bastante competente.

Seria de se supor que todos os conteúdos do jornal estivessem plenamente adequados ao Salazarismo e a seus princípios, contudo, é importante esclarecer que a censura foi por vezes burlada, conforme veremos em nossas análises.

3.1.4 *Página das meninas*

A *Página das meninas* (Anexo K) ocupa sempre a página 8 e apresenta pequenos textos, geralmente receitas de trabalhos manuais, corte e costura e bordado, estabelecendo uma distinção clara entre os gêneros masculino e feminino. Entende-se, assim, que os diferentes encartes (navios, plataformas, carros) seriam para os meninos e os trabalhos manuais seriam para as meninas.

A linguagem utilizada é informal e denota a intenção do interlocutor de se aproximar da pequena leitora, identificar-se com ela para aconselhá-la e discipliná-la. A partir do exemplar 2, essa seção passa a ser assinada por “Capuchinho Vermelho”(Chapeuzinho Vermelho), o que reforça a intenção de proximidade com as meninas, por meio de uma personagem também menina, já conhecida dos contos de fadas.

Chapeuzinho representa a menina desobediente que acabou aprendendo sua lição, pois não deveria descumprir as ordens de sua mãe e se aventurar na floresta. Interessante essa escolha, uma vez que ela reforça a imagem da mulher idealizada nesse contexto, conforme já relatamos.

Vejamos como exemplo um trecho do texto “Um presente para mãezinha”:

Se quiseses ver a mãezinha contente, põe-te a coser com todo o juízo, depois de te fartares de brincar, nessas brincadeiras que põem qualquer pessoa doida, pródigas em gritarias e saltos [...] A mãezinha ficará encantada com aquele espaço de tempo em que te mostras boazinha e até te dará licença que dês um bocadito de guerra. (*O senhor doutor*, 18/03/1933,p.10)

Apesar do interlocutor apresentar-se como uma criança, seu discurso é notadamente o de um adulto, pela forma como se refere, por exemplo, às brincadeiras infantis que “põem qualquer pessoa doida”.

Por outro lado, notamos uma incoerência, já que as meninas são aconselhadas a ficarem boazinhas ,costurando, como um artifício para manipularem suas mães e poderem brincar depois.

Eventualmente, há também, nessa seção, poemas e pequenos contos, com tom bastante moralizante, como, por exemplo, “Uma doença grave”, o qual apresenta o caso de uma menina chamada Yvonne, que , de tanto falar, acabou doente, fatigada da língua:

A menina Yvonne é uma pessoa amável, mas, ao que parece, possui um grande defeito: é demasiadamente faladora. A sua língua, ao que consta, está constantemente em movimento. (O senhor doutor, 18/03/1933: 10)

Como se pode observar, cabe à menina, futura mulher e mãe, núcleo promissor da célula familiar, ser prendada e obediente, conforme observamos nos textos selecionados, modelo estabelecido pelo Estado Novo, em que a família seria a base de uma sociedade bem organizada.

Ao final da *Página das meninas* é comum encontrarmos pequenas piadas ou tiras cômicas, havendo também espaço para o entretenimento e o lúdico. As piadas são bem singelas e até inocentes, geralmente com personagens infantis:

_ Julinha!_ Exclama a mãe, cansada de a ouvir saltar, gritar e correr. Está um bocado quieta_ Quando eu tinha a tua idade, ninguém me sentia.
_ Eram todos surdos, mamã? (O senhor doutor, 8/04/1933: 8)

O humor se faz pela pergunta inesperada da menina, que pode significar inocência ou mesmo ironia. Nesse contexto, a menina arteira surpreende por sua rapidez de raciocínio.

3.1.5 “Coca bichinhos” , “Cantinho da Palestra” , anúncios e encartes para montar

Ao final de cada exemplar, à página 11, encontramos a seção fixa *Coca bichinhos* (Anexo L), normalmente acompanhada pelo final de contos apresentados na mesma edição.

Nela, encontram-se charadas, enigmas , desafios e palavras cruzadas, cujos resultados são apresentados nas edições posteriores . Tais gêneros, voltados para o entretenimento, dão um caráter lúdico à publicação, mas também funcionam como um atrativo para que os leitores mantenham-se fiéis , adquirindo o próximo número para conhecerem as soluções dos desafios.

Segundo o dicionário Priberan⁹⁶, “coca bichinhos” é um adjetivo de uso informal que caracteriza aquele que descobre coisas pequenas ou se interessa por detalhes ou coisas insignificantes. Tal nome pode se justificar pelo pequeno tamanho dos textos assinados por prováveis leitores ou mesmo pela suposta pouca importância que lhes é conferida, ou seja, entretenimento e os passatempos seriam coisas menores.

A partir do segundo exemplar, surge a seção *Cantinho da Palestra*, assinada pelo Dr. Lombriga, nome curioso e bem humorado. Novamente, há um doutor que se propõe a ensinar e a dar bons conselhos com suas palestras. Entretanto, a figura do burro é substituída por uma lombriga, o que parece bem inusitado e criativo. Um verme insignificante, até asqueroso, recebe o título de doutor e demonstra sabedoria. Nesse “cantinho”, há respostas para os leitores, mas descontextualizadas, já que as perguntas não aparecem, somente o nome ou pseudônimo do leitor. É o que se pode observar no exemplo:

Um louco pelo *Senhor Doutor*: O teu desejo não pode ser satisfeito, meu ‘louquinho’. Precisamos atender ao gosto de todos os leitores e ., assim, roubávamos espaço aos outros assuntos. (*O senhor doutor*, 01/04/1933:11)

Como podemos verificar, a resposta não é muito esclarecedora, pois somos informados somente sobre a negativa do pedido, mas não ao que se referia. É importante destacar o tom carinhoso e cordial do Dr. Lombriga.

Encontramos, nessa página, ou mesmo na página 12, instruções ilustradas para montar os diferentes encartes fornecidos pelo jornal, como uma ilha flutuante, um automóvel ou bonecos dos personagens Mickey Mouse e Gato Félix(Anexo M). Alguns encartes, como do navio “Gonçalo Velho”, foram fragmentados em várias edições.

Retomando as considerações de Chartier, destacamos como essas seções propiciam uma leitura tanto *extensiva*, na qual os objetos impressos são vistos com maior naturalidade, podendo ser manipulados, e até *intensiva*, pois seus conteúdos podem, ser lidos, relidos e memorizados. A criança é convidada a recortar, colar e até escrever no jornal. Assim, *O senhor doutor*, retomando seu *slogan*, não apenas

⁹⁶ <http://priberam.com/dlpo/default.aspx?pal=coca-bichinhos>. Acessado em 10 maio 2012

instrui e educa, mas também *diverte*, ao propor atividades lúdicas.

Ressalta-se que tais intenções aparecem bastante mescladas e se inter-relacionam. Em outras palavras, a criança estaria supostamente se divertindo, porém as intenções pedagógicas, ou mesmo didático-moralistas, estariam subjacentes.

Ao se propor a construção de um grande navio de guerra, por exemplo, transmite-se a valorização das forças bélicas, essenciais para a nação, principalmente nesse período entre guerras, no qual se iniciaram vários regimes ditatoriais.

Há pouquíssimos anúncios (2,45%), sendo que em sua maioria se referem ao próprio jornal, aos próximos encartes ou mesmo ao “Concurso do borrão”. O único anúncio publicitário existente é sobre um semanário de cinema, o “Animato, grafo”, sem qualquer ilustração e destinado provavelmente ao público adulto, aos “cinéfilos” (Anexo N). Inclusive, é importante citar que o jornal apresenta várias referências ao cinema, seus personagens, seus atores e seu funcionamento.

3.1.6 Histórias em quadrinhos e quadrinizadas

Ao longo dos exemplares analisados, há, como vimos, uma frequência considerável de histórias em quadrinhos (12,25%) e de *histórias quadrinizadas* (11,28%). Há uma certa frequência de personagens, com poucos autores identificados, o que dificulta saber se a produção é nacional ou um decalque, uma tradução de histórias estrangeiras. Como dissemos, em alguns casos, as distinções entre esses gêneros é bastante tênue, uma vez que as histórias em quadrinhos, ou bandas desenhadas, encontravam-se em suas primeiras manifestações, um gênero em evolução, assim mesmo as histórias em quadrinhos ainda apresentavam legendas, poucos balões, poucas onomatopeias e raros recursos visuais.

Dessa forma, a compreensão do enredo independe, muitas vezes, da imagem, sendo que a narrativa faz-se principalmente pelo texto verbal.

Como exemplo de *histórias em quadrinhos*, encontramos as histórias de *Vareta*, *Trombeta* e *o Sargento Castanho*, *Barnabé*, *guarda do Jardim Zoológico*, *Proezas do Cabo Carola* e *As aventuras dos autênticos Zuca, Zaruca e Bazaruca*, de Stuart Carvalhais, a única que apresenta autoria.

Esse cartunista, José Herculano Stuart Torrie d’Almeida Carvalhais (1887-

1961), Stuart Carvalhais, é considerado o introdutor da banda desenhada em Portugal. Além de publicar no jornal *O senhor doutor*, colaborou como ilustrador para *Sempre fixe*, *Os Ridículos*, *Diário de Notícias*, *ABC*, *Abczinho*, *O gafanhoto*, entre outros periódicos, exercendo ainda as profissões de cenógrafo, figurinista, roteirista e ator.

As aventuras dos autênticos Zuca, Zaruca e Bazaruca (Anexo O) já chamam a atenção devido aos curiosos nomes de suas personagens, os irmãos Zuca e Zaruca, a prima Bazaruca e o amigo negro Bananeira. Entre eles, os irmãos vivem a planejar travessuras, que geralmente acabam mal.

Figura 5- “As aventuras dos autênticos Zuca, Zaruca, e Bazaruca”, de Stuart de Carvalhais.

Jornal O senhor doutor, 1/04/1933: 6 e 7

Na história “Desportos de Inverno” (Fig. 5), por exemplo, Zuca resolve improvisar pares de esquis com as tábuas de um barril, chama seus amigos que se divertem pelas ruas, mas acabam por perder o controle e caem no rio Tejo, ficando três dias acamados, tomando caldos de galinha. A narrativa é dinâmica, há onomatopeias, como “pif, pif”, para representar o barulho de um apito; a linguagem é informal, inclusive com o uso de gírias, como “Isto deve ser giro!” (divertido, legal).

Apesar do aspecto lúdico e do tom bem humorado, essas histórias também transmitem valores, já que a personagem desmontou um barril do pai, inventou uma brincadeira perigosa e acabou, de certa forma, sendo castigada por sua travessura, juntamente com seus amigos. Todavia, os meninos não demonstram qualquer aborrecimento, pelo contrário, aparecem sorrindo, felizes pelos cuidados que

receberam de Bazaruca. A concepção de infância é aquela que apresenta meninos travessos, espertos e meninas meigas e cuidadosas.

Há uma sequência coesa entre os nove quadros simétricos, uma narrativa visual em que se pode identificar as ações das personagens, a caracterização do espaço e a passagem do tempo, contudo, legendas são usadas para descrever cada quadro, ou seja, o texto verbal complementa o texto não verbal.

Apesar de o documento ser antigo, podemos utilizar a proposta de Coelho para os diferentes tipos de leitores, conforme vimos no segundo capítulo, e considerar que um *leitor iniciante*, entre seis ou sete anos poderia ler essa história em quadrinhos com facilidade, pela quantidade e conteúdo das ilustrações. No entanto, pelo enredo da história, observa-se que os esquis não eram muito conhecidos em Portugal naquela época, o que poderia prejudicar uma leitura mais efetiva, sendo necessário, portanto, a mediação de um adulto.

Além das frequentes *histórias quadrinizadas* da capa, podemos citar as aventuras de *Tex da polícia montada* e *Em busca de Centelha e Faísca/ Façanhas do célebre detetive Centelha e de seu famoso cão- polícia Faísca* (Fig 6), de José de Oliveira Cosme, o mesmo que colaborou com Henrique Samorano nas transmissões do programa de rádio *O senhor doutor*.

A partir do exemplar número 7 do jornal, começam a ser publicadas as *Façanhas do célebre detetive Centelha e do seu famoso cão-polícia Faísca*, de Oliveira Cosme, com ilustrações de Carlos Ribeiro (Anexo P) . O detetive, que usa bengala e fuma charuto, ao estilo Sherlock Holmes, viaja com seu esperto cão para vários lugares do mundo, participando de investigações e aventuras seriadas, como o *Tesouro do Faraó*, *O Circo da morte* ou, em um único episódio, como a primeira aventura: “Um sarilho em Hollywood” (Fig 6), na qual os personagens vão à cidade cinematográfica conhecer Tom Mix e o cãozinho se mete em confusões.

Figura 6- *Façanhas do célebre detetive Centelha e do seu famoso cão-polícia Faísca*, de José Oliveira Cosme, ilustrado por Carlos Ribeiro.
Jornal O senhor doutor, nº 9, 13/05/1933: 6 e 7

Faísca entra em um estúdio, e, ao confundir uma cena de filme com a realidade, ataca “bandidos malfeitores” e cria uma grande confusão, levando uma pancada na cabeça. O diretor adorou a cena, admirou o talento do cão e lhe pagou um cachê de mil dólares. Dono e cão voltam felizes para Portugal para aproveitar a merecida recompensa:

- Sim senhores!- concluiu o Faísca, apalpando a cabeça- Fiz uma brilhante figura, mas fartei-me de apanhar trolha! ...Foi bem feito! Estava com tantos desejos de ver *estrelas*.... Dias depois, os dois heróis regressaram a Portugal dispostos a gozar os mil dólares,tão merecidamente ganhos pelo Faísca....
(*O senhor doutor*, 13/05/1933:7)

Note-se que o cão é personificado, emitindo uma autocrítica. A linguagem é informal, com o uso de expressões como “apanhar trolha”(levar bofetada) e “sarilho” (briga, confusão), é também figurada, com o uso do trocadilho para o termo “estrelas”, tanto válido para as estrelas de cinema como para as estrelas vistas após a pancada na cabeça.

Essa *história quadrinizada* apresenta sete quadros assimétricos, que ilustram bem o enredo e mantêm um diálogo com o texto verbal, mas não se constituem em uma narrativa isoladamente. Como o texto verbal prevalece, acreditamos que a leitura seria mais adequada a um *leitor em processo*, a partir dos oito ou nove anos, o qual já se encontraria em uma fase de amadurecimento quanto aos mecanismos da leitura.

Pelos títulos das histórias em quadrinhos e *quadrinizadas*, em geral, podemos notar uma variedade de situações, desde cenas cotidianas, com travessuras infantis, como aventuras em terras distantes, em situações inusitadas.

A influência da cultura norte-americana pode ser observada tanto pela escolha do gênero, os *comic books*, que alcançariam seu auge nas futuras décadas, quanto pelos conteúdos, cinema e seus personagens, Tom Mix, por exemplo, e as histórias de faroeste, com índios, soldados e *cowboys*, no caso de *Tex da polícia montada*.

3.1.7 Contos, poemas, mitos e folhetins

Conforme constamos anteriormente, os gêneros que aparecem com maior frequência são os contos (14,22%), alternando-se entre realistas e maravilhosos. Esses contos não se organizam em seções fixas, mas intercalam-se às histórias em quadrinhos ou *quadrinizadas* e aos poemas. Principalmente nas páginas centrais, chegamos a encontrar vários gêneros da literatura infantil, com estrutura e temas variados (Anexo Q)

Desses contos, destacam-se, em quantidade e qualidade, os de José Gomes Ferreira, publicados em série e assinados com o pseudônimo de Avô do Cachimbo. Esses episódios deram origem ao livro *As maravilhosas aventuras de João Sem Medo*, publicado em 1963. Trataremos desse material em detalhes posteriormente.

Com grande frequência, encontramos também contos de Virgínia Lopes de Mendonça, como “O desgosto da carranca”, “Por causa de uma parreirinha”, “Para manhoso...” e “A princesa Belina e o anão folião”. Vale lembrar que essa escritora, conforme dito anteriormente, foi uma das intelectuais da época, que se colocou de forma paradoxal, favorável ao analfabetismo ou mesmo à pouca instrução para as pessoas simples do povo.

Nesse sentido, pelo que pudemos constatar, chamar seus textos de contos chega a ser uma generalização, já que tendem para as narrativas da tradição oral, assemelhando-se a fábulas, apólogos ou mesmo contos maravilhosos. Vale ressaltar, como já dissemos, que alguns gêneros nessa época eram bastante híbridos e de difícil classificação. Seguindo a denominação de Coelho, vista no segundo capítulo, seriam *narrativas do fantástico e maravilhoso*, nas quais o folclore é resgatado em um mundo da fantasia, seguindo a tradição do século XIX.

O conto “Para manhoso...” (Anexo R), por exemplo, retoma a tradição das fábulas, em que a raposa é considerada um animal muito esperto, ou manhoso. A autora inclusive faz referências a La Fontaine e a saudade que Dom Raposinho e sua esposa sentiam daqueles tempos:

Dom Raposinho Manhoso e sua esposa, Dona Raposinha, achavam que o mundo mudara muito desde La Fontaine. Há quanto tempo Mestre Corvo não deixava cair um queijinho e as galinhas e galos, prevenidos das suas manhas, tomavam sérias precauções, para não ir parar aos dentes daquele par esfomeado! (*O senhor doutor*, 29/04/1933:6)

Para sanar sua fome, Dom Raposinho intenta comer uma succulenta patinha, filha do Dr. Patareco. Como artimanha, marca uma consulta com o médico/dentista

para tratar um dente que lhe doía, contudo, acabou por ser ludibriado pelo pato, que o anestesia com clorofórmio e lhe arranca todos os dentes:

Depois , sem se apressar, foi arrancando os dentes, um por um a Dom Raposinho manhoso. Começou pelos terríveis caninos, que eram o terror das fracas galinhas e continuou pelos queixais que tantas vítimas haviam trincado. Quando acabou, com todo o cuidado, enxugou o sangue, lavou o cliente com água de colônia, fê-lo voltar a si, e , estendendo-lhe um espelho, disse-lhe, ironicamente: - Que tal se acha, Dom Raposinho?[...] (*O senhor doutor*, 29/04/1933:6)

Chama-nos atenção a forte e esperta raposa ser enganada por um fraco pato, principalmente se considerarmos o contexto de produção, em pleno regime ditatorial, o qual levaria a esperar que a força física vencesse. Nesse caso, a força física do carnívoro é dominada pela esperteza do médico-ave que se utiliza de conhecimentos científicos, no caso o clorofórmio, para abater seu inimigo. Em outras palavras, observam-se novos tempos, em que a força bruta e a violência podem ser vencidas pela inteligência e pela razão.

Podemos citar ainda alguns contos da escritora Emília de Sousa Costa, como “ O coelho boateiro” e “O imperador, a menina e o cão” e “Que feio... ser invejoso (Anexo S). Seus textos tendem para as *narrativas do realismo humanitário*, nas quais há a valorização da vida cotidiana, evitando-se os acontecimentos fantásticos.

Nesse último conto, narra-se a história do menino Sérgio, que maltrata a pequena irmã e dela sente muita inveja. Como concepção de infância, podemos destacar a imagem do menino mau caráter que precisa aprender “ as lições da vida”, precisa ser educado e conduzido por princípios morais.

Por outro lado, há a irmãzinha, “um fresco botãozinho de rosa”, uma criança inocente que precisa ser protegida:

- Sérgio,se continuas, castigo-te!- exclamava, severa a mãe deste menino de dez anos. Ordenara a boa senhora ao seu filho,que entretivesse Ligita- a irmãzinha mais nova, enquanto ela e as criadas procediam a certos arranjos de casa. Sérgio, em vez de brincar com a pequenina- fresco botãozinho de rosa que, há pouco fizera um ano- arreli-a, fá-la chorar! A mãe deu a Ligita um bolo, igual a outro com que mimoseára Sérgio, que rapidamente comera o seu e queria mais. Como lho negasse, cheio de inveja, aflige a irmã que faz beicinho e implora socorro materno[...] (*O senhor doutor*, 18/03/1933: 6)

É importante também considerar que o menino e sua família pertencem a uma classe privilegiada, já que sua mãe tinha várias criadas para ajudá-la.

Sérgio mantém seu comportamento invejoso na escola e cobiça uma carta que um amigo sempre leva consigo. Todavia, quando descobre que a carta era da mãe falecida de seu colega, teme pela morte de sua própria mãe, arrepende-se de suas atitudes e se torna uma pessoa melhor; ao final, o narrador intervém e dialoga com o leitor:

Sérgio, quando algum bem alheio o tenta, reprime-se logo e murmura de si para si:
 _ Que feio...ser invejoso!
 _ É meus amores....
 E como é belo ser bom e generoso! (*O senhor doutor*, 18/03/1933: 11)

Reconhecemos nesse texto um exemplo da teoria educacional de Emile Durkheim, conforme visto no primeiro capítulo. Enquanto Rousseau afirmava que o homem nasce bom e é pervertido pela sociedade, Durkheim declarava que o homem nasce egoísta e só a sociedade, por meio da educação, pode torná-lo solidário, daí a ação dos adultos tornar-se essencial para que haja essa transformação.

Sob essa mesma perspectiva, aparecem publicados alguns contos⁹⁷ da escritora Ana Castro Osório, a qual já se encontrava no auge de sua carreira, maior representante da literatura infantil em sua época. Em “Conversa com Ana Maria” (Anexo T), temos uma narrativa fragmentada em três momentos, nos quais uma avó conversa com sua neta, Ana Maria, de apelido Necas, e lhe dá vários conselhos. A menina não gosta de ir à escola, pois diz que lá não aprende nada, ao que a avó responde:

_ Olha Necas, o que se aprende nas escolas interessa pouco, de fato, quem já sabe e tem visto e ouvido muita coisa, como tu, não é necessário saber o que se aprende na Escola porque é o que sabe toda gente; e só depois de sabermos o que toda a gente sabe é que podemos aprender o que verdadeiramente nos interessa e nos torna superiores. (*O senhor doutor*, 25/03/1933:6)

Observamos a ênfase dada à educação familiar em oposição à educação formal, além do que, a distinção de classes torna-se bastante clara. A criança burguesa precisa se submeter inicialmente à educação “comum”, para depois obter

⁹⁷ Ao longo do ano de 1933, fora dessa mostra, ainda teríamos, “Contos pequeninos”, “As limpas, as lavaduras e as arestas” e “O telefone do Menino Jesus”.

outros ensinamentos, tornando-se um ser superior. Em outro trecho, a avó condena o fato de a menina ter faltado à aula justamente no dia de Santo Antônio:

[...] Não honraste o grande português que foi Santo Antônio de Lisboa ou de Pádua, porque nasceu aqui e lá morreu, um dos mais ilustres homens do seu tempo, um sábio que deslumbrou o mundo e ficou a viver em eterna glória pelo seu muito saber!
(*O senhor doutor*, 25/03/1933:6)

Retomando as considerações do primeiro capítulo, é importante destacar que Durkheim considerava que deveria haver uma educação para cada classe social, já que cada profissão exigia habilidades específicas, entretanto, as diferentes formas de educação deveriam ter uma base em comum, principalmente no que concerne à cultura religiosa.

Nesse pequeno trecho, temos a síntese da valorização da pátria e de Deus. A menina foi repreendida porque não honrou Santo Antônio, e deveria fazê-lo, tanto pela santidade quanto pela origem portuguesa. Se considerarmos também o fragmento anterior, temos claramente um exemplo de como a trilogia “Deus, Pátria e Família” era apresentada às crianças por meio da literatura infantil, também presente nos periódicos, seguindo os ideais salazaristas e a tendência pedagógica vigente.

Ao final do texto, a avó ainda dá mais um conselho à neta, que não fez a lição e passou o dia a admirar uma ave e seus filhotinhos no ninho:

-Devia ser lindo, devia! Mas a pequenina toutinegra, tenho a certeza, não faltava, por querer, à lição. Não te parece? É necessário aprender para voar sem amparo e é na Escola que se tenteiam as asas para o nosso espírito subir muito alto e soltar à vontade o canto triunfal de uma vida útil e alegre, abrindo as asas a todo pano, sem hesitação. (*O senhor doutor*, 25/03/1933:6)

Em linguagem metafórica, a autora reforça que, apesar da escola ensinar somente o básico, seria necessário frequentá-la para progredir. Notamos também uma forte influência do pensamento positivista de Herbert Spencer, o qual, como vimos, acentuou o valor utilitário da educação como fator primordial para conservação e melhora do indivíduo, da família e da sociedade.

Figura 7- Ilustração do conto “ Conversa com Ana Maria”
Jornal O senhor doutor, 25/03/1933: 6

A ilustração desse conto (Fig. 7) é bastante significativa, pois a imagem da avó em uma posição superior, de reprimenda e carinho, contrasta com a da menina submissa aos conselhos da avó, reforçando as ideias do texto verbal, já que a criança deve seguir os conselhos dos adultos.

No segundo capítulo, vimos que Natércia Rocha valoriza a obra de Ana de Castro Osório, dizendo que a autora “introduziu preocupações com o fator lúdico, com a qualidade literária do texto, com a alegria e o divertimento” (ROCHA, 1984:57). Não obstante, não há em nosso *corpus* texto que possa comprovar tal afirmação.

Sobre a temática escolar, destacamos, ainda, um curioso conto ilustrado pelo diretor Carlos Ribeyro, “Zoololândia- a Escola”(Anexo U). Neste a grande ilustração prevalece sobre o texto verbal, que narra e descreve a imagem, como uma imensa legenda. Um leitor iniciante teria facilidade para compreender o teor do conto.

Em um único quadro, temos uma escola primária na floresta, composta por animais de diferentes espécies em um ambiente desordenado e bastante confuso.

A imagem é bastante lúdica e divertida, retrata animais prestando atenção, outros dormindo, alguns de castigo, outros fazendo traquinagens

Figura 8- Ilustração do conto “ Zoololândia- A Escola”

Jornal O senhor doutor, 01/04/1933:12

Ao final, o autor critica a situação e estabelece um diálogo com leitor:

[...] Já a lição vai em meio quando o Pato Marreco se decide a entrar, e lá longe, na clareira da floresta veem-se ainda as sombras de outros animais que chegam. A Serpente só agora chega também! Não! Por mais que me digam, aquilo lá pela Zoololândia, apesar da severidade de Mestre Urso Pardo, não anda certo! Lá na vossa escola não é assim, pois não?.(*O senhor doutor, 01/04/1933:12*)

O professor encontra-se em um púlpito, no qual se lê “ Viva o Senhor Doutor!”. A imagem que se constrói da escola contrasta com a apresentada por Ana de Castro Osório, uma vez que seria praticamente impossível aprender algo em um ambiente tão conturbado. Supomos que Carlos Ribeiro faça um retrato do que seria realmente uma escola primária na época, com certo exagero, para imprimir uma crítica e enfatizar a importância do jornal como um veículo seguro de instrução e aprendizado. Nesse sentido, a educação informal superaria a formal em qualidade.

Na edição de número 10, encontramos ainda um conto de Odete Passos Saint Maurice, “Primeira mentira de Carlos Alberto”(Anexo V). Nele, a autora faz uma dedicatória ao jornal e ao Dr. Lombriga: “ dedicado ao meu querido jornal ‘ “O senhor doutor” e a todos os seus leitores e ao nosso amigo “ Doutor Lombriga” ”.

Sua análise justifica-se por sua temática tratar de diferentes formas de educação familiar, além de parecer que a autora dirige-se mais aos pais que às crianças. O menino Carlos Alberto, de doze anos, era uma criança “normal”, com

qualidades e defeitos, um pouco enigmático para os pais, mas um modelo de filho que nunca havia mentido:

O Carlos Alberto era um rapazinho extraordinário. Vivo e esperto, azougado e meigo, turbulento e pensativo, formava todo ele um contraste tão violento que todos quantos o conheciam o admirava. Carlos Alberto era bom e mau, triste e alegre. O seu gênio era um enigma que os próprios pais não conseguiam decifrar. (*O senhor doutor*, 20/05/1933:10)

O menino somente mentiu uma única vez para proteger o primo Jorge Luís, de dez anos, que havia quebrado um vaso valioso e seria repreendido por seus pais severamente. Os dois primos receberam uma educação diferente. Carlos Alberto nunca era reprimido com crueldade, o que acontecia frequentemente com Jorge Luís, que, por ser reprimido por qualquer coisa, era um grande mentiroso. A autora, em um tom didático, defende uma educação mais branda, sem punições severas:

Com o falso dilema de que só castigando e batendo se educam as crianças, os pais de Jorge Luís haviam feito com que ele, sempre receoso dos castigos, se tornasse mentiroso, negando todas as pequeninas faltas cometidas, faltas que Carlos Alberto confessava, de cabeça levantada, aos pais, sempre certo da sua indulgência, ou, então, recebendo sereno os castigos impostos, mas não muito severos. E assim os dois rapazinhos, bastante semelhantes, eram diferentes pela educação. (*O senhor doutor*, 20/05/1933:10)

Ao final, os pais de Carlos Alberto notam que o filho estava mentindo e têm uma longa conversa com os pais de Jorge Luís, que modificam sua forma de educá-lo, sendo mais brandos e compreensivos.

É interessante notar que essa concepção de criança difere das até então abordadas nesta investigação. Carlos Alberto é visto como uma criança em transformação, passível de erros e acertos, fugindo de uma visão simplesmente maniqueísta e se aproximando de uma concepção mais dialética e atual.

Dos poemas apontados, destacam-se os da escritora Laura Chaves, como “Cesta de ovos”, “Poemas para meninas recitarem”, “ O elefante e o rato”, “ O fogareiro comilão”, “ A cerejeira dos pardais”, “ O julgamento do homem”. Esses textos são intitulados contos, porém, por serem poemas em sua estrutura, assim foram catalogados.

Normalmente, os poemas são compostos por versos em redondilha maior,

distribuídos em quadras ou sextilhas, seguindo a tradição oral. O vocabulário é simples e coloquial, de fácil memorização, assumindo um tom lúdico, comum às brincadeiras infantis de roda. Contudo, ao final de cada poema, há uma lição de moral, confirmando uma intenção didática e moralista. No poema “Na cesta dos ovos”(Anexo W), por exemplo, surgem ovos estranhos no cesto, os quais têm uma marca e são estrangeiros. Eles dizem que têm sangue real e que são superiores:

A nossa alma é toda clara!
De ouro o nosso coração!
Somos duma espécie rara,
Duma outra condição!
(*O senhor doutor*, 25/03/1933: 3)

Ao final, os ovos importados estavam realmente podres e a autora, resgatando a tradição, retoma o dito popular:

Como os ovos, gente tola,
Vemos a cada momento:
“Fora, cordas de viola,
Por dentro, pão bolorento”
(*O senhor doutor*, 25/03/1933: 3)

Vale explicitar que a maioria dos poemas constitui-se de uma pequena ilustração, o que não acontece com esse escolhido.

Já os mitos, sempre ilustrados, aparecem na página 2, na seção “ Divagações Mitológicas”. Em um tom informal e de diálogo constante com o leitor, são apresentados alguns deuses e demais personagens da mitologia romana, como “ O senhor Saturno”; “ A senhora dona Cibele”; “ Dr. Júpiter, o olímpico”; “ O amigo Netuno”; “Plutão”, “ Peleu e Tétis”; “ O Orço”; O excelentíssimo senhor Pluto”; “Dona Minerva”, entre outros.

O tratamento dado aos deuses denota não somente respeito, mas uma tentativa de aproximá-los do cotidiano das crianças. Além disso, o contexto da época normalmente é citado, estabelecendo-se uma relação entre diferentes contextos. No mito “A senhora dona Cibele” (Anexo X) , por exemplo, há referências diretas ao fascismo de Mussolini, o qual é enfatizado positivamente:

Por agora só lhes diremos mais que, quando Júpiter mandou passear

o Pai Saturno, Cibebe acompanhou-o à Itália, e tantas coisas boas ali fizeram os dois que o Sr. Mussolini nomeou-os fascistas honorários.(*O senhor doutor*, 25/03/1933: 2)

Entre tantas temáticas e gêneros, destacamos um romance apresentado em forma de folhetins, *O colar de cobre*, de J. Mahan (Anexo Y), do qual não conseguimos obter maiores informações. São 35 episódios, terminando, portanto, somente em 11/11/1933. A narrativa assemelha-se a um romance policial ou de mistério, com temática típica dos filmes *noir* dos anos de 1930, e se passa inicialmente na França. Gastão recebe a surpresa inesperada de um homem chamado Askabad, que morre em sua frente, mordido por um lagarto, e pede que o rapaz entre em contato com um sultão muito rico, para cumprir uma missão. No trecho a seguir, podemos observar o tom de aventura e mistério:

Askabad abriu os olhos...e, ao mesmo tempo, o cobertor que envolvia o corpo do velho saiu um enorme e horrível lagarto vermelho, de boca aberta...
O imundo animal caiu aos pés do estudante e preparava-se para atacar, quando Gastão o esmagou com o tacão da bota.(*O senhor doutor*, 25/03/1933:9)

Presumimos que esse tipo de folhetim atrairia a atenção não somente das crianças, mas também dos adultos, exigindo, entretanto, a competência de *um leitor fluente*, para o qual as imagens chegam a ser dispensáveis.

3.1.8 Os contos do avô do cachimbo

Além dos contos vistos, destacamos os episódios semanais de José Gomes Ferreira, sob o pseudônimo de *O avô do cachimbo*, publicados de 18/03 a 27/09/1933 e que deram origem ao livro *As aventuras maravilhosas de João Sem Medo*, de 1963, analisado em nossa dissertação de mestrado.

Esse material chama-nos a atenção não somente por suas qualidades estéticas e pela criatividade do autor, mas também por sua postura, muitas vezes contrária ao sistema vigente e pelo fato de não terem sido censurados.

É importante destacarmos que a versão para livro não se constitui em uma simples reunião dos episódios e sim em sua recriação, sendo que o autor atualizou a

linguagem, mudou situações e personagens, aproveitou alguns episódios e eliminou outros. Ou seja, houve uma adaptação e atualização dos textos. Assim, dos episódios para a finalização em livro, não ocorrem somente diferenças estruturais e temáticas, mas estéticas, devido à mescla de movimentos literários pelos quais José Gomes Ferreira, partindo do Presencismo, passa pelo Neorrealismo e atinge até o Surrealismo, sem contudo, prender-se a qualquer estética.

Em 1933, José Gomes Ferreira vivenciava o Presencismo, humanista e culturalista, não sendo ainda o poeta neorrealista⁹⁸, mais engajado socialmente, que se tornaria depois. No entanto, o autor já demonstrava sua inclinação para a crítica social.

Os episódios de *O senhor doutor* não se apresentam em uma sequência cronológica, como também não há o recurso de encaixe. Alguns episódios, contudo, já anunciavam “cenos do próximo capítulo”, mas, em sua maioria, estão dispersos. Ao final deste trabalho, listamos os 28 episódios do jornal e os 15 capítulos do livro (Apêndice E), para que se possa estabelecer uma comparação, pelo menos quanto aos títulos que foram aproveitados, descartados ou adaptados.

O primeiro conto, “Aldeia de Choramigas” (Anexo Z), transcrito ao final (Apêndice F) não é apenas um episódio, mas um conto completo.⁹⁹ A efabulação inicia-se de imediato e coincide com a do livro, representando, à primeira vista, uma síntese da história: havia um menino (não recebe ainda o nome de João Sem Medo) que saiu de sua terra, a Aldeia de Choramigas, onde havia grande tristeza e miséria, aventurou-se por um mundo maravilhoso, mas ilusório. Quando retornou ao lar, incapaz de modificar o estado de lamúria de seu povo, abriu uma fábrica de lenços e enriqueceu.

O gênero conto maravilhoso é resgatado por meio de algumas características, conforme apontadas por Nelly Novaes Coelho (COELHO, 2000: 119-120), como a metamorfose de uma mulher em anjo, seres maravilhosos como a “bicha de sete cabeças” ou mesmo trechos mágicos, quando, por exemplo, o menino se lança a um abismo em chamas e é salvo por um anjo. Há ainda um desígnio ou

⁹⁸ Pode-se considerar que o movimento neorrealista foi fruto da crise econômica de 1929 e estava associado ao movimento de resistência democrática à ditadura salazarista. Iniciada no final da década de 30, essa nova tendência para a literatura de crítica social retoma o Realismo novecentista em uma nova perspectiva, influenciada pelo cinema neorrealista italiano e pelo romance social brasileiro.

⁹⁹ Há uma análise contrastiva entre esse conto, de 1933, e o livro *Aventuras de João Sem Medo*, de 1963 em nossa dissertação de mestrado: MENNA, 2003.

objetivo, uma viagem, obstáculos e mediação mágica. Todavia, a terra maravilhosa era apenas uma ilusão.

No início do conto, encontramos a denominação “fantástico”, a qual consideramos inadequada, pois o conto é maravilhoso, já que os fatos inusitados e mágicos são vistos com naturalidade. Há uma verossimilhança interna e nos acostumamos facilmente aos fatos mais estranhos.

O menino da aldeia estava cansado da choradeira de sua terra e almejava um mundo melhor:

Era uma vez um menino que vivia com sua mãe numa terra muito pobre e muito escura, conhecida pelo nome de Aldeia de Choramigas. Não havia ninguém feliz naquela aldeia. Os habitantes viviam na mais negra miséria. (*O senhor doutor*, 18/03/1933:5)

O menino tinha, à primeira vista, propósitos nada individualistas. Quando pensou ter encontrado a terra maravilhosa, sua consciência social aflorou e decidiu levar todos os seus para aquele lugar tão perfeito:

O menino, entusiasmado, confessou então ao anjo seus planos:
—Já não quero outra terra! Vou buscar a minha mãe e todos os habitantes da Aldeia dos Choramigas e nunca mais saio de cá. (*O senhor doutor*, 18/03/1933:5)

Em a “Aldeia de Choramigas”, encontramos uma crítica social explícita à situação de Portugal. Há referências à tristeza, à melancolia, características do lirismo português, porém, é uma “tristeza conformada” e nada se faz para que ela acabe, além da tristeza, a miséria torna-se bastante evidente, assim como o sonho de se encontrar um lugar melhor, uma terra maravilhosa, ou seja, um lugar utópico, no qual haja igualdades sociais e alegria:

A mãe olhou-o, pensativa, e disse-lhe:
— Sim, quando era pequena ouvi falar duma cidade muito linda e muito distante onde os homens não choravam, nem morriam de fome...Mas sabe-se lá onde fica essa terra! Nunca ninguém a viu. Pelo menos, nunca nenhum habitante da Aldeia dos Choramigas tentou encontrá-la. Não vás, meu filho! Resigna-te a viver neste vale de lágrimas! Depressa te habituarás. (*O senhor doutor*, 18/03/1933:5)

Há um exagero dos termos que se referem à tristeza e à melancolia:

“choravam”, “ouviam-se soluços, choros e gritos de desespero”, “A própria paisagem chorava”, “os pássaros andavam sempre de lágrimas nos olhos”, “rio de lágrimas”, “choradeira”, “vale de lágrimas”; “rio dos Soluços”, “monte do Nó na Garganta”, “eterna choradeira”, “vida de choradeira e miséria”; “então, o menino, cheio de tristeza, começou a chorar”.

A mãe, apesar de já ter ouvido falar da Terra Maravilhosa, duvidava de que ela existisse e pediu ao filho que ficasse e se conformasse.

Como vimos no primeiro capítulo, essa é uma postura privilegiada pelo positivismo, o qual consolidaria a ordem pública, desenvolvendo nas pessoas uma “sábria resignação” ao seu *status quo*, contrapondo-se “às doutrinas críticas, destrutivas, subversivas, revolucionárias como as do iluminismo da Revolução Francesa ou as do socialismo” (GADOTTI,2003:108).

Nesse conto, a mediação mágica é representada pelo surgimento de uma mulher que se transforma em anjo:

O menino levantou a cabeça e viu, na sua frente uma mulher muito bonita com dois olhos brilhantes como espadas e um sorriso cheio de ternura. (*O senhor doutor*, 18/03/1933:5)

De acordo com o que podemos observar, há ainda influências do Romantismo, no qual a mulher era idealizada, um ser divino ou materno. Em sequência, a mulher transformou-se em um anjo, ser não muito comum em contos maravilhosos, remetendo à imagem cristã de um anjo da guarda, reforçando, de certa forma, as concepções religiosas da época.

Quanto ao espaço mágico, temos contrastes significativos entre a Aldeia de Choramigas, pobre e triste, e a Terra Maravilhosa, rica e alegre:

Mas quando viu finalmente a Terra Maravilhosa, banhada de sol e de azul, não pôde evitar um “Ah” de espanto. Era uma cidade fantástica com casa construídas de diamantes, portas de ouro, chaves de prata, janelas de platina...

O menino, por mais que procurasse, não via um casebre arruinado ou uma cabana de pobre. Por toda a parte os seus olhos apenas descobriram palácios, rodeados de jardins, onde as crianças brincavam em balanços de ouro.

Nas ruas, toda a gente cantava de alegria, ao som duma música tocada por um gramofone colossal, de duzentos metros de altura, que existia no centro da cidade. A própria paisagem parecia cantar.

— E os pobres, não há?- perguntou o menino ao anjo.

— Não...Nem pobres, nem ricos, nem desgraçados, nem escravos, nem nada. Há apenas homens. (*O senhor doutor*, 18/03/1933:5)

Vemos, nesse trecho, um desejo de justiça e igualdade social, típicos do Neorrealismo. No entanto, é necessário ressaltar que o Estado autoritário se propunha a trazer o progresso e a riqueza.

Assim, muitos acreditavam que a repressão pudesse trazer o fim da miséria e das desigualdades, além de afastar “os monstros comunistas”, e, como consequência, apoiaram esses sistemas inicialmente. A falta de liberdade de expressão seria “um mal menor”, o que justificaria a omissão e o conformismo do cidadão português apolitizado.

No trecho a seguir, vemos como o pequeno herói enfrenta seu inimigo com valentia, assumindo uma consciência social, em defesa dos fracos, mas em um tom de aventuras, um típico herói romântico:

Afinal de contas, não passas dum pobre animal ridículo que dá vontade de rir! As tuas línguas só ferem os covardes! Os teus olhos só esguicham veneno sobre os fracos e os palermas. A mim dás-me vontade de rir e nada mais. (*O senhor doutor*, 18/03/1933:5)

Observamos que, apesar da personagem dizer que tem vontade de rir, não se cria o humor. Apesar do resgate à tradição oral e de aspectos lúdicos, o conto ainda apresenta uma forte mensagem didático-moralista, como ocorre em outros textos vistos neste trabalho:

Só com a ajuda da tua energia e da tua força de vontade, acabas de dominar a bicha de sete-cabeças, isto é: a Intriga, a Indisciplina, a Inveja, a Preguiça, o Ódio, a Injustiça e o Ouro. O resto, agora, é fácil. Vem”. (*O senhor doutor*, 18/03/1933:5)

Como podemos averiguar, há uma forte influência do lado sentimental e generoso do espírito romântico, em que o herói deve lutar a favor dos fracos e perseguidos, sendo que “só as más tendências do homem(egoísmo, orgulho, preconceitos, ambição desmedida...)impediam o funcionamento ideal da sociedade(COELHO, 1991:185).

Quanto à ilustração de Carlos Ribeiro¹⁰⁰, pode ser considerada referencial e denotativa (Fig 9). Vemos um menino, todo risonho, enfrentando a Bicha(bicho) de sete cabeças, ser fantástico, comum a diversas histórias da tradição oral e sinônimo de uma situação difícil, um tanto exagerada, um grande problema a ser enfrentado.

Figura 9- Ilustração de “Aldeia de Choramigas”
Jornal O senhor doutor, 18/03/1933:5

Retomando algumas considerações já feitas, podemos ratificar que, em 1933, , quando o Salazarismo iniciava-se, José Gomes Ferreira, já envolto na estética neorrealista, mas sem abandonar o posicionamento humanista do Presencismo, fazia críticas diretas ao conformismo português e à miséria em que se encontrava o país e, em um tom bastante pessimista, constatava que as mudanças eram uma ilusão.

Quanto à concepção de infância, vemos um “herói-menino”, independente e dono de seu destino, já que, ambigualmente, não parece uma criança, e como um herói mostra ter medo, mas os enfrenta:

Mas o menino, disposto a correr todos os perigos para chegar a essa terra de maravilha, despediu-se da mãe, prometeu-lhe que voltaria em breve e, para não ouvir as lamentações das outras pessoas da aldeia, resolveu fugir. (*O senhor doutor, 18/03/1933:5*)

¹⁰⁰ A partir do conto “ O caminho da infelicidade”, no número 4, todos os contos do senhor do cachimbo, agora denominados “ As maravilhosas aventuras de João Sem Medo, serão ilustrados pela artista Ofélia Marques.

A atitude de fugir não é o que se pode considerar por exemplar, além disso, o fato de se rebelar não era comum. Observamos que as atitudes do menino destoam daquelas esperadas no próprio editorial do jornal, ou seja, que não discute e de quem se conhece todos os gostos.

O menino apresenta uma consciência social também inusitada:

Tinha certeza de que existia, em qualquer parte, um paraíso onde não havia meninos ricos nem meninos pobres, mas apenas meninos felizes. Tinha a certeza... (*O senhor doutor*, 18/03/1933:5)

Em outro momento, mostra-se obediente, confiante em seu anjo protetor:

Quando chegaram ao fundo do abismo, o menino, sem discutir as ordens do seu guia, seguiu-o resolutamente na penosa marcha por meio de mil animais horríveis: serpentes com olhos de fogo, monstros com cabeça de porco, patas de cavalo e trombas de elefante, macacos pintados de verde, etc.
(*O senhor doutor*, 18/03/1933:5)

Nesse primeiro episódio, a moral ingênua não se cumpre, o final feliz não ocorre e o menino volta ao ponto inicial da narrativa, conformando-se e constatando que a terra maravilhosa era uma ilusão.

O conto “Aeroplano Mágico” (Anexo AA e Apêndice G) não foi aproveitado para versão em livro e a figura do menino aventureiro do primeiro episódio não é retomada. A ilustração, um homem de turbante e roupas árabes, olha para uma palmeira e um aeroplano ao longe, recebe a assinatura de Jorge Costa e a data de 1932, ou seja, não foi feita para esse conto, mas adaptada.

É interessante observar que abaixo do conto há “Na cesta dos ovos”, de Laura Chaves, sendo que diferentes gêneros convivem no mesmo espaço do jornal, como já pudemos observar.

Resumidamente, temos a história de um príncipe chamado Coração Largo, de dezesseis anos, que vive isolado em uma ilha distante e desejava saber mais sobre o mundo. O pai era um velho barbudo, amargo, de olhos tristes, que resolvera viver naquela ilha para proteger o filho das “pústulas e chagas” da sociedade, repleta de misérias, torpezas, vícios, tirania; onde os fortes esmagam os fracos. A ilha se chama Ilha Verde e é cercada por muralhas.

Em um primeiro momento, podemos constatar uma concepção rousseaniana para a educação junto à natureza, longe da sociedade. Todavia, o único destino para o príncipe era um casamento arranjado com a Infanta das Unhas Rosadas, linda e abençoada pelos gênios denominados a Alegria, a Beleza, o Paraíso.

Ao ver a ansiedade do filho, o pai lhe pede que pensasse somente em sua futura esposa. Ao ver a foto da princesa, loira, “puríssima deusa” de olhos azuis, o príncipe apaixona-se e passa a sonhar com o casamento e com a “Eterna Felicidade”. Observamos uma visão idealizada e romântica, tanto do amor como do casamento

Mesmo com esse novo amor, o personagem anseia por partir e conhecer o “horrível mundo” além da Ilha Verde, pois acredita que só assim conseguirá fugir de sua tristeza.

Certo dia, surge uma estranha ave no céu, na verdade um aeroplano-mágico de nome Rocinante, cujo intuito era levar o príncipe daquele lugar.

Ao apresentar-se, o aeroplano explica que seu nome refere-se ao cavalo de D. Quixote e revela suas intenções, o que demonstra uma preocupação didática do escritor.

O príncipe, obediente a seu pai, nega-se a partir, já que esperava por sua noiva. O rapaz aproveita para matar sua curiosidade e questiona o aeroplano sobre o mundo, se era tudo aquilo que seu pai lhe dissera. O aeroplano consente e, a cada pergunta, sua resposta é afirmativa. Rocinante confirma que no mundo há miséria, traição e indisciplina, que não há quem proteja mulheres, órfãos e fracos e que o lugar era realmente um inferno.

Indignado e confuso, o rapaz não entende porque Rocinante quer levá-lo, uma vez que o mundo é tão terrível. O aeroplano explica que o príncipe foi escolhido pelo Destino para tentar salvar o mundo.

O príncipe fica fascinado e o aeroplano confirma que ele seria o único capaz de transformar o inferno em paraíso.

O rapaz concorda em partir e o aeroplano questiona se ele sabe realmente o que o espera e o que ele perdia, como a Ilha Verde e a Infanta das Unhas Rosadas e a própria felicidade. Comovido, com lágrimas nos olhos, o príncipe diz que não se importa. Depois, às gargalhadas, diz que não podia ser feliz mesmo, quando outros não o eram, enfim, viver longe dos homens não lhe trazia felicidade.

Finalmente, o príncipe parte, decidido, disposto a sacrificar sua felicidade pela

felicidade dos outros, como um típico herói romântico.

Há nesse conto também um resgate da estrutura do conto maravilhoso. O príncipe pertence a um lugar distante em um tempo indeterminado. É extremamente protegido pelo pai, o que não lhe traz felicidade. Este, por sua vez, traça-lhe um futuro, mas, pelo que se observa, o Destino prepara-lhe um outro desígnio.

Com a mediação do aeroplano-mágico, o príncipe segue o que lhe foi reservado, com coragem, consciência e abnegação. É tratado não somente como um herói, mas um mártir, que abdicaria de sua própria felicidade pela felicidade dos outros.

Podemos dizer que o conto apropria-se do discurso religioso ao pregar pelo sacrifício de um herói, um mártir, para a salvação da humanidade, tal como Jesus Cristo, o príncipe teve que abdicar da felicidade e paz junto a seu pai para entrar no mundo dos homens, cruéis criaturas, e tentar salvá-las da miséria, da opressão:

Foste escolhido pelo Destino, para ir tentar salvar o mundo, proteger as mulheres e os fracos, castigar os maus e desfazer o vício, condenar a preguiça, espalhar a alegria.
(*O senhor doutor*, 25/03/1933:9)

Diferentemente do outro conto, o herói, um adulto e não mais uma criança, segue seu destino, mesmo que em dúvida quanto a seu futuro.

O autor procura incluir um elemento moderno, arrojado, no conto: o aeroplano. Esse objeto fala, é mágico e tem uma missão a cumprir, levar o príncipe para o mundo. Entretanto, não há outros elementos que quebrem a estrutura básica do gênero. Não há paródia, nem estilização. O conto não é “modernizado”.

A impressão que temos é de que o autor procurou dar uma “roupagem” nova ao conto, introduzindo um objeto moderno na época, que correspondesse aos novos gostos das crianças, meninos principalmente, mas tal modernidade soa falsa, já que o conto é extremamente moralizante, ou seja, usa o aeroplano como pretexto para tornar o conto mais moderno, mais contemporâneo, mas seu teor é tradicional.

Talvez o tom exagerado e excessivamente utópico do conto tenha feito com que José Gomes Ferreira não o tenha aproveitado no livro. Esse príncipe não corresponde a João Sem Medo, que, apesar de corajoso, termina a história com uma atitude derrotista e egoísta. Lembremos que após atravessar o muro, que nesse conto também é citado, João queria salvar sua terra, queria que todos parassem de

chorar, não fossem tão infelizes. Como ele vê que não há jeito de lutar contra as mazelas, resolve cuidar das consequências, passando a vender lenços para os chorões.

Por outro lado, a intertextualidade com Dom Quixote, infelizmente revelada diretamente, leva-nos a crer na descrença do autor quanto ao sucesso de seu príncipe. O exagero pode ser interpretado como ironia ou sarcasmo. Leríamos nas entrelinhas que o príncipe era um mero sonhador e que seu intento já estaria fadado ao fracasso.

O herói, como um Dom Quixote, seria levado para o mundo para lutar contra os monstros, mas encontraria moinhos de vento. Não seria admirado e provavelmente seria traído e ridicularizado. Ressalta-se que a imaginação criadora do Quixote era considerada como loucura, sendo que ela apenas o levou a desventuras. A realidade e a ilusão cruzam-se na mente desse cavaleiro da Triste Figura.

Na edição de 01 de abril de 1933, temos, pela primeira vez, o título “Os contos do avô do cachimbo” e dois contos: “O tempo em que os homens não falavam- Primeira fumaça” e “A floresta proibida- Segunda fumaça”.

O primeiro texto, que poderia ser classificado mais como a paródia de uma fábula que um conto, propriamente dito, não foi retomado nas *Aventuras de João Sem Medo*. Apresenta novamente uma ilustração de Jorge Costa, na qual há um homem, à moda de Tarzan, com uma tanga, que observa vários animais, em clima de harmonia (Anexo BB e Apêndice H)

Conta-se que havia um tempo em que os animais falavam, até nas universidades. Já os homens eram infelizes, pois não falavam. Em um tom zombeteiro, as ações animais das dos homens são descritas. Os animais eram os donos do mundo, redigiam leis e iam para as guerras. Por exemplo, o sábio não conseguia demonstrar uma teoria científica, os poetas não conseguiam exprimir suas emoções.

A ação muda quando os animais tornam-se excessivamente cruéis e começam a maltratar os homens. Júpiter, ao ver tanta injustiça, decreta que os homens falassem e os animais não. Ao final, o narrador alerta para que não maltratemos os animais, pois Júpiter poderia mudar de ideia e todos seriam enviados para o zoológico

O texto parodia as fábulas tradicionais, citando, inclusive, La Fontaine, o que

deixa explícita a intertextualidade, em um exercício de metalinguagem, mas novamente didático. Remonta a um tempo em que até os burros falavam nas universidades. O tom é irônico e zombeteiro. Há uma linguagem coloquial: “Os animais falavam pelos cotovelos”. Mescla-se, portanto, um didatismo tradicional, a um ludismo mais moderno.

Figuras do catolicismo, como anjos da guarda, são substituídas por elementos da cultura pagã, da mitologia romana. Ao invés de anjos da guarda ou da imagem de Jesus, observamos referências a Júpiter.

Além de tanto falatório, a sogra cacarejava, os policiais urravam como leões. Pelo que se entende, os homens pensavam, tinham sabedoria, mas não dominavam a linguagem falada. Os animais costumam falar nas fábulas, mas normalmente os homens não aparecem e quando o fazem, também falam. O narrador pode ser classificado como intruso e estabelece um diálogo com o leitor: “ como veem”

As atitudes cruéis dos animais são análogas às dos homens. O frango, por exemplo, faz canja da cozinheira. Observa-se, portanto o tom crítico bem humorado.

A partir desse episódio, o narrador torna-se muito didático e apresenta exemplos muito óbvios, como o caso do canário que, caso visse uma menina de amarelo, logo a prenderia. Novamente, observamos a concepção da criança como um ser que necessita ser conduzido e educado. O lúdico mescla-se ao didático.

O conto “A floresta proibida” (Anexo BB e Apêndice I), retomado e adaptado para o livro, não apresenta ilustração e volta a citar o nome de João Sem Medo, dando continuidade à história da *Aldeia de Choramigas*, um episódio fechado e terminado. Não há relações com o episódio anterior.

João Sem Medo desobedece à mãe e se dirige para Floresta da Vida. Lá chegando, encontra os seguintes dizeres: “É proibida a entrada de menores”. Acaba por pular o muro e entra na Floresta Proibida. Ele entra cautelosamente e pouco enxerga. Anda por horas sossegadamente e observa com naturalidade as árvores se espreguiçarem e os pássaros bocejarem. O menino começa a gritar, chamando pelos entes mágicos.

Ao final da floresta, encontra dois caminhos, um asfaltado, bonito e outro pedregoso e cheio de urtigas. Pensa em uma fada, que o guiasse como um sinaleiro, a qual logo aparece, mas não era bela como o menino a imaginava e sim ridícula, “parecia que ia a um baile de carnaval”. Ela se apresenta como a *Fada dos dois caminhos* e se oferece para mostrar sua carteira de identidade.

Podemos destacar a mistura de aspectos cotidianos, do mundo real, mesclados a um mundo encantado e mágico, no melhor estilo lobatiano.

Ao notar que o menino zombava, a fada justifica sua aparência por ser velhinha, com 20 mil anos, prestes a entrar para o *Asilo das fadas inválidas*. O herói pergunta à Fada que melhor caminho seguir. Ela diz que o bom caminho levava à felicidade e o mau à infelicidade. João escolhe o bom caminho, mas o guarda deveria ser avisado da decisão. A fada utiliza um telefone sem fio para avisá-lo e se retira, enquanto um automóvel de ouro, sem motorista, aparece para levar o rapaz.

O automóvel, com braços mecânicos, era veloz e em segundos leva João Sem Medo a uma casa em forma de cubo, sem janelas ou portas. Aparece à porta um homem sem cabeça, com os olhos no peito, que dá boas vindas ao rapaz e lhe pergunta se estava pronto para a operação.

O guarda, fumando pela boca do estômago, explica para João Sem Medo que para seguir o caminho da felicidade ele precisaria cortar a cabeça para não pensar, não ter opinião, nem pensamentos perigosos. O rapaz fica indignado e resolve seguir outro caminho, o da infelicidade. O “monstro” o considera um tolo e disse que ele iria sofrer. Completa que a cabeça não fazia falta, até se economizava no cabeleireiro. João, no entanto, argumenta que o que era infelicidade para o monstro poderia ser felicidade para ele.

Ao entrar no outro caminho, o menino passa a desafiar as fadas, dizendo que não conseguiriam fazê-lo infeliz, simplesmente porque ele não queria.

João Sem Medo, como um típico herói, desafia os obstáculos, mostra-se corajoso. Pula o muro e zomba da fada. A fada é uma velha, segundo o narrador, ridícula. Hoje essa postura seria politicamente incorreta.

Como no conto “Aldeia de Choramigas”, o herói se constitui em uma criança independente, corajosa e questionadora.

Observa-se que a escolha de um caminho a seguir é uma constante nas narrativas tradicionais, nas quais o herói é colocado em uma encruzilhada e é obrigado a fazer escolhas.

João demonstra estar confiante e, para nós, é de certa forma ingênuo, pois acredita que é capaz de controlar seu destino, sendo feliz somente porque quer.

Recursos visuais, como a simulação dos cartazes, também foram mantidas no livro. Todavia, os dizeres são outros, pois no conto lemos “É proibida a entrada de menores”, já no livro temos “É proibida a entrada a quem não andar espantado

de existir”

No livro, o carro chega a 3000 km e a casa encontrada é de mármore branco. Já a fala do homem sem cabeça é a mesma: “Que a paz e a estupidez estejam contigo”, assim como seu hábito de fumar persiste, destoando ao que consideramos inconveniente às crianças atualmente. Mais satírico, o autor acrescenta que além de cortar a cabeça para não se ter ideias, ou pensar, é para também não se ter piolhos.

Acreditamos que o tom bem humorado e a existência de objetos inusitados tenham agradado às crianças, pois há um estímulo ao lúdico e à imaginação.

Na obra, o monstro dá outra opção a João Sem Medo, que é a do herói requerer a concessão que todos os Homens de Representação Pública costumam obter: uma cabeça vazia, oca, pois o cérebro é sugado. Nessa ação vê-se uma clara alusão ao poder e aos políticos.

O monstro ainda sugere que o rapaz coloque uma bola de futebol ou uma melancia no lugar da cabeça. Vemos, com isso, claramente a intenção crítica e humorística do narrador.

Quanto ao contraste do final do episódio com o livro, verifica-se que este é bastante interessante; e vale a citação;

Ouçam fadas: vocês podem perseguir-me, praticar violências, transformar-me em lagarto, em mosca, em morcego, em aranha, em tudo. Mas juro-vos que não hei de ser infeliz! PORQUE NÃO QUERO !
E João começou a subir, corajosamente, seu caminho áspero (*O senhor doutor*, 01/04/1933)

Bem sei que podem perseguir-me, arrancar-me os olhos, torcer-me as orelhas, transformar-me em lagarto, em morcego, em aranha, em lacrau! Mas juro que não hei-de ser infeliz PORQUE NÃO QUERO.
E João Sem Medo continuou a subir o caminho árduo , resoluto na sua pertinácia de ocultar o medo- a única valentia verdadeira dos homens verdadeiros.(FERREIRA, 1963:21):

Há pequenas mudanças de estilo, na estrutura das frases, assim como omissão e acréscimo de palavras, mas o que se destaca é a reflexão no narrador, quanto à pretensa coragem do herói, cuja maior valentia é ocultar o medo.

Haveria ainda muitos outros episódios interessantes, entretanto por ora encerramos, podendo afirmar que José Gomes Ferreira, um autor mais conhecido por seus poemas destinados aos adultos, produziu em 1933 um material riquíssimo,

entre a tradição e a modernidade, entre o didático-moralista e o lúdico, que, juntamente com vários outros autores e gêneros publicados no jornal *O senhor doutor*, analisados neste trabalho, contribuíram significativamente para a formação de leitores e da literatura infantil portuguesa.

3.2- A revista *O Tico-Tico*

Fim

*Por que dar fim a histórias?
Quando Robinson Crusoe deixou a ilha,
Que tristeza para o leitor do Tico-Tico.
Era sublime viver para sempre com ele e com
Sexta-Feira
Na exemplar, na florida solidão
Sem nenhum dos dois saber que eu estava aqui.*

*Largaram-me entre marinheiros-colonos,
Sozinho na ilha povoada,
Mais sozinho que Robinson, com lágrimas
Desbotando a cor das figuras do Tico-tico.
Carlos Drummond de Andrade¹⁰¹*

A revista *O Tico-Tico* tem sido objeto de estudo principalmente na área de Comunicação, por sua importância na mídia impressa, por sua contribuição para a arte sequencial no Brasil, por seus ilustradores e cartunistas; assim como na área de História Social, enquanto documento da cultura e da sociedade brasileira. Entretanto, sua relevância para a formação de leitores e da literatura infantil tem sido deixada em segundo plano.

Esse periódico é lembrado, equivocadamente, como simples divulgador das histórias em quadrinhos, contudo, vale esclarecer que a revista não era um *comic book*, no estilo norte-americano, como se configuraria mais tarde a revista *Gibi*, por exemplo, mas sim um espaço misto, o que suscita práticas de leituras diversas.

Quanto a suas origens, foi fundada, em 1905, pelo jornalista Luiz Bartolomeu de Souza e Silva¹⁰² (1866-1932), responsável pela publicação de outros periódicos, como *A Tribuna*, *Ilustração Brasileira* e *Leitura para todos*, entre outros. Ele foi também diretor da *Sociedade “O Malho”* de 1902 até 1913, quando se tornou deputado federal pelo estado do Paraná (ARROYO, 2011:213-215).

Acrescenta-se, ainda, que *O Tico-Tico* foi idealizado pelo jornalista e

¹⁰¹ ANDRADE, Carlos Drummond. “Boitempo”(1968) in *Poesia Completa e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973, 391.

¹⁰² Como ilustração, o fundador da revista é o bisavô do ex- presidente Fernando Collor de Melo

caricaturista Renato de Castro, pelo poeta Cardoso Júnior e pelo professor e jornalista Manoel Bonfim, que, inspirados pelo sucesso da revista francesa *La Semaine de Suzette* (1905-1960), editada por Maurice Languereau.¹⁰³, conseguiram convencer Luis Bartolomeu da importância e viabilidade de uma revista para as crianças. Trata-se de um grupo aparentemente com interesses diversos (jornalístico, pedagógico e literário), mas com ideais comuns.

Relembramos que as revistas ilustradas foram bastante difundidas nas primeiras décadas do século XX, devido ao uso de novas tecnologias, a um grupo de profissionais capacitados, a melhores condições de transporte e a um público leitor em formação. Assim, esses periódicos foram considerados ideais para uma sociedade arcaica, pouco alfabetizada, de origem escravagista e colonial, que se desejava moderna, ávida de cultura, informação e entretenimento.

Nesse sentido, a revista *O Malho* (1902)¹⁰⁴, com seu humor visual, bons caricaturistas, ilustradores e redatores, dirigidos por Luís Bartolomeu, tornou-se uma referência nacional e, segundo a historiadora Zita de Paula Rosa, “uma expressiva força de combate, de denúncia, de crítica, e de sátira do cotidiano da sociedade e da política brasileiras...” (ROSA, 1991:24).

A partir de 1903, como uma experiência ou mesmo “sondagem de mercado”, começaram a ser publicadas em *O Malho* histórias quadrinizadas para as crianças, o que deu oportunidade para os ilustradores e caricaturistas do periódico de se familiarizarem com o novo gênero das histórias em quadrinhos:

Essas tentativas de produção de histórias ilustradas em quadrinhos, com enredo, personagens, ambientes e situações mais próximas do cotidiano da criança brasileira, constituíram formas preliminares de se averiguar as possibilidades de lançamento e popularização de revistas destinadas à infância (ROSA, 1991:31).

Antes de seu lançamento, a revista *O Tico-Tico* chegou a ser promovida nas páginas de *O Malho*, veículo consolidado e de muito prestígio entre os adultos. Foram passadas aos pais informações diversas, como a estrutura da publicação, os conteúdos, os objetivos e o público a que destinava - meninos de até doze anos

¹⁰³ As publicações não foram constantes. De 1905 a 1940 e de 1946 a 1960. Mais dados disponíveis em <http://www.bibliothequedesuzette.com/>. Acessado em 15 maio 2012.

¹⁰⁴ A Casa Rui Barbosa possui um projeto sobre a revista *O Malho* e vários de seus exemplares podem ser lidos virtualmente no site. Não é possível reproduzi-los neste trabalho. Disponível em <http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho/index.asp?lk=50&pagina=20#>. Acessado em 16 maio 2012.

de idade:

Mas a empresa d' Malho, completando assim o número de suas publicações, vai fazer ainda surgir outra, num gênero que não se tentou até agora entre nós, o que , entretanto, exprime uma necessidade. Realmente ninguém poderá negar que seja um serviço meritório a publicação de um jornal exclusivamente dedicado às seráficas, no Brasil.

Um jornal que substitua os brinquedos, porque nenhum brinquedo divertirá tanto as crianças como as sua páginas, cheias de ilustrações, de contos a Carlos Perrault, de historietas fáceis, mas instrutivas, eis o nosso ideal, eis o que pretendemos fazer, eis o que desejamos que seja.. O Tico-Tico [...]. (*O Malho*, 16/9/1905: 40)¹⁰⁵

A dupla função da revista, entreter e ensinar, foi estabelecida bem antes de sua publicação, de forma explícita e consciente, e as estratégias de divulgação eram já bastante modernas. A Sociedade Anônima d' Malho, como outras empresas, distribuía suas publicações por vários centros urbanos, inclusive gratuitamente, uma vez que, nessa época, eram proibidas a exposição e a venda avulsa de jornais nas calçadas, segundo Rosa:

Além de distribuir exemplares entre os jornais dos grandes centros urbanos do país, a empresa inovou ao oferecê-los como cortesia às associações profissionais, às congregações religiosas e aos grêmios recreativos[...] (ROSA, 1991:26)

Dessa forma, a partir do exposto, notamos que várias estratégias de promoção foram tomadas, as quais contribuíram para o sucesso de um novo e arriscado empreendimento.

O primeiro número da revista *O Tico-Tico* data de 11 de outubro de 1905, uma quarta-feira, chegando ao *record* de 20 mil exemplares já na primeira edição.¹⁰⁶ Ilustrada e com páginas coloridas ou monocromáticas (azul, verde e vermelho) em formato 22x30 cm (Anexo B), uma novidade para a época. A revista manteve seu preço de capa inalterado em 200 réis(AZEVEDO, 2005)¹⁰⁷ por quase quinze anos. Segundo Vergueiro, era um valor relativamente baixo, acessível a diferentes camadas da população (VERGUEIRO & SANTOS, 2006), porém seu público-alvo ,

¹⁰⁵ Edição 157. A ortografia foi atualizada.

<http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho/revista.asp?rev=157&ano=1905>

¹⁰⁶ Como os 10 mil exemplares iniciais se esgotaram rapidamente, foi preciso duplicar a primeira edição às pressas. Na primeira tiragem, constava, erroneamente, quinta-feira.

¹⁰⁷ Segundo Ezequiel de Azevedo, essa quantia seria suficiente para comprar alguns pães.

as crianças da elite e das classes médias, já haviam sido previamente definidos.

Suas tiragens oscilaram ao longo dos anos, chegando a cem mil exemplares nas edições que promoviam grandes concursos de alcance nacional, principalmente de 1935 a 1939.

Os responsáveis por *O Tico-Tico* defendiam um tipo de revista que pudesse colaborar para a produção de adultos pró-ativos, que acreditariam na força do trabalho e participariam do capitalismo em ascensão. Para isso, escolheram como público ideal a criança advinda das classes médias:

O público consumidor eleito pela revista era a criança de classe média, oriunda de uma família solidamente constituída, temente a Deus, respeitadora dos valores pátrios, matriculadas em instituições formais, com uma inteligência superior à média(...)submissa aos preceitos morais predominantes na sociedade brasileira.” (VERGUEIRO & SANTOS, 2006:215)

A revista atenderia aos anseios de uma sociedade, ou parte dela, que se encontrava mais aberta à indústria cultural que então surgia, conforme nos apontam Lajolo & Zilberman:

Esta, por assim dizer, prontidão e maturidade da sociedade brasileira para absorção de produtos culturais mais modernos e especificamente dirigidos para uma ou outra faixa de consumidores expressa-se exemplarmente no surgimento, em 1905, da revista infantil *O Tico-Tico*. (LAJOLO & ZILBERMAN, 2007:23)

Havia, portanto, um contexto propício para a formação e consolidação de uma sociedade leitora, assim como de uma massa consumidora, basicamente urbana, no início do século XX, apta a absorver produtos culturais mais modernos, para grupos específicos, no caso as crianças, como já havia ocorrido nos países desenvolvidos da Europa no século XIX:

O sucesso do lançamento, a longa permanência da revista(*O Tico-Tico*) no cenário editorial, a importância de suas personagens na construção do imaginário infantil nacional, a colaboração recebida de grandes artistas — tudo isso referenda que o Brasil do começo do século, nos centros maiores, já se habilitava ao consumo de produtos da hoje chamada indústria cultural. (LAJOLO & ZILBERMAN, 2007:23)

Consideramos que a importância das personagens da revista na construção do imaginário infantil nacional, inseridas em enredos e temáticas específicas,

conforme veremos, está diretamente associada à formação de leitores e da própria literatura infantil brasileira, indo muito além de mero produto da indústria cultural.

As relações entre as revistas *O Malho* e *O Tico-Tico* foram ratificadas na primeira edição na história quadrinizada “Manda quem pode”. O seu Malho, personificado por um adulto, dialoga com várias crianças que reivindicam uma publicação exclusiva para elas. Vale a longa citação de um trecho dessa história, composta por seis quadros coloridos (Anexo B):

_ Mas isso é grave! É revolução? Que é que vocês querem, afinal de contas, ó pequenas esperanças da Pátria?
 _Queremos um jornal exclusivamente para nós. Você, seu Malho, é muito bem-feito, é muito divertido, mas....não nos basta!
 _Eu acho que vocês todos têm razão. Na verdade, chega a ser uma injustiça que no Brasil todas as classes tenham o seu jornal e só vocês não o tenham. Pois bem! Futuros salvadores da Pátria e mães de família futuras! Daqui em diante, às quartas-feiras, exigi de vossos pais O Tico-Tico.
 _Bravos! Viva O Malho! Viva o Tico-Tico! Viva! (*O Tico-Tico*, 11/10/1905:1)

Os objetivos da revista são bastante explicitados, assim como o teor cívico e a concepção de infância vigente na época, sendo a criança vista , desde os primeiros anos da Primeira República , como o futuro da nação, um ser apto à educação, inclusive por meio dos periódicos. Expressões como “esperanças da Pátria”; “os futuros salvadores da pátria” e “ mães de família futuras” reforçam o tipo de criança almejada, assim como a nação vislumbrada.

Interessante notar que as crianças nessa história não são vistas como seres passivos, mas como um público exigente e carente de produções culturais específicas para elas.

Quanto à primeira edição, podemos destacar ainda o logotipo (Fig 10) criado pelo já conceituado ilustrador e caricaturista de origem italiana, Ângelo Agostini (1843-1910), naturalizado brasileiro, considerado o precursor dos quadrinhos no Brasil.¹⁰⁸

¹⁰⁸ Agostini foi responsável pela primeira história ilustrada para crianças na revista *O Malho*, “ Por causa de um cachorro”, em 1904, Consta da edição 109, de 15/10/1904, p.38. Disponível em <http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho/revista.asp?rev=109&ano=1904>. Acessado em 13 jun 2012

Figura 10- Logotipo e cabeçalho das primeiras edições de *O Tico-Tico*, Ângelo Agostini.

Revista *O Tico-Tico*, 1905

No cabeçalho¹⁰⁹, destacam-se várias crianças loiras, nuas como anjinhos, que aparentam movimentar-se ao redor das letras do título, lendo, brincando ou conversando. Ao centro, um pássaro do tipo tico-tico é representado de forma realista e descritiva.

Quanto à escolha do título da revista, *O Tico-Tico*, há duas versões diferentes. Segundo Arroyo, a partir de depoimento de Carmem de Sousa e Silva Westerlund, filha de Luiz Bartolomeu de Sousa e Silva, o jornalista estava pensando em um título para a revista quando viu um tico-tico pousado no viveiro de pássaros em sua casa e teve a ideia de usar esse nome, por ser simples e despretensioso (ARROYO, 2011:216).

Ezequiel de Azevedo(2005) indica outra versão na qual o nome teria sido escolhido por Manoel Bonfim e Renato de Castro, em homenagem às escolas de tico-tico, de crianças pequenas, as escolas primárias.

Segundo o dicionário Houaiss, além de denominar o nome de uma ave passeriforme, o termo “tico-tico” recebe outras acepções, como “indivíduo pequeno e franzino”, no sentido pejorativo, “coisa pequenina” e “escola primária”, entre outros (HOUAISS, 2001: 2715), o que confirma a possibilidade da segunda versão para o nome. Dessa forma, a revista seria um veículo pedagógico, por intermédio do qual as crianças poderiam aprender informalmente.

Na edição comemorativa de 1955, *Cinquentenário “de O Tico-Tico*, a posição da revista confirma-se mais uma vez:

¹⁰⁹ Há uma ambiguidade quanto à nomenclatura do periódico, denominado de *jornal* e mais tarde reconhecido como *revista*, já que era uma publicação semanal com várias páginas. O periódico era chamado ora de jornal, ora de revista.

Permanecem os mesmos princípios de seleção da matéria publicada, e sendo embora, uma revista alegre, não há em suas páginas, uma brincadeira, uma anedota, uma piada que implique em falta de respeito aos mais velhos[...]. Conceituado, bem recebido nos lares e nos estabelecimentos de ensino onde a disciplina mais rigorosa se faz sentir, sendo “o bom companheiro” de sempre, é assim que chega “O Tico-Tico” à data em que festeja a sua primeira metade de século de vida, toda ela a serviço da formação mental e moral da criança brasileira. (*O Tico-Tico*, outubro de 1955:9-10)

Após quase 57 anos de duração, entre altos e baixos e mais de duas mil edições, a revista passou a fazer parte da cultura brasileira e do imaginário infantil, constituindo-se em um objeto fundamental para a formação da infância e da literatura infantil.

Escritores e personalidades chegaram a declarar a importância da revista para sua formação e divertimento quando crianças, além de as intenções pedagógicas confirmarem-se a partir da percepção de um antigo leitor, Carlos Drummond de Andrade, cujo poema também aparece em epígrafe:

O Tico-Tico era de fato a segunda vida dos meninos do começo do século, o cenário maior em que nos inseríamos para fugir à condição escrava de falsos marinheiros, trajados dominicalmente com o uniforme porém sem navio que nos subtraísse ao poderio dos pais, dos tios e da escola. E era também muito de escola disfarçada em brincadeira (*O Tico-Tico*, 1955:54)

Acreditamos que essa perspectiva didática coube ao adulto, enquanto a criança captava simplesmente o lúdico, um espaço de “recreio” no contexto de sua “condição escrava”.

Além das lembranças e depoimentos de Drummond, há as de outros menos conhecidos, como Maria Helena Cardoso, mineira nascida em 1903, que, em seu livro de memórias, *Por onde andou meu coração*(1984), refere-se à revista com carinho, expondo seus desejos de criança:

Gustavo, menino feioso, amarelo, raquítico, de orelhas acabanadas e voz fanhosa, se tornara para mim numa criança bonita e simpática, apenas porque possuía uma assinatura d’ *O Tico-Tico*(....)Como seria feliz se pudesse ler aquele jornalzinho com calma, folheando as páginas vagarosamente, contemplando bem todos aqueles bichos coloridos, personagens meus queridos, como Zé Macaco, Faustina, Chiquinho, Cachimbom na Pandegolândia, tudo aquilo que eu via às pressas [...](CARDOSO, 1984:140)

Para a criação dessas personagens e de tantas outras, foram muitos os escritores, cartunistas e colaboradores da revista ao longo dos anos, alguns, inclusive de difícil identificação, devido à falta de assinatura ou ao uso de pseudônimos.

Entre os cartunistas e ilustradores, além de Ângelo Agostini, destacam-se Vasco Lima, Lobão, Cícero Valadares, J. Carlos, A. Rocha, Loureiro, Leônidas, Alfredo Storni, Oswaldo Storni, Luiz Sá, Max Yantok, entre outros.

Segundo Maria Cristina Merlo¹¹⁰, podemos encontrar, ao longo de diversas edições, escritores como: Cardoso Júnior, Coelho Neto, Olavo Bilac, Murilo Araújo, Catulo da Paixão Cearense, Bastos Tigre, Malba Tahan, Eustórgio Wanderley (com os pseudônimos de Maurício Maia, Trancoso, Malazarte e Wenceslau Semifusa), Humberto de Campos, Oswaldo Orico, Galvão Queiroz, Carlos Manhães, Américo Cilia, Josué Montello, Leonor Posada , Gaspar Coelho e Gustavo Barroso, entre outros.

Como qualquer obra de tanto alcance e duração, a revista *O Tico-Tico* passou por algumas transformações ao longo das cinco décadas em que foi publicada, variando em conteúdo e estrutura. Em linhas gerais, era composta de diferentes seções fixas e de gêneros diversos, como partituras, notícias, entrevistas, anúncios publicitários, encartes para montar, passatempos, seção do leitor (textos e fotos enviados pelos leitores), concursos, histórias em quadrinhos, histórias quadrinizadas, poemas, contos, romances em folhetins como *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift e *As aventuras de Robinson Crusoé* , de Daniel Defoe, conforme nos apresenta o poeta Drummond, um menino que vivia essas histórias e lamenta seu fim.

Como vimos, essa revista reinou absoluta até os anos 30, quando começaram a surgir concorrentes, como o *Suplemento Infantil*, de Adolfo Aizen, no jornal *A Nação* no Rio de Janeiro, em 1934. Esse foi o início da decadência da revista, segundo Waldomiro Vergueiro:

De repente, os personagens ingênuos e bem intencionados da revista passavam a ser substituídos no gosto popular por intrépidos desbravadores de novos mundos, homens mascarados ou seres superpoderosos. Foi um choque.(VERGUEIRO & SANTOS ,2006: 206).

¹¹⁰ “ As dimensões jornalística e literária em *O Tico-Tico*” in *O Tico-Tico 100 anos*.2006

O autor acrescenta que a revista, no final dos anos de 1930 e anos de 1940, até tentou competir com as novas publicações, privilegiando as HQ, mas comprometeu sua qualidade e passou a perder cada vez mais espaço no mercado.

Quanto às diferenças entre as revistas de HQ e *O Tico-Tico*, Zita de Paula Rosa complementa:

Os exemplos de lealdade, de obediência, de cortesia, de esforço, de aplicação nos estudos, de honestidade, de humildade chocavam-se com os de coragem, de destreza, de malícia, de astúcia, de esperteza e de arrojo de heróis como Batman, Flash Gordon, Super-homem, Mandrake e outros(ROSA, 1991:16)

A historiadora concorda que a importação de heróis estrangeiros tenha interferido no prestígio da revista, mas aponta ainda o surgimento dos livros de Monteiro Lobato como coadjuvantes desse processo.

Concordamos com essa hipótese, já que os anos de 1930 foram muito frutíferos para a publicação de livros infantis e para a literatura infantil em geral.

É preciso lembrar que esse impulso da literatura infantil só foi possível devido às mudanças educacionais em nível estadual nos anos de 1920, assim como ao talento de Monteiro Lobato, como escritor para crianças, o qual inspirou outros escritores e editores.

As crianças passaram a ter mais opções de leitura: as revistas de HQ, nos moldes dos *comic books*, com seus heróis importados e protocolos de leitura que conciliam a linguagem verbal à não verbal, e os livros de Lobato, com sua linguagem lúdica, alinhando o mundo da fantasia ao cotidiano.

Como vimos, a própria Sociedade d' *O Malho* partiu para o mercado editorial de livros, compondo de forma variada a *Biblioteca infantil de O Tico-Tico*, com o lançamento de várias publicações de autores como Josué Montello, Osvaldo Orico, Humberto de Campos, Galvão de Queirós, Carlos Manhães, Max Yantok, entre outros.

Além da concorrência, Waldomiro Vergueiro aponta outros fatores para o declínio da revista e sua extinção: mudança dos gostos do público, mais adeptos às aventuras das HQ, o surgimento da televisão nos anos de 1950 e seus desenhos animados e, finalmente, um novo mercado consumidor - os adolescentes.

Em suas últimas décadas, a revista procurou retomar seus objetivos iniciais,

mas já havia perdido seu espaço e suas publicações tornaram-se cada vez menos frequentes, com pequenas tiragens quinzenais ou mensais, a partir de 1941.

Além dos almanaques anuais, publicados desde 1907, a revista teve vários “filhotes”, nos termos de Waldomiro Vergueiro, como *Tininho*(1950), *Cirandinha*(1951), direcionada às meninas, e *Pinguinho*(1954).

Chegou a se tornar objeto de leitura de todas as classes sociais, mas manteve valores das classes dominantes e seu modelo didático-pedagógico até seu fim, em 1962.

Quanto à nossa pesquisa, esclarecemos que tivemos acesso à reprodução da primeira edição, de 1905¹¹¹, algumas edições de 1911, 1938 e de 1954¹¹², bem como outras de 1930 e 1933¹¹³. Além disso, adquirimos exemplares originais dos *Almanaques d'O Tico-Tico*: 1929, 1931 e 1937.¹¹⁴

Como recorte, trataremos das edições da revista de janeiro e fevereiro de 1933 (Nº 1422 a 1429), com aparte para as outras edições e publicações quando necessário.

Em 1933, a revista compunha-se de 32 páginas, algumas coloridas, outras monocromáticas (azul ou vermelho) ou em preto e branco. Custava \$500 (quinhentos reis)¹¹⁵.

Nessa época, Antônio Agnelo de Souza e Silva era o diretor-gerente da *Sociedade d' O Malho* e o poeta e jornalista Carlos Manhães, o redator-chefe (1926 a 1939) da revista *O Tico-Tico*, e de outras publicações, como *O Malho*, *Ilustração brasileira*, *Almanaque O Tico-tico*, entre outros.

Manhães colaborava com seus poemas, muitos sem assinatura, e a seção *Lições do vovô*, composta basicamente de textos de divulgação científica, com claras intenções didáticas e formativas. De sua autoria, em 1932, pela Biblioteca de *O Tico-Tico*, publicou o álbum de figuras *No mundo dos bichos*.

Segundo Waldomiro Vergueiro, Manhães foi responsável por inserir no

¹¹¹ Encarte comemorativo do livro *O Tico-Tico 100 anos- Centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil*, em 2006

¹¹² Acervo da Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo.

¹¹³ Acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, USP (em construção), São Paulo.

¹¹⁴ Em pesquisas junto a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em 2009, não pudemos encontrar os exemplares da revista *O Tico-Tico*, pois os mesmos foram roubados.

¹¹⁵ Nessa época havia moedas de 100 a 500 reis. Segundo o Diário Oficial da União de 10/03/1933, um quilo de sal fino custava \$400 e um quilo de feijão 1\$200. Disponível em <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/1934392/dou-secao-1-10-03-1933-pg-79>. Acessado em 12 jun 2012.

periódico matérias relacionadas ao currículo escolar vigente, além de incluir personagens de quadrinhos popularizados pelo cinema, como Mickey Mouse e Gato Félix.

Conforme vimos no primeiro capítulo, o período do qual tratamos foi marcado pelo Estado getulista (1930-1945), no qual prevaleceu a “reconstrução da nação” e o “desvendamento de sua cultura”, algo bastante complexo de se definir.

O Brasil encontrava-se ainda marcado pelo tradicionalismo dos meios agrários, pelo radicalismo das classes operárias e pelo americanismo da burguesia urbana. Vale lembrar que o imperialismo americano impôs não somente novos padrões de consumo de bens materiais e culturais, assim como as revistas de HQ, por exemplo, e ainda as novas teorias pedagógicas da Escola Nova, mescladas ao positivismo, aos interesses do Estado, do Exército e da Igreja Católica.

De um lado, educadores liberais defendiam o ensino público gratuito, sem distinção de sexo, por exemplo, e de outro os católicos defendiam a escola privada e o ensino religioso, sendo que cada sexo deveria receber uma educação específica. As ideias reformistas não foram abandonadas, mas a pedagogia nova só se tornaria predominante a partir de 1947.

Apesar de uma certa evolução dos anos de 1920 para 1940, o Brasil tinha, no início da década de 1940, 56,2% de analfabetos e apenas 21% das crianças frequentavam as escolas, lembrando que ao povo privilegiava-se apenas o ensino primário.

A Revolução de 1930, o *Manifesto da Escola Nova* de 1932 e a Constituição de 1934 foram momentos marcantes e muito significativos para esse período, conforme já pontuamos.

Vimos que a Revolução de 30 já apresentava marcas de autoritarismo e nacionalismo, característicos da ditadura que se iniciaria em 1937, devido à influência das Forças Armadas e da Igreja Católica (HILSDORF, 2007:92), cujos reflexos foram contundentes em relação à educação tanto na escola quanto nas famílias.

Dessa forma, a forte tendência ao nacionalismo, à exaltação à pátria, bem como à doutrinação católica, marcaram a educação dos anos 30 e, por consequência, o conteúdo da revista *O Tico-Tico*.

3.2.1 Periodicidade dos gêneros

Para o levantamento da frequência com a qual diferentes gêneros aparecem na revista *O Tico-Tico*, tomamos como amostragem dois meses, ou seja, 8 exemplares em sequência, de 04/01/1933 a 22/02/1933 (Nº 1422 a 1429), o que julgamos ser suficiente, já que a estrutura da revista não se alterou ao longo de todo o ano de 1933.

Em um primeiro momento, foram computados os dados de cada exemplar, tendo sido os textos separados em diferentes gêneros. Em um segundo momento, os dados dos oito exemplares foram totalizados em 378 textos (100%). Posteriormente, os gêneros foram divididos em dois blocos: *gêneros da literatura infantil*, com 130 textos (HQ, histórias quadrinizadas, contos, poemas, folhetins, textos dramáticos e contribuições dos leitores (poemas, pequenos contos) e *outros gêneros*, com 248 textos (textos de divulgação científica, receitas e instruções, notícias e comunicados, anúncios publicitários, passatempos, cartas e respostas aos leitores, e partituras com letras de músicas).

Detalhes desse levantamento, tais como números absolutos, gêneros por exemplar, encontram-se em um apêndice ao final desse trabalho (Apêndice J).

Quanto à periodicidade dos gêneros da literatura infantil (34,39%), observamos uma frequência significativa, mas bastante inferior aos outros gêneros (65,61%), conforme podemos observar no Gráfico 3.

Essa diferença ocorre principalmente devido à grande frequência dos anúncios publicitários que chegam a superar todos os outros gêneros, com uma frequência de 36,77% (Gráfico 4).

No entanto, é preciso esclarecer que, apesar de haver anúncios de página inteira, a maioria deles ocupa pequenos espaços e aparece mesclada a outros gêneros, preferencialmente nas primeiras e últimas páginas. Em uma única página, por exemplo, é possível encontrar até cinco pequenos anúncios publicitários.

Se pensarmos na extensão dos textos, constatamos que os contos e folhetins costumam a ser mais longos e chegam a ocupar até duas páginas. Já as notícias ou comunicados são textos breves e ocupam pouco espaço.

Quanto aos gêneros comuns à literatura infantil, é importante destacar que não se apresentam em seções fixas, ocupam de uma a duas páginas e aparecem,

em geral, somente a partir da página 7. Destacam-se as histórias quadrinizadas (13,49%), seguidas pelas histórias em quadrinhos (8,20%), contos (4,76%), folhetins(4,23%), poemas(1,85%), colaborações dos leitores (1,59%) e apenas um texto dramático (0,26%)(Gráfico 4).

Gráfico 3 - Periodicidade por blocos: gêneros da literatura infantil e outros gêneros, Revista O Tico-Tico, 1933

Gráfico 4- Periodicidade dos gêneros na revista O Tico-Tico, 1933

Já os outros gêneros aparecem dispersos e eventualmente em seções fixas, como *Lições do vovô* (textos de divulgação científica), o *Tico-tico mundano*(notícias

e comunicados), *Costura e Bordado* (receitas), *Viajando pelo mundo* (textos de divulgação científica) e *Nossos Concursos* (passatempos). Com maior frequência, como já dissemos, aparecem os anúncios publicitários (36,77%), seguidos pelas notícias ou comunicados (11,38%), textos de divulgação científica (6,88%), passatempos (5,29%), receitas ou instruções (3,18%), cartas aos leitores (1,59 %) e partituras de letras de música (0,53%) (Gráfico 4)

A seguir, veremos mais detalhadamente como a revista se organiza, suas diferentes seções e gêneros e as implicações dessas porcentagens.

3.2.2 Capa

Figura 11- Logotipo e novo cabeçalho de 1930, ilustrado por Luiz Sá.
Revista *O Tico-Tico*, 4/01/1933:1

A partir dos anos 1930, Luiz Sá (1907-1980), criador dos personagens Reco-Reco, Bolão e Azeitona, idealizou um novo cabeçalho e logotipo para a revista (Fig 11)¹¹⁶, no qual acrescenta-se o subtítulo: “ O Tico-Tico publica os retratos de todos seus leitores”. À direita, aparecem os preços, 500 réis para o Rio de Janeiro, aumentando para 600 réis em outros estados. Abaixo, o ano, local, data e número da publicação.

Comparativamente à versão anterior, podemos observar que o tico-tico aparece de maneira mais lúdica, personificado, utilizando óculos e chapéu, com uma espécie de livro ou revista sob a asa, lembrando a figura de um professor. Destacam-se as cores da bandeira nacional , asas verdes, corpo amarelo e chapéu azul, e um tom alaranjado para o bico e a capa do livro.

¹¹⁶ As imagens da revista *O Tico-Tico* foram feitas em câmera digital sem flash. Para não danificar o material, não foi permitido usar *scanner* ou fotocopiadora. Assim, algumas fotografias não estão muito nítidas, devido à antiga impressão e à pouca luminosidade.

Os anjos louros foram substituídos por vários personagens da revista, como Zé Macaco, Reco-Reco, Bolão, Lamparina, Chiquinho, Faustina, entre outros, com destaque para os estrangeiros Mickey Mouse e Gato Félix, todos mirando, ou admirando a figura do sábio pássaro ao centro.

Nas edições de 1933, a capa apresenta uma ilustração e legenda sobre conteúdos internos da revista, como uma chamada(Anexo CC)

Encontra-se sempre, nos meses de janeiro e fevereiro, uma grande ilustração do romance *Semeadores do gelo* de Stela Roland, ilustrado por Cícero Valadares e apresentado em forma de folhetim até aedição de 08/03/1933.

Normalmente, abaixo há algum anúncio publicitário referente às publicações da *Biblioteca Infantil de O Tico-Tico*.

Em edições de outros anos, foi possível encontrar capas variadas, inclusive com histórias quadrinizadas completas, assim como observamos na primeira edição de 1905.

3.2.3 Anúncios publicitários

Como vimos , os anúncios publicitários aparecem com muita frequência, algo de se esperar em uma revista, que além de todas as características citadas, era também um empreendimento comercial, em um sistema capitalista, pautado pela produção e o lucro. Há de se considerar também as demandas para os espaços publicitários, assim como os elevados custos das impressões no Brasil(maquinários, energia, tinta e papel), não sendo possível aos periódicos manterem-se somente por meio de assinaturas.

O que chama a atenção é o teor desses anúncios, normalmente direcionados aos pais e responsáveis pelas crianças, com o intuito de orientá-los sobre questões relacionadas à educação, à saúde e à higiene. Beleza e lazer também são abordados, mas com menor frequência. Nota-se que boa parte dos produtos não são para as crianças, como remédios para sífilis ou loções contra a calvície, por exemplo.

Os produtos destinados à saúde, cura de doenças ou sua prevenção, são constantes e se repetem a cada edição: *Elixir Nogueira*, para tratamento da sífilis; *Licor de cacau Xavier*, vermífugo; *Pílulas Virtuosas*(para doenças do estômago,

fígado, intestino, dor de cabeça); *Capivarol* e *Elixir de Inhame*, fortificantes; *Camomilina* para aliviar a dor no nascimento dos dentes nas crianças; e a *Cera Lustosa*, para a dor de dente em geral.

Esses anúncios são, normalmente, pequenos e ilustrados, aparecem nas primeiras ou últimas páginas da revista, sozinhos ou mesclados a outros gêneros (Anexo DD). Alguns deles, como estratégia argumentativa, apresentam fotografias, depoimentos de médicos e/ou pacientes. Sua linguagem, em geral, é bastante direta, denotativa, sem o uso de analogias ou metáforas.

Há também muitos anúncios de livros e revistas, pequenos ao pé das páginas, ou em página inteira (Anexo EE). São publicações da *Sociedade d' O Malho*. Estas ora são destinadas às crianças: *Utilinda brincando*; *Brinquedos de armar*; *De meninas para meninas, estudos de composição*; *O mundo dos bichos*; *Os sete serões de Neayada*. Ora essas publicações são destinadas aos adultos: *Cinearte*; *Moda e bordado*; *Arte de bordar*; *Curso de Violão*; *Sã maternidade*; *O teatro do Tico-Tico* (para as professoras); entre outros.

Para higiene e beleza, há as roupas da loja “*Camiseiro*”, a loção capilar contra calvície “*Juventude Alexandre*”; para o público masculino, o creme “*Segredo da sultana*”; há, ainda, o pó de arroz “*Novelly*”, sabonete e colônia *Floril*, para o público feminino.

Podemos destacar também constantes inserções de propagandas enfatizando a importância do leite para a alimentação.

Tanta preocupação com a saúde e com a higiene comprovam a ideologia eugênica, destacada por Cynthia P S Vilhena, uma espécie de saneamento biológico da população, que tomou grandes proporções a partir dos anos de 1930.

Quanto aos anúncios, muitas vezes aparecem mesclados a outros gêneros. Como exemplo, podemos citar uma história quadrinizada de Luiz Sá e seus personagens Reco-Reco, Bolão e Azeitona (Anexo FF). Os meninos estão jogando bola em um parque, até atingirem um guarda. Ao fugirem de sua travessura, como era seu costume, acabam encontrando uma imensa embalagem - *Elixir de Inhame*.

Essa estratégia é utilizada várias vezes, ou seja, o sucesso das personagens e a visualidade dos quadrinhos são utilizados como recursos persuasivos no discurso publicitário.

3.2.4 Lições do vovô e textos de divulgação científica

A coluna “ Lições de vovô” é uma das mais constantes , permanecendo com pequenas alterações desde a primeira até a última edição. Segundo Ezequiel de Azevedo e Leonardo Arroyo, os textos nela contidos eram de Carlos Manhães.

Entretanto, Eustórgio Wanderley, poeta e assíduo colaborador da revista, em seu depoimento para a edição comemorativa do Cinquentenário, relata que substituía Manhães nessa coluna, quando necessário, já que o “ confrade” era um ocupado funcionário dos Correios e Telégrafos (*O Tico-Tico*, 1955). Dessa forma, torna-se difícil comprovar a autoria de cada publicação.

O caráter didático explicitado no título, “lições”, é reforçado pela ilustração e pelos variados conteúdos formativos e pedagógicos.

Na ilustração (Fig 12), podemos observar a figura simpática de um avô, de óculos, barrete, bengala e barbas longas, dirigindo-se a seus admirados e atenciosos netinhos, aptos a ouvir e seguir suas lições.

Em estrutura de carta aos leitores, em um tom familiar e afetivo, o avô , como autoridade detentora dos conhecimentos, por ser um homem vivido e experiente, dirige-se aos “ meus netinhos” sobre um tema específico para cada edição, assinando como “ vovô”.

Figura 12 - “Lições de vovô”
Revista *O Tico-Tico*, 18/01/1933:5

É importante esclarecer que há nessa seção uma indefinição quanto aos gêneros, normalmente híbridos, podendo em alguns momentos serem classificados como relatos históricos, textos de divulgação científica, contos exemplares, com conselhos e regras de comportamentos.

Nas edições analisadas, sempre na página 5 (cinco), prevalecem os textos

de divulgação científica, principalmente na área de Biologia e Geografia, como “As maravilhas do mar”; “A duração da vida”, “O calor”; “Os extraordinários habitantes do mar”, “As trombas d’água”, “Os animais e suas propriedades maravilhosas”; há também aqueles que são até voltados para educação moral e cívica, como “Falar a verdade é um dever” e “O que é preciso para ser um bom cidadão”.

Os textos não são ilustrados, destacando-se o logotipo da coluna, em preto, e o cabeçalho da revista, em vermelho. Geralmente, os textos são longos, dispostos em três colunas, diagramação típica dos jornais da época, e contém pequenos anúncios sobre as publicações da Sociedade d’O Malho. Abaixo do cabeçalho, há os dados técnicos da publicação, como o nome do redator-chefe, do diretor-gerente, valor da assinatura e endereço para correspondência. Não há qualquer referência à revisão ou à censura (Anexo GG).

Como exemplo do teor dessa seção, citamos o texto “A duração da vida”, de dezoito de janeiro de 1933 (Anexo GG), no qual, após exemplificar a duração de vida de vários animais, o autor mescla um discurso pretensamente científico a um discurso religioso, a partir de uma visão cristã em relação à origem e duração da vida:

Os exemplos que Vovô acaba de apontar a vocês são bastantes para dar uma ideia aproximada da duração da vida na espécie humana. Aproximada, diz Vovô, porque todos os cálculos e observações não podem ter o cunho da exatidão rigorosa, e mesmo se tivessem, devíamos nós saber que a duração da vida, em qualquer espécie, depende principalmente da vontade suprema de Deus (*O Tico-Tico*, 18/01/1933:5).

Notamos a preocupação do autor em não questionar a figura de Deus, o que confirma a forte influência da Igreja Católica na sociedade, assim como na concepção pedagógica da época. Aspectos científicos são levados em conta, mas há a modalização do discurso, para não haver confrontos.

Outro texto que merece referência é “O que é preciso para ser um bom cidadão”, de vinte e dois de fevereiro de 1933 (Anexo HH):

A vida moderna, a vida em sociedades civilizadas, dotadas de todas as utilidades do progresso, não é acessível a todos os indivíduos. Só aqueles que possuem certos predicados podem-na usufruir sem grande esforço- Mas que predicados serão esses- perguntarão meus netinhos(...) São predicados simples e fáceis- responde o

Vovô. São a instrução e a educação(*O Tico-Tico*, 22/02/1933:5).

Esse trecho constitui-se em um bom exemplo da concepção de educação vigente, conforme já visto. Uma vez mais encontramos a crença em que a reforma da sociedade faz-se mediante a reforma da escola, bem como a necessidade de formação adequada de "cidadãos" e da produção e modernização das elites, com ênfase na "vida moderna" e nas "sociedades civilizadas". Ao final desse texto, o autor ainda destaca a importância do trabalho individual a serviço da coletividade:

O homem culto e bem educado, é certo, se inclina ao trabalho em benefício da coletividade e trabalhar desse modo é verdadeiramente ser um bom cidadão (*O Tico-Tico*, 22/02/1933: 5)

Além dessa coluna, vários textos de divulgação científica podem ser encontrados ao longo das edições, sem assinatura ou qualquer tipo de ilustração, como, por exemplo : "Varicela", "A clorofila", "Os dentes", "O que é a borracha", "A dança das aves " , "Os esquimós", "O microscópio", entre outros.

Há também a seção "Viajando pelo mundo", assinada por *Temple Manning*, na qual observamos um teor mais histórico e geográfico: " Wadi Halfa, a paz da solidão no deserto (Sudão)" , "Saint-Albans- um dos pontos mais interessantes da Inglaterra", "*Liverpool, o grande porto inglês*", "A Irlanda e seus aspectos interessantes", "A terra portuguesa", "Flores- a ilha dos vulcões".

3.2.5 Tico-tico mundano

Nesta seção, que normalmente situa-se na página 6 (Anexo II), encontramos pequenas notícias ou comunicados sobre aniversários, nascimentos, estreias de filmes, leilões, peixes de aquários e as fotografias dos leitores. É um espaço de participação importante dos leitores, com informações variadas. O título é curioso, pois remete ao fato de que a revista não estaria isolada em seu espaço, mas faria parte do mundo cotidiano, com uma participação informativa e em diálogo com seu público, algo típico da imprensa, essencial na mídia, como podemos observar em nossa atualidade.

Semelhante ao *Cantinho da Palestra*, em *O senhor doutor*, teríamos em *O Tico-Tico*, a subseção *Correspondência do Dr. Sabe Tudo*, com respostas para os

leitores, a qual costumava ser publicada semanalmente. Nas edições de 1933, contudo, ela se torna rara.

3.2.6 Costura e Bordado, Nossos concursos e encartes

A seção *Costura e Bordado* (Anexo JJ) costuma ocupar duas páginas e não se dirige diretamente às meninas, como ocorre na *Página das meninas*, do jornal *O senhor doutor*. Há vários modelos de roupas para bebês, meninas e moças, assim como moldes de bordados , mas as receitas , genéricas e pouco detalhadas, parecem mais apropriadas às mulheres com experiência em bordados e costuras. Estrategicamente, nessas páginas , ou próximos a elas, são veiculados os anúncios de revistas de trabalhos manuais.

A seção *Nossos concursos* (Anexo KK), similar à *Coca bichinhos*, chega a ocupar quatro páginas, com a lista de ganhadores, resultados de concursos anteriores, enigmas para novos concursos, assim como um cupom para participar. Habitualmente, os prêmios são livros, mas havia concursos especiais de carnaval, de férias, de Páscoa, da Independência, do Natal, por exemplo, com o patrocínio de lojas e grandes prêmios, como bonecas, patins, bolas, relógios e bicicletas. Nesses concursos são propostos enigmas, charadas , quebra-cabeças, palavras-cruzadas, entre outros desafios ou passatempos.

Há também diferentes encartes bem coloridos para serem recortados e montados, como máscaras (Anexo LL), modelos de fantasias , carrinhos, jogos de tabuleiro, entre outros. Esses encartes são acompanhados por regras ou instruções para montar ou de uso. Há muitos muitos modelos de fantasias de carnaval em forma de ilustração apenas: pirata, holandesa, índio norte-americano, palhaço, margarida, russo, colombina, arlequim, entre outros.

Esses encartes, assim como as charadas e quebra-cabeças, dão um tom leve e lúdico à publicação, propiciando uma leitura tanto *intensiva como extensiva*, uma vez que a revista não é sacralizada, pode ser manipulada e recortada, assim como vimos que ocorre com o jornal *O senhor doutor*.

3.2.7 Histórias em quadrinhos e quadrinizadas

Entre os *gêneros da literatura infantil*, os que mais se destacam são as histórias quadrinizadas(13,49%) e as histórias em quadrinhos (8,20%),nas quais as ilustrações superam o texto verbal.

É importante esclarecer que parte das histórias quadrinizadas são estrangeiras, como as de *Mickey Mouse*, traduzidas por “A história do Ratinho Curioso”, de Walt Disney (Anexo MM) e “As proezas do Gato Félix”, de Pat Sullivan. Essas histórias eram seriadas e publicadas exclusivamente pela revista *O Tico-Tico*, informação explicitada no cabeçalho de cada episódio.

Classificamos tais histórias como quadrinizadas pelo uso exclusivo das legendas e a falta de balões para representação dos diálogos. Todavia, ao consultarmos as versões originais em Inglês, constatamos que são de fato histórias em quadrinhos.¹¹⁷

Provavelmente, por falta de condições técnicas, seria possível decalcar somente os desenhos, sendo as falas eliminadas, surgindo, portanto, a necessidade das legendas.

Como produções nacionais, podemos citar as histórias de *Lamparina*, *Jujuba*, *Carrapicho* e *Goiabada*, personagens de J. Carlos, em “ O galinheiro novo”, “A menina pobre”, “ A missa do Galo”, “ O sonho do burro”, “ O caximguele sabido”, “As jabuticabas”, “ Os pardais” e “A galinha mágica”. Pelos nomes de suas personagens e os títulos de suas histórias, podemos constatar a preocupação de J. Carlos em valorizar a natureza brasileira e a cultura nacional, conforme os preceitos do Estado getulista e da educação dos anos de 1930, fator também observado nas literatura infantil veiculada aos livros.

José Carlos de Brito e Cunha (1888-1950) é uma referência no mundo da ilustração e dos quadrinhos. Ilustrou jornais e revistas como *Tagarela*, *A Avenida*, *O Malho*, *Careta*, *Paratodos*, entre muitos outros periódicos.Uma de suas personagens mais curiosas é *Lamparina*, uma menina negra seminua, sempre metida em travessuras.

Nos quadros a seguir (Fig. 13), podemos observar a menina *Lamparina*

¹¹⁷ As versões em inglês de Mickey Mouse dos anos de 1930 podem ser encontradas no site *Disney Comics Mailing Lists*, disponível em <http://stp.ling.uu.se/~starback/dcml/creators/fg1930a.gif>. Acessado em 10 jun 2012

andando por um longo corredor, até se deparar com sua própria imagem, correr assustada e gritar: --“Arma do outro mundo!”, ao invés de “alma”. O autor utiliza uma linguagem informal e popular, inclusive no título, pois, “sarilho”, no sentido informal, significa *briga* ou *barulho*. Por outro lado, é preciso considerar a forma preconceituosa e estereotipada como essa personagem é apresentada. Ela se impressiona fácil, sempre está metida em encrencas e se expressa de uma maneira bastante coloquial, destoando da “criança educada” que se queria formar. Esse tipo de preconceito lingüístico aparece com várias personagens negras, como o Azeitona, por exemplo, ou mesmo pobres e serviçais, como Pipoca, conforme veremos posteriormente.

Figura 13 – Lamparina
Revista *O Tico-Tico*, “O sarilho” de J. Carlos, 29/03/1933:8

Quanto ao estilo, nota-se que o traço de J. Carlos é bastante peculiar e, apesar de ainda usar legendas, inova ao compor quadros assimétricos, nos quais as expressivas personagens transpõem os limites das linhas.

Entre o primeiro e o segundo quadro, por exemplo, não há divisões e a imagem de Carrapicho, o personagem em azul, mescla-se com o corredor escuro. Tons de verde, vermelho e azul são usados em abundância.

Consideramos que esses recursos narrativos visuais colaboram para a compreensão do enredo, o que torna suas histórias apropriadas a um *leitor iniciante* e até atrativas a um *pré-leitor*.

Quanto ao conteúdo, vamos citar como exemplo a história “A menina pobre” (Anexo NN). Lamparina e Jujuba, o menino de chapéu amarelo, sensibilizam-se ao

ver uma menina pobre admirando uma boneca na vitrine, sem condições de comprá-la. Resolvem angariar fundos, varrendo casas e quintais. Ao final, conseguem comprar a boneca, deixando a menina bastante feliz.

Podemos observar que a caridade e o trabalho voluntário são incentivados, não só nessa história como em muitas outras, ao longo dessa publicação. As crianças, que normalmente fazem suas travessuras, resolvem praticar uma boa ação, sem pedir nada em troca.

É por meio de um texto leve, imagens dinâmicas e coloridas, que J. Carlos transmite valores morais e cristãos a partir do ideário da revista e da educação formal vigente. Em várias de suas histórias, inclusive nos almanaques, podemos identificar o tom didático-moralista mesclado ao lúdico, um traço característico da literatura infantil da época.

Como ilustração da importância desse cartunista, vale citar um caso narrado por Ezequiel de Azevedo. Em 1941, Walt Disney veio ao Brasil para estabelecer relações com os países latinos, em uma estratégia geopolítica norte-americana e conheceu J. Carlos, convidando-o inclusive para integrar sua equipe. O cartunista não aceitou, mas mandou ao americano um desenho de um papagaio vestido de uniforme da Força Expedicionária Brasileira e abraçado ao Pato Donald. Depois dessa visita, Walt Disney criou o personagem Zé Carioca (AZEVEDO, 2005:34).

Outro ilustrador que muito colaborou com a revista foi o cearense Luiz Sá (1907-1980), criador de personagens infantis que fizeram parte do imaginário de muitas crianças, inclusive nos anos de 1950¹¹⁸.

Nas edições analisadas, encontramos histórias sem títulos, mas com destaque para as personagens *Louro*, *Totó*, *Catita* e *Reco-Reco*, menino careca com fios de cabelo espetados e camisa de bolinhas azuis, além de *Bolão*, menino gordo com boné e camisa amarela, e *Azeitona*, menino negro e pobre que, curiosamente, usa um laço vermelho no cabelo (Fig.14). Podemos observar como os quadros são ilustrados em tons fortes de azul, amarelo, vermelho e verde.

Os três meninos vivem a fazer travessuras, mas quem acaba quase sempre em grandes encrencas é Azeitona, conforme podemos verificar no episódio de onze de janeiro de 1933 (Anexo OO). Azeitona puxa o rabo de um cachorro, que o

¹¹⁸ A partir de depoimentos informais de alguns leitores da revista, constatamos que nos anos de 1950, era comum os meninos apelidarem os colegas mais gordos de “Bolão” e os negros de “Azeitona”.

acaba mordendo. Com dor, coloca a mão inadvertidamente em uma lata com água fervendo, queimando a si mesmo e a uma “preta velha” que, “possessa de raiva, agarrou seu grande pito e o fez em cacos no “coco” do Azeitona. O preto estava mesmo de azar....”.

Figura 14- Reco-Reco, Bolão e Azeitona, de Luiz Sá
Revista *O Tico-Tico*, 8/02/1933:25

Depois de tantas desventuras, o menino foi para a cama “curtir suas dores”, mas estava satisfeito, já que fazia tempo que não dormia em uma cama. Os amigos, ao visitá-lo, fizeram uso de um dito popular: “Macaco velho não põe a mão em cumbuca”, como uma forma de recriminação ao amigo, que deveria ter sido mais esperto.

As ilustrações dialogam com o texto verbal, o que auxiliaria um *leitor iniciante* na compreensão do enredo. Destacamos como a legibilidade dessas histórias assemelha-se muito aos livros infantis atuais, sendo que cada quadro, por exemplo, poderia ser a página de um livro, conforme podemos verificar no Apêndice A.

Luiz Sá também se preocupa em destacar a cultura brasileira por meio de personagens como a preta velha ou o uso de ditos populares e expressões coloquiais como “pito”(cachimbo) e “coco”(cabeça). Não obstante, o preconceito é bastante evidente. Em todas as histórias que lemos, Azeitona é o mais traquinas, o mais bobo, chamado de burro pelos amigos, e recebe toda sorte de castigos, além do que, utiliza uma linguagem bastante coloquial, distante da norma culta de prestígio, o que também demonstra um preconceito lingüístico.

A preocupação com o “desvendamento da cultura brasileira”, tão constantes nos anos de 1930, encontra-se muito bem exemplificada nesse texto, a partir do uso

de termos e situações “típicas” de nossa cultura.

Há ainda outras histórias quadrinizadas, como as de *Juca e Tita*, *Jatobá*, *Cotia e Dilocá*, para as quais não se apresentam assinatura; “As viagens aventureiras de Canudo”, de Olavio Netzsch; as *Aventuras de Tinoco, caçador de feras*, de Théó, também ilustrador de a *Careta*; além das trapalhadas de *Zé Macaco* e sua companheira *Faustina*, do caricaturista gaúcho Alfredo Storni(1881-1966), já famoso por seus trabalhos nas revistas *Careta* e *O Malho*. Seu filho, Oswaldo Storni, também viria, mais tarde, a colaborar com a revista *O Tico-Tico*.

Outro ilustrador e cartunista que aparece com frequência nos exemplares analisados é Augusto Rocha, sobre o qual não conseguimos obter maiores informações. Suas histórias são *Leão, Macaco & Cia*, *O Tico-Tico* e as *Aventuras de Chiquinho*.

Vale esclarecer que Chiquinho é uma das personagens mais famosas da revista, desenhado por diferentes cartunistas, como Luiz Gomes Loureiro, A. Rocha, Paulo Affonso, Oswaldo Storni, Alfredo Storni e Miguel Hochmann, sendo que cada um imprimiu um detalhe, uma característica específica, atualizando a personagem ao longo dos anos.

Essa não é uma personagem originalmente nacional,tendo em vista que nasceu como decalque e adaptação das histórias de Buster Brown, um menino loiro e aristocrata, criado por Richard Fenton Outcalt em 1902. Entretanto, com o tempo, a personagem nacionalizou-se e ganhou suas próprias histórias. Segundo Ezequiel de Azevedo, o Chiquinho era uma “criança brincalhona, alegre e divertida”, diferente da personagem americana Buster Brown, “um exemplo negativo de comportamento” (AZEVEDO, 2005:22). Fazem parte da turma de Chiquinho, o cachorro Jagunço, Lili e Benjamim, sendo esse último uma criação de Luiz Gomes Loureiro(1889-1981)

As histórias de Chiquinho são coloridas e aparecem em todas as edições na contracapa. Algumas não têm balões e somente legendas, como “O meu boi morreu”, “Os araçás”, “Quem brinca com porcos, emporcalha-se”, podendo ser consideradas ainda como histórias quadrinizadas. A partir do episódio “Futebol na rua” (Anexo PP), o cartunista passou a usar, timidamente, balões e algumas onomatopeias. Nesse estilo, haveria também “Jagunço não é sopa”, “O nó do cordão”, “O Carnaval em um quarto de hora” e “O bloco acabou de tanga”.

As ilustrações colaboram para a compreensão do enredo, assim como as

falas dos balões complementam as legendas, o que torna o texto bastante apropriado a um *leitor iniciante*.

A partir dos títulos das histórias, já podemos verificar que os enredos giram em torno de temas cotidianos e também da cultura nacional, como o futebol e o carnaval.

Em “Futebol na rua”, ficamos sabendo que não era permitido brincar de bola nas ruas naquela época. Chiquinho ganha uma bola enorme e decide jogá-la, mesmo sabendo da proibição. Lili não concorda e alerta o amigo, sem sucesso. A bola acaba por atingir um policial, que captura os meninos e pretende levá-los ao distrito. A menina intervém e se responsabiliza pelos amigos, dizendo que não jogarão mais futebol na rua.

Ao final, o guarda solta-os e se dirige à menina com um comentário interessante: “Se você já tem tanta influência agora, quanto mais quando for eleitora.”

Novamente, os meninos são apresentados como crianças travessas e carentes de orientação e educação. Já a menina Lili demonstra ser mais sensata, responsabiliza-se pelos amigos e impressiona o policial por seu poder argumentativo. Ressalta-se que o direito ao voto para mulheres era algo recente no Brasil.¹¹⁹

Figura 15- Benjamin, Lili, Chiquinho e Jagunço.
Revista *O Tico-Tico*, 25/01/1933:32

¹¹⁹ O Código Eleitoral Brasileiro foi instituído em pelo Decreto 21.076, em 24 de fevereiro de 1932 (Decreto 21.076), quando se considerou era eleitor o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo. Disponível em http://www.al.sp.gov.br/web/eleicao/mulher_voto.htm. Acessado em 18 JUN 2012

O que nos chama atenção no quadro acima (Fig. 15) é o fato de as crianças e o cachorro Jagunço estarem de costas, na mesma posição do leitor, olhando para o guarda civil, que diz contar com a palavra da menina, como também estivesse se dirigindo ao leitor, que poderia se identificar com a situação.

Jagunço, personificado pela fala, acena e responde: “Eu garanto a zona”. Entendemos que o animal compromete-se a manter a ordem no lugar

Um dos cartunistas e autores que nos chamaram mais atenção, por sua criatividade, seu talento, além do esquecimento em que se encontra, foi Nicolau Cesarino (1879-1964), que assinava pelo pseudônimo de Max Yantok. Suas histórias já não apresentavam legendas, eram bem modernas em comparação às outras, leves e bem humoradas, além de apresentar muitos personagens adultos. Foi também escritor, tradutor, intérprete, contador, engenheiro, jornalista, poeta e mágico.

Vimos no segundo capítulo que esse autor também foi importante para a literatura infantil, lembrado por Coelho, Lajolo e Zilberman por suas aventuras picarescas e divertidas. Apesar de ter publicado mais de quarenta títulos a partir dos anos de 1930, é praticamente um desconhecido da literatura infantil, sendo seus livros verdadeiras raridades.

A cada edição da revista *O Tico-Tico*, encontramos uma de suas histórias em quadrinhos, alternadas ora por *Barão de Rapapé* (Anexo QQ), ora por *Pandareco*, *Pára-choque e Vira-lata*, ou ainda por *Kaximbown, Pipoca & Cia* (Anexo RR), todas em preto e branco, com traços simples e caricatos.¹²⁰ Segundo Ezequiel de Azevedo, Yantok também foi responsável pela tradução das tiras distribuídas pelo KFS (*King Features Syndicate*).

Um de seus personagens mais famosos, criado em 1911, como já dito, foi Kaximbown, um homem rico, que se considerava um grande gênio, sempre com seu cachimbo, criando engenhocas que nunca funcionavam direito. Note-se que diferentemente das outras histórias, temos nesta a figura de um adulto, não de uma criança.

No episódio de onze de janeiro de 1933 (Anexo RR), Kaximbown decide construir uma aeronave. Após “esquentar muito a cabeça” (no sentido figurado e no

¹²⁰ No *Almanaque O Tico-Tico de 1929*, uma de suas histórias aparece com tons vermelhos, já no de 1937, são totalmente coloridas.

literal, já que seu assistente Pipoca derruba café quente em sua cabeça), constrói o “Zé Pelintra” (Fig 16).

Figura 16- Kaximbown e Pipoca
Revista *O Tico-Tico*, 11/01/1933:15

Pipoca recebe uma “carta de piloto”, com satisfação, e diz que “Já era espeloteado”. Observamos que a situação é bem insólita, pois o rapaz parece nunca ter pilotado um dirigível, sendo que a comicidade faz-se também por meio dos trocadilhos “piloto- espeloteado” e “Zeppelin- Zé Pelintra”.

Segundo o Dicionário Priberan, *espeloteado* significa “tonto” e *pelintra* pode tanto designar “uma pessoa mal vestida, mas que quer dar nas vistas” ou “pessoa trapalhona”.¹²¹

Tais acepções são bastante apropriadas para a história, já que Pipoca não sabe mesmo pilotar o dirigível, que estava infestado de cupins, e caiu no mar. Ao tentar se salvar, o personagem sobe, por engano, na boca de um tubarão, pensando ser a ponta do dirigível e diz: “*Virge Maria! Este não é dirigível, é... digerível*”. Observamos mais uma vez o uso de um trocadilho bem humorado e o registro de uma fala coloquial “Virge”, ao invés de Virgem. Note-se que Pipoca representa a classe menos favorecida, o empregado, o qual, em uma visão preconceituosa, não se expressaria como seu patrão, por meio de uma linguagem mais culta.

A história é cômica, os traços são leves e alegres, mesmo sem as cores. Acreditamos que um *leitor iniciante* a compreenderia facilmente e até um *pré-leitor* poderia apreciá-la, já que as ilustrações expressam o conteúdo narrativo.

¹²¹ Dicionário Priberan. Verbetes: espeloteado e pelintra. Disponível em <http://www.priberam.pt/DLPO>. Acessado em 21 JUN 2012.

Na imagem a seguir, podemos observar a riqueza da imaginação desse esquecido autor:

Figura 17- Capa do livro *Um passeio em Petizópolis*, de Max Yantok
 Coleção da Escola Estadual Caetano de Campos
 Centro de Referência à Educação Mário Covas¹²²

Nota-se o personagem Pipoca, alegre sobre um Leão, cercado de vários animais e crianças, em plena cidade. Segundo o Centro de Referência à Educação Mário Covas, a primeira edição desse livro é de 1923, com 5.000 exemplares vendidos; a 2ª edição é de 1935, como um número superior de vendas, o que ajuda a comprovar, juntamente com suas publicações em *O Tico-Tico*, a importância do autor para a época e sua contribuição para a literatura infantil.

Como ilustração, citamos uma notícia publicada no jornal *Folha de São Paulo*¹²³ logo após o falecimento de Max Yantok, a qual nos parece uma triste previsão. Intitulada “Imprensa pesarosa: perdeu o homem que vivia rindo”, a notícia relata a perda do grande cartunista da imprensa carioca, cujos amigos gostariam que tivesse em seu necrológico a expressão “O homem que vivia rindo”, ao que a sua viúva, Amélia, respondeu, “meu medo agora é que ele fique esquecido”.

De acordo com o que vimos no segundo capítulo, obras como as de Yantok, cheias de imaginação e situações insólitas, passaram a ser vistas com ressalvas pelo Estado Novo e pela Igreja Católica, consideradas prejudiciais à formação das

¹²² Disponível em <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/> Acessado em 22 JUN 2012.

¹²³ Folha de São Paulo, 4/10/1964, Primeiro caderno, p. 8. Disponível em <http://acervo.folha.com.br/resultados/?q=yantok&site=&periodo=acervo>. Acessado em 5 MAI 2012.

crianças, que deveriam ficar mais atentas à “realidade” nacional. Provavelmente essa tenha sido uma das razões para que esse talentoso escritor e ilustrador tenha sido deixado em segundo plano.

3.2.8 Contos, poemas e folhetins

Nas edições analisadas, os contos, apenas 4,76% em relação aos outros gêneros da literatura infantil, seguem uma tendência de narrativas mais realistas, voltadas para temas cotidianos, com pouco espaço para a fantasia, o que torna os contos maravilhosos uma exceção.

É importante ressaltar que essa é uma situação específica desse período, visto que em exemplares da revista *O Tico-Tico* de outras décadas, inclusive o *Almanaque de 1929* que consultamos, apresentam muitos contos maravilhosos, como *O Gato de Botas* e *A Bela Adormecida*, por exemplo, além de lendas e fábulas.

Em 1933, encontramos alguns contos que podem ser classificados como *narrativas do realismo mágico*, em que o mundo real e o mágico misturam-se. No entanto, sua temática aproxima-os muito das *narrativas do realismo humanitário*, reforçando valores cristãos e o lado generoso dos românticos, que lutam contra a miséria e são a favor dos menos favorecidos.

Conforme foi visto, essa temática era bastante comum na literatura infantil tradicional do século XIX, como podemos observar em alguns contos de H. Christian Andersen, nas obras da Condessa de Ségur, ou mesmo nos contos das autoras portuguesas Ana de Castro Osório e Emília de Sousa Costa.

Nesse sentido, destacamos alguns contos ilustrados por Cícero Valadares, os quais, infelizmente, não apresentam indicação de autoria ou tradução. Eles são amplamente ilustrados e ocupam as duas páginas centrais, havendo uma distribuição equiparada entre texto verbal e não verbal. Como exemplo, citamos os contos “O rapto da águia”, “Migalha de mão” e “O colar de lágrimas” (Anexo SS)

Nesse último conto, transcrito ao final deste trabalho (Apêndice K), narra-se a história de Luciana, uma menina loira e encantadora, filha do duque de Monteflor. Ao completar doze anos, Luciana ganhara um belíssimo colar de pérolas, apesar da oposição de sua madrastra, a duquesa, que a achava muito nova para tão belo presente.

Ao sair às ruas para dar esmolas aos pobres, como sempre fazia, Luciana encontra muitas pessoas famintas, em grande miséria, como, por exemplo, uma menininha que passa fome e frio:

Quando voltava ao castelo, sempre acompanhada pela douda governante, uma menina da sua idade, mas andrajosamente vestida e muito magra aproximou-se dela e estendeu-lhe a mão chorando.
 - Que tens menina? – perguntou-lhe Luciana carinhosamente.
 - Tenho fome e frio!
 - Fome e frio, pobre criança! (*O Tico-Tico*, 11/03/1933:16)

A partir de tal contraste, e se sentindo muito comovida, Luciana decide dar uma pérola de seu colar à menina. E toma essa atitude por todo o caminho, pelo qual encontra uma mãe com seu filhinho, um velhinho abandonado pela família e uma esposa com o marido doente e outra abandonada; faz isso até terminarem todas suas pérolas.

Tal passeio de Luciana assemelha-se às viagens tão comuns aos heróis dos contos maravilhosos, os quais devem passar por vários obstáculos até alcançar seu desígnio ou atingir seu objetivo.

A menina é censurada por sua governante e teme ter sido muito caridosa, com medo de não ser compreendida por seu pai e muito menos por sua madrasta.

Entretanto, recebe a visita de um anjo que lhe concede um colar mágico, feito das lágrimas dos pobres ajudados por Luciana, que só poderia ser visto por pessoas sensíveis:

Um anjo, vestido de azul, veio até ela, tendo a mão um colar, cujas pérolas maiores e de água mais pura do que as que distribuía pelos pobres, brilhavam de modo incomparável e sobrenatural.
 (*O Tico-Tico*, 11/03/1933:16)

Esse trecho foi ilustrado exatamente da forma que foi escrito (Fig. 18), com destaque para os cabelos longos e loiros do anjo, e sua brilhante auréola. Assim como ocorre no conto “Aldeia de Choramigas”, o anjo, que lembra uma mulher, aparece como um mediador mágico e sobrenatural. Ao invés de uma fada, o anjo da guarda, característico da cultura cristã e católica, é quem vem em auxílio da heroína.

Em uma concepção romântica de infância, a personagem Luciana é construída como aquela que faz o bem sem desejar nada em troca e se surpreende com sua recompensa:

Figura 18- Destaque- Anjo de “Colar de Lágrimas”

Revista *O Tico-Tico* , 11/01/1933:17

- Como mereci tal recompensa? Não é um fato tão natural aliviar os que padecem? Deus é infinitamente bom e meu anjo da guarda excessivamente indulgente. (*O Tico-Tico*, 11/03/1933:17)

No dia de sua festa, Luciana foi censurada por sua madrasta por não portar o colar. Porém, ao revelar toda a verdade a seu pai, foi perdoada:

- Não poderia censurar o que os céus acolheram. – disse o duque comovido. - Como poderia eu reprovar minha filha quando li nos evangelhos que se deve dar aos pobres o que temos de mais? (*O Tico-Tico*, 11/03/1933:17)

Vemos o respeito do duque pelos preceitos da Igreja Católica, algo que deveria ser valorizado em detrimento da perda de um colar valioso, ou seja, os valores espirituais estariam acima dos materiais.

O pai de Luciana vê momentaneamente o belo colar mágico e fica bastante impressionado com a beleza e a inocência da filha:

O pai olhou a filha com ternura, como lhe parecia meiga e cândida nesse vestuário branco, sem aparramento, onde parecia refletir-se a pureza de sua alma! Que limpidez, em seu olhar, onde se lia a inocência! (*O Tico-Tico* , 11/03/1933:17)

Esse trecho é bastante significativo, pois reforça a concepção romântica e

idealizada da criança inocente e pura, ampliada pela simbologia da cor branca do vestido. A menina chega a ser sacralizada, descrita como uma verdadeira santa.

Mesmo Lamparina, com sua boa ação ao ajudar uma menina pobre, ou Lili, com sua sensatez e responsabilidade, personagens meninas descritas nas histórias anteriores, não chegam à visão idealizada e perfeccionista dada à filha do duque.

Ao final, Luciana casa-se com um nobre que também havia visto o colar de lágrimas e se admirado com sua beleza e inocência. Esse desfecho tem ares de recompensa: a menina pura e boa, com apenas doze anos, acaba se casando com um importante nobre, abençoada por seu pai.

Esse conto reforça a influência da Igreja Católica na educação da época, seguida com afinco pela revista, conforme vimos em outras histórias.

Ao retomarmos os protocolos de leitura apresentados por Chartier, além de considerarmos a materialidade do texto e os vestígios que apresenta, concluímos que a magia e a semelhança com os contos maravilhosos ou de fadas, assim como as belas e amplas ilustrações, seriam chamarizes para a transmissão da ideologia vigente. As meninas leitoras provavelmente se identificariam afetivamente com a personagem Luciana, tendo-a como um bom modelo a seguir.

Devido ao vocabulário utilizado e à grande extensão do texto verbal, consideramos que esse conto seria mais facilmente compreendido por um *leitor fluente*, com maior capacidade de abstração.

Seguindo uma linha mais contemporânea e de ênfase à cultura nacional, há os contos assinados com o pseudônimo de “Tio Nouguy”, sobre o qual não conseguimos obter maiores informações. Exemplificando, temos os contos “Cactus”, “Uma visita de Chico Nhambú” e “Taperá”.

Nesses contos, aparecem pequenas ilustrações em preto e branco, aleatórias, pois não têm qualquer relação com o enredo. No conto “Taperá” (Anexo TT e Apêndice L), por exemplo, que trata da viagem de dois meninos para Salto de Itu, há pequenas ilustrações de um gnomo com uma flor, gatinhos, crianças na escola e algumas meninas.

No referido conto, o menino Armando é chamado por seu pai para uma conversa séria e pensa que será punido por suas travessuras, mas, ao contrário, o pai incumbe-lhe de uma missão, a de viajar para o interior e levar uns presentes de natal para uns priminhos pobres, “fazendo as vezes de São Nicolau”. Armando convida seu amigo Joãozinho para ir com ele. Citemos o diálogo que antecede a

viagem:

[...]Papai hoje há pouco, chamou-me e, em vez do que eu esperava, um castigo pela nossa traquinagem de ontem na chácara do “Seu” Lopes...

- Aquela da tourada com pobres bezerros?

- Justamente! Pois bem, ele fez como se não soubesse, mas tenho certeza de que está ciente, o chacareiro, furioso, contou-lhe e...

- E como vai o bezerro a quem sem querer, deixamos com a perna quebrada?

- Parece-me que vai melhor. Eu estou arrependido e emendado mesmo e, noutra não me meto! Mas não me interrompa...[...].(*O Tico-Tico* , 08/02/1933, p.20)

Além do diálogo entre os garotos imprimir um tom informal à narrativa, dá-nos uma ideia da gravidade de suas travessuras. Por outro lado, observamos que o menino diz-se “arrependido e emendado” e satisfeito com sua missão. Mais uma vez, é proposto às crianças que troquem suas travessuras por boas ações.

Há uma ruptura na trama, já que o motivo que levou os meninos ao interior não foi retomado, ou seja, não é mencionando o natal, nem mesmo se o garoto levou presentes para as crianças.

Desconsidera-se, ainda, a travessura em detrimento da “aventura” dos meninos, os quais viajam pela primeira vez sozinhos, para desvendar a vida no campo. Conhecem os taperás (uma espécie de andorinha branca, com cabeça e asas negras) e ficam impressionados com a quantidade de aves e a beleza do lugar. Em um tom bastante didático, o narrador descreve os taperás e suas ações, mas em nenhum momento cita o nome dos pássaros, o qual aparece somente no título. Observemos como as belezas naturais brasileiras ganham destaque:

Maurício e Cássio, os primos, levaram-nos para ver o salto e os dois jovens excursionistas ficaram maravilhados com aquela torrente formidável de água, de uma força brutal e de beleza rara como panorama.

Um fato interessante lhes chamou a atenção, inúmeros pássaros muito semelhantes às andorinhas, grandes, voavam de um lado e outro sobre a queda d’água e pousavam em enormes lajes que se elevavam a margem do rio. (*O Tico-Tico* , 08/02/1933, p.20)

Esse conto, assim como outros de Tio Nouguy, é bastante didático e nacionalista. Nota-se, pela quantidade de exemplos e explicações, assim como pelo conteúdo típico do aprendizado escolar, que a intenção primordial seria transmitir

conhecimentos ao pequeno leitor, um conhecimento disfarçado em aventura. A “missão” e a “aventura” inicial transformam-se em uma espécie de excursão escolar, em que os protagonistas crianças viajam para o interior, aprendem sobre sua terra, seus animais, plantas e costumes. Mais uma vez, observamos a ênfase na descoberta da cultura e das belezas nacionais, em que a instrução e a educação são valorizadas:

Todos esses pormenores da vida desses pássaros tão bonitos encantavam os meninos que, continuando seu passeio pela margem do rio, conversavam com alegria por ter aprendido mais alguma novidade. (*O Tico-Tico*, 08/02/1933, p.20)

O texto exemplifica como o exagero na intencionalidade pedagógica pode comprometer o valor estético da obra literária, conforme apontado por Coelho(1991) e citado no segundo capítulo.

Pela extensão do conto, seu teor e a ausência de ilustrações, consideramos que seria melhor compreendido por um *leitor fluente*, com maior capacidade de abstração.

Acrescenta-se, ainda, que o aprendizado junto à natureza, de uma forma mais participativa, seguiria uma tendência da Escola Nova, conforme vimos no segundo capítulo.

Os poemas correspondem apenas a 1,85% e são, em sua maioria, de Eustórgio Wanderley (1882-1962), que assina com diferentes pseudônimos, como Maurício Maia, Trancoso e Malazarte.

Desse poeta, folclorista, dramaturgo e compositor pernambucano, podemos encontrar, além dos poemas, em várias edições da revista e dos almanaques de *O Tico-Tico*, partituras, letras de músicas e textos dramáticos, como pequenos esquetes ou monólogos. Vimos que E. Wanderley também cuidava da edição e redação da revista na ausência de Carlos Manhães.

Segundo Ezequiel de Azevedo (2005), esse múltiplo artista trabalhou na revista desde seus primeiros anos até a última edição. Pertenceu à Academia de Letras de Pernambuco e ao Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Uma de suas composições para crianças, conhecida até hoje, é “Marcha soldado, cabeça de papel”.

Nas edições analisadas, encontramos os poemas: “Muito bem..Muito mal”, “ O

pranto de Joãozinho”, “Charadistas” e “Não vale a pena”(Anexo UU). Devido a sua pequena extensão, esses poemas vêm cercados de outros gêneros, como os anúncios publicitários. Costumam aparecer nas primeiras ou últimas páginas da revista e não são ilustrados.

O poema “Não vale a pena” é composto por versos decassílabos, organizados em quadras. Sua cadência rítmica lembra a estrutura de um cordel ou mesmo de uma cantiga de roda, o que lhe imprime um aspecto leve e lúdico. Segundo o subtítulo, trata-se de um “episódio verídico”. Todos os dias, Maurício rezava para “mamãe do céu” para ser um menino feliz e ajuizado. Contudo, às vezes modificava as orações:

“ O pão nosso, ao pedir de cada dia”
Certa vez ele disse, com voz meiga:
- “Se puder , meu Jesus, nesse “pão nosso”
Mande também um pouco de manteiga....
(*O Tico-Tico* ,18/01/1911:3)

Novamente os preceitos católicos estão em evidência, mas acompanhados de um tom descontraído e informal, o que imprime leveza ao texto. Certo dia, o menino ficou gripado e a mãe disse que rezasse a seu anjo da guarda, atitude que ele achou desnecessária:

-Não se assuste, mamãe; a gripe é fraca
Ficar curado é coisa que não tarda;
Por isso, penso eu, não vale a pena
Incomodar o meu Anjo da Guarda....
(*O Tico-Tico* ,18/01/1911:3)

O menino encara o problema com “maturidade”, tomando a decisão de não incomodar seu anjo com assuntos menores, e logo ficou curado:

O bom Jesus parece que achou graça
No que disse o Maurício nesse tom,
Pois, no dia seguinte, ao despertar
Já não tossia mais: estava bom!
(*O Tico-Tico* ,18/01/1911:3)

É interessante notar que o menino é descrito como alguém que tem suas próprias ideias, ou seja, há uma concepção de infância que vê a criança como um

ser em transformação, capaz de tomar suas próprias decisões. Maurício não é um menino mal comportado, não aparece no texto como um traquinas, mas uma criança madura e de bom-senso. Conceitos cristãos são passados, mas em um tom leve e lúdico, em que notamos uma relativização dos valores.

Seguindo essa mesma linha, vale citar um interessante poema intitulado “Represália” (Anexo VV), de Eustórgio Wanderley, publicado em 25 de maio de 1938, uma exceção quanto à concepção de infância vigente e difundida pelo Estado Novo.

O eu- lírico feminino, Lili, é uma menina de seis anos, que se diz muito sabida e não gosta de ser contrariada, como podemos observar na primeira estrofe:

-Sou Lili, tenho seis anos,
Porém sou muito sabida
Quando discuto me zango
Nunca me dou por vencida
(*O Tico-Tico*, 25/05/1938:29)

A questão é que não convidará os pais para seu casamento, já que eles não foram educados e não a convidaram para o deles. Na terceira estrofe, ela diz:

Não me julguem vingativa,
Mas também não sou santinha
Quando “me fazem alguma”
Eu “tiro minha casquinha”
(*O Tico-Tico* 25/05/1938:29)

Interessante o tom de “represália” da menina, que tão pequena já tem sua opinião e se auto-define como não sendo má, vingativa, mas também não é santa. Seu espírito independente e “rebelde” lembra-nos a boneca Emília, de Monteiro Lobato. Tal concepção destoa da revista e nos chama a atenção, principalmente porque em 1938 o Brasil encontrava-se em plena ditadura getulista, e não era de se esperar esse tipo de postura de uma criança, a qual deveria se submeter à imposição do mundo adulto.

Em uma linguagem coloquial, o autor relativiza alguns valores e foge da concepção de infância em que as meninas são boazinhas e bem comportadas. Entretanto, é preciso considerar que Lili também é vista como ingênua, por não entender que seria impossível ter comparecido ao casamento de seus pais.

Vale ainda citar uma interessante e ampla ilustração de duas páginas, na qual se lê “O bloco de O Tico-Tico”, com um pequeno poema, que poderia ser uma letra de música. Alguns personagens aparecem em um grande ônibus e outros seguindo a pé, como em um desfile de carnaval.

Quanto aos folhetins, nas edições analisadas, encontramos *O Rei do Sertão* (Anexo WW) ilustrado por Max Yantok, sem autoria, e *Os semeadores de gelo* (Anexo XX), de Stela Roland, ilustrado por Cícero Valadares.

Em 4 de janeiro de 1933, data inicial dos materiais analisados, esses folhetins já vinham sendo publicados; assim, não conseguimos identificar o princípio dessas narrativas.

A primeira narrativa passa-se no sertão do Brasil, no qual Venâncio, sua esposa Laurinda e o filho Adhemar tentam construir sua vida. Foi lá que montaram seu rancho, onde há onças e índios, porém não conseguimos identificar o local exato. Sabe-se que a família migrou de Pernambuco.

A obra é intitulada como uma novela, que pode ser caracterizada como uma *narrativa de aventuras*, repleta de cenas de ação, semelhante aos filmes de faroeste ou mesmo às novelas românticas do século XIX. No episódio “Os índios” (que se inicia em 18 e termina em 25 de janeiro de 1933), a família é atacada por índios selvagens. Pai e mãe são amarrados, e Adhemar luta bravamente contra os inimigos. Após ter atingido alguns com um arco e flecha, partiu para a luta corporal:

O rapaz não esperou o choque, rodando o cacete com impulso de uma hélice avançou e desarmou o bruto inutilizando-lhe o braço com violenta cacetada.

Apesar disso, o índio, robustíssimo, não recuou, atracando-se com Adhemar, que para maior liberdade de movimento, jogou longe o cacete e agarrou o adversário pela cintura. Foi uma luta de gigantes...[...] (*O Tico-Tico* 18/01/1933:14)

Tanta ação e violência destoam do restante do conteúdo analisado. Apesar de constar que o folhetim é ilustrado por Max Yantok, em muitos episódios não há qualquer ilustração, como é o caso do de 18 de janeiro.

Na continuação, em 25 de janeiro, a luta entre a família e os índios continua, mas os primeiros saem vitoriosos.

Adhemar, como um típico herói romântico, sente piedade dos índios e ajuda um dos feridos, que, em retribuição, dá-lhe um presente. É esse o trecho do conto

que aparece na ilustração. (Anexo WW):

Já o rancor de Adhemar havia cedido lugar à piedade. Ajoelhou-se ao lado do ferido e sem hesitar, torceu a ponta da flecha e fê-la sair por outra parte, praticando assim segunda ferida, mas livrando a vítima dessa arma terrível. (*O Tico-Tico*, 25/01/1933:14)

O último episódio desse folhetim foi publicado em 15 de fevereiro de 1933, quando Adhemar, já um homem feito. Este, por sua valentia, força, lealdade e bondade, torna-se o Rei do Sertão, sua terra é considerada “o Novo Eldorado”, ele passa a ser respeitado pelos índios e se casa com a bela Delinha, “duas almas puras se uniam no mais legítimo dos sentimentos”. Após tanta ação e aventura, assim termina a novela, em um tom didático-moralista:

Alguém dirá que o Novo Eldorado, seu Rei Adhemar, sua rainha Délia, só existem em sonho. Mas quem possui uma alma boa, um coração bem formado, que sabe rechaçar o mal e acolher o bem, sabe que esse Novo Eldorado é bem possível, sabe que consiste na satisfação de ter praticado o bem. (*O Tico-Tico* 15/02/1933:30)

Interessante notar a retomada da lenda do Eldorado, um lugar perfeito, cheio de riquezas e de belezas naturais. No entanto, esse folhetim mostra o esforço dos exploradores, frequentemente atacados pelos índios e passando privações. Mais uma vez, porém, a bondade, em uma concepção cristã, é incentivada e a narrativa que se assumia como real pode ser considerada como um sonho, ou uma analogia ao mundo real e cotidiano dos leitores da revista.

Nessa narrativa, não há a figura de uma criança, mas de um rapaz que cresce no sertão e se torna um “rei”, tornando-se um modelo a ser seguido pelos pequenos.

Pela extensão do texto e as poucas ilustrações, consideramos que apenas um *leitor fluente*, ou mesmo um *leitor crítico*, teria condições de compreender o enredo, considerando que o folhetim agradaria não somente às crianças como também aos adultos.

Quanto ao folhetim “Os semeadores de gelo”¹²⁴, apresenta sempre uma grande ilustração na capa e outra no corpo do texto (Anexo XX), ocupando sempre duas páginas. Não conseguimos identificar seu início, mas seu término ocorre em nº 1431, em 8 de março de 1933. Em linhas gerais, a narrativa assemelha-se a um romance de ficção científica, pois os “semeadores de gelo” fabricavam ampolas de

¹²⁴ Devido à falta de alguns episódios, não conseguimos analisar a narrativa na íntegra.

ar comprimido sob alta pressão e as explodem como granadas, imobilizando suas vítimas.

Podemos, também, encontrar colaborações dos leitores, pequenos poemas ou contos, sendo que em alguns consta inclusive a idade: “Rosa, princesa” ;Agenora de Carvolina, 9 anos; “ Orgulho”, de Nely Lagos do Amaral, 11 anos; “A caridade da rainha”, de Paulo Waldemar Ribeiro Falcão, 7 anos; “O presente da vovó”, de Nilda Posada, 12 anos, entre outros.

Haveria ainda muitos textos a serem analisados, contudo, consideramos que a amostra selecionada é bastante representativa.

A revista segue seus objetivos apontados bem antes de sua publicação, ainda nas páginas da revista *O Malho*, isto é, de formar e educar crianças boas e sadias, tementes a Deus e à Pátria.

No ano de 1933, já no período getulista, após a Revolução de 1930, observamos o Estado e a Igreja, e a sociedade como um todo, porque não dizer, representados nessa publicação que almejava a construção de homens e mulheres aptos à nova nação que vislumbravam.

Como empreendimento comercial, a revista mantinha uma grande quantidade de patrocinadores, mas sempre se posicionava como uma leitura complementar à escola, um material coadjuvante na educação das crianças. Aspectos lúdicos e o divertimento não são abandonados e ganham boa representação nos passatempos, encartes e diversas histórias em quadrinhos ou quadrinizadas, dinâmicas e coloridas.

Os princípios da Escola Nova aparecem diluídos em um ou outro texto, ou mesmo em atividades, quando se propõe a busca do conhecimento e uma ação mais participativa das crianças. Todavia, a influência da Igreja Católica e a valorização de seus preceitos prevalecem nesse período, com algumas exceções, como as histórias em quadrinhos de Max Yantok, ou mesmo alguns poemas de Eustórgio Wanderley.

3.3 Convergências e divergências

3.3.1- Entre um Senhor Doutor e um Tico-Tico.

Após analisarmos individualmente cada publicação, destacaremos, nesta sequência, alguns aspectos convergentes e outros divergentes que puderam ser observados.

Inicialmente, é importante considerarmos que, apesar de termos escolhido como recorte temporal o ano de 1933, esses periódicos encontravam-se em diferentes fases de publicação.

O jornal *O senhor doutor* iniciava sua história testando novas propostas, escritores e ilustradores, para atrair o público. Entre outras publicações para as crianças, o periódico tornou-se um sucesso durante cerca de doze anos, estendendo seus conteúdos inclusive para os programas de rádio.

A revista *O Tico-Tico*, por outro lado, em 1933, já era uma publicação sólida e reinava absoluta há mais de vinte cinco anos. Seu sucesso impulsionou outras publicações infantis, como seus almanaques anuais, lançados desde 1907, assim como os livros da *Biblioteca infantil de O Tico-Tico*.

Quanto ao contexto, é importante lembrarmos que a ditadura salazarista iniciava-se em Portugal e a força repressiva do Estado Novo já se via notar pelos vistos da censura, pela valorização do poder bélico, pela exaltação do imperialismo português, assim como pelo reforço da tríade Deus, Pátria e Família. Mesmo assim, o jornal *O senhor doutor* é ousado para sua época, pois podemos observar veladas, ou mesmo diretas, críticas ao sistema, sobretudo por meio dos contos do *avô do cachimbo*.

No Brasil, apesar do clima autoritário já se manifestar após a Revolução de 1930, o Estado Novo se iniciaria de fato somente em 1937. Não há uma censura explícita, e provavelmente nem fosse preciso, já que a revista se colocava à disposição dos princípios ditados pela Revolução de 1930: a formação de cidadãos tementes a Deus e conscientes de seus deveres cívicos, objetivando formar uma nação forte e civilizada.

Apesar de ambas as publicações assumirem o compromisso de valorizar os princípios cristãos, como a caridade, por exemplo, observamos na revista *O Tico-Tico* o catolicismo mais explícito. Há de se notar um verdadeiro ensino religioso e catequético, com frequentes referências a anjos da guarda, Nossa Senhora e

Deus, inclusive nos textos de divulgação científica.

Outros deuses, como os da mitologia greco-romana, por exemplo, são citados constantemente no jornal *O senhor doutor*, inclusive com analogias ao contexto contemporâneo, como na seção *Divagações mitológicas*. Outro exemplo é o conto “O tempo que os animais falavam”, de José Gomes Ferreira, no qual há referências a Júpiter como o grande mentor do universo, responsável pelas transformações do mundo, e não o Deus cristão.

Valores cívicos e morais são incentivados nas duas publicações, porém a preocupação com a saúde e com a higiene, na revista *O Tico-Tico*, chega a ser exagerada, a partir de uma política eugênica, conforme apresentado em nossas análises. Além disso, há um forte interesse comercial em divulgar produtos da indústria farmacêutica, o que podemos observar pela quantidade elevada de anúncios.

Outro aspecto divergente estaria relacionado à valorização da educação e ao desenvolvimento da literatura infantil.

Vimos que os anos de 1930 não foram favoráveis para a educação e para a literatura infantil em Portugal. Com a redução do período escolar, a educação informal, junto às famílias ou por meio dos jornais infantis, as rádios e mesmo o cinema, prevaleceu. O jornal *O senhor doutor* apresentou-se como uma opção pedagógica, explicitada em seu subtítulo “Um amigo que educa, instrui e diverte”. Algo que nos chamou a atenção, principalmente em uma sociedade em que a educação encontrava-se bastante desprestigiada.

Em um contexto de educação formal deficitária e literatura incipiente, o jornal, a rádio e o cinema ocuparam as lacunas existentes, assumindo-se, muitas vezes, como os únicos veículos de formação e educação.

Como observamos anteriormente, as publicações em livros eram apenas reedições e o mercado editorial encontrava-se desaquecido. As crianças passavam pouco tempo nas escolas, o acesso aos livros lhes era negado e o pouco que liam era visado pela censura.

No Brasil, por outro lado, havia um verdadeiro otimismo quanto à educação desde os anos de 1920, inicialmente com as diversas reformas regionais e a participação dos escolanovistas, até a hegemonia da Igreja Católica, com significativa influência na Constituição de 1934. Vários autores, inclusive impulsionados com o sucesso de Monteiro Lobato, passaram a escrever para as

crianças, objetivando que suas obras também fossem adotadas nas escolas, um mercado cada vez mais promissor.

Nesse contexto, vimos que a revista *O Tico-Tico* sempre se mostrou como coadjuvante da educação das crianças brasileiras, seguindo as tendências pedagógicas vigentes, enquanto um veículo da educação informal.

Entretanto, é necessário enfatizar que os dois países apresentavam altos índices de analfabetismo e boa parte das crianças não frequentavam as escolas. Apesar de essas publicações serem de baixo custo, foram pensadas para um público específico, crianças das classes médias ou mesmo das elites, que teriam maior acesso aos bens culturais e à leitura.

As distinções de classes, e mesmo de raça, são amplamente destacadas na revista *O Tico-Tico*. De um lado, os fortes, bem educados e caridosos, os leitores da revista; de outro, os pobres e desvalidos, que deveriam ser guiados, abandonando as travessuras e dedicando-se às boas ações.

Quanto à frequência dos gêneros, comparativamente, vejamos o gráfico a seguir:

Gráfico 5- Comparação entre *O Senhor Doutor* e *O Tico-Tico*

Como já apontamos anteriormente, o jornal *O senhor doutor* apresenta uma frequência de 51,96% de *gêneros da literatura infantil*, superior aos 48,04% de *outros gêneros*. Já a revista *O Tico-Tico* apresenta uma proporção contrária, ou seja, os *outros gêneros* superam os *gêneros da literatura infantil* em frequência, correspondendo os primeiros a 65,61% e os segundos a 34,39% (Gráfico 5).

Assim, concluímos que os *gêneros da literatura infantil* são contemplados nas

duas publicações, porém, em *O senhor doutor* essa frequência é muito maior, sendo que em *O Tico-Tico*, outros gêneros, que não compõem a literatura infantil, são mais frequentes.

Entretanto, é preciso recordar que, na revista *O Tico-Tico*, o gênero que eleva sensivelmente a frequência dos outros gêneros são os *anúncios publicitários*, textos de pequena extensão que chegam a corresponder a 36,77% desse total enquanto no jornal essa porcentagem chega a apenas 2,45%. Outros gêneros, como os de divulgação científica, receitas e instruções, aparecem com menor frequência na revista, sendo superados pelo *O senhor doutor*. Ou seja, enquanto a publicação brasileira apresenta uma quantidade até abusiva de anúncios publicitários, o jornal português dá destaque para os textos de divulgação científica, talvez pela carência de outras fontes de informações para as crianças, tão pouco presentes nas escolas.

Apesar de ambas as publicações colocarem-se a serviço das tendências pedagógicas da época, visando instruir e educar seus leitores, os futuros cidadãos, a publicação portuguesa parece se sustentar sem a ajuda do capital privado. Aqui fica a dúvida: o jornal se manteria somente por meio das assinaturas? Por quem era financiado? Já a revista brasileira não foge, ao que parece, de seu caráter de empreendimento, abusando dos anúncios publicitários para se manter ou adquirir lucros.

Quanto aos *gêneros da literatura infantil*, há alguns dados relevantes que merecem ser retomados. As HQ aparecem com maior frequência no jornal *O senhor doutor*, 12,25%, contra apenas 8,20% na revista *O Tico-Tico*, o que pode significar que a publicação portuguesa estava mais aberta para as novas técnicas e tendências da arte sequencial que então se iniciava.

O jornal também apresenta uma frequência maior de contos, 14,22%, contra apenas 4,76 % da revista. Vale ainda dizer que *O Tico-Tico*, nessas edições, não apresenta mitos, fábulas ou lendas, conforme pudemos observar em edições de anos anteriores.

Há claramente a intenção de se “desvendar o Brasil”, valorizar suas diferentes regiões, seus tipos populares, fauna e flora e aspectos típicos de nossa cultura, como o carnaval e o futebol, seguindo-se as tendências pedagógicas e os ideias da época, durante o Estado Novo e mesmo a literatura infantil publicada em livros. Contudo, paradoxalmente, a tradição folclórica, com seus diversos mitos,

lendas e fábulas, não é explorada.

Como já dissemos anteriormente, no Brasil dessa época, as narrativas voltadas para o cotidiano eram mais valorizadas, não havendo muito lugar para a fantasia. Um sinal dessa postura é a frequência com que as *narrativas do realismo humanitário* aparecem, em detrimento do fantástico e do maravilhoso.

No jornal *O senhor doutor*, principalmente por meio dos contos do *Avô do Cachimbo*, há grande ênfase ao fantástico e ao maravilhoso, em que a aventura, o mundo da fantasia, o humor e o ludismo sobressaem-se.

No entanto, é importante lembrarmos que boa parte dos textos, independentemente de seu gênero, nas duas publicações, apresenta uma forte preocupação didático-moralista. Em meio ao lúdico, à brincadeira, valores, principalmente os pátrios e cristãos, são passados às crianças.

Como aspectos comuns, podemos lembrar que ambas as publicações propõem ora uma leitura intensiva, em que os textos são memorizados e retransmitidos, ora extensiva, em que se incentiva a manipulação dos periódicos, com a apresentação de palavras cruzadas, passatempos em geral, jogos e encartes coloridos para recortar, colar e brincar.

A influência norte-americana pode ser notada nas duas publicações, principalmente pelas constantes referências ao cinema e aos personagens Mickey Mouse e o Gato Félix, além do fato de o novo gênero dos quadrinhos ser bastante explorado, com maior presença na publicação brasileira.

Há muita variedade de gêneros, com suas diferentes estruturas, estilos e conteúdos, bem como funções sociais, tornando esses periódicos apropriados a diferentes tipos de leitores, desde um pré-leitor a um leitor crítico, sendo que muitas vezes, conforme analisamos, os conteúdos eram dirigidos aos adultos e não às crianças. Vale ressaltar que a concepção de infância nos anos de 1930 possui características próprias, relativas à cultura e às especificidades de cada país, sendo a criança concebida a partir de outro contexto, diferente do que vivenciamos.

3.3.2- Os Almanques d' O Tico-Tico: 1929 e 1937¹²⁵

Como ampliação desta pesquisa, e visando reforçar a relevante contribuição

¹²⁵ Esses almanques fazem parte de nossa coleção e foram adquiridos em “sebos” na cidade de São Paulo. Na coleção de Guita e José Mindlin, também há alguns almanques.

dos periódicos na formação da literatura infantil, apresentaremos alguns dados gerais observados nos *Almanaques O Tico-Tico* de 1929 e 1937. (Especificações podem ser vistas nos apêndices M e N).

Os almanaques foram muito difundidos no Brasil desde o século XIX, como, por exemplo, o *Almanach das Fluminenses*, de 1892, dirigido às senhoras, um periódico bastante abrangente, no qual era possível encontrar temas diversos, voltados para a cultura, entretenimento, tendências de moda e artes em geral. Havia ainda outros almanaques como *O Pharol da Medicina*, de 1887, ou um dos mais antigos, *O Almanach da Comarca de Lorena*, de 1882, voltados para saúde, agricultura, religião, comércio, entre outros assuntos (VERGUEIRO & SANTOS, 2006:186), possibilitando, dessa forma, diversas práticas de leitura e colaborando, portanto, para a formação de várias gerações de leitores.¹²⁶

Os almanaques de *O Tico-Tico*, *publicações anuais*, representavam uma síntese das diferentes tendências da revista ao longo de sua existência, conforme puderam constatar VERGUEIRO & SANTOS(2006)¹²⁷. Além disso, por sua encadernação e por se assemelhar aos livros, tornaram-se periódicos colecionáveis, em melhores condições e mais acessíveis do que as revistas.

Os periódicos analisados foram confeccionados em capa cartonada, bem ilustrados e coloridos, com cerca de 130 páginas cada. Estes têm um longo calendário indicando todos os dias santos, assim como orações de Natal, o que ratifica a forte influência dos preceitos católicos também nessas publicações.

Assim como as revistas, apresentam uma grande quantidade de anúncios publicitários, cujos produtos ainda são conhecidos em nossa atualidade, como *Camomilina*, *Goiabada Peixe*, *Licor de Cacau Xavier* e *Biscoitos Aymoré*, por exemplo.

No *Almanaque d' O Tico-Tico* de 1929 (Anexo YY), ao preço de 5\$000, verificamos o destaque dado à figura de Carlitos, personagem de Charles Chaplin, na capa. Em uma das mãos, ele segura o almanaque (grifado "almanach"); na outra, uma bengala e a mão de um dos personagens da revista, que, em sequência, dá a mão a outros, todos enfileirados. Note-se que Lamparina é a última da fila e aparece

¹²⁶ Conf. PARK, Margareth Brandini. *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*. Campinas: MERCADO DAS LETRAS. FAPESP.2010.

¹²⁷ No capítulo 24, "O Almanaque d' O Tico-Tico, desse livro, "Tico-Tico 100 anos..", Franco de Rosa e Waldomiro Vergueiro fazem um breve itinerário de alguns desses almanaques desde 1916 até 1958.

chorando, talvez por esse motivo, por ser a última..

Como exemplo do conteúdo desse exemplar, destacamos a apresentação do almanaque, em que, mais uma vez, a opção pedagógica da publicação é elucidada (Anexo ZZ). Em uma ilustração de J. Carlos, as personagens de *O Tico-Tico* aparecem em grupo, segurando cartazes com frases de efeito sobre a importância da educação, da leitura e da escola: “Ler, escrever, contar”; “O Tico-Tico não gosta dos analfabetos”; “Os livros são nossos amigos”; “Quem sabe ler vale o dobro”; “A escola é a melhor casa da cidade”.

Observamos em destaque a figura de um burro com uma placa em que se lê “Só eu não sei ler”, reforçando a imagem desse animal como um ser ignorante, o qual as crianças não deveriam ter como modelo, ou seja, encontramos uma visão diferente daquela atribuída ao burro do jornal português, um Senhor Doutor.

Podemos constatar, mais uma vez, a ênfase dada à educação, como um caminho para se progredir socialmente, sendo os analfabetos, inclusive, desprezados e menosprezados pela publicação.

Vale ressaltar que fronteiras sociais e raciais são solidificadas. A pequena Lamparina toca um tambor com os dizeres “Eu tô aprendendo”. O registro informal da fala é apresentado não como um aspecto corriqueiro da comunicação informal, mas como um sinal do pouco estudo da personagem e de sua “ignorância”, o que é claramente recriminado.

Em uma visão determinista, “a indolência e a vadiação” são eleitas como as causas do analfabetismo. Vale a citação:

Quantos meninos por vadiação ou indolência são analfabetos? Infelizmente muitos. Mas também são sem conta os que amam o estudo, os que compreendem a riqueza do saber. O Almanaque d’O Tico-Tico, saudando seus leitores, formula os melhores votos de felicidade e de progressos nos estudos para todas as crianças do Brasil(*Almanaque d’O Tico-Tico*, 1929)

Consideramos que tal apresentação sintetiza claramente as observações já feitas a respeito da revista *O Tico-Tico*, assim como sua adesão às tendências pedagógicas vigentes, em que o positivismo mesclava-se a alguns ideais da Escola Nova, entremeados pela educação católica. Ou seja, trata-se de um ideário com tendências diversas e até conflitantes.

Quanto à frequência dos gêneros, constatamos que, em 1929, 60 % dos

textos, em um total de 96 (100%), eram da *literatura infantil*, enquanto 40% pertenciam a *outros gêneros* (Gráfico 6)

Gráfico 6- Periodicidade por blocos: gêneros da literatura infantil e outros gêneros
***Almanaque d' O Tico-Tico*, 1929**

Dos gêneros da *literatura infantil*, sobressaem-se os contos(30,21%), seguidos pelas *histórias quadrinizadas* (10,42%), poemas(7,29%), textos dramáticos(4,17%), fábulas e lendas (3,13%), contribuição dos leitores (3,13%) e HQ (1,04%)(Gráfico 7).

Gráfico 7- Periodicidade dos gêneros no *Almanaque d' O Tico-Tico*, 1929.

É importante ressaltar que entre esses contos, em 1929, ainda podemos

encontrar clássicos infantis, com enredos repletos de magia, como o *Gato de Botas* e a *Bela Adormecida*, além da existência de fábulas e lendas, que não são contempladas em 1933, conforme visto.

Quanto aos outros gêneros, podemos destacar a grande frequência dos anúncios publicitários, 31,25%, superior a própria frequência dos contos. Há também outros gêneros, com menor frequência, não muito comuns nas revistas analisadas, como calendário, oração e partitura de música(Gráfico 7).

Já a edição de 1937, também apresenta capa cartonada, mas o preço é alterado para 6\$000 (Anexo AAA). Comparativamente, essa edição é mais colorida, as folhas são mais espessas e resistentes do que as de 1929.

Na capa, há também uma ilustração de J. Carlos, na qual observamos uma menina desenhando vários personagens do cinema como Carlitos, O Gordo e o Magro e Popeye. Ao redor da pequena, estão vários personagens da revista, inclusive os estrangeiros Mickey e o Gato Félix,

Como exemplo de conteúdo voltado para a educação, destacamos uma *história quadrinizada*, intitulada “Era uma vez....”.(Anexo BBB). A referência aos contos maravilhosos ou de fadas aparece unicamente no título, já que o enredo se desenvolve a partir de um fato cotidiano, cuja temática é a oposição entre o estudo e os jogos de futebol.

Em seis quadros legendados, assinados por “Heitor”, lê-se a história de um menino que decide parar de estudar para jogar futebol, já que um tal de “Pé-de-chumbo” iria ganhar uma boa quantia por essa profissão, ou seja, estudar não valeria a pena. Depois de jogar seus livros no lixo, o menino resolve treinar futebol, mas como não tem uma “pelota”, utiliza um tijolo. Acaba quebrando a vidraça do vizinho e, como castigo, leva “meia dúzia de bolões”, pancadas com a palmatória, e “duas horas de joelhos dobrados sobre uma mesa”.

Observamos que a punição às crianças é vista com normalidade e até incentivada, diferenciando-se da postura proposta pela autora portuguesa Odette Passos S. Maurice, no conto “A primeira mentira de Carlos Alberto”, em que condena os castigos físicos.

Quanto à estrutura, é interessante verificar que as legendas estão mal distribuídas, pois os quadros não correspondem ao que se lê, o que dificulta a compreensão. Há ainda incoerências no enredo, pois se menciona um roubo que não ocorre, nem é explicitado.

Como podemos observar, a educação é valorizada em detrimento dos esportes e o menino travesso e vadio é castigado energicamente. É preciso que recordemos que justamente em 1937 temos o início do Estado Novo no Brasil e a educação é valorizada, contudo, a partir de ideias autoritárias e cerceadoras da liberdade, sem meio-termo, sem relativismos.

Quanto à frequência dos gêneros, em 1937, apenas 38,46% dos textos, em um total de 169 (100%), eram da *literatura infantil*, enquanto a maioria, 61,54%, é representada por *outros gêneros* (Gráfico 8). Entre esses últimos gêneros, os que mais se destacam são os de divulgação científica, mais de 50%, o que demonstra um forte indício da transmissão de conhecimentos para a formação do novo Brasil que se almejava, como já dissemos, seria a época da “reconstrução nacional”.

Gráfico 8- Periodicidade por blocos: gêneros da literatura infantil e outros gêneros
Almanaque d' O Tico-tico, 1937

Gráfico 9- Periodicidade dos gêneros no Almanaque d' O Tico-Tico, 1937

Entre os gêneros da literatura infantil, destacam-se as *histórias quadrinizadas* (12,43%), seguidas dos contos(9,47%), poemas(5,92%), HQ(3,57%), contribuição dos leitores(2,96%), fábulas e lendas(2,37%) e textos dramáticos (1,18%) (Gráfico9).

Como podemos constatar, a frequência de *histórias quadrinizadas* e HQ eleva-se consideravelmente em 1937, época em que a revista já encontrava forte concorrência do *Suplemento Juvenil* e do *Gibi*, conforme já observamos, havendo, por outro lado, uma considerável redução dos gêneros da literatura infantil em prosa, como contos, lendas, entre outros.

Para tentar se equiparar a essas novas publicações, a revista e seus almanaques passaram a veicular mais *histórias quadrinizadas*, inclusive com conteúdos de história do Brasil, Ciências, Geografia e outras disciplinas escolares. Ou seja, os quadros coloridos e suas legendas foram utilizados como pretextos para a transmissão de valores cívicos e morais, para temas escolares em geral, não apresentando humor, ludismo ou vocação para o entretenimento, o que poderia ser encontrado nos gibis e em alguns livros de literatura infantil.

A frequência dos textos de divulgação científica cresce consideravelmente, com 31,36%, sendo de apenas 2,08% em 1929, o que denota o interesse da revista em se aproximar cada vez mais dos conteúdos ensinados nas escolas, preocupando-se com a formação da “infância sadia”, fugindo da fantasia e se aproximando cada vez de um mundo mais “real”, bem de acordo com os ideias do Estado Novo e as tendências pedagógicas vigentes.

Vale também dizer que a edição de 1937 é amplamente ilustrada e colorida, uma clara estratégia persuasiva para os novos leitores que vinham se habituando à leitura de imagens, seja nas HQ, seja no cinema.

Não foi possível ao *Tico-Tico* concorrer com as histórias de *cowboys*, índios e policiais americanos dos *comic books*, ou mesmo com os personagens divertidos do cinema, em franca expansão.

Além disso, as obras de Monteiro Lobato, conforme já elucidamos, antes de serem proibidas pela ditadura Vargas, aliavam o real à fantasia, em um mundo em que as crianças gostariam de viver, isto é, um mundo repleto de aventuras, brincadeiras e descobertas.

Eis o início do fim de *O Tico-Tico*, publicação que ainda duraria muitos anos formando leitores, gerando ilustradores e escritores, até se extinguir, em 1962.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho, produto de uma longa, prazerosa e inacabada pesquisa, retomaremos alguns pontos significativos.

Inicialmente, verificamos que as relações entre imprensa e literatura vinham sendo amplamente discutidas por profissionais de ambas as áreas e que, até as primeiras décadas do século XX, em um tímido mercado editorial, os jornais e revistas assumiram-se como os mais efetivos divulgadores da literatura, tanto no Brasil quanto em Portugal.

Todavia, quando voltamos nosso olhar às publicações para crianças, encontramos um desafio e muitas lacunas a preencher, o que motivou que iniciássemos e déssemos prosseguimento a essa pesquisa, que consideramos de grande relevância para a história da literatura infantil.

Desde o princípio, optamos pelo jornal *O senhor doutor* como o *corpus* ideal para comprovar nossas hipóteses. Em seguida, após várias sondagens, a revista *O Tico-Tico* pareceu-nos a publicação ideal para um estudo comparado com o jornal português, devido à sua estrutura, à veiculação de gêneros da literatura infantil e a seu importante papel na formação dos leitores brasileiros.

Para tratar dos periódicos infantis, em uma perspectiva histórico-social, foi preciso que, em primeiro lugar, refletíssemos sobre seu leitor ideal, a criança, assim como sobre as diferentes concepções de infância em um determinado contexto.

Nesse sentido, constatamos que aspectos como etnia, gênero, religião, classe social, contexto histórico e cultural deveriam ser levados em conta para que pudéssemos identificar não uma, mas várias concepções de infância, já que esse tipo de concepção é construída histórica e socialmente, podendo variar dentro de uma mesma época e sociedade. Ou seja, as crianças dos anos de 1930, cultural e socialmente, possuíam características específicas de sua época e contexto.

Assim, encontramos, nessas publicações, desde a criança inocente e ignorante, que precisa ser conduzida e educada para transformar a sociedade, ou a criança sacralizada, idealizada nos moldes românticos, até a criança como um ser em transformação, com suas próprias ideias e comportamentos, que deve ser

conhecida para ser compreendida, como Carlos Alberto, Lili e Maurício, por exemplo, o que demonstrou ser a concepção mais rara.

Em linhas gerais, a infância apresentada nos periódicos analisados é idealizada como o melhor momento da vida, pois, apesar de boa parte das crianças serem seres frágeis, inocentes, carentes de orientação e dados a travessuras, como Sérgio, em “Que feio ser mentiroso”, a faladeira menina Yvone, Lamparina, Zuca, Zaruca, Reco-Reco, Bolão, Azeitona, Chiquinho e Benjamin, entre tantos outros, estariam também mais receptivos aos ensinamentos e às influências dos bons exemplos para se tornarem cidadãos saudáveis e produtivos, fieis à pátria e a Deus. Vale lembrar que as personagens pobres e negras são tratadas de maneira diferenciada, marcas por sua condição social e etnia, em uma postura preconceituosa.

Quanto às meninas, ora são vistas como seres puros e sacralizados, em uma concepção bastante romântica, como a irmãzinha de Sérgio, ou Luciana, em “Colar de lágrimas”; ou mesmo sensatas e sábias, como Bazaruca, em *As aventuras dos autênticos Zuca, Zaruca e Bazaruca*; Lili, nas *Aventuras de Chiquinho* ou a outra Lili, de Eustórgio Wanderley, ingênua, mas cheia de ideias próprias.

Há também as crianças independentes e corajosas como João Sem Medo, embora apareça, em alguns contos, como um herói romântico e desbravador.

Foi também possível constatar que, de fato, a partir do século XX, a criança tornou-se o núcleo da família e da sociedade e tudo que se refere a ela tornou-se essencial: sua saúde, tanto física quanto mental, sua educação moral e cívica, sua cultura, suas leituras e seu aprendizado. Contudo, a criança das elites recebeu uma educação privilegiada, em detrimento da criança do povo, segregada e merecedora de uma educação básica, quando muito.

Verificamos que diferentes tendências pedagógicas surgem a partir de uma determinada concepção de infância e da formação que se pretende dar à população, com base em um projeto político e econômico pré-estabelecido para cada época e contexto, sendo a escola, a família e a mídia responsáveis pela disseminação e manutenção de tais tendências.

Vale lembrarmos que, segundo Locke, as crianças eram seres descuidados, desatentos e alegres, que precisavam ser guiadas e educadas, sendo a educação o caminho para a transformação social e o progresso de uma nação.

Dessa forma, os anos de 1930 foram marcados por uma mescla de

tendências pedagógicas, bem exemplificadas pelos periódicos.

Verificamos, assim, nítidas influências do positivismo, que pregava a consolidação da ordem pública e a resignação ao *status quo*, contrariando as ideias revolucionárias do iluminismo, ou mesmo do socialismo. A história da pequena Ana Maria, do conto de Ana de Castro Osório, serve como exemplo.

A valorização da educação física e do estudo da natureza, postulados por Herbert Spencer, exemplificam-se em diferentes textos, como o *Taperá*, da revista *O Tico-Tico*.

A visão de Émilie Durkheim também é uma constante, se pensarmos que, contrariando Rousseau, as crianças, em geral, são mostradas como seres maus e egoístas e que somente a educação em sociedade, por meio das gerações adultas, pode torná-los solidários. Recordemos dos diversos personagens de J. Carlos; ou mesmo a relevância de seções como “Sentenças do Senhor Doutor” e “Lições do Vovô”.

Como vimos, Durkheim, apesar de postular formas de educação diferentes para cada classe social, considerava que os princípios da educação religiosa deveriam ser difundidos a todas as crianças, aspecto bastante observado principalmente na revista *O Tico-Tico*.

Alguns ideais da Escola Nova, como a valorização da abertura da escola para o meio, propondo-se a inclusão das famílias e das comunidades no processo educativo, podem ser observados com alguma parcimônia, tanto no conteúdo de algumas histórias, como em o próprio *Taperá*, ou nas propostas dos diferentes encartes nas duas publicações, com atividades para recortar, montar e colar.

Quanto a Portugal, vimos que, no Estado Novo, a educação tornou-se instrumento de doutrinação para os ideais salazaristas, com marcante presença da mãe como educadora e uma preocupação específica com a educação das meninas. Havia uma forte desvalorização da educação nas escolas, sendo a educação informal, junto às famílias, privilegiada, o que leva as futuras mães e esposas a receberem uma especial atenção.

No Brasil, havia, por outro lado, um entusiasmo, seguido por um otimismo pela educação, mas com fortes influências da Igreja Católica, a qual, de certa forma, derrotou o movimento da Escola Nova, com forte participação na Constituição de 1934. No Estado Novo brasileiro, a educação passou a ocupar um lugar estratégico como instrumento de formação do tipo de homem que correspondesse à

nova ordem social, concentrada principalmente no respeito à família, à pátria e a todos os deveres cívicos.

Devido à forte influência da Igreja Católica nos dois países, esperávamos que ambas as publicações apresentassem claras referências aos valores cristãos ou mesmo conceitos especificamente católicos. Realmente, tais aspectos puderam ser observados, entretanto, na revista *O Tico-Tico*, a religiosidade, mais especificamente o catolicismo, aparece com maior frequência e ênfase.

Essas publicações colocam-se como coadjuvantes de um projeto amplo de educação moral e cívica, aliadas ao lúdico, ao entretenimento, principalmente pelo uso dos recursos imagéticos fornecidos tanto pelas histórias em quadrinhos ou *quadrinizadas*, quanto pelas diferentes formas de ilustração presentes nos diferentes gêneros.

A partir das diversas concepções de infância e pensamentos pedagógicos identificados, tratamos de leitura, suas práticas e seus tipos de leitores, assim como da literatura infantil, inseridas nesses contextos.

Em nossas análises, na medida do possível, consideramos vários elementos envolvidos no processo de leitura, como autores, obras, leitores, acrescentando a relevância das estratégias de publicação, da figura do editor e da própria materialidade do texto, os diferentes gêneros e suas funções sociais.

Verificamos que as categorias de leitores propostas por Nelly Novaes Coelho também podem ser aplicadas a publicações antigas, como os periódicos analisados, desde que consideremos que há diferentes concepções de infância e uma grande variedade de gêneros em um mesmo suporte.

Pudemos encontrar, segundo nossa interpretação, textos passíveis de um pré-leitor até um leitor crítico, sendo que, devido à grande quantidade de ilustrações aliadas aos textos verbais, grande parte dos textos seriam mais condizentes aos leitores iniciantes. Observamos, inclusive, que vários textos não se destinavam às crianças, mas sim aos adultos, responsáveis pela educação e escolha das leituras dos pequenos. Vale dizer, que o leitor dos anos de 1930 é considerado em seu contexto, mas visto com um olhar do futuro.

Quanto aos tipos de leitura, verificamos que essas publicações permitiam diferentes figuras, quer sejam para a leitura intensiva, quer seja para extensiva, dependendo, contudo, das relações que os leitores tinham com o objeto lido.

Por um lado, há a leitura intensiva, em que os periódicos eram manipulados,

seus textos lidos, escutados, memorizados e reproduzidos oralmente, sendo considerados pelas crianças um material lúdico.

Verificamos, inclusive, que nos Almanques de *O Tico-Tico* consultados, há figuras recortadas, páginas retiradas, desenhos coloridos a mão, e, acima de alguns poemas, a lápis, escrito “já”, o que supomos ser, “já lido”, ou “já decorado”.

Por outro lado, há uma leitura extensiva, na qual o objeto de leitura é dessacralizado, sendo lido e descartado. No entanto, temos de levar em conta que várias dessas publicações tornaram-se objetos de colecionadores e de bibliotecas, o que, felizmente, possibilitou essa pesquisa.

Quanto aos protocolos de leitura, verificamos ser necessário considerar não apenas os vestígios deixados pelos autores, mas os diferentes aspectos gráficos constituídos pelos editores e a extrema relevância dos ilustradores. Infelizmente, não pudemos explorar mais detalhadamente os aspectos visuais, o que nos suscita a necessidade da continuidade dessa pesquisa nesse sentido.

As *histórias quadrinizadas* e em quadrinhos tornam-se muito importantes nesse sentido, pois apresentam protocolos de leitura que lhes imprimem uma legibilidade específica, típica da literatura infantil atual.

Em outras palavras, como dissemos anteriormente, em um exercício mental de composição gráfica, cada quadro dessas histórias pode ser visto individualmente como a página de um livro, em que o verbal e o não verbal dialogam entre si. Dessa forma, esses gêneros foram coadjuvantes na formação de leitores, em uma prática de leitura bastante específica, que os colocam como basilares para literatura infantil que se iniciava, tanto no Brasil quanto em Portugal.

Essa relevância confirma-se caso consideremos que, em Portugal, havia poucas opções de leitura e, no Brasil, a leitura em outros suportes, além do livro, era incentivada, pelo menos nos anos de 1930. Relembrando Vidal, constituir leitores, nessa época, era “produzir decifreadores de uma cultura urbana cada vez mais associada a signos escritos” (VIDAL, 1999:353), com considerável destaque à leitura de jornais e revistas, pela profusão de informações e ilustrações.

A literatura infantil, com algumas exceções, como Monteiro Lobato, e alguns contos de José Gomes Ferreira e as histórias de Max Yantok, foi marcada por tendências moralizantes, didáticas e cívicas, em detrimento do lúdico, com ênfase em vários paradigmas tradicionais, como o moralismo religioso ou mesmo o nacionalismo exacerbado.

Outrossim, segundo Coelho(2000), até os anos de 1940, no Brasil, houve uma reação anti-fantasia, que pode ser bem observada no teor dos textos da revista *O Tico-Tico*, sendo que temáticas cotidianas e mais “realistas” encontravam destaque, sendo os mitos , fábulas e contos maravilhosos deixados em segundo plano, quando não, ignorados.

Como já observamos, apesar de a literatura infantil ter uma “ vocação pedagógica” , é preciso levar em conta que a radicalização da intencionalidade pedagógica nos anos de 1930 e 1940 transformaram boa parte da literatura infantil da época apenas em um meio educativo, comprometendo seu valor estético, conforme pudemos constatar inclusive nos almanaques.

Nessa época, por outro lado, houve uma grande profusão dos *comic books*, os gibis, com produções basicamente norte-americanas.

Aos poucos, os periódicos para crianças , nos moldes do jornal *O senhor doutor* e da revista *O Tico-Tico* desapareceram, sendo que os gêneros da literatura infantil migraram para outros suportes. As *histórias quadrinizadas* desapareceram, mas se transformaram duplamente. Por um lado, gestaram as histórias em quadrinhos e ganharam revistas exclusivas, os gibis. Por outro, gestaram os livros ilustrados como os que conhecemos atualmente.

Antes de finalizarmos, não podemos nos esquecer de que a revista *Recreio* contribui consideravelmente para o “renascimento” da literatura infantil brasileira nos anos de 1970, sendo também responsável pela divulgação de novos escritores e pela formação dos pequenos leitores, devendo, portanto, ser incorporada à história da literatura infantil por meio de estudos específicos.

Para nós, o grande destaque dessas publicações, por fugir ao lugar comum, são os diversos contos do Avô do Cachimbo, que deram origem às *Aventuras de João Sem Medo*, de José Gomes Ferreira, e as diferentes HQ de Max Yantok.

O primeiro, em uma crítica de certa forma velada(se compararmos com a publicação em livro em 1963 em que há uma crítica explícita), contesta a miséria em que Portugal se encontrava, por meio de uma linguagem lúdica, do resgate dos contos maravilhosos, da paródia e da carnavalização.

O segundo, Max Yantok, foge do discurso didático-moralista e propõe enredos divertidos, repletos de trocadilhos, ambiguidades e situações insólitas. Em suas histórias, o verbal e o não verbal dialogam em harmonia.

Assim, ambos representam uma das facetas mais ricas do que seria a

literatura infantil. João Sem Medo ainda sobrevive, suas aventuras são lidas nas escolas portuguesas, viraram peças de teatro e *sites* na *Internet*, apesar de essa ser a única obra para crianças escrita por José Gomes Ferreira. Já a obra de Yantok e seus personagens, como Pandareco, Kaximbown e Pipoca, viraram raridades, perdidas em alguma biblioteca, em algum “sebo”, ou nas antigas memórias dos meninos e meninas de 1930.

Esperamos que nossa pesquisa venha contribuir com a história da literatura infantil, tanto brasileira quanto portuguesa, e abra novos caminhos para o estudo dos diversos gêneros dessa literatura, muito além dos livros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS¹²⁸

ANDRADE, Carlos Drummond. *Antologia poética*. 30 ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

_____. *Poesia Completa e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973

ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. trad. /Dora Flaksman 2.ed. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos Editora S/A 1981.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. 3 ed. São Paulo: UNESP, 2010.

AZEVEDO, Ezequiel de. *O Tico-Tico: cem anos de revista*. São Paulo: Via Lettera, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina G G Pereira. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BILAC, Olavo e NETTO, Coelho. *Contos pátrios.- para crianças*. 27 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931.

BOSI, Alfredo. “ A educação e a cultura nas constituições brasileiras”. In _____(org.) *Cultura brasileira: temas e situações*. 2 ed. São Paulo : Ática, 1992.

CÂNDIDO, Antonio “Direito à literatura”. In _____. *Vários escritos – edição revista e ampliada*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária* (1 ed. 1965) . 8 ed. São Paulo: T. A. Queiroz . 2000.

CARDONA, Maria João. *Para uma História da Educação da Infância em Portugal- O discurso oficial (1834-1990)*. Coleção infância. Volume 3.Porto: Porto editora,1997.

CARDOSO, Maria Helena. *Por onde andou meu coração: memórias*. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

CARVALHAL, Tânia e COUTINHO, Eduardo(org.) *Literatura Comparada*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CARVALHO, Rômulo. *História do ensino em Portugal*. 3 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Conversações com Jean Lebrun. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora da UNESP – Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: 1998.

¹²⁸ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023.

CHARTIER, Roger . “As revoluções da leitura no ocidente”. In ABREU, Márcia(org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de letras: Associação de Leitura do Brasil, São Paulo FAPESP, 1999.

_____. *Cultura escrita, literatura e história*. Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre, Jesús Anaya Rosique (et al). Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. “Do livro a leitura”. In_____(direção). *Práticas de leitura*. (1 ed. 1996) Trad. Cristiane Nascimento. Introdução Alcir Pécora. 4 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos* (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). 12 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

COSTA, Cristiane. *Pena de Aluguel*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

COELHO, Nelly Novaes *Panorama Histórico da literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *Dicionário Crítico de Literatura Infantil*. São Paulo: Edusp:1995.

_____. *Literatura infantil: teoria, análise e didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

DURKHEIM, Émile. *Educação e sociologia*. Trad. Stephania Matousek. São Paulo: Vozes.2011.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 10 ed. São Paulo: Edusp, 2002.

FERREIRA, José Gomes. *Aventuras maravilhosas de João Sem Medo*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1963.

FREITAG, Bárbara. *Escola, Estado e sociedade*. 4 ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GADOTTI, Moacir. *História das ideias pedagógicas*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2003.

GUIRALDELLI JR, Paulo. *História da educação*. São Paulo: Cortez, 2000.

GÓES, Lúcia Pimentel. *Em busca da matriz. Uma contribuição para a História da Literatura Infantil Portuguesa*. São Paulo: Cliper/ Fac. Teresa Martin, 1998.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. *Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores*. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HEYWOOD, Colin. *Uma história da infância. Da Idade Média à Época contemporânea no ocidente*. Trad. Roberto Cataldo Costa. São Paulo: Artmed , 2004.

HILSDORF, Maria Lúcia S. *História da educação brasileira: leituras*. São Paulo:Thomson Learning, 2007.

IGREJA, Manuel AA. *A educação para a cidadania nos programas e manuais escolares de história e geografia de Portugal e História - 2.º e 3.º ciclos do ensino básico: da reforma curricular (1989) à reorganização curricular (2001)*. Tese de doutorado. Braga, Portugal: Universidade do Minho 2004.

JOLLES, André. *Formas simples*. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.

JOUE, Vincent. *A leitura*. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

KUHLMANN JR., Moysés. *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____. “Circulação das ideias sobre a educação das crianças: Brasil, início do século XX”. In FREITAS, Marcos Cezar e KUHLMANN JR., Moysés (Org.). *Os intelectuais na História da infância*. São Paulo: Cortez, 2002.

LAJOLO, Marisa. “Infância de papel e tinta”. In FREITAS, Marcos.César(org) *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *A leitura rarefeita: leitura e livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

_____. *Literatura Infantil brasileira, história e histórias*. São Paulo: Ática, 2007.

_____. *A formação da leitura no Brasil*(1996), 3 ed. São Paulo: Ática, 2009.

LAJOLO , Marisa e CECCATINI, João Luís (org.). *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil*. São Paulo: UNESP, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

LEIBRUDER, Ana Paula. “O discurso de divulgação científica”. In BRANDÃO, Helena N.(org.). *Gêneros do discurso na escola*. Volume 5. São Paulo: Cortez, 2000

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Globo, 2010 (primeira edição de 1944)

_____. *Lúcia ou A menina do narizinho arrebitado*. Revista do Brasil. Volume XVI, Ano VI. São Paulo- Rio de Janeiro: Janeiro-Março de 1921.p. 42-50,121-126. Acervo da Biblioteca FFLCH-USP. São Paulo.

LUSTOSA, Isabel (org.) *Imprensa, História e Literatura*, Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa 2008.

MANACORDA, Mário Alighiero. *História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias*. Trad. Gaetano Lo Monaco. 10 ed. São Paulo, Cortez: 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, Ana Luiza. “Revistas na emergência da grande imprensa: entre práticas e representações (1890-1930)” .In ABREU& SCHAPOCHNIK. Márcia e Nelson(org.) *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas, SP: Mercado de letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 2000.

MENNA, Lígia R. M. C. *A denúncia da exploração humana através da carnavalização: O Reizinho mandão, de Ruth Rocha; Aventuras maravilhosas de João Sem Medo, de José Gomes Ferreira e A montanha da água lilás, de Pepetela*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 2003.

PARK, Margareth Brandini. *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*. Campinas: Mercado das Letras. FAPESP.2010

PROENÇA, Maria. *O sistema de Ensino em Portugal (séc. XIX e XX)*. Lisboa: Edições Colibri,1998.

QUEIRÓS, Eça. *Cartas de Inglaterra*. Lisboa: Publicações Europa-América, 2007.

RIO, João do. *Momento literário*, Rio de Janeiro: Garnier, s/d.(1903)

ROCHA, Natércia. *Breve história da literatura para crianças em Portugal*. Lisboa: Biblioteca Breve, 1984.

ROSA, Zita de Paula. *O Tico-Tico: Mito da formação sadia*. Tese de doutorado. Departamento de História Social. São Paulo:FFLCH-USP, 1991.

ROUSSEAU, JJ. *Emílio ou a educação*. Trad. Roberto Leal Ferreira. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SAVIANI, Demerval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SILVA, Vitor M de Aguiar. *Teoria de Literatura*. São Paulo: Martins Fontes,1976.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

VERGUEIRO,Waldomiro e SANTOS Roberto. *O Tico-Tico 100 anos -Centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil*. São Paulo: Opera Graphica, 2006.

VIDAL, Dina Gonçalves. "Livros por toda parte: o ensino ativo e a racionalização da leitura nos anos de 1920 e 1930 no Brasil." In ABREU, Márcia(org.).*Leitura, História e História da leitura*. Campinas, SP: Mercado de letras: Associação de Leitura do Brasil, FAPESP, 1999.

VILHENA, Cynthia P S "A família na doutrina social da Igreja e na política social do Estado Novo." São Paulo: Revista de Psicologia- USP. 3(1,2) p. 45-57, 1992.

ZELIZER, Viviana A. *Pricing the priceless child: the changing social value of children*. New York (USA): Basic books.,1985.

ZILBERMAN, Regina "Literatura infantil: livro, leitura ,leitor". In_____(org) *A produção cultural para crianças*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

_____. "A literatura e o apelo das massas".In AVERBUCK, Lígia(org.) *Literatura em tempo de cultura de massa*. São Paulo: Nobel, 1984, p.10 a 31

_____.*A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.

Dicionários:

CHEVALIER, Jean. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores e números*. Tradução Vera da Costa e Silva, 6. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário de língua portuguesa*. 2 ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

HOUAISS, Antonio & VILLAR, Mauro Salles. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*, elaborado no Instituto Antônio Houaiss de lexicografia e banco de dados da língua portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

SÁ, Leonardo de & DEUS, Antônio Dias. *Dicionário dos Autores de Banda Desenhada e Cartoon em Portugal*. Lisboa: Edições Época de Ouro, 1999.

Dicionários digitais:

AULETE Digital. Disponível em:

<http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital>

PRIBERAM. *Dicionário Priberam de Língua Portuguesa*. Disponível em:

<www.priberam.pt>

Webgrafia:

“O homem que vivia rindo”. Folha de São Paulo. São Paulo. 4 out. 1964 Primeiro caderno. p. 8. Notícia sobre o falecimento de Max Yantok. Disponível em:

<<http://acervo.folha.com.br/resultados/?q=yantok&site=&periodo=acervo>>

Acesso em 5 maio 2012.

“Eugenia”. Dicionário de Bioética. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Disponível em : <<http://www.ufrgs.br/bioetica/eugenia.htm>> Acesso em 28 jan. 2011.

Programa Lições do Tonecas. Direção: Henrique Samorano. Clássicos da Rádio.

Lisboa, Portugal. Disponível em:

<<http://www.classicosdaradio.com/licoesTonecas.htm>> Acesso em 15 jul. 2009.

Lançamento de *O Tico-Tico*. Revista O Malho. Rio de Janeiro: Sociedade O Malho.

16 set. 1905. P. 40 Acervo Casa Rui Barbosa. Disponível em:<

<http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho>> Acesso em 10 maio 2012

IBGE. Indicadores de Ensino do Século XX. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos_xls/palavra_chave/educacao/indicadores_de_ensino.shtm> Acesso em 07 abr. 2011.

“Bibliothèque Bleue”. Universidade de Chicago. Disponível em> [http://artfl-](http://artfl-project.uchicago.edu/)

[project.uchicago.edu/](http://artfl-project.uchicago.edu/). Acesso em 15 fev. 2012.

“Bibliothèque de Suzette”. Disponível em: <<http://www.bibliothequedesuzette.com/>> Acesso em 15 maio 2012.

Diário Oficial da União. Ministério da Justiça. Rio de Janeiro. 10 mar. 1933. Seção 1, p.79 Disponível em:
< <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/1934392/dou-secao-1-10-03-1933-pg-79>>
Acesso em 12 jun. 2012.

DISNEY, Walt.. *Mickey Mouse comics*. Disponível em *Disney Comics Mailing Lists*. Disponível em: < <http://stp.ling.uu.se/~starback/dcml/creators/fg1930a.gif>> Acesso em 10 jun. 2012.

Centro de Referência em Educação Mário Covas(CREMC). Memorial. Governo do Estado de São Paulo. Disponível em:<<http://www.crmariocovas.sp.gov.br/memorial.php>> Acesso em 22 jun. 2012

Revista Recreio. Disponível em:<<http://www.recreio.com.br/>> Acesso em 5 jul. 2012.

Decretos e leis:

PORTUGAL. Decreto- Lei de 29 mar 1911. Determina que a educação deveria ser laica.(Diário do Governo 73). Ministério do Interior. Direção Geral da Instrução primária(Portugal).

PORTUGAL. Constituição (1933).Artigos 42 e 43. “A educação, o ensino e a cultura nacional”. Suplemento do Diário do Governo, Imprensa Nacional de Lisboa, 22 fev. 1933.

Periódicos:

Almanaque O Tico-Tico. Rio de Janeiro: Sociedade O Malho, 1929. Acervo pessoal.

Almanaque O Tico-Tico. Rio de Janeiro: Sociedade O Malho, 1931. Acervo pessoal.

Almanaque O Tico-Tico. Rio de Janeiro: Sociedade O Malho, 1937. Acervo pessoal.

A Gazeta. Edição infantil. Microfilme. 14 set. 1933. Acervo da Biblioteca Nacional(Brasil). Rio de Janeiro.

A Nação. Suplemento Juvenil. Foto digital. 22 ago. 1939. Acervo da Biblioteca Nacional(Brasil). Rio de Janeiro.

A Seta. Arquivo digital.1 abr 1895. Acervo da Biblioteca Nacional(Brasil). Rio de Janeiro. Disponível em:< <http://bndigital.bn.br/>> Acesso em 10 abr 2012.

O senhor doutor. Lisboa. Nº 1 a 42. 18/03/1933 a 30/12/1933 (microfilme digitalizado). Acervo Biblioteca Nacional (Portugal). Lisboa.

Gibi. 1939. Fotografia digital. Acervo da Biblioteca Nacional(Brasil). Rio de Janeiro.

O Tico-Tico, Rio de Janeiro: Sociedade O Malho. Nº 1422 a 1429. 04/01/1933 a 22/02/1933. Fotografias digitais. Acervo da Biblioteca Brasileira: Guita e José Mindlin. São Paulo.

O Tico-Tico, Rio de Janeiro: Sociedade O Malho. Nº 1703. 25/05/1938. Fotografias digitais. Acervo da Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo.

O Tico-Tico. Rio de Janeiro: Sociedade O Malho. Nº 1. 11/10/1905- encarte in VERGUEIRO & SANTOS, Waldomiro e Roberto. *O Tico-Tico 100 anos - Centenário da primeira revista de quadrinhos do Brasil*. São Paulo: Opera Graphica. 2006.

Recreio. São Paulo: Editora Abril. 1970. Fotografias digitais. Acervo da Biblioteca Monteiro Lobato, São Paulo.

Revista do Brasil. Volume XVI, Ano VI. São Paulo- Rio de Janeiro: Janeiro-Março de 1921.p. 42-50,121-126. Acervo da Biblioteca FFLCH-USP. São Paulo.

Bibliotecas:

BIBLIOTECA NACIONAL(Brasil). Rio de Janeiro. Disponível em :<
<http://www.bn.br/portal/>>

BIBLIOTECA MONTEIRO LOBATO. São Paulo.Disponível em:
<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/monteiro_lobat
[o](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/monteiro_lobat)>

BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA JOSÉ MINDLIN. São Paulo.Disponível em:
<<http://www.brasiliana.usp.br/>>

BIBLIOTECA NACIONAL(Portugal). Lisboa.Disponível em:
<<http://www.bnportugal.pt>>

APÊNDICES

APÊNDICE A- EXERCÍCIO DE COMPOSIÇÃO GRÁFICA	235
APÊNDICE B - CONTEÚDO DO JORNAL <i>O SENHOR DOUTOR</i> DE 18/03/1933 A 06/05/1933	236
APÊNDICE C- TRANSCRIÇÃO- “ UM EPISÓDIO HERÓICO DE NOSSA AÇÃO EM ÁFRICA : O ESCUDO	237
APÊNDICE D- TRANSCRIÇÃO DA “CARTA AOS MENINOS”	238
APÊNDICE E- <i>CONTOS DO AVÔ DO CACHIMBO E AS AVENTURAS DE JOÃO SEM MEDO</i>	239
APÊNDICE F - TRANSCRIÇÃO DO CONTO “ALDEIA DE CHORAMIGAS”	240
APÊNDICE G- TRANSCRIÇÃO DO CONTO “O AEROPLANO MÁGICO”	245
APÊNDICE H-TRANSCRIÇÃO DO CONTO “ NO TEMPO EM QUE OS HOMENS NÃO FALAVAM”	247
APÊNDICE I- TRANSCRIÇÃO DO CONTO “ A FLORESTA PROIBIDA”	248
APÊNDICE J- CONTEÚDO DA REVISTA <i>O TICO-TICO</i> DE 4/01/1933 A 22/02/1933	250
APÊNDICE K- TRANSCRIÇÃO DO CONTO “O COLAR DE LÁGRIMAS”	251
APÊNDICE L -TRANSCRIÇÃO DO CONTO “TAPERÁ”, DE TIO NOUGUY	254
APÊNDICE M- <i>CONTEÚDOS DO ALMANAQUE D’ O TICO-TICO, 1929 E 1937</i>	256

APÊNDICE A- Exercício de Composição gráfica

Cada quadro de uma história quadrinizada assemelha-se à página de um livro infantil. ¹²⁹

APÊNDICE B - Conteúdo do jornal *O senhor doutor* de 18/03/1933 a 06/05/1933

nº	Datas	HQ	Histórias quadrinizadas	Contos	Mitos	Poemas	Folhetim
1	18/03/1933	2	5	4	1	3	1
2	25/03/1933	3	4	3	1	1	1
3	01/04/1933	4	3	3	1	2	1
4	08/04/1933	4	3	3	1	1	1
5	15/04/1933	3	2	4	1	1	1
6	22/04/1933	3	2	4	1	2	1
7	29/04/1933	3	2	4	1	2	1
8	06/05/1933	3	2	4	1	1	1
	Total	25	23	29	8	13	8
	106 textos						

Tabela 1- Jornal *O senhor doutor*: Gêneros da Literatura Infantil por edição

nº	Datas	Textos de divulgação científica	Receitas, regras, instruções.	Anúncios	Perfis	Relatos históricos	Passatempos	Cartas e respostas aos leitores
1	18/03/1933	4	4	0	1	0	2	1
2	25/03/1933	4	3	0	1	1	2	2
3	01/04/1933	2	2	0	1	1	2	2
4	08/04/1933	2	3	1	1	0	2	2
5	15/04/1933	4	4	1	1	2	2	2
6	22/04/1933	3	3	1	1	1	1	2
7	29/04/1933	2	2	1	1	2	3	2
8	06/05/1933	1	2	1	1	2	2	2
	Total	22	23	5	8	9	16	15
	98 textos							

Tabela 2 - Jornal *O senhor doutor*- Outros gêneros por edição

APÊNDICE C- Transcrição- “ Um episódio heróico de nossa ação em África : O escudo

1º Quadro

_ Larga esse rapaz!- gritou o capitão Albuquerque, correndo para um colono que maltratava um pobre negro. E arrancou-lhe o chicote com que lhe batia.

_É que ele é um mandrião!... –explicou o colono para desculpar a sua ação. Mas as explicações não lhe valeram de nada e o homem teve que se retirar envergonhado do acampamento.

2º Quadro

O capitão dirigiu-se então a Pete, tal era o nome do negro, e propôs-lhe que ficasse a seu serviço para lhe tratar do cavalo.

Horas depois, o destacamento sob o comando do capitão marchava a atacar um bando de indígenas que se tinha(amotinado ?) e enquanto lhe segurava o cavalo, Pete olhava cheio de (ilegível) o capitão, pelo que tinha feito por ele.

3º Quadro

Pete seguiu primeiramente os soldados através dos campos. Mas logo que ouviu o capitão dar a ordem de ataque a uma colina das imediações onde o inimigo se refugiava, escondeu-se por detrás de um penhasco. Qual não foi a sua surpresa ao ver que uma zagaia feria e fazia cair cavalo do capitão, enquanto o inimigo surgia disposto a aproveitar a vantagem.

4º Quadro

Empunhando o revólver, o capitão preparou-se a fazer frente aos indígenas. Mas, ao mesmo tempo, Pete, compreendendo o perigo em que se encontrava o seu chefe, surgiu também do seu refúgio e corre, corajosamente, em seu auxílio, disposto a tirá-lo daquela apurada situação. O pequeno indígena não esquecera o nobre gesto do nosso compatriota, livrando-o das mãos do bárbaro colono.

5º Quadro

Apanhando um escudo que os indígenas tinham abandonado na sua retirada, Pete correu para o capitão e abrigou-o por detrás do escudo, permitindo assim que o oficial se levantasse, sob inúmeras flechas e zagaias que o inimigo disparava, e que ameaçavam feri-lo a todo momento.

Três zagaia, com efeito, haviam se cravado no escudo protetor...

6º Quadro

...quando os soldados do destacamento apareceram e, fazendo nutrido fogo, puseram em fuga os rebeldes. Pete então, retirando o escudo, ajudou o chefe a sair debaixo do cavalo morto.

Desde então o capitão Albuquerque não mais abandonou o negrito, que o acompanhou até à Pátria quando oficial a ela pôde regressar.

(“ Um episódio heróico de nossa ação em África : O escudo jornal”O senhor doutor, 18/03/1933, p.

1.Transcrito por Lígia Menna)

APÊNDICE D- Transcrição da “Carta aos meninos”

Carta aos meninos,
Para os pais lerem

Meninos:

Aqui têm o primeiro número dum jornal que foi feito de propósito para vocês, atendendo às vossas predileções, aos vossos gostos, gostos que têm a vantagem de serem uniforme, sem as diferenças que distinguem as das pessoas crescidas, e que provocam aquele bonito espetáculo, que muito deve divertir os meninos, delas andarem sempre às turras umas com as outras...

Vocês, aparte uma ou outra briga sem importância no pátio do colégio ou do liceu, estão todos de acordo, lêem todos pela mesma cartilha. Todos gostam de histórias movimentadas, de bonecos coloridos, de jogos, de selos, de berlindes, de fitas de animatógrafo. Não é verdade?

Pois o SENHOR DOUTOR, que é um burro velho, sabe isso muito bem, e está disposto a fornecer-lhes todos os sábados, copiosamente a lenha de que vocês precisam para atear o fogo sagrado da mocidade bem-disposta que é o melhor que se leva desse mundo.

Folheiem com atenção as 12 páginas deste primeiro número e vejam lá se não encontram nelas um bocadinho de cada uma das coisas de que vocês mais gostam. Se alguma falta, podem Ter a certeza de que não é por esquecimento, nem desleixo, mas pela tão simples como poderosa razão de e não ser possível meter duma só vez o Rossio na rua Betesga.

Mas, como o outro que diz que largos dias têm cem anos(Já devem ter reparado que lá na casa há um vastíssimo repertório de anexins)...

Em cada número, os leitores deste jornal encontrarão novos atrativos, novas surpresas. Um verdadeiro manancial de coisas bonitas e amáveis! Uma fonte inesgotável de alegrias! (Pin...)

E agora venha de lá esse abraço para celebrar as boas relações que se inicialmente os meninos e este vosso novo grande amigo

O Senhor Doutor

(“Carta aos meninos” in *O senhor doutor*, nº 1, 18/03/1933, p. 2. Transcrito por Lúcia Menna)

APÊNDICE E- Contos do Avô do Cachimbo e As aventuras de João Sem Medo

Episódios do Jornal (1933)	Capítulos do Livro (1963)
<p>Há 28 episódios escritos por José Gomes Ferreira, sob o pseudônimo de <i>Avô do Cachimbo</i> no período de 7 meses:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. “Aldeia de Choramigas”; 2. “O aeroplano mágico”; 3. “O tempo em que os homens não falavam”; 4. “As maravilhosas aventuras de João Sem Medo”-Caminho da Infelicidade; 5. “Colina de Cristal”; 6. “A ilha dos corcundas”; 7. “O gramofone com asas”; 8. “A varinha de condão”; 9. “A sala sem portas”; 10. “A cidade da confusão”; 11. “O gigante barbudo”; 12. “O príncipe das orelhas de burro”; 13. “A princesa 46.734”; 14. “O planalto dos imortais”; 15. “O fato, a condecoração e a coroa de louros”; 16. “A bruxa moderna”; 17. “O encontro com João Medroso”; 18. “O gigante do monóculo”; 19. “O ar envenenado”; 20. “O país das fábulas”; 21. “A porta de ouro e a porta de ferro”; 22. “História do João Sem Medo2”; 23. “O subterrâneo negro”; 24. “A menina dos pés ocos”; 25. “A torre sinistra”; 26. “O peixe das escamas vermelhas”; 27. “A cidade do fundo do mar” ; 28. (Nenhum episódio) 29. “O peixe papagaio”. 	<p>O livro <i>Aventuras maravilhosas de João Sem Medo</i> é dividido em 15 capítulos :</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. “O homem sem cabeça”; 2. A árvore dos dez braços”; 3. “ A colina de cristal”; 4. “O gramofone com asas”; 5. “ O condão do sacrifício”; 6. “A sala sem portas”; 7. “ A cidade da confusão”; 8. “ O príncipe das orelhas de burro”; 9. “ A princesa nº 46.734”; 10. “Os três competentes triunfantes”; 11. “O João Medroso”; 12. “O ar envenenado” ; 13. “O museu de fábula”; 14. “ A menina dos pés ocos” ; 15. “ O regresso”.

APÊNDICE F - Transcrição do conto “Aldeia de Choramigas”

A Aldeia dos Choramigas

Conto fantástico

O Avô do cachimbo. Quem é?

Um velhinho, uma linda senhora de cabelos já grisalhos, uma rapariga cheia de espírito inventivo e fulgurante imaginação?

Mistério! O avô do cachimbo é o pseudônimo de alguém que vai contar aos leitores do Senhor Doutor, histórias magníficas em que se conjuga a graça, a moral e os ensinamentos.

Era uma vez um menino que vivia com sua mãe numa terra muito pobre e muito escura, conhecida pelo nome de Aldeia de Choramigas.

Não havia ninguém feliz naquela aldeia. Os habitantes viviam na mais negra miséria.

Apesar disso, todos aceitavam, sem revolta, o seu destino e choravam de manhã até a noite, sem um momento de descanso.

Nas ruas, nas casas, em toda a parte, em suma, só se ouviam soluços, choros e gritos de desespero.

Os médicos tinham muito que fazer por causa das constipações provocadas pela umidade das lágrimas.

A própria paisagem chorava.

E até os pássaros flores, as *coutes*, etc. andavam sempre de lágrimas nos olhos...

Certo dia, o menino cansado de chorar e de ouvir chorar, resolveu acabar de vez com aquilo e foi ter com a mãe:

— Mãe: eu vou-me embora.

— Por que, meu rico filhinho? — perguntou a pobre, ao mesmo tempo que deixava cair dos olhos verdadeiros rios de lágrimas— Não vives bem aqui?

— Estou cansado de tanta choradeira explicou o menino. — Já não tenho mais lágrimas para chorar. Vou à procura de outra terra melhor.

A mãe olhou-o, pensativa, e disse-lhe:

— Sim, quando era pequena ouvi falar duma cidade muito linda e muito distante onde os homens não choravam, nem morriam de fome...Mas sabe-se lá onde fica essa terra! Nunca ninguém a viu. Pelo menos, nunca nenhum habitante da Aldeia dos Choramigas tentou encontrá-la. Não vás, meu filho! Resigna-te a viver neste vale de lágrimas! Depressa te habituarás.

Mas o menino, disposto a correr todos os perigos para chegar a essa terra de maravilha, despediu-se da mãe, prometeu-lhe que voltaria em breve e, para não ouvir as lamentações das outras pessoas da aldeia, resolveu fugir.

E assim fez. Pela calada da noite, desceu a serra dos Suspiros, atravessou a vau o rio dos Soluços, e, do alto do monte do Nó na Garganta, deitou um último olhar para a Aldeia dos Choramigas, onde brilhavam ainda algumas luzinhas solitárias.

Aos ouvidos do menino chegou então um coro confuso de choros e gritos. Eram três horas da noite, mas os habitantes da aldeia ainda choravam!

Cheio de desprezo, o menino encolheu os ombros, chamou-lhes palermas e pôs-se a caminho.

Durante muito tempo, andou, andou sem medo nem desanimo. Só depois de muitas horas de marcha começou a sentir fome e frio.

Como não tinha manta para se cobrir, nem um pedaço de pão para meter na boca, resolveu sentar-se numa pedra e começou a pensar na terra maravilhosa para iludir a fome e o frio.

Há muito tempo que suspeitava da sua existência! Nunca quisera acreditar que o mundo fosse criado para os homens passarem a vida numa eterna choradeira. Tinha certeza de que existia, em qualquer parte, um paraíso onde não havia meninos ricos nem meninos pobres, mas apenas meninos felizes. Tinha a certeza...

De repente, quando estava no melhor do sonho, ouviu uma voz a perguntar-lhe:

— Que fazes aqui?

O menino levantou a cabeça e viu, na sua frente uma mulher muito bonita com dois olhos brilhantes como espadas e um sorriso cheio de ternura.

— Estou a descansar um bocadinho- respondeu com voz trêmula.

A mulher passou-lhe as mãos por os cabelos e continuou a inquirir:

— De onde vens e para onde vais?

— Venho da Aldeia dos Choramigas- tornou o menino- onde até as árvores choram, e procuro a terra maravilhosa...

A mulher pareceu impressionada com essa resposta.

— És a primeira pessoa dessa Aldeia que se atreve a atravessar o monte do Nó na Garganta! — disse-lhe — Por isso, mereces a minha simpatia! Mas, nem calculas o que tens de padecer para chegar à terra maravilhosa!

— Não importa-gritava o menino- Prefiro tudo àquela vida de choradeira e de miséria.

— Então vens comigo e não tenhas medo.

E a mulher, cheia de ternura, pegou nele e, apertou-o de encontro ao peito, carinhosamente. O menino, contente por já não ter frio, fechou os olhos e sentiu-se muito leve, como se viajasse num sonho.

Quando abriu os olhos, reparou que ia a voar. A mulher tornou-se num anjo de asas abertas e, embaixo, a terra confundia-se com as nuvens.

Apesar de sentir medo, não soltou um grito. Pelo contrário: apeteceu-lhe cantar. Mas como não sabia nenhuma canção alegre (na Aldeia de Choramigas só se cantava o “Noivado do Sepulcro”) não abriu a boca. Deixou-se levar pelo anjo, sem uma palavra nem um gesto. De súbito, depois de voarem muito tempo, aconteceu uma coisa imprevista: o anjo deixou-o cair, com a rapidez de uma flecha e, num abrir e fechar de olhos, o menino encontrou-se sozinho no pico duma montanha muito alta. O sítio onde se encontrava era tão estreito que nem se podia sentar. Se fizesse um gesto, caía logo no abismo.

Desesperado, sem saber como havia de sair daquela situação difícil, olhou em redor. No ar, sentado numa nuvem, o anjo sorria-lhe.

— Onde estou?— perguntou o menino com a voz mais calma possível.

— No Monte da Paciência- respondeu-lhe o anjo a sorrir- Ainda queres encontrar a terra maravilhosa?

— Sim.

— Então, abre bem os olhos e deixa-te cair no abismo.

O menino olhou timidamente para baixo e teve medo. Do abismo, saíam labaredas, braços de fogo, cabeças desgrenhada, gritos, raivas!

— Abra bem os olhos para provar que nada receias e deixa-te cair no abismo- repetiu o anjo.

O menino pensou: “o melhor é não hesitar e atirar-me de cabeça! Este bom anjo protege-me, com certeza”.

E, de olhos muito abertos, lançou-se no abismo, sem mais hesitações.

No mesmo instante, sentiu debaixo dos pés uma nuvem a segurá-lo e, lentamente, muito lentamente, mergulhou nas chamas.

Durante horas infinitas desceu, desceu, desceu, no meio de labaredas vermelhas. Por vezes julgou que ia morrer queimado. Mas o anjo, mal via uma chama perigosa corria logo a protegê-lo com as suas asas. E a chama não tinha outro remédio senão contentar-se em chamuscar as penas do anjo.

Quando chegaram ao fundo do abismo, o menino, sem discutir as ordens do seu guia, seguiu-o resolutamente na penosa marcha por meio de mil animais horríveis: serpentes com olhos de fogo, monstros com cabeça de porco, patas de cavalo e trombas de elefante, macacos pintados de verde, etc.

Depois de muitos trabalhos e muitos sustos, chegaram finalmente à estrada duma caverna, funda e negra como um poço de sombra.

— Ouve — disse-lhe o anjo — aqui dentro existe uma bicha de sete- cabeças, com sete línguas de aço, agudas como punhais e 14 olhos de onde saem esguichos de veneno. Sentes-te com coragem para vencê-la?

— Sim — respondeu o menino- Mas eu não tenho arma!

— Nem eu — explicou-lhe o anjo — Vai e arranja-te como puderes e souberes.

O menino olhou para suas mãos vazias e disposto a tudo penetrou na caverna onde a bicha de sete- cabeças dormia enrolada a um canto.

Pé ante pé, aproximou-se do monstro, a pensar:

_ Se eu tivesse uma espada atravessava-lhe o coração.

Mas, pouco depois, lembrou-se de que a bicha de sete- cabeças tinha com certeza sete corações; e ficou muito triste.

Entretanto, a bicha abriu um olho e depois outro e outro ainda, até ficar com os seus quatorze olhos bem abertos. Espreguiçou-se, bocejou com as suas sete bocas, e mal viu o menino começou a bufar indignada:

— Que vens aqui fazer? Andas à procura da terra maravilhosa, não? Pois já vai ver como elas mordem!

E deitou de fora as sete línguas, agudas como punhais.

O menino pensou, muito calmo:

— Não há dúvida: vou morrer...

Mas a bicha parecia que lhe adivinhava os pensamentos por que lhe respondeu assim, com ironia:

— Não, não vais morrer. Vou apenas envenenar-te o sangue...

Disse isto duma maneira tão cômica que o menino, apesar da gravidade do caso, não pôde resistir à tentação de soltar uma gargalhada. Depois de rir como um perdido; gritou-lhe cheio de desdém:

— A minha mãe quando me contava histórias, falava-me sempre em ti. Descrevia-te de tal maneira que eu ficava sempre arrepiado de medo. Afinal de contas, não passas dum pobre animal ridículo que dá vontade de rir! As tuas línguas só ferem os covardes! Os teus olhos só esguicham veneno sobre os fracos e os palermas. A mim ,dás-me vontade de rir e nada mais.

O menino pronunciou estas palavras com tanto desprezo e tanta decisão que obrigou a pobre bicha de sete- cabeças a recolher as sete línguas nas sete bocas e recuar covardemente até o fundo da caverna onde ficou enrolada e medrosa.

Neste momento, abriu-se uma porta na rocha e o anjo apareceu, a sorrir:

— Só com a ajuda da tua energia e da tua força de vontade, acabas de dominar a bicha de

sete- cabeças, isto é: a Intriga, a Indisciplina, a Inveja, a Preguiça, o Ódio, a Injustiça e o Ouro. O resto, agora, é fácil. Vem.

O menino, sempre levado pela mão do anjo, entrou então num subterrâneo escuríssimo e começou a andar no meio dum grande silêncio.

Depois de muitos quilômetros de marcha, a escuridão foi diminuindo pouco a pouco. As pedras do subterrâneo começaram a irradiar uma luz doce, macia e fantástica. As paredes brilhavam como se fossem de ouro, cravejadas de diamantes. O ar tornou-se mais leve. Uma brisa suave trazia de campinas distantes, ondas de perfumes.

— Estamos a chegar- disse-lhe o anjo, com um sorriso.

O menino não respondeu, encantado com as flores estranhas que choviam do teto e com aquela luz alegre e doce refletida no ouro das paredes.

Mas quando viu, finalmente, a Terra Maravilhosa, banhada de sol e de azul, não pôde evitar um “Ah” de espanto. Era uma cidade fantástica com casas construídas de diamantes, portas de ouro, chaves de prata, janelas de platina...

O menino, por mais que procurasse, não via um casebre arruinado ou uma cabana de pobre. Por toda a parte, os seus olhos apenas descobriram palácios, rodeados de jardins, onde as crianças brincavam em balanços de ouro.

Nas ruas, toda a gente cantava de alegria, ao som duma música tocada por um gramofone colossal, de duzentos metros de altura, que existia no centro da cidade. A própria paisagem parecia cantar.

— E os pobres, não há?- perguntou o menino ao anjo.

— Não...Nem pobres, nem ricos, nem desgraçados, nem escravos, nem nada. Há apenas homens!

O menino, entusiasmado, confessou então ao anjo seus planos:

— Já não quero outra terra! Vou buscar a minha mãe e todos os habitantes da Aldeia dos Choramigas e nunca mais saio de cá. Não concorda?

O anjo não respondeu.

— Estou certo de que convenço facilmente aqueles Choramigas a acompanhar-me! Qual é a sua opinião?

O anjo não respondeu e o menino, já desconfiado, perguntou-lhe:

— Que tens? Os teus olhos tornaram-se triste? Não concordas com os meus planos?

— Concordo-respondeu o anjo finalmente — Estou convencido de que podes guiar os habitantes da Aldeia dos Choramigas até à terra maravilhosa...Mas....

— Mas...

— Mas— continuou o Anjo — experimenta tocar naquele palácio.

O menino, surpreendido com a proposta do Anjo, cumpriu as suas ordens. Aproximou-se do palácio, estendeu as mãos e...sentiu que os seus dedos atravessavam a parede sem encontrar resistência.

Era como se o palácio fosse construído de ar!

— Que significa isto? Perguntou espantado.

— Experimenta agora apanhar esta flor vermelha- tornou o anjo.

O menino estendeu os dedos e teve a mesma sensação de que a flor não existia.

Então, como um doido, começou a correr pela cidade, a tocar em todas as coisas que via: nas árvores, nos homens, nos prédios, nos carros, nos polícias...Mas as suas mãos não encontravam resistência. A cidade parecia construída de ar. A terra maravilhosa, afinal de contas não existia... Era uma ilusão, um sonho, uma quimera.

Cheio de tristeza e de desgosto, o menino deixou-se cair aos pés do Anjo.

— E agora? Tenho que regressar à Aldeia dos Choramigas?— perguntou, com uma vontade enorme de chorar.

— Levanta-te e escuta — ordenou o anjo—Como vês, a Terra Maravilhosa ainda não existe. Tudo o que os teus olhos descobrem em redor, não passa duma visão. Estes palácios, estas pessoas e esta paisagem são um sonho apenas...Queres ver como tudo desaparece?

O anjo fez um gesto e, imediatamente, o céu tornou-se escuro, os palácios sumiram-se na sombra e o menino encontrou-se, outra vez, no mesmo caminho onde parara para descansar.

— Dize-me uma coisa, mau anjo: por que tiveste a crueldade de me iludir assim? — perguntou o menino, com voz desesperada.

— Eu quis apenas mostrar-te como será a Aldeia dos Choramigas no dia em que os homens quiserem fazer esforços para viver uma vida melhor! — tornou o Anjo— Ensinei-te o caminho. Agora faz tu o resto...

O menino, pensativo, monologou:

— Sim, bem sei: só precisamos subir a montanha da Paciência, atirar-nos ao abismo, de olhos abertos, dominar a bicha de sete- cabeças e...

Ainda quis pedir mais conselhos ao Anjo. Mas em vão procurou ao seu lado a mancha branca das suas asas...O anjo tinha desaparecido no céu.

É, então, o menino, cheio de tristeza, começou a chorar como um doido e não teve outro remédio senão voltar para a Aldeia dos Choramigas, onde, mais tarde, quando era homem, montou uma fábrica de lenços.

(FERREIRA, José Gomes(Avô do Cachimbo) - "A Aldeia de Choramigas" in *Jornal O senhor doutor*, Lisboa, 18 de março de 1933, p. 5. Transcrição Lúcia Menna)

APÊNDICE G- Transcrição do conto “O Avião mágico”

Numa ilha muito longínqua, perdida no meio do mar e cercada de muralhas de quinhentos metros de altura, morava desde que nascera, o príncipe do Coração Largo.

Tinha 16 anos e do mundo conhecia apenas o céu, as nuvens e a mancha verde escura da vegetação da ilha, onde vivia exilado e só.

E vão perguntava muitas vezes ao pai, um velho de barbas brancas, olhos tristes e boca cheia de amargura, as razões porque estava condenado a viver eternamente naquela ilha cercada de muralhas.

O pai, como resposta, proibira aos poucos habitantes da ilha que lhe falassem do mundo. Mas como o príncipe de Coração Largo insistisse o velho não teve outro remédio senão explicar-lhe desta maneira.

- Foi, por tua causa meu filho que eu comprei essa ilha e a mandei cercar de muralhas. Tu não imaginas o que é o mundo: uma bola cheia de misérias e de sofrimentos, onde as mãos dos mais fortes esmagam as mãos dos mais fracos! Nas cidades, nos campos, sobre o mar e sobre a terra só há vícios, infâmias, pobres, desgraçados, traidores, tiranos e miseráveis. Foi para te salvar, para te proteger do contato dos pústulas e das chagas que eu te trouxe para aqui, meu filho, para a Ilha Verde, onde o sol bate nas muralhas inacessíveis e puras.

E o venerável velho calou-se por momentos. Depois, acrescentou com a voz sensata e tranquilizadora.

- Além disso, dentro dum ano, deve chegar a ilha a tua noiva, a infanta das Unhas Rosadas, a mulher mais linda do mundo: a infanta, foi abençoada pelos gênios bons e quem lhe tocar nunca mais sentirá desejos de fugir da sua presença! Porque a infanta é a Felicidade Completa, a alegria, beleza, paraíso, tudo.... Não te esqueça disso, meu filho! Pense na infanta de dia e de noite! Goza a antecipação de sua felicidade eterna e aguarde ansioso por esse dia onde terminará, finalmente, a tua ansiedade e a tua curiosidade pelo mundo distante e mau.

E, então, o velho para conquistar, definitivamente, a alma do príncipe do Coração Largo, mostrou-lhe o retrato da infanta.

O príncipe ia desmaiando ante aquela visão puríssima duma deusa, loira com uns olhos honestos e profundos...

E, apaixonadíssimo, retirou-se para o lugar mais solitário da floresta e ficou a pensar em sua noiva e no dia de seu casamento com a eterna felicidade completa.

No entanto, não se sentia feliz, por vezes, olhava, febrilmente, para as muralhas a imaginar planos impossíveis para as destruir. Embora, amasse, ardentemente, sua futura esposa das Unhas Rosadas não conseguia resistir à tentação de pensar no mundo, para ele, desconhecido e nos seus horrores e sentia uma enorme vontade de partir.

Um dia, quando estava mais afogado nestes pensamentos, olhou, de súbito, para o céu e viu uma ave pequenina e estranha, a desenhar nas nuvens curvas rápidas

Durante muito tempo, não tirou os olhos daquela ave exótica que nunca vira no céu da Ilha Verde – impressionado com sua forma e com seus roncos, Mas o seu espanto subiu ao máximo quando a pôde ver claramente a seiscentos metros. altura. Era longa, tinha umas asas fixas, uma hélice que girava velozmente e era coberta por uma pele branca e reluzente como metal.

Ainda não tinha conseguido explicar aquele fenômeno e já a ave pousava perto de si, enorme, formidável, com dez metros de envergadura, formidável.

Aproximou-se, lentamente, para examiná-la melhor. De perto, então, ouviu uma voz estranha que lhe disse.

- Aproxima-te sem receio! Eu sou o aeroplano mágico e vim te buscar.

O príncipe, quase sem poder respirar, foi se aproximando e leu nas asas um nome escrito em letras vermelhas: “ROCINANTE”.

- No mundo de onde venho, – pôs-se a explicar o aeroplano com sua voz metálica. – eu sou o Rocinante, isto é: o nome do cavalo de Dom Quixote e vim te buscar...

- Não posso. – disse, finalmente, o príncipe do Coração Largo. – Meu pai me proibiu de tentar fugir dessa ilha quando, em breve, vou ter a honra de conhecer a Felicidade eterna.

Fez-se um silêncio. O aeroplano mágico pensava...

O céu continuava azul e puro. De repente, o príncipe perguntou.

- É verdade que no mundo reina a traição, a miséria e a indisciplina?

- É! – respondeu o aeroplano.

- É verdade que o mundo parece um inferno?

- É. – concordou, novamente, o aeroplano.

- Então porque queres que eu saia da minha ilha, Rocinante? – gritou o príncipe zangadíssimo.

- Ai de mim! gemeu o aeroplano. – Eu, apenas, obedeço ao destino que me obrigou a cruzar os ares a tua procura! Eu vim porque sei que passas os dias a olhar para as muralhas altíssimas, desejoso de as atravessar para conhecer a infelicidade! Eu vim porque você foi escolhido pelo destino para tentar salvar o mundo, proteger as muralhas e os fracos, castigar os maus, desfazer o vício, condenar a preguiça e espalhar a alegria.

Nesse instante, o coração do príncipe bateu cheio de esperança.

- É verdade o que me dizes, aeroplano?

- Sim! Tu és o único que pode transformar aquele inferno num paraíso.

- Então, vamos já – respondeu, sem hesitação, o príncipe.

- Não! Espera, – interrompeu-o o aeroplano mágico. – ouça ainda... Tu sabes o que te espera?

O príncipe informou que não.

- Primeiro: nunca mais poderá voltar para a Ilha Verde.

- Deixá-la! – exclamou o príncipe, impaciente para partir

- Depois, não poderá casar-se com a jovem das Unhas Rosadas.

O príncipe se entristeceu, sentiu suas lágrimas nos olhos, mas acabou por murmurar.

- Que importa!

- Por fim: nunca serás feliz. – concluiu o implacável aeroplano mágico.

O príncipe, como resposta, desatou a rir as gargalhadas e explicou.

- Que me importa a felicidade egoísta, jogada nessa ilha e longe dos homens. Engana-se se julgas que alguém pode ser feliz quando sabe que todos os outros são desgraçados!

Após, abriu a porta do aeroplano e entrou, sem uma lágrima, sem hesitação e deixou-se levar pelo aeroplano mágico para um lugar muito distante, disposto a sacrificar sua felicidade pela possível felicidade de todos...

(FERREIRA, José Gomes (Avô do cachimbo) “ O Aeroplano Mágico” in *Jornal O senhor doutor*, Lisboa, 25 de março de 1933, p. 9. Transcrito por Ione Kadlec.)

APÊNDICE H-Transcrição do conto “ No tempo em que os homens não falavam”

Antigamente, os animais falavam. Todos os meninos que leram as fábulas de La Fontaine sabem isto.

Os elefantes faziam discussões , os burros davam lições nas Universidades e todos os bichos em suma, falavam pelos cotovelos.

E os homens? Que faziam os homens nesses tempos fabulosos?

Os homens coitados! Não eram felizes. Tinham a mesma forma que hoje têm, mas não falavam. Das suas bocas saíam apenas uivos, roncoss, zurrss e miaus...

Alguns relinchavam como cavalos da raça. Outros gemiam. As sogras cacarejavam. As meninas tinham voz de rouxinol. As crianças pareciam ratinhos. Os policiais faziam huuuuuuuuu”, como os leões e os invejosos ladravam. Como vêem, nesse tempo, andava tudo às avessas.

Os animais eram os senhores do mundo: escreviam poemas, faziam conferências, redigiam as leis e iam para as guerras.

Os homens coitados! Como não sabiam falar, nem podiam exprimir seus pensamentos, representavam na vida, um papel secundário.

Por exemplo: um sábio, queria expor ao mundo uma teoria científica que, em seu entender, ia revolucionar a civilização.

Abria a boca, zurrava durante horas, para uma assembléia de burros, mas acabava sempre por gargalhadas, porque ninguém o entendia.

Outras vezes, um poeta tentava explicar aos senhores animais as emoções sugeridas pela lua.

Deitava a cabeleireira pra trás, erguia os olhos para o céu, abria a boca e.... e os bichos ouviam apenas os uivos prolongados, longos, saudosos, caninos. Resultado: corriam-no as pedras e chamavam-lhe agourento de má-morte.

Como veem no tempo da fábula, a situação dos homens não era de invejar.

Mas um dia, os senhores animais encheram-se de orgulho e começaram a cometer abusos cruéis.

Assim, as perdizes mal viam um homem – zás – pregavam-lhe logo um tiro.

Por sua vez, os coelhinhos encerravam os sítios imundos e os frangos não resistiam a tentação de comer a sua canja de cozinheira.

Além disto, os papagaios tinham em casa um anãozinho preso por uma corrente no pé e os marotos dos canários quando viam uma menina vestida de amarelo metiam-na logo dentro de uma gaiola.

Os cavalos obrigavam os atletas a puxar carroças. Os vitelos mandavam os homens para o matadouro. Os bois deliciavam-se com os espetáculos de cravar bandarilhas nos cachachos dos gorduchos.

Os pardais caçavam meninos com físgas etc.

Em suma, os abusos foram tanto que Júpiter, criador do mundo da fábula, zangou-se, torceu o nariz, deu um soco no Olimpo e ordenou com a sua voz trovejante.

- Ah! Sim! Os animais abusam! Julgam-se no direito de maltratar os homens? Pois estão muito enganados! De hoje em diante quem fala são eles...

E foi então, que os cães começaram a ladrar, os gatos a miar, os burros a zurrar, as galinhas a cacarejar... e os homens a falar.

Mas tenham cuidado! Tratem bem os animais.

Não batam nos burros, não puxem as orelhas aos gatos, nem matem os passarinhos...

Olhem que Júpiter pode zangar-se outra vez e lá vamos todos para o Jardim Zoológico.

(FERREIRA, José Gomes (Avô do cachimbo) “No tempo em que os homens não falavam” in *Jornal O senhor doutor*, Lisboa, 01 de abril de 1933, p. 3. Transcrito por Ione Kadlec.)

APÊNDICE I- Transcrição do conto “ A Floresta Proibida”

João Sem Medo, apesar das proibições enérgicas da mãe resolveu, certo dia, penetrar na Floresta da Vida, - um lugar sagrado e misterioso, rodeado dum muro muito alto, onde existia o seguinte aviso, escrito com letras negras:

“ É proibido a entrada a menores “

Safou-se de casa, sem dizer palavra a ninguém, saltou o muro a custo, picou-se no arame farpado e, depois de grandes esforços, conseguiu finalmente entrar na Floresta Proibida, que começou a explorar lentamente, com muitas cautelas, receosas dos enigmas e dos monstros.

Ao principio, mal via o caminho, a abobada de folhagem era tão cerrada que não deixava coar um raio de sol. Só, de espaço a espaço, uma mancha de luz caia no musgo verde do chão.

Mas, depois, habituou-se à sombra e, como não lhe aparecesse nenhum anjo a impedir-lhe a passagem com uma metralhadora de prata, de onde saíssem balas de diamante, - tranquilizou-se e pôs-se a pensar.

- Não percebo porque é que a minha mãe não queria que eu saltasse o muro! Afinal de contas, a floresta não tem mistério nenhum! Aqui até apetece fazer um pic-nic. E continuou a andar, despreocupadamente...

Andou, andou, andou, durante horas, sem que a floresta sofresse alguma modificação. Sempre a mesma folhagem densa, o mesmo tapete de musgo a amolecer os pés, a mesma treva, a mesma monotonia. As árvores espreguiçavam-se. Os pássaros, em vez de cantar, abriam os bicos em bocejos ruidosos! As flores ressonavam alto! E o próprio João Sem Medo, para não cair de sono, teve que desatar aos berros:

- Então, aqui não vive ninguém? Nem fadas, nem anjos, nem gigantes, nem nada? Assim não brinco! Mas, quando menos esperava a floresta terminou, e o rapaz encontrou-se, de súbito, numa vasta clareira batida pelo sol.

Parou, indeciso. Na sua frente, abriam-se dois caminhos: um asfaltado e, cômodo, fácil, ladeado de amendoeiras em flor; outro, pedregoso, cheio de urtigas, silvas e cardos.

- Agora, o que me convinha era uma Fada – pensou João Sem Medo. – Uma autêntica Fada que estivesse aqui, de varinha de condão, a regular o trânsito como um polícia sinaleiro.

Coçou a cabeça sem saber que resolução havia de tomar, e, por fim, começou aos gritos:

- Eh! Fada dos bosques! Anda cá, rica Fada da minha alma!

Mal tinha acabado de pronunciar estas palavras, quando, de súbito, o rapaz viu sair da espessura da floresta, uma mulher muito bonita, com o cabelo ,ouro, caído até à cintura, três estrelas de prata na testa, uma varinha na mão direita, uma rosa na mão esquerda, uma túnica bordada a flores, chapins de platina e tudo o mais que as fadas costumam usar nas histórias contadas aos meninos. Ao principio. João Sem Medo olhou-a deslumbrado.

Mas, quando a Fada se aproximou, sorridente, e feliz, começou a examiná-la com mais atenção.

- Tu és a Fada dos Dois caminhos? – perguntou, com desconfiança.

- Pois claro! - respondeu ela – Se quiseres, mostra-te o meu bilhete de identidade, passado pelo Ministro da Instrução!

- Não é preciso. Acredito! – exclamou o rapaz.

E continuou a observá-la, com muita vontade de rir.

O caso também não era para menos! Imaginem que a Fada trazia carmim nos lábios, tinha a pele da cara escandalosamente pintada, usava cabeleireira postiça e cheirava a pó de arroz! Além disto, as estrelas da testa pareciam feitas de lata e os chapins tinham tacões altos!

A sua figura era tão ridícula que João Sem Medo não pode deixar de rir.

- Por que te ris? – exclamou a fada, furiosa. – Não gostas da minha túnica? Olha que é da última moda!

- Bem sei. – respondeu o rapaz às gargalhadas. – Pareces mesmo uma máscara de carnaval!

- Que queres, filho? – explicou a pobre fada, com uma voz muito triste. – Já sou muito velhinha. Sabes quantos anos tenho? Vinte mil anos. Estou quase na idade de recolher ao Asilo das Fadas inválidas. Mas não posso. Ainda preciso de mais trinta mil anos de serviço para apanhar a reforma. Daqui até lá, não tenha outro recurso, senão usar cabeleireira postiça, para esconder os cabelos brancos, pôr creme na cara para ocultar as rugas, e pintar a boca com carmim para lhe dar juventude. Não julgues, porém, que eu apesar da idade, não sou uma Fada de primeira ordem! Aqui onde me vês, ninguém me ganha a fazer milagres! Transformo um homem em um rato – em meio segundo! E até sei deitar flores pela boca. Queres ver?

- Não – interrompeu João Sem Medo. – Quando quero ver habilidades vou ao circo. Dize-mes, antes, que caminho hei de seguir: o asfaltado ou o dos pedregulhos?

- Olha, menino, - elucidou a Fada. – O bom caminho conduz à Felicidade. O mau caminho leva-te à infelicidade. Agora escolhe!

- Vou pelo bom caminho, já se vê – resolveu logo João Sem Medo, sem mais hesitações. E preparava-se para partir a toda pressa, quando a Fada lhe disse:

- Espera. Deixa-me prevenir o Guarda do Caminho da Felicidade, por causa das cerimônias da praxe. Espera um bocadinho. E a Fada tirou da algibeira da túnica um pequeno microfone de latão e, através da telefonia sem fios, começou a falar na língua das Fadas, com o tal guarda que estava, com certeza, a cinco léguas de distância.

- Pronto. – disse a Fada quando terminou a conversar. – Está tudo arranjado. O automóvel vem já buscar-te. Adeus e Felicidade. E a pobre anciã, depois de envolvê-lo num olhar de simpatia, voltou, outra vez, para a floresta.

Daí a momentos, um automóvel de ouro, sem “chauffeur”, nem passageiros, parou perto de João Sem Medo.

A portinhola abriu-se e, do carro saíram dois braços mecânicos que pegaram no rapaz, com muita delicadeza, e o assentaram, lentamente, nas almofadas. Em seguida, a portinhola fechou-se automaticamente e o automóvel pôs-se em marcha com uma velocidade espantosa.

Passados dois segundos, o carro parou de novo, os braços mecânicos voltaram a funcionar e João Sem Medo encontrou-se diante duma casa em forma de cubo, sem janelas, e só com uma pequena porta ao centro. A entrada da porta, descobriu um cepo, um machado e uma pesadíssima cadeia de ouro.

- Que queres isto dizer? – perguntou João Sem Medo ao automóvel mágico. Mas o carro, sem responder, fechou a portinhola com desdém, disse-lhe adeus com um dos braços e desapareceu no horizonte como uma flecha.

Pouco tempo depois, a porta do Cubo abriu-se e João Sem Medo viu aparecer um ser extraordinário.

Nada mais que um homem sem cabeça, com dois olhos no peito e uma boca aberta no estômago que lhe disse:

- A paz e a estupidez estejam contigo? Vens preparado para a operação?

- Qual operação? – interrogou João Sem Medo, intrigadíssimo

O guarda, então, enquanto segurava um cigarro, na boca do estômago, explicou-lhe.

- Ninguém pode seguir o caminho asfaltado que leva a Felicidade Completa sem se sujeitar ao seguinte programa. Primeiro: deixar cortar a cabeça para não pensar, não ter opinião, nem criar pensamentos perigosos. Segundo e último: trazer nos pés e nas mãos estas grimeiras de ouro.

João Sem Medo deu um berro de protesto.

- Nunca! Bem se vê que não tem a cabeça no seu lugar.

- Graças a esta pequena operação sem importância – continuou o monstro, impertubavelmente, podes passar uma vida feliz, numa casa muito bonita, com muitos chocolates, muitos bolos, muitas coisas boas para comer. E tudo de graça! Porque quem não tem cabeça, não paga nada!

- Isto é: a felicidade material duma galinha numa capoeira, não é assim? replicou João, com uma ironia furiosa. – Nunca! Ouviste bem? Nunca! Prefiro tomar o outro caminho: o da Infelicidade.

- Palermo! – lamentou o guarda com os olhos do peito cheios de lágrimas sinceras. – Vais passar fome, viver dias terríveis, sob a ameaça da Fada do mau gênio.

João Sem Medo desatou a rir:

- Deixá-lo! Prefiro tudo a ser escravo e a andar sem cabeça! Nem tu calculas a falta que me faz a cabeça!

- Não te faz falta nenhuma. – contrariou o monstro. – Pelo contrário: evitas o trabalho de ir ao cabeleireiro todos os meses!

- De mais. – concluiu João Sem Medo. – Aquilo que é infelicidade para ti talvez seja a Felicidade para mim.

E enquanto o descabeçado tirava da algibeira um pau de chocolate e começava a devorá-lo com a boca do estômago, João Sem Medo voltou-lhe as costas, afastou-se e, horas depois quando chegou à clareira, tomou decididamente outro caminho coberto de pedras, árvores sinistras, urtigas e cardos

E, cheio de orgulho, gritou para a floresta proibida.

- Ouçam, fadas: vocês podem perseguir-me, praticar violências, transformar-me em lagarto, em morcego, em mosca, em aranha, em tudo! Mas, juro-vos que não hei de ser infeliz! Porque NÃO QUERO!

E João sem Medo continuou a subir, corajosamente, o seu caminho áspero.

(FERREIRA, José Gomes (Avô do cachimbo) “A Floresta Proibida” in *Jornal O senhor doutor*, Lisboa, 01 de abril de 1933, p. 3 e 11. Transcrito por Ione Kadlec.)

APÊNDICE J- Conteúdo da revista *O Tico-Tico* de 4/01/1933 a 22/02/1933

nº	Datas	HQ	Histórias Quadrinizadas	Contos	Poemas	Folhetins	Texto dramático	Colaboração dos leitores
1422	04/01/1933	3	7	2	1	2	0	0
1423	11/01/1933	4	6	3	0	2	0	2
1424	18/01/1933	2	6	1	2	2	0	0
1425	25/01/1933	5	6	2	0	2	0	1
1426	01/02/1933	4	8	3	2	2	0	2
1427	08/02/1933	4	7	1	1	2	1	0
1428	15/02/1933	4	6	4	0	2	0	0
1429	22/02/1933	5	5	2	1	2	0	1
	Total	31	51	18	7	16	1	6
	130 textos							

Tabela 3- Revista *O Tico-Tico* : Gêneros da Literatura Infantil por edição

nº	Datas	Textos de divulgação científica	Receitas e instruções	Notícias ou comunicados	Anúncios publicitários	Passatempos	Cartas ao leitor ou respostas	Partituras
1422	04/01/1933	6	2	6	16	3	4	1
1423	11/01/1933	2	1	4	16	2	1	0
1424	18/01/1933	3	2	5	18	3	0	0
1425	25/01/1933	2	2	6	16	2	0	0
1426	01/02/1933	4	0	6	20	2	0	0
1427	08/02/1933	3	2	5	20	3	0	0
1428	15/02/1933	3	1	6	18	2	1	0
1429	22/02/1933	3	2	5	15	3	0	1
	Total	26	12	43	139	20	6	2
	248 textos							

Tabela 4- Revista *O Tico-Tico*: Outros gêneros por edição

APÊNDICE K- Transcrição do conto “O Colar de Lágrimas”

CASTELO DE MONTEFLOR estava em preparativos para a festa em honra ao aniversário de Luciana.

O duque, seu pai, que a amava muito; quisera que essa festa se revestisse de toda a pompa. O banquete teria lugar na vasta sala abobadada e para ele seriam convidados todos os nobres das vizinhanças do castelo.

A fim de preparar Luciana com toda a magnificência para tal festa, o duque lhe havia dado um rico colar de pérolas.

A menina ficou muito satisfeita com tal presente, e prendeu-o logo em torno de seu pescocinho branco e sedoso.

No dia de seu aniversário, saiu Luciana com a governante, como era de costume para ir levar, num cestinho, pão aos pobres.

De suas bondosas mãos, não eram raras as esmolas que caíam nas dos necessitados do país, motivo pelo qual lhe queriam muito bem.

Mas, dentro em pouco foi tomada a miséria no país, que as esmolas de Luciana não bastavam para minorá-la.

E a menina aos doze anos, tendo recebido um colar tão bonito, estava triste por não poder acabar com a fome e adoçar todas as penas.

Quando voltava ao castelo, sempre acompanhada pela douta governante, uma menina da sua idade, mas andrajosamente vestida e muito magra aproximou-se dela e estendeu-lhe a mão chorando.

- Que tens menina? – perguntou-lhe Luciana carinhosamente.

- Tenho fome e frio!

- Fome e frio, pobre criança!

E Luciana, não tinha consigo nem provisões e roupas, nem dinheiro, pois vinha de distribuí-los em seu passeio caritativo.

A pobrezinha, vendo a sua atitude, continuou a chorar e a soluçar.

Os dedos de Luciana caíram casualmente sobre o colar, o belo colar de pérolas que seu pai lhe dera como presente de dia de anos. De repente, teve uma ideia generosa que pôs imediatamente em prática.

Tirando do fio que prendia as pérolas, uma delas, deu-a a pobre.

- Corre já à cidade para venderes a pérola – disse ela – O comprador dar-te-á muito dinheiro com que comprarás mantimento e pão. Assim não te poderás mais queixar.

Um sorriso de agradecimento iluminou o rosto umedecido pelas lágrimas da pequena mendiga.

Depois de haver agradecido muitas vezes a sua benfeitora fugiu correndo para vender a esmola que recebera.

- O duque não ficará aborrecido, Luciana, quando souber que deste uma das pérolas? E a duquesa talvez queira castigar-te. – disse a governante,

- Apertei um pouco mais o fio que prende as pérolas, de maneira que não dará pela falta – disse Luciana. – Mamãe não contou as pérolas do colar e papai disse-me, quando eu era menor, ser obra de misericórdia cristã consolar os aflitos.

Mal acabara de pronunciar estas palavras, quando uma mulher tendo uma criança nos braços, e se adiantou para ela.

- Ah! Mocinha, desde que seu coração é tão bondoso, tenha piedade de mim, pois não há lágrimas mais tristes que as vertidas por uma mãe que vê o filho em perigo morte.

Luciana olhou para a mulher que assim implorava, era moça ainda, mas chorava tanto que sulcos semelhantes a rugas se haviam aberto em sua face, parecia extenuada e a criancinha que apertava contra o seio era da polidez da cera.

- Ah! continuou a pobre, - nada seria se fosse só eu a sofrer, mas não tenho leite e meu filho privado desse alimento, não tarda a expirar.

Pela segunda vez. Luciana teve grande piedade e com o coração nas pequeninas mãos tirou outra pérola, passando à pobre.

- Vá depressa, vendi-a a um ourives. – disse Luciana. – Com o que apurar, poderá comprar alimentos em grande quantidade para reparar as forças perdidas, seu leite voltará e as cores róseas da vida voltarão às faces de seu filhinho.

- Que Deus lhe pague um dia, as duas vidas que salvou; - disse a mãe, beijando suas mãos.

Esta mal tivera tempo de apertar o fio que prendia as pérolas, quando um velho apareceu, sentado em uma pedra, num dos ângulos do caminho.

Estava pobremente vestido e tremia de frio; a barba e os cabelos brancos estavam cobertos de neve e lamentava-se soltando gritos de dor em meio da solidão reinante.

Fora posto de casa para fora pelos seus filhos indignos, que o haviam despojado, distribuído entre eles o pouco que possuía. A ingratidão dos filhos era-lhe mais cruel que a fome e o frio.

Luciana foi tomada de compaixão tão grande, quanto a que oprimia seu coração pouco antes, em presença da criancinha polida e da pobre mãe exausta.

Ainda uma vez foi o cordão de seda do colar desamarrado e uma outra pérola tirada e entregue ao velho.

- Com isto, - disse-lhe. – terá com o que comprar pão, roupas e um lugar para te agasalhares.

- Oh! respondeu o velho – Nunca mais encontrarei a ternura de meus filhos, nem consolo para minha dor. Mas, sê bendita mil vezes, menina, que foste mais piedosa para comigo do que aqueles que o deveriam ser.

Como Luciana, muito triste, continuasse seu caminho, pouco depois, apareceu-lhe uma mulher dizendo que seu marido estava inválido

Não podendo mais trabalhar a miséria havia tomado conta do casal. A pobre mulher nada tinha para confortar o doente, nem mesmo para se sustentar.

Mais adiante, outra mulher que havia sido abandonada pelo marido, deixando-a sem recursos, com quatro crianças que trazia presas à saia.

Todos esses infelizes desfilaram diante de Luciana e ela estava muito triste; choravam todos e, pouco a pouco, comovida, as lágrimas lhe corriam sobre a face,

Luciana, pérola por pérola, havia dado todo o colar.

Comovida e entristecida com suas histórias de sofrimento e, em lágrimas, como eles, acabou se desfazendo de todas as pérolas do colar.

Apesar da satisfação íntima que tinha de ter praticado o bem. Luciana ficou desconcertada quando ao entrar no castelo, se viu sem o colar de pérolas.

Que iria dizer ao duque, seu pai, quando ela assim lhe aparecesse? Que diria sobretudo, a duquesa sua madrastra.

A menina perguntava a si própria se a sua caridade não fora um tanto, excessiva. E nessa noite, pela primeira vez em sua vida, Luciana dormiu atormentada por uma inquietação nunca vista.

Foi um sono entrecortado por pesadelos horríveis a princípio. Mas, pouco depois, sua alma parecia haver partido para o reino dos sonhos, e ela teve uma visão luminosa e encantadora.

Um anjo, vestido de azul, veio até ela, tendo a mão um colar, cujas pérolas maiores e de água mais pura do que as que distribuía pelos pobres, brilhavam de modo incomparável e sobrenatural.

E como a menina surpresa interrogasse o emissário celeste, este lhe respondeu;

- Este colar que te trago é feito com lágrimas preciosas dos infelizes aos quais deste as pérolas de menor valor e brilho menos vivo. Tra -lo- ás invisível durante toda a tua vida e só o verão por instantes, num raio de luz, aqueles, cuja alma caridosa se colocar na altura de receber.

Como o anjo, inclinando-se, colocasse em seu pescoço o colar, Luciana despertando sentiu sobre o peito o colar das perolas.

- Como mereci tal recompensa? Não é um fato tão natural aliviar os que padecem? Deus é infinitamente bom e meu anjo da guarda excessivamente indulgente.

Quando Luciana, com rico vestuário de brocados e rendas d'ouro apareceu no dia da festa no salão de honra, todos os nobres e convivas foram unânimes em aclamar sua beleza e a sua modéstia encantadora.

Mas logo que a duquesa olhou para a filha, franziu as sobrancelhas murmurando:

- Que quer isso dizer?

Tomando Luciana pela mão, levou-a por entre os convidados, dizendo com arrogância.

- Foi para mostrar o teu desprezo pelo presente que te deu o duque, que não trouxeste o colar?

- Longe de mim, tal pensamento, senhora.

- Então corre ao quarto e não voltes, enquanto não tiveres o colar.

- Desculpe-me. – disse Luciana embaraçada. – mas o colar... não tenho.

A duquesa ficou furiosa e foi prevenir o duque.

- Seus convidados estranham que o senhor nada tenha dado a sua filha. Esse colar de pérolas, tão rico para a sua idade, que lhe quis dar contra a minha vontade, ela já o não traz.

O duque não quis acreditar a princípio, mas tomando Luciana pela mão a levou para uma sala vizinha e começou a interrogá-la.

Luciana, que fora criada nos belos princípios, dentre os quais, aos pais não se pode mentir, narrou ao duque o que fizera com as pérolas do colar, bem como o sonho que tivera.

- Não poderia censurar o que os céus acolheram. – disse o duque comovido. - Como poderia eu reprovar minha filha quando li nos evangelhos que se deve dar aos pobres o que temos de mais?

E conduziu Luciana para o salão, entregando-a às outras crianças.

Fora, ouvia-se o cântico do trovador. O pai olhou a filha com ternura, como lhe parecia meiga e cândida nesse vestuário branco, sem aparamento, onde parecia refletir-se a pureza de sua alma! Que limpidez, em seu olhar, onde se lia a inocência!

E de repente, o duque levou as mãos aos olhos, julgando sonhar.

Em torno do pescoço de Luciana acabava de desenhar-se um lindo colar de pérolas luminosas, desaparecendo pouco depois.

Não foi ele o único a ver. Um dos moços nobres, o que mais considerava, vira também.

Este moço havia pedido e era o seu único fito, casar-se com uma moça misericordiosa e boa.

Mas, na presença de Luciana simples e como uma pomba branca como lírio, ele não ousava duvidar que encontrara a noiva que tanto sonhara.

- Quem será digno dela?

- O senhor - respondeu-lhe o duque.

Poucos dias depois, o Castelo de Monteflor estava em festa novamente. Era o consórcio de Luciana com o mais digno dos nobres e o mais estimado por seu pai.

(“Colar de Lágrimas”, ilustrado por Cícero Valadares, sem autoria expressa in *O Tico-Tico* , nº 1423, de 11/01/1933, p.16 e 17. Transcrito por Ione Kadlec)

APÊNDICE L -Transcrição do conto “Taperá”, de Tio Nouguy

Logo cedo, antes de seguir para o trabalho, o Dr. Silveira, entrando no escritório, chamou seu filho, Armando, para um “caso sério”, como dizia.

O rapazinho, que já não andava com a consciência muito sossegada, por umas reinações que praticara, ficou meio sem jeito e planejando algumas respostas para encobrir suas culpas, atendeu ao chamado do pai.

Momentos mais tarde, em vez de sair macambúzio e triste, como era costume depois d’o pito o rosto de Armando exprimia sua satisfação.

Aos pulos, desceu as escadas do jardim e encaminhou-se a casa de um colega e amigo do coração.

Encontrou-o ocupado em transplantar umas mudas da sua horta e terminar uns servicinhos de jardinagem.

- Escute, Joãozinho! – e seus olhos faiscavam de alegria.

- Escuto sim, mas, primeiro, dê-me bom dia, seu malcriado, não dormimos juntos!

- Perdoe-me, meu amigo, mas estou tão radiante com a missão que me acabam de confiar...

- É por isso esquece-se dos outros?!

- Para afirmar o contrário é que vim procurar. Escute...

- Agora sim!

- Não me interrompa! Papai hoje há pouco, chamou-me e, em vez do que eu esperava, um castigo pela nossa traquinagem de ontem na chácara do “Seu” Lopes...

- Aquela da tourada com pobres bezerros?

- Justamente! Pois bem, ele fez como se não soubesse, mas tenho certeza de que está ciente, o chacareiro, furioso, contou-lhe e...

- E como vai o bezerro a quem sem querer, deixamos com a perna quebrada?

- Parece-me que vai melhor. Eu estou arrependido e emendado mesmo e, noutra não me meto! Mas não me interrompa... Olhe, deixe-me contar mais depressa, estou encarregado de seguir manhã cedo para Itu fazer as vezes de São Nicolau a uns priminhos que moram à beira do Salto. O pai está doente aqui e os pobrezinhos iriam ter uma Natal bem sem graça.

- E quanto tempo você ficará lá?

- Quanto nós demoraremos? Pois você irá já pedir a seu pai para passarmos dois dias juntos na casa da minha tia, em Salto de Itu.

- Bela ideia! mas a questão é...

- Qual, nada, eu faço de bom advogado e confio na bondade de seu pai.

Entrando na sala de jantar onde Dr. Monteiro abria o seu correio. Armando sentiu-se meio atrapalhado em expor o “caso sério”, pois temia uma recusa.

Mas, como sempre, foi bem recebido, e depois de dizer direitinho que: pedia licença para ter como companheiro de excursão o seu inseparável amigo, notou com surpresa que a fisionomia do Dr. Monteiro, sempre tão expansiva ao natural, mudou-se para uma expressão séria e este, batendo com punho cerrado na mesa, pronunciou um “não” tão solene que fez o menino estremecer. Essa máscara séria, porém, não durou dois segundos e rindo-se, o bom senhor, o abraçou, dizendo.

- Não dou licença ao Joãozinho para ir a excursão alguma, mas dou-lhe ordem de arrumar e de seguir amanhã cedo com o Sr. Armando Silveira para Salto de Itu.

Riram-se todos e, com um grande agradecimento, dos dois amigos, ao advogado. cada um, foi tratar de preparar o necessário para a primeira viagem que faziam sem a companhia de gente grande.

A maior alegria era de se imaginarem independentes e quando o trem se pôs em movimento, seus olhos cruzaram-se, exprimindo todo o contentamento.

Foi uma viagem ótima, a folia da baldeação, a gentileza de ceder lugar às senhoras aflitas vendo o vagão repleto, a compra de frutas, pastéis e doces nas estações, tudo era motivo de prazer para os dois traquinas.

A todo instante, porém, Joãozinho, notava o mesmo movimento do companheiro para verificar se guardara as passagens; foi um alívio para os dois quando o chefe as reclamou pela última vez. Daí a pouco, esse também anunciou. “Salto de Itu” e o trem diminuiu a marcha.

Desceram e indagando de um e de outro, conseguiram achar o caminho que os levaria à chácara de D^a Sinhá.

Até o sol estava camarada e não os apoquentava com raios muito fortes; dispostos para andar, logo chegaram. Foram recebidos com surpresa e grande alegria por todos. Joãozinho ficou conhecendo os primos de Armando e fizeram boa amizade.

Almoçaram à grande e, como a vontade de explorar quanto antes a vila, o rio, as matas, era enorme, o bando de peraltas saiu a passeio logo após a refeição, levando farnel do *lunch* pronto, o que indicava ser longa a caminhada.

Maurício e Cássio, os primos, levaram-nos para ver o salto e os dois jovens excursionistas ficaram maravilhados com aquela torrente formidável de água, de uma força brutal e de beleza rara como panorama.

Um fato interessante lhes chamou a atenção, inúmeros pássaros muito semelhantes às andorinhas, grandes, voavam de um lado e outro sobre a queda d’água e pousavam em enormes lajes que se elevavam a margem do rio.

Ali permaneciam como que coladas às pedras, todos juntos numa posição que aos os meninos parecia bem incomoda; não podiam imaginar o modo pelo qual os pássaros se agarravam a uma pedra vertical e tão lisa.

Pediram explicação sobre o nome do pássaro, o porquê, e como se sustentavam assim. Obtiveram respostas, bem acertadas, dos dois moradores de Salto. Ainda que não pertençam as famílias das andorinhas, são também como essas, bastante úteis. Durante todo o dia, saem à procura de insetos de que se alimentam, fazem bem às plantações, exterminando os bichinhos nocivos.

À noite, é que vêm para as pedras, onde permanecem até pela manhã na posição esquisita em que os viram os rapazes e, nessa hora, fazem um rumor tão grande que chegam mesmo a abafar o barulho da queda d’água.

Muitas pessoas afirmam que seus vôos são longos, estendendo-se até Santos. Todos esses pormenores da vida desses pássaros tão bonitos encantavam os meninos que, continuando seu passeio pela margem do rio, conversavam com alegria por ter aprendido mais alguma novidade.

Quando o sol se escondeu, já tinham saboreado o seu *lunch* e já se punham a caminho da casa, planejando o itinerário do próximo passeio.

(“Taperá”, de Tio Nouguy in Revista *O Tico-Tico*, nº 1427, de 08/02/1933, p.20. Transcrito por Ione Kadlec)

APÊNDICE M- Conteúdos do Almanaque d' O Tico-Tico, 1929 e 1937

1929

Carta aos leitores ou saudação	Textos de divulgação científica	Relato histórico	Anúncios publicitários	Calendário	Oração	Passatempos	Partitura com letra de canção
1	2	1	30	1	1	2	1
Contribuições dos leitores	HQ	Histórias Quadrinizadas	Contos	Poemas	Textos dramáticos	Fábulas ou lendas	
3	1	10	29	7	4	3	

Total: 96 textos

Tabela 5: Distribuição dos gêneros do *Almanaque d'O Tico-Tico*, 1929

1937

Cartas aos leitores ou saudação	Textos de divulgação científica	Relatos históricos	Perfis	Anúncios publicitários	Calendário	Hino	Orações	Passatempos
3	53	2	6	25	1	1	2	5
Sinopses de contos	Ditados, pensamentos	HQ	Histórias Quadrinizadas	Contos	Poemas	Textos dramáticos	Fábulas e Lendas	Contribuições dos leitores
2	4	7	21	16	10	2	4	5

Total: 169

Tabela 6: Distribuição dos gêneros *Almanaque d'O Tico-Tico*, 1937

ANEXOS

ANEXO A- A SETA, Nº 3 , 1 DE ABRIL 1895.....	259
ANEXO B - CAPA DA REVISTA <i>O TICO-TICO</i> , 11 DE OUTUBRO DE 1905.....	260
ANEXO C - <i>LÚCIA OU A MENINA DO NARIZINHO ARREBITADO</i> , DE MONTEIRO LOBATO	261
ANEXO D- <i>GAZETA INFANTIL</i>	262
ANEXO E- SUPLEMENTO JUVENIL	263
ANEXO F- REVISTA <i>GIBI</i> - 12 ABR 1939	264
ANEXO G- REVISTA <i>RECREIO</i> , 1970.	265
ANEXO H- CAPA DE <i>O SENHOR DOUTOR</i>	266
ANEXO I- “AS SENTENÇAS DO SENHOR DOUTOR”	267
ANEXO J- “CARTA AOS MENINOS”	268
ANEXO K- “ PÁGINA DAS MENINAS”	269
ANEXO L-“COCA BICHINHOS” E “CANTINHO DA PALESTRA”	270
ANEXO M - ENCARTE PARA MONTAR: MICKEY E FÉLIX.....	271
ANEXO N - ANIMATO- GRAFO- ANÚNCIO PUBLICITÁRIO.....	272
ANEXO O- <i>AVENTURAS DOS AUTÊNTICOS ZUCA, ZARUCA E BAZARUCA</i> , DE STUART DE CARVALHAIS	273
ANEXO P- <i>FAÇANHAS DO CÉLEBRE DETETIVE CENTELHA E DO SEU FAMOSO CÃO-POLÍCIA FAÍSCA</i> , DE JOSÉ OLIVEIRA COSME, ILUSTRADO POR CARLOS RIBEIRO.	274
ANEXO Q- PÁGINAS CENTRAIS.....	275
ANEXO R- “ PARA MANHOSO...”, DE VIRGÍNIA LOPES DE MENDONÇA	276
ANEXO S- “QUE FEIO ...SER INVEJOSO”, DE EMÍLIA DE SOUSA COSTA	278
ANEXO T- “CONVERSA COM ANA MARIA”, DE ANA DE CASTRO OSÓRIO.....	279
ANEXO U- A ZOOLOLÂNDIA- A ESCOLA, DE CARLOS RIBEIRO	280
ANEXO V- “A PRIMEIRA MENTIRA DE CARLOS ALBERTO”, DE ODETE PASSOS DE SAINT-MAURICE	281
ANEXO W- “NA CESTA DE OVOS”, DE LAURA CHAVES	282
ANEXO X- “ A SENHORA DONA CIBELE”	283
ANEXO Y- “HASSAN, O TUBARÃO” IN <i>O COLAR DE COBRE</i> , DE J. MAHAN	284
ANEXO Z- “ALDEIA DE CHORAMIGAS”, DE JOSÉ GOMES FERREIRA.....	285
ANEXO AA- “O AEROPLANO MÁGICO”, DE JOSÉ GOMES FERREIRA.....	286
ANEXO BB- “O TEMPO EM QUE OS HOMENS NÃO FALAVAM” E “ A FLORESTA PROIBIDA”, DE JOSÉ GOMES FERREIRA.....	288
ANEXO CC- CAPA DA REVISTA <i>O TICO-TICO</i>	289
ANEXO DD- ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS.....	290

ANEXO EE- ANÚNCIO PUBLICITÁRIO DE PÁGINA INTEIRA	291
ANEXO FF- ANÚNCIO EM HISTÓRIA QUADRINIZADA.....	292
ANEXO GG- “ A DURAÇÃO DA VIDA”. <i>LIÇÕES DE VOVÔ</i>	293
ANEXO HH- “ O QUE É PRECISO PARA SER UM BOM CIDADÃO”- <i>LIÇÕES DE VOVÔ</i>	294
ANEXO II- O “ <i>TICO- TICO</i> ” <i>MUNDANO</i>	295
ANEXO JJ- <i>COSTURA E BORDADO</i>	296
ANEXO KK- “NOSSOS CONCURSOS”	297
ANEXO LL- ENCARTE “MÁSCARA PARA O CARNAVAL”	298
ANEXO MM- HISTÓRIA DO RATINHO CURIOSO, DE WALT DISNEY.....	299
ANEXO NN- “ A MENINA POBRE”, DE J. CARLOS	300
ANEXO OO- RECO-RECO, BOLÃO E AZEITONA, DE LUIZ SÁ.....	301
ANEXO PP- “AS AVENTURAS DE CHIQUINHO: “ FUTEBOL NA RUA”. A. ROCHA.....	302
ANEXO QQ- “ O BARÃO DE RAPAPÉ”, DE MAX YANTOK	303
ANEXO RR- KAXIMBOWN, PIPOCA & CIA, DE MAX YANTOK.....	304
ANEXO SS- “O COLAR DE LÁGRIMAS”, ILUSTRADO POR CÍCERO VALADARES.....	305
ANEXO TT-“TAPERÁ”, DE TIO NOUGUY.....	306
ANEXO UU- “ NÃO VALE A PENA”, DE EUSTÓRGIO WANDERLEY.....	307
ANEXO VV- “REPRESÁLIA”, DE EUSTÓRGIO WANDERLEY	308
ANEXO WW- “ O REI DO SERTÃO”, ILUSTRADO POR MAX YANTOK	309
ANEXO XX- “OS SEMEADORES DE GELO”, DE STELA ROLAND, ILUSTRADO POR CÍCERO VALADARES.....	310
ANEXO YY- CAPA- <i>ALMANAQUE D’ O Tico-Tico, 1929</i>	311
ANEXO ZZ- SAUDAÇÃO- <i>ALMANAQUE D’ O TICO-TICO, 1929</i>	312
ANEXO AAA- CAPA- <i>ALMANAQUE D’ O Tico-Tico, 1937</i>	313
ANEXO BBB- “ERA UMA VEZ...”, <i>ALMANAQUE D’ O TICO-TICO, 1937</i>	314

Anexo A- A Seta, nº 3 , 1 de abril 1895

ANO DE JANEIRO—QUARTA-FEIRA, 11 DE OUTUBRO DE 1905

JORNAL DAS CRIANÇAS

PUBLICA-SE AS QUARTAS-FEIRAS

NUM. 1

TICO-TICO

MANDA QUEM PÔDE

O MALHO:—Mas isso é grôve? É revolução? que é que vocês querem, ahoai! contas, o pequenas esperanças da Patria?

—Queremos um jornal exclusivamente para nos. Você, seu «Malho», é muito feito, é muito divertido, mas... não nos basta!

O MALHO:—Eu acho que vocês todos tem razão. Na verdade chega a ser uma injustiça que no Brasil todas as classes tenham o seu jornal e os vós o não tenham. Pois bem! Futuros salvadores da Patria e mães de família futuras, d aqui em diante, ás quartas-feiras, exigi de vossos paes o «Tico-tico»!

—Bravos! Viva «O Malho» e viva o «Tico-tico»! Viva! Vivóóóó!

CARLITO E ZIZI:—Papae! Papae! que é o que o sr. traz ahí?

MULHER E A SOGRA:—Satisfaz o desejo das crianças, naturalmente...

PAPAE:—Ponso que sim; ora tomem lá, seus maganucas... gostosíssimos estes biscoitos!

CARLITO E ZIZI, «furiosos, atirando os embrulhos e o-borrachando-as no chão»:

—Não era isto o que estávamos esperando! Era o «Tico-tico»! Então papae não se lembrou de que hoje era quarta-feira!

A MULHER:—Também você não trazer uma coisa que as crianças estavam esperando há tanto! A SOGRA:—Realmente, sr. meu genro!

E olhem que não tive remédio senão vir mesmo comprar este tal «Tico-tico» que é que «O Malho» foi inventar mais esta? Só se vêem pequenos porantos a lerem o «Tico-tico». Vá, passe-me 3 números, a sogra também quer, que os velhos viram crianças...

—Mas então os senhores estão nas suas sete quintas! E até a sogra! Eu não dizia! Sabes que mais, minha cara mulher? Nós dois não podemos ficar roubados! Vou comprar mais dois «Tico-ticos», um p'ra mim, outro p'ra você. Vira tudo criança, daí em diante! Vira tudo criança!

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Rua do Ouvidor, 182 — RIO DE JANEIRO

Publicação d'O MALHO

Numero avulso 200 réis

Anexo B - Capa da Revista O Tico-Tico, 11 de outubro de 1905.

Encarte do livro 100 de Tico-Tico.Fotocópia

L U C I A

OU

A MENINA DO NARIZINHO ARREBITADO

POR MONTEIRO LOBATO

(Fragmento)

A nossa literatura infantil tem sido, com poucas excepções, pobríssima de arte, e cheia de artifício, — fria, desengraçada, pretenciosa. Ler algumas paginas de certos “livros de leitura”, equivale, para rapazinhos espertos, a uma vaccina preventiva contra os livros futuros. Esvae-se o desejo de procurar emoções em letra de fôrma; contrae-se o horror do impresso... Felizmente, esboça-se uma reacção salutar. Puros homens de letras voltam-se para o genero, tão nobre, por ventura mais nobre do que qualquer outro. Entre esses figura Monteiro Lobato, que publicou um lindo album illustrado o conto da “Menina do narizinho arrebitado”, e agora o vai ampliando de novos episodios, alguns dos quaes se reproduzem aqui.

O ENTERRO DA VESPA

Foi ao escurecer. O leitão rabicó, já de barriga cheia, roncava no chiqueirinho sonhando arvores que dessem espigas de milho em vez de fructas. E Narizinho, num canto da sala de jantar, vestia na boneca uma saia nova, de pintas azues, feita pela tia Anastacia.

— Não estou gostando... murmurava Emilia que era muito luxenta em materia de vestidos. Está pensa e além disso muito apertada no cós.

— Alarga-se o cós, remediou a menina.

— Depois, continuou Emilia, de nariz torcido, já disse que não gosto desta moda de babadinhos. Fico velha e feia, tal qual uma perúa choca.

— Enjoada!...

Anexo C - Lúcia ou A menina do Narizinho Arrebitado, de Monteiro Lobato

Revista do Brasil. Volume XVI- Janeiro –março de 1921: São Paulo e Rio de Janeiro, 1921, p. 42
fotocópia.

Biblioteca da FFCH-USP

Gazeta Infantil
 N.º 1 (NOVA PHASE)

A GAZETA

Edição particular
 11 ramadas 2-4101

S. Paulo, 14 de Setembro de 1933

Red. Administ. Offic.
 R. L. Baduró, 6 e 6-A

O BRITO VOS APRESENTA
 A TURMINHA BARULHENTA
 ENTRE RISOS E ALEGRIAS;
 É GENTE DE BOA FONTE,
 SÃO DOIS FILHOS DO BELMONTE
 E TRES FILHOS DO MESSIAS.

NO ALTO A DUPLA LADINA
 DO PAULINO E DA BALBINA,
 PERALTA COMO ELLA SO'
 EM BAIXO A TRINCA LEVADA
 QUE DIVERTE A PETIZADA:
 TUTÚ, TITI E TOTO'

Quer um Radio "Magesfic-Pirata"?...

CONCORRA AO CONCURSO SEMANAL DA NOSSA CARTA ENIGMATICA

Anexo D- Gazeta Infantil

A Gazeta, edição infantil. São Paulo, nº 1, 14/09/1933. Microfilme.
Biblioteca Nacional(Brasil)

Anexo E- Suplemento Juvenil

A Nação, Suplemento juvenil. 22/08/1939
 Foto digital tirada em 14/07/2009.
 Biblioteca Nacional(Brasil)

Anexo F- Revista *Gibi*- 12 abr 1939

Foto digital tirada em 14/07/2009.
Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

Anexo G- Revista *Recreio*, 1970.

Foto digital tirada em 11/09/2008
Biblioteca Monteiro Lobato

DEP. LEG. 117960

O senhor doutor

1

UM AMIGO QUE DIVERTE, EDUCA E INSTRUI

UM EPISÓDIO HERÓICO DA NOSSA ACÇÃO EM ÁFRICA: O ESCUDO

todos os sábados

BANDEIRAS de todas as Nações

AFGANISTÃO

ALBÂNIA (NACIONAL)

ALBÂNIA (COMERCIO)

ALEMANHA (NACIONAL)

ALEMANHA (GUERRA)

quinze tostones

—Larga esse rapaz! — gritou o capitão Albuquerque, correndo para um colono que maltratava um pobre negro. E arrancou-lhe o chicote com que lhe batia.

—E' que ele é um mandrião!... — explicou o colono para desculpar a sua acção. Mas as explicações não lhe valeram de nada e o homem teve que se retirar envergonhado do acampamento.

O capitão dirigiu-se então a Pete, tal era o nome do negro, e propôs-lhe que ficasse ao seu serviço para lhe tratar do cavalo.

Horas depois, o destacamento sob o comando do capitão marchava a atacar um bando de indígenas que se tinha recolhido, e enquanto lhe seguira o cavalo, Pete olhava cheio de raiva o capitão, pelo que tinha feito por ele.

Pete seguiu primeiramente os soldados através dos campos. Mas logo que ouviu o capitão dar a ordem de ataque a uma colina das imediações onde o inimigo se refugiava, escondeu-se por detrás de um penhasco. Qual não foi a sua surpresa ao ver que uma zagaia feria e fazia cair o cavalo do capitão, enquanto o inimigo surgia disposto a aproveitar a vantagem.

Empunhando o revólver, o capitão preparou-se a fazer frente aos indígenas. Mas, ao mesmo tempo, Pete, compreendendo o perigo em que se encontrava o seu chefe, surgiu também do seu refugio e correu corajosamente, em seu auxilio, disposto a tirá-lo daquela apurada situação. O pequeno indígena não esquecera o nobre gesto do nosso compatriota, livrando-o das mãos do bárbaro colono.

Apanhando um escudo que os indígenas tinham abandonado na sua retirada, Pete correu para o capitão e abigou-o por detrás do escudo, permitindo assim que o oficial se levantasse, sob as inúmeras flechas e zagaias que o inimigo disparava, e que ameaçavam feri-lo a todo momento.

Três zagaias, com efeito, haviam-se cravado no escudo protector...

... quando os soldados do destacamento apareceram e, fazendo muito ruído, puseram em fuga os rebeldes. Pete então, retirando o escudo, ajudou o chefe a sair debaixo do cavalo morto.

Desde então o capitão Albuquerque não mais abandonou o negro, que o acompanhou até à Pátria quando o oficial a ela ponde regressar.

Anexo H- Capa de O senhor doutor

O senhor doutor, nº 1, 18/03/1933, p1. Fac-Símile
Biblioteca Nacional de Portugal

**Carta aos meninos,
para os pais lerem**

Meninos: :

Aqui têm o primeiro número dum jornal que foi feito de propósito para vocês, atendendo às vossas predilecções, aos vossos gostos, gostos que têm a vantagem de serem uniformes, sem as diferenças que distinguem os das pessoas crescidas, e que provocam aquele bonito espectáculo, que muito deve divertir os meninos, delas andarem sempre às turras umas com as outras . . .

Vocês, à parte uma ou outra briga sem importância no pátio do colégio ou do liceu, estão todos de acôrdo, lêem todos pela mesma cartilha. Todos gostam de histórias movimentadas, de bonecos coloridos, de jogos, de selos, de berlindes, de fitas de animatógrafo. Não é verdade ?

Pois o «SENHOR DOUTOR», que é burro velho, sabe isso tudo muito bem, e está disposto a fornecer-lhes todos os sábados, copiosamente, a lenha de que vocês precisam para atear o fogo sagrado da mocidade bem-disposta, que é o melhor que se leva dêste mundo.

Folheiem com atenção as 12 páginas dêste primeiro número e vejam lá se não encontram nelas um bocadinho de cada uma das coisas de que vocês mais gostam. Se alguma falta, podem ter a certeza de que não é por esquecimento nem desleixo, mas pela tão simples como poderosa razão de não ser possível meter, duma vez só, o Rossio na rua da Beatesga . . .

Mas, como o outro que diz, largos dias têm cem anos (Já devem ter reparado que, cá na casa, há um vastíssimo repertório de anexins) . . .

Em cada número, os leitores dêste jornal encontrarão novos atractivos, novas surpresas. Um verdadeiro manancial de coisas bonitas e amáveis ! Uma fonte inesgotável de alegrias ! (Pin . . .)

E agora, venha de lá êsse abraço, para celebrar as boas relações que se iniciam entre os meninos e êste vosso novo e grande amigo que é

O Senhor Doutor

Anexo J- "Carta aos meninos"

O senhor doutor, nº 1, 18/03/1933, p. 2. Fac-Símile
Biblioteca Nacional de Portugal

PAGINA DAS MENINAS

Flôres de feltro

Para enfeitar aquele chapéito que te ficou do ano passado, ou para aplicares em qualquer coisa que te pareça, vou-te ensinar como se fazem umas flôres de feltro que são a última novidade. Cógina-se um papo grosso ou um chapéu velho da mamã, e não terás mais que cortar em crenolina ou, na falta de ela, num cartãozinho qualquer, um círculo do tamanho aproximado de um escudo. A começar da borda do cartão vão-se então cosendo umas folhinhas, cortadas no feltro ao tamanho que se queira, tendo o cuidado de ir fazendo uma pregastina em cada folhinha, ao mesmo tempo que a fôres cosendo, e sempre no sentido do centro do círculo. Para rematar forrarás um botão e colocá-lo-ás cosido pelo avesso. Não falta mais do que colocar a flor assim feita, no lugar que mais te agrade, enfeitando o chapéito que te fica tão bem nessa cabecinha, que, de certeza, é tão linda como a de um anjo.

Um presente para a mãzinha

Se quiseres vêr a mãzinha contente, põe-lhe a coser com todo o juízo, depois de te fartares de brincar, nessa brincadeira que põem qualquer pessoa doida, pródiga em gritarias e em saltos.

Pode-lhe um pedaço de tecido negro, que com certeza lhe terá sobrado de qualquer vestido, quer seja pado de lã ou flanela. Corta dois círculos do tamanho que o tecido permita e que formam uma bonita almofada, depois de unidos por uma tira de 10 a 15 centímetros, deixando por coser uma extensão suficiente pela qual se possa encher a almofada de lã, sumama, penas ou aparas de cortiça, que é o mais indicado. As costuras rematam-se com cordão de seda preta; em seguida com pedaços de tecidos branco, amarelo e encarnado, aplicam-se estas flôres que aqui vêdes e que são facilísimas de cortar. Depois de tudo acabado, o efeito é muito bonito e pouco vulgar.

A mãzinha ficará encantada com aquele espaço de tempo em que te mostras bousinha e até te dará licença que dês um bocadito de guerra.

Uma doença grave

A menina Yvonne é uma pessoa amável, mas, ao que parece, possui um grande defeito: é demasiadamente faladora. A sua língua, ao que consta, está constantemente em movimento.

Ora aconteceu que a menina Yvonne adoeceu, e a sua mãzinha tratou imediatamente de chamar o médico.

Logo que este chegou, examinou a doente, tomsndo-lhe o pulso.

— Não há-de ser nada — diz êle —: alguns dias de repouso serão o bastante...

— Mas, doutor, — interrompen Yvonne, naturalmente já farta de estar calada, — e a minha língua? Então os médicos não vêem sempre a língua dos doentes? O Doutor esqueceu-se...

— Bem, vamos lá então a vêr essa língua! — disse o médico.

E, depois de a ter olhado, acrescentou:

— É precisamente o que eu dizia, é a língua principalmente que está fatigada e precisa absolutamente de repouso.

Quem passará primeiro?

O imperador Carlos V, tendo sabido que duas grandes fidalgas de Madrid estavam continuamente em discussões para saber qual das duas devia, principalmente na igreja, ceder a passagem à outra, fez chamá-las à sua presença.

— Visão — disse-lhes êle — vos não chegardes a um acôrdo, e ser absolutamente necessário acabar com essa questão, ordeno que, de futuro, seja a mais doida e mais feia de vós duas que teñi sempre o direito de passar primeiro.

Esta sentença fez imediatamente cessar o debate, e restabeleceu a boa harmonia entre as duas fidalgas: decidiram que, daí em diante, entrariam sempre juntas.

Um sinal para os livros

É costume muito vulgar dobrar as folhas dos livros que se estão lendo, para marcar onde se deixou a leitura.

Com o fim de que não sigas costume tão feio, vou-te dizer como se pode fazer uma marca graciosa e original: Com uma fita de seda de dois centímetros e meio de largo por quarenta de comprimento, dobrada pela forma que indica a figura 1.

Cortam-se depois dois pedacinhos de seda branca, e com êles se forma a cabeça igual à figura 2; cose-se em volta; vira-se e enche-se de algodão; em seguida pinta-se-lhe o rosto ao gosto que te apeteça.

Feito isto, une-se à dobra da fita, rematando com uma gola de tule amarelo.

Para imitar os pés, cortam-se duas tiras finas de pano branco e pintam-se com se fossem sapatinhos, cosendo-se depois na orla inferior da fita.

E aqui tens um lindo Pierrot que te servirá de sinal nas tuas leituras.

Como se pratica o bem

Uma aluna do Pensionato Santa Joana d'Arc, em Joinville, descreve assim o modo como ali empregam as suas aulas de costura:

«Todos os anos, durante as férias, a Directora do pensionato pede-nos para fazermos um trabalho de enxoval para criança recém-nascida. Coletinhos, papagaios, peúgas, sapatinhos, tudo que vier é bem aceite. Quando reconhecem as aulas, entregamos êsses trabalhos à Sr.ª Directora que se encarrega de os enviar a uma Casa onde são recolhidos os bebés pobres ou abandonados. Depois, todas as segundas-feiras, em todas as classes, faz-se um peditiório e com o seu produto vestimos uma criança pobre. Compramos: vestido, chapéu, casaco, sapatos e meias, e, durante as aulas de costura, fazemos camisas, calças, combinações. E ficamos muito contentes quando o pequenito, vestido por nós, nos vem agradecer».

PILOTO BUSCA UM JANTAR

Piloto é um cão vadio que não tem co-leira nem paga imposto, tal qual como o Fiel do poeta. Como qualquer desempregado que se pressa, Piloto rapa fome... de cão! Porisso, quando outro dia passou

junto do «chalet» do privilegiado seu semelhante, César, que não é para brincadeiras, rosnoa, e, assim como quem não quer a coisa, foi saindo da casota muito disposto a defender o seu jantar. Piloto,

muito comprometido, tratou prudentemente de se afastar mas, tão desastrosamente o fez, que a sua patra trouxe, fazendo voar o prato, fez voar simultaneamente o rico jantar que êle continha! E

enquanto César, desesperado, saltava e ladrava, impossibilitado de salvar o seu tesouro, Piloto agarra o petisco e dava ásperas, pondo-se fora de alcance, indo saborear o muito em sossego... fora de porta.

— Pag. 10 —

Anexo K- "Página das meninas"

O senhor doutor, nº 1, 18/03/1933, p.10. Fac-Símile
Biblioteca Nacional de Portugal

COCA BICHINHOS Cantinho da Palestra

Aos leitores desta Secção:

As decifrações das charadas do n.º 1 do «Coca Bichinhos» serão publicadas no número 4; as do n.º 2 no número 5; as do n.º 3 no número 6 e assim sucessivamente.

As listas de decifrações de cada número recebem-se até 15 dias depois da sua publicação; assim, as do número 1 devem ser enviadas até ao dia 31 do corrente mês.

Os nomes dos decifratadores serão sempre publicados com as decifrações.

Para qualquer assunto relativo a «charadas» dirijam-se a «Dr. Lombriça», redacção de «O SENHOR DOUTOR».

CHARADAS COMBINADAS

- 1 1 + to = Terra portuguesa
1 + bo = Canudo
1 + go = Cão
Conceito: Nação da Europa
NELSON

- 2 1 + ve = Saudação
1 + sa = Animal
1 + fil = Lado
1 + to = Acto
1 + na = Superfície
Conceito: Flôr
MARIE PLACÉ

CHARADA SALITANTE

- 3 1-2-3-4-5—Movimento dos pés
3-5-1-2-4—Comidas
3-2-1-5-4—Animais
MORENITA

CHARADAS ELÉCTRICAS

- 4 Aquele saliência acólida, é uma ilha da Guiné. — 2.
CONSTANTINO

- 5 Quando estava a rezar, notei uma coisa pouco vulgar. — 2.
L. ROCHA

- 6 Nesta cidade estrangeira há um monte de palha. — 2.
NINI

- 7 Éste cheiro vem do pacote dos bolos. — 2.
ARAMIS

CHARADAS SINCOPADAS

- 8 3—A rapariga leva um lindo agasalho. — 2.
CHICOSTA

- 9 3—O rapaz apanhou o animal num instante. — 2.
A. FARINHA

- 10 3—Dêste tecido forte fez-se um fato para o titular. — 2.
J. ARAUJO

- 11 3—O diabo corta o pescoço a toda a gente. — 2.
GABRIELA

- 12 3—Esse animal ninguém o apanha. — 2.
RÓSTO PALÍDIO

- 13 3—Encontrei um fruto sobre a pedra do altar. — 2.
JACINTINHO

CHARADAS EM FRASE

- 14 Por ter compaixão dum homem honrado fui busca-lo a uma cidade do Douro. — 2.
ABELHA MESTRA

- 15 Com um pedaço de tecido e uns ramos de árvore, imita-se uma paisagem. — 2.
PINTINHO

- 16 Arranjei uma sanguessuga e prendi-a com um laço ao rabo do meu gato. — 2-1.
RUVINA

- 17 Com uma planta emoliente e uma conhecida flôr, consegui obter uma outra planta. — 2-2.
RODRIGUINHO

- 18 Aqui em Lisboa dá-se este apelido a um animal. — 1-2.
G. BELINHA

- 19 Uma ave, com cabeça de roedor?! Que grande mentira!... — 2-2.
TIO JÚLIO

MAÇADAS GEOGRÁFICAS

Formar nomes de terras portuguesas com as letras das seguintes frases:

- 20 Antes mar
FLORENTINO

- 21 Re Fa Sol La
MARIE PLACÉ

- 22 Grelho parte
MARIA AUGUSTA

- 23 Persa
LUISINHO

PREGUNTAS ENIGMÁTICAS

- 24 Qual é o apelido que, pela simples aposição de um acento circunflexo, se torna num título nobiliárquico?
JOSÉ HESPAÑHA

- 25 Qual é a ferramenta que pode ser também um fruto, um rio de Portugal, um molusco, um peixe, um apelido e uma cidade do Perú?
SABICHÃO

Meus amiguinhos

Dêem-me licença para me apresentar: «Dr. Lombriça», um grande amigo dos leitores, o qual, vem hoje trazer relações com vocês.

Estou daqui a vê-los, abrindo muito os olhos espantados, com um ar de receio e de curiosidade, assim como quem quer perguntar:

— Quem será este Lombriça?! Que virá cá fazer este senhor?...

Imaginem um velhinho, magrinho, baixinho, de cara chupadinha, os ossos a furar a pele amarelada e calvo como as palmas das vossas mãos. Não uso óculos porque o meu nariz não dá para isso, mas, mesmo sem eles, vejo muito e vejo longe.

Quando era pequeno já tinha esta cor amarela e, por muito que comesse, nunca engordava. Quem me via dizia logo: «Olha que lombriça!» E o caso é que o nome pegou e, mais tarde, quando fiz o exame de 2.º grau, passaram a chamar-me Doutor Lombriça.

Tal qual sou, gosto imenso de conversar com a rapaziada. Aproveitei a aparição do excelente «O Senhor Doutor» para me instalar neste «Cantinho», enterrado numa poltrona muito fôfa, com o meu gatinho preto ao colo, e cá estou para a palestra.

Tudo quanto vocês precisarem cá de casa, e qualquer pergunta que queiram fazer, é só pedir por bôca. Eu, ou o meu gato, o Ministro, daremos imediatamente resposta. Entenderam? Vamos a isto.

*

Flôr do Val: — Ora ainda bem que «O Senhor Doutor» te deu no gôto! Gostaste a valer, hein? Estimo, estimo. Quanto a zangar-nos, nem penses nisso! Sempre prontos a receber os vossos alívios, e tanto assim é, que se vai estudar o assunto a que te referes.

Aprendiz: — O teu pedido vai ser satisfeito, mas primeiro vai o recibo à cobrança. Muito obrigado.

Periquito: — Não mudes de pseudónimo!... O outro que queres adoptar é muito feio.

Humberto Leite: — Ora essa! E porque não? Com o maior prazer. Cá ficas «escriturado».

Ho-Key: — Sim senhor, pode entrar. Onde fôr buscar o teu pseudónimo tão patusco?

Mário Pinto: — Se o teu papá entender que deves ir, só tens a obedecer. Assim fazem todos os rapaziños de juízo.

A NOSSA MIRABOLANTE CONSTRUÇÃO

A Ilha Flutuante n.º 1 (J. F. 1)

Na nossa última página publicamos a segunda fôlha da mirabolante construção para recortar e armar que oferecemos aos nossos leitores. Sempre em dia com os acontecimentos do momento, O «SENHOR DOUTOR» escolheu uma construção da maior actualidade: a plataforma flutuante destinada a servir de campo de «atterragem» aos aviões transoceânicos, que a Ufa, a importante firma cinematográfica alemã, mandou construir expressamente para o grande filme *I. F. 1 não responde*, que a Agência Cinematográfica H. da Costa Limitada apresenta e distribui em Portugal.

A ilustração que acompanha este artigo mostra o bonito efeito que faz a plataforma completa, depois de armada, tal como os nossos leitores a verão diante dos olhos depois de a terem construído por suas mãos.

O filme tem alcançado o mais retumbante e merecido êxito que, aqui para nós, só é excedido pelo do «SENHOR DOUTOR»...

Colem as duas últimas páginas dos números 1 e 2 do «SENHOR DOUTOR» numa fôlha de cartolina fina. Utilizem para isso gôma arábica, uma solução de dextrina, que podem adquirir em qualquer drogaria, ou, o que é melhor, embora seja mais caro, a gôma especial de amido que costuma empregar-se para colar fotografias, e que tem a vantagem de deixar as superfícies coladas perfeitamente lisas, sem rugas nem caroços, que produzem mau efeito e podem obrigar a rasgar o papel.

Quando tudo estiver bem seco (não tenham pressa, deixem secar bem!), recortem a plataforma que tem as letras I. F. 1 e a marca da Ufa, dobrem as margens, vincando previamente, com uma régua e uma faca, ao de leve, as linhas tracejadas, e coleem os cantos.

Para dar mais rigidez à plataforma, podem colar-lhe por baixo uma fôlha de cartão pãlia cortada nas dimensões exactas do rectângulo.

A seguir, recortem os flutuadores, e dêem-lhes a forma de canudos, formando os cilindros em que há-de assentar a plataforma. Esses flutuadores são colados na parte de baixo da plataforma, cinco no sentido do comprimento, e três da largura, tendo o cuidado de que todos fiquem à mesma distância uns dos outros.

Procedam então à construção dos dois hotéis, armando primeiro o rés-do-chão do Hotel I, depois o primeiro andar e depois o farol, sobrepondo-os como indica a fotografia do conjunto. Recortado e armado também o Hotel II, são ambos colocados nos sítios indicados sobre a plataforma.

Armem em seguida os dois guindastes, constituídos cada um por duas peças (inferior, marcada com o n.º 6, e superior, marcada com o n.º 7) colocando-os nos seus respectivos lugares.

A escada é presa na parte da plataforma marcada com o n.º 11 e pelo traço.

Uma vez pronta a I. F. 1, armem-se os 6 aviões e os 3 hidro-aviões que vão «mobilizar» o conjunto. Cada avião é composto de 5 partes, numeradas de 1 a 5.

As hélices são pregadas com um alfinete no ponto indicado na carlinga.

Para obter um melhor efeito, pode colocar-se a Ilha Flutuante, completa, sobre uma fôlha de papel forte (Cavalinho, por exemplo), pintado de azul esverdeado, imitando o mar. Os que tiverem jeito para a aquarela, podem obter um lindo aspecto, imitando as ondas, com efeitos de espuma branca junto aos flutuadores e uma mancha mais escura, como indica a nossa fotografia, dando a sombra da ilha sobre o mar.

Anexo L-«Coca bichinhos» e «Cantinho da palestra»

O senhor doutor, n.º 2, 25/03/1933, p. 11. Fac-Símile
Biblioteca Nacional de Portugal

Anexo M - Encarte para montar: Mickey e Félix

O senhor doutor, nº 4, 8/04/1933, p11. Fac-Símile
Biblioteca Nacional de Portugal

ANIMATO GRAFO

DIRECTOR-ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

UM SEMANÁRIO DE CINEMA QUE REVOLUCIONA
O MEIO CINEMATOGRAFICO

Tudo que interessa aos cinéfilos

As críticas mais completas

As informações mais seguras

Magníficas gravuras — Optimo papel

Publica-se às segundas-feiras

Custa avulso 1\$50

Para os assinantes custa só 1\$20

Anexo N - Animato- grafo- anúncio publicitário

O senhor doutor, nº 4, 8/04/1933, p.10. Fac-Símile
Biblioteca Nacional de Portugal

Aventuras dos Autênticos Zuca, Zaruca e Bazaruca

Criados por STUART DE CARVALHAIS

3.ª partida — DESPORTOS DE INVERNO

O Zuca e o Zaruca viram na capa duma revista espanhola um saltador de *skis* a fazer avarias.

E o Zuca resolveu pedir ao pai que lhe comprasse um par daqueles patins tão compridos e tão reinadios.

O Zeferino correu-lhe com a sorte. Mas o Zuca não é pessoa que se deixe convencer com duas cantigas...

...e escangalhou um barril que o pai tinha, levando as aduelas todas — só o diabo sabe para quê...

E agora vão os meninos saber também: para fazerem de «*skis*», convenientemente ensebados.

Auxiliados por paus de vassoura, Zuca, Zaruca e Bananeira iam nas horas de estalar pela calçada abaixo.

E não houve polícia sinaleiro capaz de os fazer obedecer ao já de si complicado regulamento de trânsito.

O pior é que nem todos os caminhos vão dar a Roma. A calçada ia dar ao Tejo. Ai, valente mergulho!

E o resultado daquela fantasia desportiva foi ficarem três dias na cama, a caldos de galinha.

Anexo O- Aventuras dos autênticos Zuca, Zaruca e Bazaruca, de Stuart de Carvalhais

O senhor doutor, nº 4, 8/04/1933, p.10. Fac-Símile

Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal

Faças do célebre detective CENTELHA e do seu famoso cão-polícia FAISCA

1.ª aventura - Um sarilho em Hollywood

por José de Oliveira Cosme

Centelha e Faisca tinham acabado de jantar opulentemente, e preparavam-se para ouvir um concerto de T. S. F., quando retinha a campainha da porta. — «Quem é?» perguntou o Faisca, pouco disposto a perturbar a marcha da sua digestão luxuosa. — «Um telegrama», respondeu uma voz. — «May, não!» — respondeu o Faisca, levantando-se com custo. — Há um dia que estamos em Lisboa e já apareceram os telegramas! Isto é portas fechadas, são as duas camas com que equilibro mais...
Momentos depois, voltava, trazendo um telegrama que entregou a Centelha. — «Oh! Oh!» exclamou este, depois de ler o conteúdo. — Vários dias sem passear... — «Sim?» — perguntou o Faisca, desconfiado. — É verdade, se não é indelicado?... — «A América! A Hollywood!» O meu amigo Tom Mix, o célebre cowboy, aceita os meus serviços. — «O quê?» — exclamou o Faisca, muito curioso. — Vamos ver os seus e as saídas do Cinema?... — «Os seus e os seus, meu amigo...» — «Centelha! Voa já arrumar as malas...» E o Faisca muito satisfeito da sua vida, saiu da sala, trazendo a sua bagagem favorita.

Dê-me um beijo!
São dois, aí não...

Hollywood! Hollywood! HOLLYWOOD!... Centelha e Faisca acabam de entrar num importante estúdio da famosa Cinecâmara. Esquilo será dizer que o Faisca está maravilhado! — «Que é aquilo?» — pergunta ele, apontando para um homem alto e magro. — «É Karl Dene, o famoso Sine da Grande Pareda! Não te lembra?» — Ah, é aquele! — «Em carne e osso!» — Em carne, não! — replica Faisca. — É o ócio! Ele é magro!...
Momentos depois, os dois heróis estão em presença de Tom Mix, — «Trabalhe do seguinte: — declarem o crime sobre a; e todos os meus colegas se queixam do mesmo...» E' preciso declarar... — «Que e para se fazer?» — «Arrestar o criminoso!» — garante Centelha. — Deixe o caso por minha conta... — «Se por tiver a dentro...» — E' preciso explicar que, durante a sua permanência no Brasil, os dois companheiros tinham se dedicado ao estudo das línguas; por isso, não deveriam estranhar que tal ou o inglês correctamente. Centelha e Tom Mix continuaram a conversar, entretanto, o Faisca, desposto de beliciar o estúdio, saiu, à vontade, para a porta de manobra a espreitar para o interior do estúdio. — «Novo momento, acedia-se a limpeza vinda...» — «Ela!» — exclamou o Faisca, maravilhado. — Tanta luz! No fim do mês a conta deve ser bonita... Mas que diabo está aquela gente toda a fazer naquele canto?... E, cada vez mais curioso, aproximando-se, viu a cena... Na sala reinava um silêncio sepulcral... Nenhum dos dois parecia ter a menor ideia de que a filmagem começara... A cena passava-se no interior de um navio de contrabandistas. Dois marinheiros muito mal-encarados, tristes e de presença do comandante, uma jovem loira, formidável. A pobre, estava debruçada nas mãos dos seus pais, que, sem compaixão, a arrastavam pelo

soalho... O Faisca hipnotizado pelo ambiente, esqueceu-se, pouco a pouco, de que estava num estúdio... Aquela malhada a jovem loira, comprando a bola-luz com os seus... De repente, o comandante levantou-se e, apressado a seu vulto pelos cabelos, arrastou-se para junto da mesa... Os olhos do Faisca cercaram-se de cólera... — «Dê-lhe!» — respondeu ele, por entre dentes. — Três homens contra uma, fraca mulher... A jovem soltava gritos lancinantes. De repente, correu-lhe uma das mãos que a seguravam... Certo momento, os olhos do Faisca, correndo no seu pérgamo, agarraram-se, encandido o corpo de uma mulher formidável... Então, o Faisca perdeu a cabeça. Com um pulo, achou-se no meio dos banditos... gritando como um desalmado... O comandante, surpreendido a princípio, adquiriu a sangüínea e atirou-lhe com um biscoito. Mas o Faisca, habituado a comer biscoitos, evitou a pancada, e o biscoito foi para a cabeça do outro bandito, que caiu por terra, sem sentir um prurido... — «Algo não!» — exclamou o Faisca, avançando, de olhos escarlates, para o seu adversário, que recuou, amassado, diante daquela formidável detença... Mas, nesse momento, o Faisca sentiu uma forte pancada na cabeça... Voltou-se rapidamente, e viu, na sua frente, uma dúzia de homens, armados de enormes canoas.

Eravam os empregados do estúdio, que, surpreendidos, ali ali, com aquela insolente intervenção, tinham reagido, por fim, sobre os cães... Então o Faisca ergueu-se! Avançou, resvalado, contra os seus novos adversários e atirou-se-lhes às cabeças como gato e rato! Faisca que estava a comer arroz doce... com muita calma, e claro... No estúdio há um relógio de mil dólares! De súbito, ouviu-se uma voz penetrante: «Faisca! Faisca! Está quieto!»
Ao ouvir daquela voz, o Faisca estremeu. No seu coração, manifestou, entre os seus adversários... Em compensação, na cabeça do Faisca, desferiram-lhe quatro golpes consecutivos. Centelha e Tom Mix, correndo aquela volta, viraram a ver o que se passava. Caldeou-se a cólera do célebre polícia, ao ver os distúrbios do Faisca...

Preparava-se para ir arrastar-se para a porta, quando o relógio do filme, que mostra a tudo, impiedoso, se agitou sobre o Faisca e lhe disse: — «Sobretudo! Responde! Colossal! Fica a mulher com o filme! Queira aceitar as novas paradas e passar um resto de mil dólares pelo seu esplendido trabalho...»
O Faisca, ainda atordoado pelas pancadas que apanhara, piscou os olhos, sem perceber lá muito bem... Entretanto o relógio voltou-se para Centelha, dizendo:

— «O senhor possui um cão admirável, prodigioso!... Queira vendê-lo! Não faço questão de preço...»
— «E' o verdade...» — respondeu o famoso polícia. — Não há freira que pague o meu querido Faisca!

De instantes depois, o célebre cão passava e recuava, recebendo, em troca, um punhado de notas de banco... — «E o ganho dos sobretidos!» — perguntou ele. — Já está pronto, — explicou o Centelha

— foi sucedido em flagrante delito pelo guarda do estúdio... — «Seu senhor!» — concluiu o Faisca, apertando a cabeça. — Foi uma brilhante ideia, mas não houve de agarrar tróia!... Foi isso tudo! Estava com tantos desejos de ver as estrelas...
— «Das estrelas, os dois heróis regressavam a Portugal, dispostos a gozar os mil dólares, tão mercenariamente ganhos pelo Faisca...»

Anexo P- Faças do célebre detective Centelha e do seu famoso cão-polícia Faisca, de José Oliveira Cosme, ilustrado por Carlos Ribeiro.

O SENHOR DOUTOR

Para manhoso...

Conto por D. Virginia Lopes de Mendonça

Dom Raposinho Manhoso e sua esposa, Dona Raposinha, achavam que o mundo mudara muito desde La Fontaine.

Há quanto tempo Mestre Córvo não deixava cair um queijo e as galinhas e os galos, prevenidos das suas manhas, tomavam sérias precauções, para não ir parar aos dentes daquele par esfomeado!

E o caso é que os dois Raposinhos andavam mal alimentados, sempre quicquiosos de caimbras no estômago, o que era sinal evidente que aquilo lá por dentro andava vazio!

A senhora, então, mais achacada e fraca das pernas, lamentava-se, amargamente:

E, uma bela noite, apanharemos a patinha desprevendida, que, no melhor do seu sono, passará para o nosso bucho.»

Dona Raposinha escangalhava-se a rir, achando uma graça infinita, á maneira como o marido expunha o caso.

«Teremos festa riça, que nos recordará o belo tempo dos nossos festins!»

E os dois, muito bem dispostos, conspiraram horas e horas, fazendo projectos sobre projectos.

No dia seguinte, estava o senhor Doutor Patareco muito sossegado da sua vida, quando lhe entrou pela porta dentro Dom Raposinho, de queixos atados e ear dorido.

Logo o doutor adivinhou marroscas graúdas, na atitude do cliente matreiro.

Já há muito o via rondar pelos arredores da sua capoeira, conhecia-lhe a manha e as tréguas.

Mas também era manhoso o pato dentista, e, todo briso de delicadezas e finuras, indicou-lhe a cadeira das operações: «Tenha a bondade de se sentar. Não amarrote o seu rabinho nas traves da cadeira... De que se queixa, Dom Raposinho?»

«Ai! Ai! meu rico dente!» gemia o hipócrito, olhando de revés para os recantos da casa.

«Não tenha medo.

Abra a bôca». Ordenou o clínico.

«Se me fizer doer, apesar do doutor ser um patareco já velhote, já entradete, meio deperado e enfezado, trilha-o nos dentes, como um reles estorninho!» berrou Dom Raposinho, com ar feroz e ameaçador.

«Não há perigo! não há perigo!» ia dizendo o doutor, muito plácido, enquanto preparava uma data de escovinhas, limas, ferros e tesouras.

Em seguida, abriu um frasco e pô-lo debaixo das ventãs do paciente.

«Respire!» disse-lhe, autoritário, a pesar da sua desconfiança Dom Raposinho não teve mais remé-

«Envelhecemos marido! Já não temos espírito inventivo, já não temos vista perspicaz, pernas para correr nem ouvido apurado! Ainda nos ficaram os nossos belos dentes, bem aguadinhos, mas, de que nos servem, se nada aparece para se trincar? — Tu ainda te gabas da tua dentuça, porque, cá por mim, tenho um maldito dente, todo pódre, já negro, que me dóe que tem diabo! A carne tenra dos capões do nosso tempo, desapareceu...»

Num suspiro, ela continuou: ... «e os belos frangos ainda meninos!»

A estas recordações saudosas, abanavam as orelhas, com um ar murcho, numa grande desanimação.

Até que, certo dia, Dom Raposinho, exclamou, triunfante: «Tenho uma ideia!»

Logo ela, sacudia o rabinho meio pelado.

«Ora aí está uma coisa que não te sucedia há séculos!» disse a madama, com uma voz aumada. «E que ideia é essa?»

«Ouve lá bem! Descobri no casalião, ao fundo da estrada, um velho pato...» «Obrigadíssima, é muito duro»... resmungou Dona Raposinha.

«Deixa-me acabar! Não te impacientes! Esse pato velho tem uma filha, uma linda patinha, muito gorducha, que quando se banha, mostra bem as banhas do seu corpo elegante. Deve ser suculenta atoucinhada»...

A baba escorria da bôca do compadre Raposinho á lembrança da bela patinha. «Não digas manhas, que até desmaio de comoção!» exclamou Dona Raposinha, toda emocionada.

Mas o marido coçava agora a orelha, cabisbaixo e pensativo.

«O pior, mulhe, é que a tal patareca não sai nunca».

E filha de família. Eu mal a entrevi pelo buraco da fechadura.»

Ficaram os dois calados, numa atitude concentrada, a matutar no meio de não perder tão bom petisco.

Por fim, foi ainda Dom Raposinho que, batendo na testa, teve uma exclamação de júbilo.

«Acie, minha amiga! Vou tratar-me do meu dente podre ao consultório do doutor patareco. Assim, sei os cantos á casa... a que horas recolhe a família e se fecha o consultório.

dio senão fugar aquele cheiro enjoativo... e vai, caiu a dormir, porque o frasco tinha dentro clo-rofórmio.

Como o velho pato ria, ria, dando às asas e fazia ido: «Coá! Coá! Coá!»

Depois, sem se apressar, foi arrancando os dentes, um por um a Dom Raposinho manhoso. Começou pelos terríveis caninos, que eram o terror das fracas galinhas e continuou pelos queixais que tantas vítimas haviam trincado.

Quando acabou, com todo o cuidado, enxugou o sangue, lavou o cliente com água de colônia, fê-lo voltar a si, e, estendendo-lhe um espelho, disse-lhe, ironicamente:

«Que tal se acha Dom Raposinho?»

Este, atordoado, esfregou os olhos, abriu e tornou a abrir a bôca, varias vezes.

Por fim, ao sentir aquela grande impressão dentro de si, compreendeu a partida que o manhoso do pato lhe prepara:

(Conclui na pag. 11)

— 6 —

Para manhoso...

(Conclusão da pág. 6)

«Maroto! Patife!» berrou, furioso, saltando sobre o patareco. «Vou-te...»

«Trinque-me lá como um reles estorninho, senhor Dom Raposinho» replicou o dentista, muito calmo. O outro tremia, impotente, enraivecido.

Então, o doutor tocou uma campainha.

Apareceu logo uma linda patinha, fresca, apetecível e rechonchuda.

Que belo manjar para uma raposa esfaimada!

«Minha filha», disse o dentista, «acompanha o cliente...»

E Dom Raposinho, vexado, desdentado, furioso, fugiu pelos campos fóra, uivando, numa agonia de dor e de raiva.

VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

Anexo R- "Para manhoso...", de Virginia Lopes de Mendonça

O senhor doutor, nº 7, 29/04/1933, p. 6 e 11. Fac-Símile.

Biblioteca Nacional de Portugal

Que feio... ser invejoso!

CONTO DE EMÍLIA DE SOUSA COSTA

— Sérgio, se continuas, castigo-te! — exclamava, severa, a mãe deste menino de dez anos.

Ordenara a boa senhora ao seu filho, que entretivesse Ligita — a irmãzinha mais nova, enquanto ela e as criadas procediam a certos arranjos de casa. Sérgio, em vez de brincar com a pequenina — fresco botãozinho de rosa que, há pouco, fizera um ano — arreliava-a, fá-la chorar! A mãe deu á Ligita um bôlo, igual a outro com que mimoseára Sérgio. E rapidamente comera o seu e queria mais. Como lho negassem, cheio de inveja, adlige a irmã que faz beicinho e implora o socorro materno:

— Mamã, o Sérgio é má!...

— reprimenda da mãe, responde o invejoso:

— Que maldade é esta rapariga! Um par de açóites curava-a num pronto! Mas na minha ninguém toca... Se fosse eu a fazer este berreiro por nada!...

Como a pequerrucha o fite assustada, sem compreender a sua *lenga-lenga* malcriada, finge que a acaricia, tira-lhe o bôlo das mãozinhas e apanhando duas moscas na vidraça, esconde-as dentro do doce e vai metê-lo na boquilha da irmã.

Surpreendido por uma das criadas, que o censura pela má acção, Sérgio esboleta a rapariga.

Esta chama a senhora que se dirige ao filho, para aplicar-lhe o correctivo merecido. O invejoso ao escapar-se, pisa a cabeça do gato que solta mios alitivos. Atira de passagem um pontapé ao Tareco, cãozinho minúsculo e interessante, muito seu amigo, que se queixa ganindo. Atravessa o jardim, enfiando na capoeira, alarmando as galinhas, os galos, os perus, os patos, os pintainhos que esvoaçam estontecidos.

Ninguém se entende, no meio do alarido e da confusão. A mãe tenta acalmar o choro da pequenina. Aos mios do gato, ganidos do cão, *côco-côcos* das galinhas, *cá-cá-cás* dos galos, *cús-cús* dos patos, *piar* fininho dos pintainhos, juntam-se, num coro ensurdecedor, os antipáticos *glús! glús! glús!* dos perus.

Sérgio ri a bandeiras despregadas e monologa alto: — Que *chiadeira* para nada! Tudo por causa da fedelha que me *rouba* todos os beijos, todos os mimos e só me dá trabalho. — Sérgio! vê que a menina não parta o nariz, não suje o bibe e coma a sopinha! Sérgio! vai buscar os brinquedos... como se eu fosse moço de fretes! Sérgio! estuda! Sérgio! não sejas mau! Que seca! E sempre a ralharei comigo! Ninguém me pode ver, mas também!...

— Não digas isso, Sérgio — acode Elisita — irmã mais velha dois anos do que éle e que reentra do colégio. — Todos são teus amiguinhos. Tu não queres compreendê-lo, s invejoso, fazes tropelias. Esqueces que — tanto eu como tu — tivemos miminhos como a Ligita, quando eramos pequeninos. Agora, uns *tamanhões*, também havíamos de ter festinhas de bebé... até parecia mal. E eu, pouco maior do que tu, muitas vezes te vigiei!

— Já cá faltava a *doutora*! Se não queres apanhar com um peru na cabeça, vai dar sentenças lá dentro! A teleirona! Pudera tu não seres minha

inimiga! Também te lambes com doces, como a *mitida* e estás cheia de bonitos!

— A inveja cega-te, Sérgio! Os nossos pais nada compram para mim, sem comprarem para ti. Estrago pouco, tu estragas muito. Enquanto eu como pequena parte das minhas guloseimas, tu devoras as tuas e ainda partilhas das minhas. Sempre te dou...

— Sais ou queres um peru na cabeça?! — grita Sérgio, correndo atrás dos perus alarmados, no intuito de cumprir a ameaça.

Com os olhos cheios de pena, Elisita retira-se, chama o Tareco, faz carícias ao gato e suplica á mãe:

— melhor que o paizinho não saiba as tolices do Sérgio, sim mãezinha?

— Minha filha — respondeu a mãe. — A tolerância excessiva não é amor, um delicto. O teu irmão não se emenda. Será castigado. O meu dever de mãe obriga-me a corrigir os vossos defeitos, enquanto sois pequeninos. Às vezes, custa muito á minha sensibilidade. Mas Deus não gostaria que as mães faltassem á obrigação que Ele lhes incumbiu, ao investi-las da doce e grave missão de dar a vida, criar e educar.

A' hora de jantar, Sérgio, carrancudo, dá as boas-noites e fica admirado de não ser repreendido, como é costume, quando pratica maldades. Nota que os olhos de Elisita e os da mãe revelam lágrimas recentes. O jantar é triste. Apenas servido o café, o pai levanta-se e diz severo ao filho:

— Despeça-se de sua irmã. Amanhã, de madrugada, partirá para Lisboa e entrará num internato.

«Não posso permitir a continuação dos desgostos com que você martiriza a sua mãe amável. Repare como ela anda fraca, doente amargurada... Se puder, arrependa-se.

Sérgio, franze os sobrôlhos. Despede-se friamente da irmã que o abraça e beija a chorar. Dá as boas noites aos pais, recolhe ao quarto, enfurecido. Pula para cima da cama, atira murros e murros ás almofadas, faz rolar cobertores, colchas e lenços pelo chão. Quando a criada entra a apagar a luz, fica sufocada de espanto ao notar a desordem do aposento que trata de reparar.

— Oh menino Sérgio!

— Vá, diz lá: — como é mau e invejoso! É a cantiga de sempre que já cá sabia.

— Fale baixo, menino. Se a mãezinha ouvir, aflixe-se. Se o menino soubesse o que é não ter mãe, poupava a sua — tão boa e tão sua amiga — a aflições! Por minha má sorte perdi a minha. Já sei o que custa!

— Ai que bem falas, Felícia!

— O menino não tem coração!

Um sapato [vai pelo ar, bate com estrondo na porta acabada de fechar.

— Foi pena não te enfiar na cabeça, por despedida — resmunga o Sérgio resolvido agora a sossegar e dormir.

Pouco depois adormece, num sono inquieto, resultante da agitação do dia. Mas sente esmurmar-se, por entre um fiozinho de sonho, a impressão de que a mãe, soluçando, o beija e a seu lado faz um sôpro de oração. Ouve ainda uma voz meiguinha: — Meu filho! Que Deus fale e abrande e alume o teu coração, para que sejas bom e percas o defeito de invejoso!

Entra Sérgio no colégio e logo a disciplina, a maneira fria e correcta como o tratam — sem o relevo de ternura a que está habituado — o obrigam a compreender a diferença entre os afectos reais da família e a cordialidade dos estranhos — em que não existe, nem pode existir, a maciez da tolerância paterna. Ele que em casa se supunha vítima de más-vontades, começa a perceber que fora injusto. Os companheiros não lhe dispensam a amizade generosa de Elisita. São apenas colegas e implacáveis para as suas faltas, quando o mau gênio o arrebatava. Aos castigos suaves dos pais, sucedem-se correcções sérias, privações de recreio, repetição de exercícios, notas más que o vexam perante os camaradas. Mas o pecado de inveja não diminui. Por isso, só um amigo conquista — um excelente rapazinho de doze anos, que veste rigoroso luto e trás nos olhos azuis reflexos de celestial bondade. Alvaro, ao ver Sérgio malquerido pelos outros, chama-o sempre para junto de si. Esta bondade, se impressiona Sérgio, não o cura do mal de inveja.

Alvaro possui uma pequena mala com objectos que excitam a cobiça censurável do amigo: vários álbuns, bonitos chinezes, um relógio. Principalmente certo sobrescrito, que deve encerrar preciosidades, porque o dono nunca deixou ver o seu conteúdo, é alvo de estranhos olhares...

Sérgio chega a passar noites sem dormir, a pensar no misterioso sobrescrito.

(Conclui na pág. 11).

Que feio... ser invejoso!

(Conclusão da pag. 6)

O professor nessa manhã, dia de feriado e de *matinée* no Coliseu, explica as lições do dia seguinte. Os alunos tomam as notas precisas nos seus cadernos. Ouve-se um ruído singular. O professor mira em roda e ao vêr Sérgio de pé, vermelho e com os olhos zangados, interroga:

— Porque não escreves?

— Parti a pena... o senhor professor fala tão depressa, que não posso acompanhar a explicação!

O professor calmo e sem palavra de censura, toca a campainha e diz ao criado que vem à chamada:

— Traga um copo de água ao menino Sérgio e uma caneta. *Partiu-se-lhe* a outra.

Sérgio nega-se a beber a água. O professor ordena imperativo:

— Beba, para aquietar os nervos. Hoje não assistirá à *matinée* do Coliseu, por estar *incomodado*. Continuemos os nossos trabalhos.

Sérgio nem esboça resistência. Bebe um gole de água, senta-se e trabalha.

Após o almoço, vê sair os condiscipulos e fica na sala de estudo. Não está sózinho. O bom Alvaro, condoído do seu abandono, pedira e obtivera licença de acompanhá-lo, justificando com o seu luto a falta de prazer na assistência às festas alegres das palhaçadas.

Enquanto Sérgio, cabisbaixo, sombrio, encosta a cabeça às mãos, Alvaro vai à camarata, trás a sua pequena mala e procura distrair o amigo:

— Vê tudo isto, Sérgio. Escolhe nos meus bonitos, ou nos meus albuns, o que te agradar.

— Dá-me o sobrescrito, que nunca me mostraste — solicitou o invejoso, com os olhos coruscantes.

— O sobrescrito não. Nem a tróco da própria vida, eu o daria a alguém — recusa, solene, o Alvarito.

Sérgio esquece a generosidade do amigo, impulsionado pelo mau sentimento causador de tantos pezares. Lança a mão ao sobrescrito. Sófrego de coíça, vai a apoderar-se dele, quando Alvaro o recolhe e em dois saltos se afasta para a extremidade da sala. Fóra do alcance do ingrato, abre-o, tira um retrato de senhora ainda nova, chama Sérgio que se aproxima, envergonhado e diz-lhe com a voz entrecortada de soluços:

— Vês? E' o retrato da minha mãizinha, morta há cinco meses. Ajoelhemos. Reza comigo por sua alma. Ela pedirá por ti ao Senhor... e para te conservar a tua, santa como era a minha.

Sérgio sensibilizado, reza e chora. Só então as palavras doridas do pai e o fiozinho de sonho, na véspera da entrada do colégio, lhe vêm à lembrança, o fazem estremecer. E um arripio lhe trespassa o coração ao pensar:

— Se a minha mãe morresse... que desgraça!

Desde esse dia, Sérgio modifica-se a olhos vistos. O que não puderam súplicas, advertências, castigos, conseguiu-o a ternura filial dum menino bom, que conserva em sua alma, branquinha e linda, a recordação dulcíssima do amor da sua mãe e considera o retrato da querida morta o mais precioso dos seus tesouros.

Sérgio, quando algum bem alheio o tenta, reprime-se logo e murmura de si para si:

— Que feio... ser invejoso!

E é meus amores...

E como é belo ser bom e generoso!

EMÍLIA DE SOUSA COSTA

Anexo S- "Que feio...ser invejoso", de Emília de Sousa Costa

O senhor doutor, nº 1, 18/03/1933, p. 6 e 11. Fac-Símile
Biblioteca Nacional de Portugal

Conversa com Ana Maria

CONTO DE ANA DE CASTRO OSÓRIO

— Vais para a escola Ana Maria?
— Sim avó; hoje é dia de Escola...
— Então, como o Tonéca diz nos versos do avôsinho, podes recitar:
«Vou depressa para a escola
«E confesso que contente...
— Para dizer a verdade, avó, eu na Escola só estou contente quando venho para casa.
— Então não gostas de saber?...
— Sim eu gosto de saber mas não é o que se

— Dia Santo? Não me parece, não vejo êsse feriado no Almanaque...

— Sim, era dia de Santo António.

— Mas não é dia feriado.

— E' que a Senhora professora disse que não era feriado, mas se não quisesse ir que não fôsse, que me não marcava falta.

— E tu não quiseste?! Não honraste o grande português que foi Santo António de Lisboa ou de Pádua, porque nasceu aqui e lá morreu, um dos mais ilustres homens do seu tempo, um sábio que deslumbrou o mundo e ficou a viver em eterna glória pelo seu muito saber!...

— O' avó, a toutinegra que móra na nossa varanda já hoje andava a ensinar os filhinhos a voar. Se visse que lindos, que engraçadinhos!... Leva-os para o parapeito, depois chama-os do ninho, e eles lá iam, a tentar as azinhas trémulas... Ai que lindos! Pareciam a Zebelina a fazer tentens!...

— Devia ser lindo, devia! Mas a pequenina toutinegra tenho a certeza, não faltava, por querer, a lição. Não te parece? E' necessário aprender para voar sem amparo e é na Escola que se tenteiam as azas para o nosso espírito subir muito alto e soltar à vontade o canto triunfal de uma vida útil e alegre, abrindo as azas a todo o pano, sem hesitação.

Não queiras ser como a borboleta, vaidosa da sua beleza que dura pouco, e, no fundo, não passa duma pobre e miserável lagarta inútil e a maior parte das vezes prejudicial.

— Mas as simpáticas abelhinhas também não saiem daqui.

— Quanto te enganas!... As abelhinhas trabalham, trabalham... Oh! Quanto trabalham as simpáticas criaturas e que difícil é o seu aprendizado! E voam muito alto e muito longe a procurar o alimento e a água, se não têm perto o que lhes é necessário; mas quando fazem êsse trabalho não produzem mel e cêra dentro da colmeia e é o motivo porque se devem proteger, plantando flores e arvores que lhes garantam o sustento e água pura e corrente que lhes mate a sede.

ANA DE CASTRO OSÓRIO

aprende na Escola. E' aqui, ouvindo vocês conversar e a Mademoiselle a falar francês.

— Olha Nécas, o que se aprende nas escolas interessa pouco, de facto, quem já sabe e tem visto e ouvido muita coisa, como tu, não é necessário saber o que se aprende na Escola porque é o que sabe toda a gente; e só depois de sabermos o que toda a gente sabe é que podemos aprender o que verdadeiramente nos interessa e nos torna superiores. Assim, não devemos deixar passar um dia da nossa vida sem aprendermos alguma coisa de novo.

— Está bem avó...

— Então ontem não fôste á escola? Parece-me que era dia de lá íres.

— Sim, era, mas não fui porque era dia Santo...

Anexo T- "Conversa com Ana Maria", de Ana de Castro Osório

A ZOOLOLÂNDIA -- A ESCOLA

A Zoololândia, como o seu nome indica, é a Terra dos Bichos. Onde esta fica é um segredo que pertence ao "SENHOR DOUTOR" e que ele não revela nem à mão de Deus Padre!

Um dia, porém, de grande importância que é, o "SENHOR DOUTOR" resolveu apresentar aos seus alunos alguns aspectos da vida naquele país, o único onde os bichos ainda falam.

A escola primária da Terra dos Bichos, é, como não pode deixar de ser, situada em plena floresta. Mestre Urso, portanto, é o professor que não desculpa a mínima falta de alunos.

A maioria de cinco alunos lá está pendurada na sua carteira para chamar à ordem os recalcitrantes! Mas pelo que se vê, os alunos não são de qualidade de se amedrontarem

com o seu gênio terrível. O menino Elefante, por exemplo, em vez de estudar, está a brincar com o seu amigo Crocodilo, enquanto Papagaio Lorro despeja uma bota de cola-tudo sobre a cauda do Ratão que é dos alunos mais atentos! Por trás de uma árvore, o menino sapãozinho, dorminhoco como sempre, vai fazendo a sua sesta.

Não tem vergonha nenhuma! O menino porcochão que parece ter juízo, só pensa no almoço que o seu pai lhe trouxe. A Girafa não sabe o que é o estudo, mas a Rã vai tratando de o roubar sem que ele dê por isso! A Gafeta não sabe o que é o estudo, mas a Rã vai tratando de o roubar sem que ele dê por isso! A Gafeta não sabe o que é o estudo, mas a Rã vai tratando de o roubar sem que ele dê por isso!

Além disto tudo, parece que a bicharada não tem horas para entrar na aula. Já a lição vai em meio quando o Patinho se decide a entrar, e lá longe, na clareira da floresta, os outros animais chegam. A Serpente só agora chegou, e os outros animais chegam. A Serpente só agora chegou, e os outros animais chegam.

Não! Por mais que me digam, aquilo lá pela Zoololândia, apesar da severidade de Mestre Urso, não anda certo!

Li na vossa escola não é assim, pois não?

Anexo U- A Zoololândia- A Escola, de Carlos Ribeiro

O senhor doutor, nº 3, 01/04/1933, p.12. Fac-Símile
Biblioteca Nacional de Portugal

Primeira mentira de Carlos Alberto

Conto original de ODETE PASSOS DE SAINT-MAURICE

Dedicado ao meu querido jornal «O Senhor Doutor»,
a todos os seus leitores e ao nosso amigo «Doutor
Lombriça».

O Carlos Alberto era um rapazinho extraordinário. Vivo e esperto, azougado e meigo, turbulento e pensativo, formava todo ele um contraste tão violento que todos quantos o conheciam se admiravam. Carlos Alberto era bom e mau, triste e alegre. O seu génio era um enigma que os próprios pais não conseguiam decifrar. E a verdade é que não tentavam mesmo profundar aquele enigma. As boas qualidades dele eram tão fortes que as más sucumbiam sob as outras. Mas o que, sobretudo, admirava quem o conhecia era que da boquilha de Carlos Alberto, até aos 12 anos de idade, já mais saíra uma mentira.

E se mentiu um dia (a vez primeira) foi porque a sua bondade a isso o impeliu.

Carlos Alberto tinha um primo (o Jorge Luís) mais novo que ele dois anos. O garçito era em tudo semelhante ao primo, mas a excessiva severidade dos pais estragava-o. A criança, habituada a ser em tudo contrariada, castigada com os mais cruéis castigos pelas más insignificantes traquinices, tornara-se desconfiada, fazia as coisas às escondidas.

Com o falso dilema de que só castigando e batendo se educam as crianças, os pais de Jorge Luís haviam feito com que ele, sempre recoso dos castigos, se tornasse mentiroso, negando todas as pequeninas faltas cometidas, faltas que o Carlos Alberto confessava, de cabeça levantada, aos pais, sempre certo da sua indulgência, ou, então, recebendo sereno os castigos impostos, mas não muito severos. E assim os dois rapazinhos, bastante semelhantes, eram diferentes pela diferença de educação.

Certo dia, Carlos Alberto e Jorge Luís, estavam sozinhos em casa do primeiro. Brincavam às escondidas.

Numa das ocasiões em que, passando junto duma mesa na qual estava um lindíssimo jarro da Índia, oferecido pelos pais do Jorge aos pais de Carlos, aquele, tropeçando na carpete, fez com que o belo jarro, caindo do seu poiso, se fizesse em mil bocadinhos.

Apavorado, Jorge Luís recuou, e escondendo o pálido rostinho nas mãos, desatou a soluçar convulso e nervoso. Carlos Alberto, mal refeito ainda do susto sofrido, tentava, em vão, consolar o primo.

Não compreendia aquele choro. Mas quando Jorge Luís lhe confiou o seu receto, o rosto moreno de Carlos Alberto desanuviou-se. E com uma palmadita no ombro do primo, sossegou-o dizendo-lhe ao mesmo tempo:

— Olha lá, Luís: faça eu o que fizer, nem pio, ein?

Momentos, depois, chegavam os pais dos dois rapazes, e dirigiram-se ao salão onde os encontraram.

Jorge Luís, já sossegado, via pausadamente uma ilustração. Carlos Alberto, com o cotovelo apoiado numa mesita, a cabeça pousada na mão, parecia meditar.

Mas ao entrar, imediatamente o pai do Carlos viu o desastre sofrido pelo jarro, no qual punha uma grande estima. No entanto, foi com calma que perguntou:

— Quem fez esta linda obra?

Os pais de Jorge que entando logo a seguir, haviam percebido o sucedido, julgaram ler no rosto do filho a falta cometida. O pai dele aproximando-se, sacudiu-o por um ombro, dizendo-lhe:

— Ah! se foste tu, meu presente...

O garçito desatou a chorar.

Mas Carlos Alberto ergueu-se e, em frente do pai, disse:

— Quem quebrou o jarro, fui eu, meu pai.

O pai ergueu a mão e indicando-lhe a porta, disse com brandura:

— Vai para o teu quarto. — E depois, mais baixo — Tu mentes, meu filho.

E Carlos Alberto, no mesmo tom — Não, meu pai.

O pai de Carlos mandou sair o sobrinho e, durante largo tempo, conversaram os dois irmãos.

O que eles, nessa conversa, disseram, não sei. Mas o certo é que Carlos Alberto foi, com ternura, beijado pelos pais e pelos pais, que lhe disseram:

— Sabemos tudo...

Mas, desde então, Jorge Luís foi educado doutra maneira e tornou-se como Carlos, um sobrinho modelo.

E foi esta a primeira e única mentira de Carlos Alberto

F I M

NA CESTA DOS OVOS

No armário da cozinha
meteu a criada, um dia,
dois ovos, numa cestinha
onde já outros havia.

E êsses, nos hóspedes novos,
viram, com pasmo inaudito,
que na casca dos dois ovos
certo nome estava escrito.

— O que será, que será? —
diziam em voz baixinha.
— Isto nunca se viu cá!
Não são ovos de galinha!...

Mas que coisa tão esquisita
trazer na casca um letreiro!
E' o bilhete de visita
e o nome é nome estrangeiro.

Serão ovos bons, serão?...
Talvez de pata ou perua...
Como nós é que não são!
Se os puzéssemos na rua?...

Os hóspedes da cestinha
berraram muito zangados:
— Somos filhos de galinha,
nobres dos quatro costados!

O nosso pai era um rei!
Tinha c'roa na cabeça,
era fidalgo de lei!
A nossa ama uma condessa.

Leghorn era nossa mãe!
Nobre de terras distantes,
usava c'roa também
e trajes mirabolantes!

Quando nascemos, então,
houve festa rija e brava.
E, cheio de animação
el-rei nosso pai cantava.

O Palácio — a capoeira —
situado num jardim,
coberto de trepadeira,
onde floria o jasmim,

Era tão lindo, tão lindo,
tão lindo entre as coisas belas!...
Por telhado o céu infinito
recamadinho de estrelas.

E o rei tinha um bebedeiro
aonde, ao dar meio dia,
bailava o sol todo de oiro,
que êle, encantado, bebia!

E' por isso que o seu canto,
quando nosso pai cantava,
vibrava, subia tanto
que nenhum o igualava!

Tinha inveja a cotovia,
invejava-o o rouxinol,
é que no seu canto havia
um pouquinho de sol!

A nossa alma é toda clara!
De oiro o nosso coração!
Somos duma espécie rara,
duma outra condição!

Há poucos ovos assim...
Nenhuns nos levam a palma
pois temos sol e jasmim
no coração e na alma!

Nós somos ovos de raça,
e vós, sem eira nem beira.
Sois filhos da população,
de mãis sem ter capoeira.

Vossos pais, diga-se aqui —
coitados, metiam dó!
Eram de qui-qui-ri-qui
e não de có-có-ró có. —

Os outros ovos, calados,
já não faziam chacota
pensando muito vexados:
«Demos uma grande bota!»

Nisto, pela cozinheira,
foram os dois agarrados.
Iam para a frigideira
para os fazer estrelados.

Mas quando os ovos partia
— foi caso de arrelhar! —
teve de os deitar na pia
que o cheiro era de tombar!

E' que os ovos — que irrisão! —
que de toleima eram ôdres,
tinham alma e coração
não de oiro e jasmim... mas pôdres.

.

Como os ovos, gente tôla,
vemos a cada momento:
«Fora, cordas de viola,
por dentro, pão bolorento».

LAURA CHAVES

Anexo W- "Na cesta de ovos", de Laura Chaves

O senhor doutor, nº 2, 25/03/1933, p.3. Fac-Símile
Biblioteca Nacional de Portugal

DIVAGAÇÕES MITOLÓGICAS

II — A Senhora Dona Cibeles

D. Cibeles era filha de Urano, isto é do Céu, e foi esposa de Saturno. Quando era menina e moça foi exposta no monte Cibeles, donde lhe veio o nome, não se sabe bem para quê. O caso é que as feras que ali habitavam, longe de lhe fazerem mal, tomaram a seu cargo a criação da petiza. Assim escapou, e, para comemorar o facto, deram-lhe então o nome da montanha onde tal prodígio se dera; daí se tornou a chamada «menina-prodígio».

Ao que parece era muito dada à música, sendo festejada ao som de pratos e tambores, pandeiretas e aparelhos de telefonia, quer dizer os mais mavisos instrumentos que se têm inventado para bem dos dos nossos ouvidos!

Foi esta senhora quem, como lhes tivemos ocasião de contar no nosso número anterior, impingiu ao marido gato por lebre, perdão, pedra por menino, isto para que o marido não faltasse à palavra dada a Titan. Foi assim, enganando o marido, que conseguiu salvar a Júpiter, Neptuno e Plutão.

Esta distintíssima dama passava geralmente a vida, ao que se diz, sentada no chão, no meio das montanhas e dos bosques, cercada de animais, tocando pandeireta, ao que parece, divertidíssima.

Outras vezes dava-lhe para passear, vestida de verde, com uma coroa de torres na cabeça, num carro ao qual atrelava dois leões com a mesma facilidade como se se tratasse de burros...! Levava sempre na mão uma grande chave que lhe servia, na primavera, para abrir a vegetação e fecha-la no inverno, sem contemplanções de espécie alguma.

A Cibeles houve também quem lhe chamasse Vesta — que mania esta de pôr alcunhas! — mas aí há grande consusão. Vesta era filha de Cibeles e a sua história ser-lhe-há contada a seu tempo.

Por agora só lhes diremos mais que, quando Júpiter mandou passear o Pai Saturno, Cibeles acompanhou-o à Itália, e tantas coisas boas ali fizeram os dois que o sr. Mussolini nomeou-os fascistas honorários!

Anexo X- “A senhora Dona Cibeles”

O senhor doutor, nº 2, 25/03/1933, p.2. Fac-Símile
Biblioteca Nacional de Portugal

O COLAR DE COBRE

Primeira parte — HASSAN, O TUBARÃO

II

J. MAHAN

Gastão ficou, durante alguns instantes, em frente do divan onde repousava o corpo inanimado do seu hóspede.

— Talvez não esteja morto — pensava.

«Têm-se visto casos de letargia, verdadeiramente extraordinários!

«E o tio Carlos? Ah! quando ele tomar conhecimento desta história, põe-me na rua e desherda-me, com certeza!

— Gastão! Gastão! um suspiro capaz de destruir um avião, aproximou-se do divan e sacudia novamente aquele homem misterioso.

Então, cheio de raiva, furioso, tornou-se feroz.

Acendeu fuma-vela, aproximou-se de Askabad, pegou lhe num braço e começou a queimar-lhe lentamente os dedos.

Espalhou-se pelo quarto um cheiro a carne queimada e Gastão mal conteve um grito de alegria quando sentiu o corpo do velho estremecer.

Askabad abriu os olhos... e, ao mesmo tempo, do cobertor que envolvia o corpo do velho saiu um enorme e horrível lagarto vermelho, de boca aberta...

O imundo animal caiu aos pés do estudante e preparava-se para o atacar, quando Gastão o esmagou com o tacão da bota.

Askabad que assistiu a tudo, soergueu-se e começou a falar com uma voz quasi impercível:

— Eu... quasi morto. Lagarto *Kiajes*... Estou pronto... Durja-se ao soltão... muito dinheiro! A bota! A minha bota! Tira-me a bota!

Gastão seguiu a direcção do olhar do moribundo e viu duas botas de couro vermelho ainda calçadas nos pés do velho.

— As botas! Tira as botas — insistiu Askabad.

Istintivamente o estudante obedeceu e descalçou-lhe as botas.

— Corta os tacões — articulou ainda Askabad, com uma voz cada vez mais débil.

O rapaz obedeceu. Sem pronunciar uma palavra, pegou numa faca e arrancou o tacão duma das botas.

— Bom! — murmurou Askabad, que fixava a bota com um olhar estranho.

Gastão, estupefacto, descobriu então, escondidos numa cavidade, oito magníficos diamantes azuis.

— Na outra bota... a mesma coisa. Os diamantes são teus...

— Quere que eu arranque o tacão da outra bota — perguntou o rapaz.

— Sim. Depressa! Eu vou morrer!

Gastão obedeceu. E encontrou então no couro, uns rabiscos bairros, que formavam sete colunas.

— Vai... guarda dinheiro, diamantes, tudo... Tira a carteira... E entrega essa bota a Misri, em Montlhéry. Prometes?

Apertou, com força a mão de Gastão.

O estudante murmurou:

— Prometo.

— Palavra de honra? Mas não digas a ninguém...

— Sim. Dou-te a minha palavra de honra de que irei levar esta bota a Misri, em Montlhéry. Mas onde mora?

— Misri? Pensão... Pen...ção! Ah!

O velho não pôde acabar. A sua cara tornou-se negra e o desgraçado ficou imóvel, a boca aberta, os olhos fora das órbitas, as mãos pendentes, um fio de baba vermelha na comissura dos lábios.

Estava morto.

Gastão não pôde sustentar um grito!

— Desta vez, sim, está bem morto.

O rapaz já não acreditava que o seu estranho hóspede fosse um doido.

Apesar de não ser muito forte em minérologia, tinha a certeza de que os diamantes escondidos no tacão da bota eram de grande valor.

Askabad não exagerava ao afirmar que era riquíssimo.

Mas quem seria esse Misri que morava em Montlhéry? E que continha a carteira de que o morto lhe falara?

Gastão desaperçou o casaco do desgraçado, e só então reparou em quatro pequenos pontos que existiam debaixo da orelha. Eram, sem dúvida nenhuma, as feridas feitas pelo lagarto.

Vasculhou as algibeiras do velho e acabou por encontrar a carteira. Abriu-a e verificou que continha 700 libras em notas, uma cédula de quinhentos francos, e dois bilhetes de caminho de ferro para Marselha, além dum passaporte devidamente visado e legalizado em nome de Selim Askabad, subdito português, de Mombaca, e uma folha de papel de cartas da *Companhia da Navegação Peninsular e Oriental*, sem nada escrito.

— Aposto mil francos contra um sou que este pobre velho — pobre é uma maneira de falar! — foi assassinado. Os seus inimigos não queriam que ele fosse a Montlhéry... e estes dois bilhetes de caminho de ferro parecem provar que ele tencionava deixar Paris o mais depressa possível, sem dúvida com esse Misri que eu prometi procurar.

«Cumprerei a minha palavra, mas antes vou confiar tudo ao comissário da policia. São capazes de me acusar de ter morto o velho para o roubar! Era o cúmulo!

«E o tio Carlos? Sim senhor! Estou metido em bons lençóis!

Durante alguns minutos pensou, aflito, na sua situação e no espírito severo, estreito, do seu tio, que lhe proibira, duma maneira terminante, receber na sua casa qualquer hóspede. Depois desta aventura estava convencido de que

o seu tio nunca mais lhe pagaria os seus estudos nem consentiria que permanecesse no pavilhão.

— Tudo isto por ter sido caridoso! Tanto pior — murmurou ele — cumpri apenas o meu dever! Por agora só tenho uma coisa a fazer: ir ao comissário da policia!

Metodicamente, o estudante, com a ajuda duma tesoura, cortou o couro da bota onde estava traçado os misteriosos sinais. Depois, retirou os diamantes, e fez um pacote de tudo: as joias, a carteira, e o bocado de couro.

Em seguida foi tomar um banho, vestiu-se num momento meteu o pacote dentro da algibeira e saiu.

Dirigiu-se rapidamente para o comissário da policia. Mas ainda não tinha percorrido duzentos metros quando se lembrou de que lhe esquecera manir-se dos papeis de identidade — a primeira coisa que o comissário da policia lhe pediria, com certeza.

Aborrecidissimo resolveu voltar a casa.

Quando chegou à rua de Verneuil, viu um automovel parado em frente ao pavilhão.

Apressou o passo. Mas, antes que chegasse à porta, o automovel partiu a toda a velocidade.

Intrigado, desatou a correr e verificou, com espanto, que a porta que ele deixara fechada à chave, estava aberta!

Entrou, subiu a escada, penetrou no gabinete de trabalho e deu um grito de espanto: o cadaver de Askabad tinha desaparecido!

Foi inutilmente que o rapaz o procurou desde as caves ao solão.

— Foi a pessoa que ia no automovel que o levou — murmurou ele — Tudo isto parece um sonho!

Maquinalmente, Gastão entrou no seu escritório e quando abriu a gaveta da secretária, para procurar os seus documentos de identidade, saltaram-lhe de repente dois lagartos vermelhos, semelhantes àquele que matara há pouco tempo junto do velho.

Um passou-lhe por debaixo do hombro e caiu no tapete, enquanto o segundo se agarra ao tórso do sobretudo, que mordida furiosamente.

Gastão, sem saber bem o que fazia, pegou no horrível animal e esmagou-o. Felizmente para ele não tinha ainda tirado as suas grossas luvas forradas, porque o animal, antes de morrer, enterrou neles os seus dentes acerados como agulhas.

O estudante teve um arrepio. Procurou com o olhar o segundo lagarto e não o viu. Devia ter-se escondido debaixo dum móvel.

— Estes lagartos foram colocados aqui em minha honra — pensou ele, enquanto tirava os papeis da gaveta. — Foi a mortecura de um iguati que matou Askabad! E estava-me reservada a mesma sorte se eu ficasse aqui... Com certeza que para os bandidos que assassinaram Askabad e roubaram o cadaver — eu sou um tipo indesejável...

Gastão interrompeu-se. Pareceu-lhe ouvir um pequeno ruído atrás dele. Voltou-se: firmes nas patas dianteiras prontos a saltar, dois pequenos lagartos vermelhos malhados de preto, fixavam no com os olhos semelhantes a bolas de jade.

E então, maquinalmente, deu um salto, cheio de terror, correu para a porta e deitou a correr, os degraus da escada.

Gastão, no dizer dos seus camaradas, era um rapaz corajoso. Já tinha feito parar um cavalo desenfreado e salvo, com risco da própria vida, uma mulher que se afogava. Mas, a visão dos terríveis reptis tinham-no quasi enlouquecido.

Tinha de confessar que estava cheio de medo, um medo pouco rasovel, mas real.

Sem saber como, encontrou-se, de novo, na rua.

Mas as suas ideias tinham mudado de repente.

Já que os bandidos tinham roubado o cadaver de Askabad não havia necessidade de prevenir o comissário — o que evitaria ao estudante o ter de afrontar a cólera e o desgosto do tio Carlos.

Este não saberia nada e tudo correria o melhor possível. Por outro lado, Gastão sentiu-se invadido pelo furor, ao pensar na horrerosa cilada de que tinha quasi sido vítima e estava resolvido a vingar-se.

— Vamos primeiro a Montlhéry! — decidiu ele — Lá arranfarei maneira de saber quem é esse Misri... Graça! ao dinheiro que me deixou Askabad, tenho com que me governar. Ah! e se eu fosse falar com o tio Pradier? Talvez ele possa ajudar-me e aconselhar-me! Sim senhor! Tive uma linda ideia em receber esse Askabad! Mas se fosse preciso recomençar, recomençaria!

(Continua)

Anexo Y- "Hassan, o tubarão" in *O colar de cobre*, de J. Mahan

O senhor doutor, nº 2, 25/03/1933, p.9. Fac-Símile
Biblioteca Nacional de Portugal

"Aldeia dos Choramingas"

CONTO FANTÁSTICO

O avô do cachimbo. Quem é?

Um velhinho, uma linda senhora de cabelos já grisalhos, uma rapariga cheia de espírito inventivo e fulgurante imaginação?

Mistério! O avô do cachimbo é o pseudónimo de alguém que vai contar aos leitores de **SENHOR DOUTOR**, histórias magníficas em que se conjuga a graça, a moral e os ensinamentos.

ERA uma vez um menino que vivia, com sua mãe, numa terra muito pobre e muito escura, conhecida pelo nome de «Aldeia dos Choramingas».

Não havia ninguém feliz na aquela aldeia. Os habitantes viviam na mais negra miséria.

A-pesar disso todos acitavam, sem revolta, o seu destino, e choravam de manhã até à noite, sem um momento de descanso.

Nas ruas, nas casas, em toda a parte, em suma, só se ouviam soluços, choros e gritos de desespero.

Os médicos tinham muito que fazer por causa das contínuas provocações pela humidade das lágrimas.

A própria paisagem chorava.

E ali, os pássaros, as flores, as conchas, etc., andavam sempre de lágrimas nos olhos...

Certo dia, o menino cansado de chorar e de ouvir chorar, resolveu acabar de vez com aquilo e foi ter com a mãe:

Mãe: eu vou-me embora.

Porquê, meu rico filho? — perguntou a pobre, ao mesmo tempo que deixava cair dos olhos verdadeiros rios de lágrimas. — Não vives bem aqui?

Estou cansado de tanta choradeira — explicou o menino. — Já não tenho mais lágrimas para chorar. Vou à procura de outra terra melhor.

A mãe olhou-o, pensativa, e disse-lhe:

— Sim... quando era pequena ouvi falar duma cidade muito linda e muito distante onde os homens não choravam, nem morriam de fome... Mas, sabe-se lá onde fica essa terra! Nunca ninguém a viu. Pelo menos, nunca nenhum habitante da «Aldeia dos Choramingas» tentou encontrá-la.

Não vás, meu filho! Resista-te a viver neste vale de lágrimas. Depressa te habitavas.

Só se o menino, disposto a correr todos os perigos para chegar à essa terra de maravilha, despediu-se da mãe, prometeu-lhe que voltaria em breve e, para não ouvir as lamentações das outras pessoas da aldeia, resolveu fugir.

E assim fez. Pela calada da noite, desceu a serra dos Suspiros, atravessou a via do rio dos Soluços, e do alto do monte do Não da Garganta, deixou um último olhar para a «Aldeia dos Choramingas», onde brilhavam ainda algumas luzinhas solitárias.

Aos ouvidos do menino chegou então um eco confuso de choros e de gritos.

Eram três horas da noite, mas os habitantes da aldeia ainda choravam!

Choro de desprêzo, o menino encolheu os ombros, chamou-lhes pulcras e pôs-se a caminho.

...

Durante muito tempo, andou, andou, sem medo nem desânimo. Só depois de muitas horas de marcha começou a sentir fome e frio.

Como não tinha manta para se cobrir nem um pedaço de pão para meter na boca, resolveu sentar-se numa pedra e começar a pensar na terra maravilhosa, para iludir a fome e o frio.

Ha muito tempo que suspeitava da sua existência! Nunca quisera acreditar que o mundo fosse criado, para os homens passarem a vida numa eterna choradeira.

Tinha a certeza de que existia, em qualquer parte, um paraíso onde não havia nem choros nem meninos pobres, mas apenas meninos felizes. Tinha a certeza...

De repente, quando estava no melhor do sonho, ouviu uma voz a perguntar-lhe:

— Que fazes aqui?

O menino levantou a cabeça e viu, na sua frente, uma mulher muito bonita com dois olhos brilhantes como espidas e um sorriso cheio de ternura.

— Estou a descansar, um bocadinho — respondeu, com voz trêmula.

A mulher passou-lhes mãos por os cabelos, e continuou a inquirir:

De onde vens e para onde vais?

— Venho da «Aldeia dos Choramingas» — tornou o menino — onde até as árvores choram, e procuro a terra maravilhosa...

A mulher pareceu impressionada com esta resposta.

— É a primeira pessoa dessa Aldeia que se atreve a atravessar o monte do Não da Garganta! — disse-lhe. — Por isso, mereces a minha simpatia! Mas, nem calculas o que tens de padecer para chegar à terra maravilhosa!

— Não importa — gritava o menino. — Prefiro tudo, àquela vida de choradeira e de miséria.

— Então vem comigo e não temas medo.

E a mulher, cheia de ternura, pegou nele e, apertou-o de encontro ao peito, carinhosamente. O menino, contente por já não ter frio, fechou os olhos e sentiu-se muito leve, como se viajasse num sonho.

Quando abriu os olhos reparou que já a voar. A mulher tornou-se num anjo de asas abertas e, em baixo, a terra confundiu-se com as nuvens.

Apesar de sentir medo, não soltou um grito. Pelo contrário: apeteceu-lhe cantar. Mas como não sabia nenhuma canção alegre (a «Aldeia dos Choramingas» só se cantava o «Noivado do Sepulcro») não abriu a boca. Deixou-se levar pelo anjo, sem uma palavra nem um gesto. De súbito, depois de voarem muito tempo, aconteceu uma coisa imprevista: o anjo deixou-o cair, com a rapidez duma flecha e, num abrir e fechar de olhos, o menino encontrou-se só no meio do ar, numa montanha muito alta. O sítio onde se encontrava era tão estreito que nem se podia sentar. Se fizesse um gesto, caía logo no abismo.

Desesperado, sem saber como havia de sair daquela situação difícil, olhou em redor. No ar, sentado numa nuvem, o anjo sorria-lhe.

— Onde estás? — perguntou o menino com a voz mais calma possível.

— No Monte da Paciência — respondeu-lhe o anjo a sorrir. — Ainda queres encontrar a terra maravilhosa?

— Sim.

— Então, abre bem os olhos e deixa-te cair no abismo.

O menino olhou timidamente para baixo e teve medo. Do abismo, saíam labaredas, braços de fogo, cabeças desganhadas, gritos, raivas!

— Abre bem os olhos para provar que nada receias e deixa-te cair no abismo — repetiu o anjo.

O menino pensou: «o melhor é não hesitar e atirar-me de cabeça! Este bom anjo protege-me, com certeza!»

E de olhos muito abertos, lançou-se no abismo, sem mais hesitações.

No mesmo instante, sentiu debaixo dos pés uma nuvem a segurá-lo e, lentamente, muito lentamente, mergulhou nas chamas.

...

Durante horas infinitas, desceu, desceu, desceu, no meio de labaredas vermelhas. Por vezes julgou que ia morrer queimado. Mas o anjo, mal via uma chama perigosa corria logo a protegê-lo com as suas asas. E a chama não tinha outro remédio senão contentar-se em chamuscar as penas do anjo.

Quando chegaram ao fundo do abismo, o menino, sem discutir as ordens do seu guia, seguiu-o resolutamente na penosa marcha através de mil animais horríveis: serpentes com olhos de fogo, monstros com cabeça de porco, paus de cavalo e trombas de elefante, macacos pintados de verde, etc.

Depois de muitos trabalhos e muitos sustos, chegaram finalmente à entrada duma caverna, funda e negra como um poço de sombra.

— Ouve — disse-lhe o anjo — aqui dentro existe uma

bicha de sete-cabeças, com sete línguas de aço, agudas como punhais, e 14 olhos de onde saíam esguichos de veneno.

Sentes-te com coragem para vencê-la?

— Sim — respondeu o menino. — Mas eu não tenho armas!

— Nem eu explico-lhe o anjo. — Vai e arranja-te como poderes e souberes.

O menino olhou para as suas mãos vazias e disposto a tudo penetrou na caverna onde, a bicha de sete-cabeças dormia enrolada a um canto.

Pé ante pé aproximou-se do monstro, a pensar:

— Se eu tivesse uma espada atravessava-lhe o coração.

Mas pouco depois lembrou-se de que a bicha das sete cabeças tinha com certeza sete corações, e ficou muito triste.

Entretanto a bicha abriu um olho, e depois outro e outro ainda, até ficar com os seus quatorze olhos bem abertos.

Espreguiçou-se, bocejou com as suas sete bocas, e mal viu o menino, começou a bufar indignada.

— Que vens aqui fazer? Andas à procura da terra maravilhosa, anjo? Põe já a mão na cabeça e volta-te!

E dentro de breves as sete línguas, agudas como punhais.

O menino pensou, muito calmo:

— Não há dúvida: vou morrer...

Mas a bicha parecia que lhe adiava os pensamentos por que lhe respondeu assim, com ironia:

— Não, não vais morrer. Vou apenas envenenar-te o sangue...

Disse isto duma maneira tão cómica que o menino apesar da gravidade do momento não pôde resistir à tentação de soltar uma gargalhada. Depois de rir como um perdido, gritou-lhe cheio de desdém:

— A minha mãe quando me contava histórias, falava-me sempre de ti. Descrevia-te de tal maneira que eu ficava sempre arrepiado de medo. Afinal de contas, não passas dum pobre animal ridículo que dá vontade de rir! As tuas línguas só fazem os covardes! Os teus olhos só esguicham veneno sobre os fracos e os palméis. A mim dá-me vontade de rir e nada mais.

O menino pronunciou estas palavras com tanto desprezo

e tanta decisão que obrigou a pobre bicha de sete-cabeças a recolher as sete línguas nas sete bocas e recuar covardemente até ao fundo da caverna onde ficou enrolada e medrosa.

Neste momento, abriu-se uma porta na rocha e o anjo apareceu, a sorrir:

— Só com a ajuda da tua energia e da tua força de vontade, acabas de dominar a bicha de sete-cabeças, isto é: a Injúria, a Indisciplina, a Inveja, a Preguiça, o Ódio, a Injustiça e o Oro. O resto, agora, é fácil. Vem.

O menino, sempre levado pela mão do anjo, entrou então num subterrâneo escuríssimo e começou a andar no meio dum grande silêncio.

Depois de muitos quilómetros de marcha a escuridão foi diminuindo pouco a pouco. As pedras do subterrâneo começaram a irradiar uma luz doce, macia e fantástica. As paredes brilhavam como se fossem de ouro, cravejadas de diamantes. O ar tornou-se mais leve. Uma brisa suave trazia de campainhas distantes, ondas de perfumes.

— Estamos a chegar — disse-lhe o anjo, com um sorriso.

O menino não respondeu, encantado com as flores estranhas que choviam do teto e com aquela luz alegre e doce refletida no chão das paredes.

Mas quando viu finalmente a Terra Maravilhosa, banhada de sol e de azul, não pôde evitar um «Ah!» de espanto. Era uma cidade fantástica com casas construídas de diamantes, portas de ouro, chaves de prata, janelas de platina...

O menino, por mais que procurasse não via um cachimbo arruinado ou uma cabana de pobre. Por toda a parte os seus olhos apenas descobriam palácios, rodeados de jardins, onde as crianças brincavam em baloiços de ouro.

Nas ruas, toda a gente cantava de alegria, ao som duma música tocada por um garmofone colossal, de duzentos metros de altura, que existia no centro da cidade. A própria paisagem parecia cantar.

E polres, não há? — perguntou o menino ao anjo.

— Não... Nem polres, nem ricos, nem desgraçados, nem escravos, nem nada. Há apenas homens!

O menino, entusiasmado, confessou então ao anjo os seus planos:

— Já não quero outra terra! Vou buscar a minha mãe e todos os habitantes da «Aldeia dos Choramingas» e nunca mais saio de cá. Não concorda?

O anjo não respondeu.

— Estou certo de que convencerás facilmente aqueles choramingas a acompanharem-me! Qual é a tua opinião?

O anjo não respondeu e o menino, já descontente, perguntou-lhe:

— Que tens? Os teus olhos tornaram-se tristes? Não concordes com os meus planos?

— Concordo — respondeu o anjo finalmente. — Estou até convencido de que podes ganhar os habitantes da «Aldeia dos Choramingas» até à terra maravilhosa...

— Mas...

— Mas... continuou o anjo — experimenta tocar naquele palácio.

O menino, surpreendido com a proposta do Anjo, cumpriu as suas ordens. Aproximou-se do palácio, estendeu as mãos e... sentiu que os seus dedos atravessavam a parede sem encontrar resistência.

Era como se o palácio fosse construído de ar!

— Que significa isto? — perguntou espantado.

— Experimenta agora apertar esta flor vermelha — tornou o anjo.

O menino estendeu os dedos e teve a mesma sensação de que a flor não existia.

Então, com um doído, começou a correr, pela cidade, a tocar em todas as coisas que via: nas árvores, nos homens, nos prédios, nos carros, nos polícias...

... Mas as suas mãos não encontravam resistência. A cidade parecia construída de ar. A terra maravilhosa, animal de contos não existia...

... Era uma ilusão, um sonho, uma quimera.

Chio de tristeza e de desgosto o menino deixou-se cair aos pés do Anjo.

— E agora? Tenho que regressar à «Aldeia dos Choramingas»? — perguntou, com uma vontade enorme de chorar.

— Levanta-te e escuta — ordenou o anjo. — Como vês, a Terra Maravilhosa ainda não existe. Tudo o que os teus olhos descobrem em redor, não passa duma visão. Estes palácios, estas pessoas e esta paisagem não são senão aparências...

— Queres ver como tudo desaparece?

O anjo fez um gesto e, imediatamente, o céu tornou-se escuro, os palácios sumiram-se na sombra e o menino em controu-se, outra vez, no mesmo caminho onde parara para descansar.

— Diz-me uma coisa, meu anjo: porque tiveste a crueldade de me iludir assim? — perguntou o menino, com voz desesperada.

— Eu quis apenas mostrar-te como será a «Aldeia dos Choramingas» no dia em que os homens quiserem fazer esforços para viver outra vida melhor! — tornou o anjo. — Estás-te a enganar. Agora faz tu o resto...

O menino pensativo, monologou:

— Sim, bem sei: só precisamos subir a montanha da Paciência, atirar-nos ao abismo, de olhos abertos, dominar a bicha de sete-cabeças e...

Atira que peides mais conselhos ao Anjo. Mas em vão procurou ao seu lado a mancha branca das suas asas...

O anjo tinha desaparecido no céu.

E, então, o menino, cheio de tristeza, começou a chorar como um doído e não teve outro remédio senão voltar para a «Aldeia dos Choramingas», onde, mais tarde, quando era homem, montou uma fábrica de lenços e enriqueceu.

O avô do cachimbo

Anexo Z- "Aldeia de Choramingas", de José Gomes Ferreira

O senhor doutor, nº 1, 18/03/1933, p.5. Fac-Símile
Biblioteca Nacional de Portugal

O AEROPLANO MÁGICO

CONTO FANTÁSTICO

Contado pelo Avô do cachimbo

Numa ilha muito longínqua, perdida no meio do mar e cercada de muralhas de 500 metros de altura, morava, desde que nascera, o príncipe do Coração Largo.

Tinha 16 anos e do mundo conhecia apenas o céu, as árvores e a mancha verde escura da vegetação da ilha onde vivia exilado e só.

Em vão perguntara muitas vezes ao pai, um velho de barbas brancas, olhos tristes e boca cheia de amargura, as razões porque estava condenado a viver eternamente naquela ilha cercada de muralhas.

O pai, como resposta, proibira aos poucos habitantes da ilha que lhe falassem do mundo. Mas como o príncipe de Coração Largo insistisse, o velho não teve outro remédio senão explicar-lhe desta maneira:

— Foi por tua causa, meu filho, que eu comprei esta ilha e a mandei cercar de muralhas. Tu não imaginas o que é o mundo: uma bola cheia de misérias e de torpezas onde os mais fortes esmagam os mais fracos! Nas cidades, nos campos, sobre o mar e sobre a terra, só há vícios, infâmias, pobres, desgraçados, traidores, tiranos e miseráveis. Foi para te salvar, para te proteger do contacto das pestíbulas e das chagas, que te trouxe para aqui, meu filho, para a Ilha Verde, onde o sol bate nas muralhas, inacessíveis e puras.

E o venerável velho calou-se por momentos. Mas, depois acrescentou, com voz pausada e prometedora:

— Além disso, dentro dum ano, deve chegar à ilha a tua noiva, a Infanta das Unhas Rosadas, a mulher mais linda do mundo! A Infanta, foi abençoada pelos génios bons e quem lhe tocar nunca mais sentirá desejos de fugir da sua presença! Porque a Infanta é a Felicidade Completa, a Alegria, a Beleza, o Paraíso, tudo... Não te esqueças disto, meu filho! Pensa na Infanta de dia e de noite! Goza a antecipação da felicidade eterna e espera ansioso, por esse dia onde terminará, finalmente, a tua ansiedade e a tua curiosidade pelo mundo distante e mau.

E, então, o velho, para conquistar definitivamente a alma do Príncipe do Coração Largo, mostrou-lhe o retrato da Infanta.

O príncipe ia desmaiando ante aquela visão puríssima dum deusa, loira com uns olhos honestos e profundos... E, apenhadíssimo, retirou-se para o lugar mais solitário da floresta a pensar nela e a desejar ardentemente o dia do seu casamento com a Eterna Felicidade.

...

No entanto, o Príncipe não era feliz e, por vezes, olhava febrilmente para as muralhas de quinhentos metros, a imaginar planos impossíveis para as destruir.

Embora amasse ardentemente a Infanta das Unhas Rosadas, não conseguia resistir à tentação de pensar no mundo desconhecido e nos seus horrores, com uma vontade enorme de partir...

Um dia, quando estava mais agitado nestes pensamentos, olhou, de súbito, para o céu e viu uma ave pequenina e estranha deslizar nas nuvens curvas rápidas.

Durante muito tempo não tirou os olhos daquela ave exótica que nunca vira no céu da Ilha Verde, — impressão

nado com a sua forma e com os seus rancos. Mas o seu espanto subiu ao máximo quando a pôde ver claramente, a 600 metros de altura. Era longa, tinha umas asas fixas, uma hélice que girava velozmente e era coberta por uma pele branca e luzente como metal.

Ainda não tinha conseguido explicar aquele fenómeno

e já a ave pousava perto de si, enorme, formidável, com dez metros de envergadura.

Aproximou-se lentamente para a examinar melhor, de perto e então, ouviu uma voz estranha que lhe disse:

— Aproxima-te, sem receio! Eu sou o aeroplano-mágico, e vim buscar-te...

O Príncipe, quase sem poder respirar, aproximou-se mais e leu nas asas este nome escrito e, letras vermelhas:

"Rocinante"

— No mundo donde venho — explicou o aeroplano,

com a sua voz melódica — todos nós temos um nome. Eu sou o Rocinante, isto é: o nome do cavalo de D. Quixote e vim buscar-te...

O príncipe do Coração Largo conseguiu, finalmente, dizer:

— Não posso. Meu pai proibiu-me de tentar fugir desta ilha, onde, em breve, vou ter a honra de conhecer a Felicidade Eterna...

Fez-se um silêncio. O aeroplano-mágico pensava...

O céu continuava azul e puro.

De repente, o príncipe perguntou:

— É verdade que no mundo reina a traição, a miséria e a indisciplina?

— É — respondeu o aeroplano.

— É verdade que não há quem proteja as orfãs, as mulheres e os fracos?

— É verdade que o mundo parece um inferno?

— É — concordou o aeroplano.

Então porque queres que eu saia da minha ilha, Rocinante? — gritou, o príncipe zangadíssimo!

— Ai! de mim — gemeu o aeroplano! Eu apenas obedeco ao Destino que me obrigou a cruzar os ares á tua procura! Eu vim, porque sei que passas os dias a olhar para as muralhas de quinhentos metros, desejoso de as atravessar para conhecer a infelicidade! Eu vim, porque tu foste escolhido pelo Destino, para ir tentar salvar o mundo, proteger as mulheres e os fracos, castigar os maus, desfazer o vício, condenar a preguiça, espalhar a alegria...

O coração do príncipe bateu, cheio de esperança:

— É verdade, o que me dizes, aeroplano?

— Sim! Tu és o único que podes transformar aquele inferno num paraíso.

Então, vamos já — respondeu o príncipe, sem mais hesitações.

— Não! Espera — interrompeu o aeroplano mágico —

Ouve ainda... Sabes a que te sugestas?

O príncipe disse que não.

— Primeiro: nunca mais poderás voltar á Ilha Verde!

Deixa-lo! — exclamou o príncipe, impaciente por partir.

— Depois, não te poderás casar com a Infanta das Unhas Rosadas.

O príncipe entristeceu, sentiu as lágrimas nos olhos, lutou contra si mesmo, mas acabou por murmurar:

— Que importa!

— Por fim: nunca serás feliz! — continuou o aeroplano implacável!

Mas o príncipe, como resposta, desatou a rir às gargalhadas:

— Que me importa a felicidade, egoísta, gosada nesta ilha, longe dos homens. Enganas-te se julgas que alguém pode ser feliz, quando sabe que todos os outros são desgraçados!

E o príncipe abriu a porta, entrou no aeroplano, e sem uma lágrima, sem uma hesitação, deixou-se levar pelo aeroplano mágico, para muito longe, disposto a sacrificar a sua felicidade pela possível felicidade de todos...

O avô do cachimbo

NA CESTA DOS OVOS

No armário da cozinha meteu a criada, um dia, dois ovos, numa cestinha onde já outros havia.

E esses, nos hóspedes novos, viram, com pânico insólito, que na casa dos dois ovos certo nome estava escrito.

— O que será, que será? — diziam em voz baixinha. — Isto nunca se viu cá! Não são ovos de galinha!...

Mas que coisa tão esquisita trazer na casa um leitreiro! E' o bilhete de visita e o nome é nome estrangeiro.

Serão ovos bons, serão?... Talvez de pata ou peria... Como nós é que não são! Se os pusessemos na rua?...

Os hóspedes da cestinha berraram muito zangados: — Somos filhas de galinha, nobres dos quatro castelos!

O nosso pai era um rei! Tinha c'ros na cabeça, era fidalgo de lei! A nossa ama uma condessa.

Leghorn era nossa mãe! Nobre de terras distantes, usava c'ros também e trajes mirabolantes!

Quando nascemos, então, houve festa rija e brava. E, cheio de animação, el-rei nosso pai cantava.

O Palácio — a capoeira — situado num jardim, coberto de trepadeira, onde floria o jasmim,

Era tão lindo, tão lindo, tão lindo entre as coisas belas!... Por telhado o céu inclinado recamadinho de estrelas.

E o rei tinha um bebedeiro onde, ao dar meio dia, bailava o sol todo de ouro, que ele, encantado, bebia!

E' por isso que o seu canto, quando nosso pai cantava, vibrava, subia tanto que nenhum o igualava!

Tinha inveja a cotovia, invejava-o o rouxinol, é que no seu canto havia um pouquinho de sol!

A nossa alma é toda clara! De ouro o nosso coração! Somos duma espécie rara, duma outra condição!

Há poucos ovos assim... Nenhum nos levam a palma pois temos sol e jasmim no coração e na alma!

Nós somos ovos de raça, e vós, sem eira nem beira. Sois filhos da população, de mais sem ter capoeira.

Vossos pais, diga-se aqui — coitados, metiam dó! Eram de qui-qui-qui e não de có-có-có-có.

Os outros ovos, caídos, já não faziam chacota pensando muito vezados: «Demos uma grande bota!»

Nisto, pela cozinheira, foram os dois agarrados. Iam para a frigideira para os fazer estrelados.

Mas quando os ovos partia — foi caso de arrejar! — teve de os deitar na pia que o cheiro era de tombar!

E' que os ovos — que irrisão! — que de toleima eram ódres, tinham alma e coração não de ouro e jasmim... mas pedres.

Como os ovos, gente tãla, vemos a cada momento: «Fora, cordas de viola, por dentro, pão bolorento».

LAURA CHAVES

— 3 —

Anexo AA- "O Aeroplano mágico", de José Gomes Ferreira

O senhor doutor, nº 2, 25/03/1933, p.9. Fac-Símile
Biblioteca Nacional de Portugal

OS CONTOS DO AVÔ DO CACHIMBO

"O SENHOR DOUTOR"

No tempo em que os homens não falavam

Primeira fumaça

Antigamente, os animais falavam. Todos os meninos que leram as fábulas de La Fontaine sabem isto. Os elefantes faziam discursos, os burros davam lições nas Universidades e todos os bichos, em suma, falavam pelos cotovelos.

E os homens? Que faziam os homens nesses tempos fabulosos?

Os homens — coitados! — não eram felizes. Tinham a mesma forma que hoje têm, mas não falavam. Das suas bocas saíam apenas uivos, roncos, zurros e miaus...

Alguns reclinavam como cavalos da raça. Outros ganiam. As sogras cacarejavam. As meninas tinham voz de rouxinol. As crianças pareciam ralhinhos. Os vaidosos cantavam de galo. Os policiais faziam «huuuuuu» como os leões e os invejosos ladravam.

Como veêm, nesse tempo, andava tudo às avessas. Os animais eram os senhores do mundo: escreviam poemas, faziam conferências, redigiam as leis e iam para a guerra.

Os homens — coitados! — como não sabiam falar nem podiam exprimir os seus pensamentos, representavam na vida, um papel secundário.

Por exemplo: um sábio, queria expor ao mundo uma teoria científica que, em seu entender, ia revolucionar a civilização. Abria a boca, zurrava, durante horas, para uma assembleia de burros, mas acabava sempre por se corrido à gargalhada, porque ninguém o entendia.

Outras vezes, um poeta tentava explicar aos senhores animais as emoções sugeridas pela lua. Deitava a cabeleira para trás, erguia os olhos para o céu, abria a boca e... e os bichos ouviam apenas um uivo prolongado, longo, saudoso, canino...

Resultado: corriam-no à pedra e chamavam-lhe agoriento de má-morte.

Como veêm, no tempo da fábula, a situação dos homens não era de invejar.

Mas um dia, os senhores animais encheram-se de orgulho e começaram a cometer abusos cruéis. Assim, as perdições, mal viam um homem — zis — pregavam-lhe logo um tiro.

Por sua vez os coelhinhos, encerravam os homens em sítios imundos e os frangos não resistiam à tentação de comer a sua canja de cozinha.

Além disto, os papagaios tinham em casa um anãozinho preso por uma corrente no pé, e os marotos dos canários quando viam uma menina, vestida de amarelo, metiam-na logo dentro duma gaiola.

Os cavalos obrigavam os atletas a puxar carroças. Os vitélos mandavam os homens para o matadouro. Os bois deliciavam-se com o espectáculo de cravar bandalinas nos cachacos dos gorduchos. Os pardais caçavam meninos, com físgas, etc.

Em suma, os abusos foram tantos que o Júpiter, criador do mundo da fábula, zangou-se, torceu o nariz, deu um sêco no Olimpo e ordenou, com a sua voz trovante: — Ah! sim?! Os animais abusam! Julgam-se no direito de maltratar os homens? Pois estão muito enganados! De hoje em diante quem fala são eles...

E foi, então, que os cães começaram a ladrar, os gatos a miar, os burros a zurrar, as galinhas a cacarejar... e os homens a falar.

Mas tenham cuidado! Tratem bem os animais! Não batam nos burros, não puxem as orelhas aos gatos, nem matem os passarinhos...

Olhem que Júpiter pode zangar-se outra vez e lá vamos todos para o Jardim Zoológico.

A FLORESTA PROIBIDA

Segunda fumaça

João Sem Mêdo, a pesar das proibições energéticas da mãe, resolveu, certo dia, penetrar na Floresta da Vida, — um lugar sagrado e misterioso, rodeado dum muro muito alto, onde existia o seguinte aviso, escrito com letras negras:

**E' PROIBIDA A ENTRADA
A MENORES**

Safou-se de casa, sem dizer palavra a ninguém, saltou o muro a custo, picou-se no arame farpado e, depois de grandes esforços, conseguiu finalmente entrar na Floresta Proibida, que começou a explodir lentamente, com muitas cautelas, recessos dos truques e dos monstros.

Ao princípio, mal via o caminho. A abóboda de folhagem era tão cerrada que não deixava coar um raio de sol. Só, de espaço a espaço, uma mancha de luz caía no musgo verde do chão.

Mas, depois, habituou-se à sombra e, como não lhe aparecesse nenhum anjo a impedir-lhe a passagem com uma metralhadora de prata, de onde saíssem balas de diamante, — tranquilizou-se e pôs-se a pensar:

— Não percebo porque é que a minha mãe não queria que eu saltasse o muro! Afinal de contas, a floresta não tem mistério nenhum! Aqui até apetece fazer um pic-nic!

E continuou a andar, des preocupadamente...

Andou, andou, andou, durante horas, sem que a floresta sofresse alguma modificação. Sempre a mesma folhagem densa, o mesmo tapete de musgo a amolecer os pés, a mesma treva, a mesma monotonia. As árvores espreguiçavam-se! Os pássaros, em vez de cantar, abriam os bicos em bocetos ruivos! As flores ressonavam alto! E o próprio João Sem Mêdo, para não cair de sono, teve que desatar aos berros:

— Então, aqui não vive ninguém? Nem fadas, nem anjos, nem gigantes, nem nada? Assim não brinco!

Mas, quando menos o esperava, a floresta terminou, e o rapaz encontrou-se, de súbito, numa vasta clareira batida pelo sol.

Parou, indeciso. Na sua frente, abriam-se dois caminhos: um, asfaltado, cómodo, fácil, ladeado de amendoeiras em flor; outro, pedregoso, cheio de urtigas, silvas e cardos.

Agora o que me convinha era uma Fada — pensou João Sem Mêdo. — Uma autêntica fada que estivesse aqui, de varinha de condão, a regular o trânsito, como um polícia sinaleiro!

Coçou a cabeça, sem saber que resolução havia de tomar, e, por fim, começou aos gritos:

— Eei! Fada dos bosques! Anda cá, rica Fada da minha alma!

Mal tinha acabado de pronunciar estas palavras, quando, de súbito, o rapaz viu sair, da espessura da floresta, uma mulher muito bonita, com o cabelo loiro, caída até à cintura, três estrélas de prata na testa, uma varinha na mão direita, uma roa na mão esquerda, uma túnica bordada a flores, chapins de platina e tudo o mais que as fadas costumam usar nas histórias contadas aos meninos.

Ao princípio, João Sem Mêdo olhou a, deslumbrado. Mas, quando a fada se aproximou, sorridente, e feliz, começou a examiná-la com mais atenção.

— Tu és a Fada dos Dois Caminhos? — perguntou, com desconfiança.

— Pois claro! — respondeu ela. — Se quizeres, mostro-te o meu bilhete de identidade, passado pelo ministro da Instrução!

— Não é preciso. Acredito! — exclamou o rapaz.

E continuou a observá-la, com muita vontade de rir.

O caso também não era para menos! Imaginem que a fada trazia, carmin nos lábios, tinha a pele da cara escandalosamente pintada, usava cabileira post-ça e cheirava a pó de arroz! Além disto, as estrélas da testa pareciam feitos de lata e os chapins tinham tachos altos!

A sua figura era tão ridícula que João Sem Mêdo não pôde deixar de rir.

— Porque te ris? — exclamou a fada, furiosa. — Não gostas da minha túnica? Olha que é da última moda!

— Nem sei — respondeu o rapaz às gargalhadas. — Parece mesmo uma máscara do Carnaval!

— Que queres, filho? — explicou a pobre fada, com uma voz muito triste. — Já sou muito velhinha. Sabes quantos anos tenho? Vinte mil anos! Estou quasi na idade de recolher ao Asilo das Fadas Inválidas. Mas não posso.

Ainda preciso de mais trinta mil anos de serviço para apianar a reforma. Daqui até lá, não tenho outro recurso senão usar cabileira post-ça, para esconder os cabelos brancos, pôr creme na cara para ocultar as rugas, e pintar a boca com carmin para lhe dar juventude. Não julgues, porém, que eu, a pesar da idade, não sou uma Fada de primeira ordem! Aqui onde me vês, ninguém me ganhou a fazer miúdas! Transformo um homem em rato — em meio segundo! E até sei deitar flores pela boca. Queres ver?

— Não — interrompeu João Sem Mêdo. — Quando quero ver habilidades vou ao Circo. Dize-me, antes, que caminho hei de seguir: o asfaltado ou o dos pedregulhos?

— Olha, menino, — explicou a fada. — O bom caminho conduz à Felicidade; o mau caminho leva-te à Infelicidade. Agora escolhe!

— Vou pelo bom caminho, já se vê — resolveu logo João Sem Mêdo, sem mais hesitações.

E preparava-se para partir a toda a pressa, quando a Fada lhe disse:

— Espera. Deixa-me prevenir o Guarda do Caminho da Felicidade, por causa das cerimónias da praxe. Espera um bocadinho.

E a fada tirou da algibeira da túnica um pequeno microfone de latão e, através da telefonia sem fios, começou a falar, «a língua das Fadas, com o tal guardião que estava, com certeza, a cinco ligas de distância.

— Pronto — disse a fada quando terminou a conversa. — Está tudo arranjado. O automóvel vem já buscar-te Adeus e felicidade.

E a pobre anciã, depois de o envolver num olhar de simpatia, voltou, outra vez, para a floresta.

Dai a momentos, um automóvel de ouro, sem «chauffeur» nem passageiros, parou perto de João Sem Mêdo. A portinhola abriu-se e, do carro saíram dois braços mecânicos que pegaram no rapaz, com muita delicadeza, e o assentaram, lentamente, nas almofadas. Em seguida, a portinhola fechou-se automaticamente e o automóvel pôs-se em marcha com uma velocidade espantosa.

Passados dois segundos, o carro parou de novo, os braços mecânicos voltaram a funcionar e João Sem Mêdo encontrou-se diante duma casa em forma de cubo, sem janelas, e só com uma pequena porta ao centro. A entrada da porta, desce bria um cepo, um machado e uma pesadíssima cadeia de ouro.

— Que queres isto dizer? — perguntou João ao automóvel mágico.

Mas o carro, sem responder, fechou a portinhola com desdém, disse-lhe adeus com um dos braços e desapareceu no horizonte como uma lexia.

Pouco tempo depois, a porta do Cubo abriu-se e João Sem Mêdo viu aparecer um ser extraordinário. Nada menos, nada mais do que um homem sem cabeça, com dois olhos no peito e uma boca aberta no esômagu que lhe disse:

— A paz e a estupidês sejam contigo! Vens preparado para a operação?

— Qual operação? — interrogou João Sem Mêdo, intrigadíssimo.

O guarda, então, enquanto segurava um cigarro, na boca do esômagu, explicou-lhe:

— Ninguém pode seguir o caminho asfaltado que leva à Felicidade. Completa sem se sujeitar ao seguinte programa: Primeiro: deixar cortar a cabeça para não pensar, não ter opinião, não criar opiniões perigosas. Segundo e último: trazer nos pés e nas mãos estas grinaldas de ouro.

João Sem Mêdo deu um berro de protesto:

— Nunca! Bem se vê, que não tens a cabeça no seu lugar!

(CONCLUI NA PÁG. 11).

A floresta proibida

(Conclusão da página 3)

— Graças a esta pequena operação sem importância — continuou o monstro, imperturbavelmente, podes passar uma vida feliz, numa casa muito bonita, com muitos chocolates, muitos bolos, muitas coisas boas para comer. E tudo de graça! Porque quem não tem cabeça, não paga nada!

— Isto é: a felicidade material duma galinha numa capoeira, não é assim? — replicou João, com uma ironia furiosa. — Nunca! Ouviste bem? Nunca! Prefiro tomar o outro caminho: o da Infelicidade.

— Palermo! — lamentou o guarda com os olhos do peito cheios de lágrimas sinceras. — Vais passar fome, viver dias terríveis, sob a ameaça da Fada do Mau Génio.

João Sem Mêdo desatou a rir:

— Deixá-lo! Prefiro tudo, a ser escravo e a andar sem cabeça! Nem tu calculas a falta que me faz a cabeça!

— Não te faz falta nenhuma — contrariou o monstro. — Pelo contrário: evitas o trabalho de ir ao cabeleiro todos os meses!

— De mais — concluiu João Sem Mêdo — aquilo que é Infelicidade para ti, talvez seja Felicidade para mim!

E enquanto o descabeçado tirava da algibeira um pau de chocolate e começava a devorá-lo com a boca do estômago, João Sem Mêdo voltou-lhe as costas, afastou-se e, horas depois, quando chegou à clareira, tomou decididamente o outro caminho coberto de pedras, árvores sinistras, urtigas e cardos.

E, cheio de orgulho, gritou para a floresta proibida:

— Ouçam, fadas: vocês podem perseguir-me, praticar violências, transformar-me em lagarto, em morcego, em mosca, em aranha, em tudo! Mas, juro-vos que não hei-de ser infeliz! Porque NÃO QUERO!..

E João Sem Mêdo continuou a subir, corajosamente, o seu caminho áspero.

O avô do cachimbo

Anexo BB- "O tempo em que os homens não falavam" e "A floresta proibida", de José Gomes Ferreira

O senhor doutor, nº 3, 01/04/1933, p 3 e 11. Fac-Símile
Biblioteca Nacional de Portugal

Anexo CC- Capa da revista *O Tico-Tico*¹³⁰

Revista *O Tico-Tico*, nº 1425, de 25/01/1933. Foto digital.
 Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

¹³⁰ As imagens da revista *O Tico-Tico* foram feitas em câmera digital sem flash. Para não danificar o material, não foi permitido usar scanner ou fotocopiadora. Assim, algumas fotografias não estão muito nítidas, devido à antiga impressão e à pouca luminosidade.

8 — Fevereiro — 1933 — 3 — O TICO-TICO

MAËS!

DAE AOS VOSSOS FILHOS

LICOR DE CACAU

VERMIFUGO XAVIER

LOMBRIGUEIRO IDEAL

Não contem Oleo,
Dispensa Purgante
é Gostoso e Fortifica.

EM TODAS AS PHARMACIAS DO BRASIL

Comece 1933

USANDO **ELIXIR DE INHAME**

Depura - fortalece Engorda

TAO SABUOSO COMO QUALQUER LICOR DE MELA

DE MENINAS... PARA MENINAS

ESTUDOS DE COMPOSIÇÃO
NOÊMIA CARNEIRO

Anexo DD- Anúncios publicitários

Revista O Tico-Tico, nº 1427, de 08/02/1933, p.3. Foto digital.
Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

O TICO-TICO

11 — Janeiro — 1933

UM PRESENTE QUE CAIU DO CÉU... No Mundo dos BICHOS

UM PRESENTE QUE É
UM THESOURO PARA
AS CRIANÇAS!

Um primoroso livro de
contos que CARLOS
MANHÃES escreveu
para o mundo infantil.

Sairá em meados de
Janeiro — Pedidos desde
já à Bibliotheca Infantil
d'O Tico-Tico
Travessa do Ouvidor, 34 - Rio

Este e todos os livros da
Bibliotheca Infantil d'O Tico-
Tico estão à venda em todas
as livrarias e nos pontos
de venda d'O Tico-Tico.

Anexo EE- Anúncio publicitário de página inteira

Revista *O Tico-Tico*, nº 1426, de 01/02/1933, p.4. Foto digital.
Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

O TICO-TICO — 24 — 25 — Janeiro — 1933

RECO-RECO, BOLÃO E AZEITONA

Reco-Reco, Bolão e Azeitona foram jogar bola no jardim publico. A partida estava cada vez mais animada. Reco-Reco era um "bicho" nas cabeçadas. Ninguém sabia das tão bem como elle.

Bolão quando metia o pé na bola, coitado daquelle que quizesse detel-a! Parecia uma bala de canhão. Azeitona contemplava com inveja o jogo do gorducho, pois elle era uma lastima jogando Poucas vezes.

... acertava o pé na bola. Por mais que Reco-Reco lhe ensinasse, o preto não conseguia nada. Mas por uma vez, por cumulo do azar Azeitona acertou na bola, que, sem direcção certa foi bater em cheio...

... na "pança" do guarda civil, que rondava o jardim. O guarda sentindo-se desacatado, ficou furioso e cahiu em perseguição dos tres companheiros, que logo após este accidente trataram de fugir, deixando bola e tudo.

A correria foi grande, Reco-Reco, Bolão e Azeitona estavam acostumados a livrarem-se de maiores perigos.

Livres do guarda, os tres companheiros, antes de chegarem a casa, ficaram abismados a contemplar um monumento, um grande reclame do Elixir de Injame.

reçam ao papae que lhes compre o lindo livro de contos: — "NO MUNDO DOS BICHOS", de Carlos Manhães. — Está á venda.

Anexo FF- Anúncio em História Quadrinizada

Revista O Tico-Tico, nº 1426, de 25/01/1933, p.24. Foto digital. (colorida)
Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

O TICO - TICO

Redactor-Chefe: Carlos Manhães — Director-Gerente A. de Souza e Silva

Assignatura — Brasil: 1 anno 25\$000; 6 meses, 13\$000;—Estrangeiro: 1 anno, 60\$000; 6 meses, 35\$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão accellitas annual ou semestralmente. TODA A CORRESPONDENCIA, como toda a remessa de dinheiro, (que pôde ser feita por vale postal ou carta com valor declarado), deve ser dirigida á Trav. Ouvidor, 34 — Rio., Telephone n. 3-4422.

Succursal, em São Paulo, dirigida pelo Dr. Plúlio Cavalcanti — Rua Senador Feljó, 27, 8º andar, salas 85 e 87.

Lições de Vovô

A duração da vida

Meus netinhos:

Quanto tempo vive o homem? Qual a duração da vida do cão? Quantos annos vive o gato? — eis algumas perguntas ás quaes não se pode dar resposta exacta. E assim acontecê, meus netinhos, porque nada existe mais variavel do que a duração da existencia na especie animal.

O homem, desde muito tempo, estuda, observa, medita, colleccionando dados sobre a longevidade dos animaes.

Dessas observações, concluiu-se que é bem diversa a duração de vida nos animaes. Comtudo, sabe-se, por exemplo, que o homem, que cresce, até os vinte annos, pouco mais ou menos, vive em geral até os noventa ou cem annos mesmo. A morte natural, dizem os scientistas, dá-se num tempo cinco vezes maior que aquelle que levou o animal a crescer. No homem a morte sobrevém quasi sempre, em consequencia de desastres. Nos outros animaes ella é geralmente consequencia de

accidentes. Das observações feitas resultaram as conclusões seguintes quanto á média de duração da vida animal. Assim o elephante, o enorme pachyderme que todos vocês conhecem, vive geralmente de cento e cincoenta a duzentos annos. O cavallo, o camello, o boi de vinte a trinta annos.

O cão, o lobo, a raposa, dez annos approximadamente.

No mundo das aves, meus netinhos, encontram-se especies que vivem até cem annos, como a aguia, o corvo, o cysne, o papagaio e o falcão. O ganso, grasnador, barulhento, que é a sentinella das granjas, não raro vive até oitenta annos.

O pato também attinge commummente cincoenta annos. Onde, porém, apparecem os casos notaveis de longevidade é entre os amphibios. A tartaruga, por exemplo, pôde viver de duzentos a trezentos annos.

Entre os peixes ha innumerous casos de vida longa, como a das carpas, que vivem duzentos annos.

Outros animaes existem, como o caracol e a minhoca, que têm a duração da vida de dez annos.

Os exemplos que Vovô acaba de apontar a vocês são bastantes para dar uma idéa approximada da duração da vida na especie humana. Approximada, diz Vovô, porque todos os calculos e observações não podem ter o cunho de exactidão rigorosa e, mesmo que tivessem, deviamos nós saber que a duração da vida, em qualquer especie, depende principalmente da vontade suprema de Deus.

V O V Ô

NO MUNDO DOS BICHOS

DE

CARLOS MANHAES

livro de contos, artisticamente illustrados, para leitura e encanto das creanças. Está á venda em todo o Brasil pelo preço de cinco mil réis.

CONTOS DA MÃE PRETA — de Oswaldo Orico. Historias para creanças. Preço 5\$000.

Anexo GG- "A duração da vida". Lições de Vovô

O TICO-TICO

Redactor-Chefe: Carlos Manhães — Director-Gerente A. de Souza e Silva

Assinatura — Brasil: 1 anno, 25\$000; 6 meses, 13\$000; — Estrangeiro: 1 anno, 60\$000; 6 meses, 35\$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. TODA A CORRESPONDENCIA, como toda a remessa de dinheiro, (que pôde ser feita por vale postal ou carta com valor declarado), deve ser dirigida à Travessa do Ouvidor, 34 — Rio. Telephone n. 8-4422.

Lições do Vovô

O que é preciso para ser bom cidadão

Meus netinhos:

A vida moderna, a vida em sociedades civilizadas, dotadas de todas as utilidades do progresso, não é accessivel a todos os individuos. Só aquelles que possuem certos predicados podem-na usufruir sem grande esforço. — Mas que predicados serão esses — perguntarão os meus netinhos — sem os quaes a vida não será possível para todos os individuos? São predicados simples e facéis — responde o Vovô. São a instrução e a educação. Instruido e educado, qualquer individuo vive em sociedade e é um cidadão util. Não basta, porém, meus netinhos, possuir apenas um só desses predicados para ser bom cidadão, não é sufficiente apenas estudar para ser util à familia e à sociedade. Ao lado do estudo, tão necessario para os meninos, do trabalho, da continencia, devem os pequenos de hoje adquirir uma moral sã. Essa

moral, meus netinhos, se conquista no lar e na escola. No lar acatando os conselhos maternos, fazendo do respeito e da obediencia aos paes um culto dos mais sagrados; na es-

cola, formando, pela applicação ao estudo, a cultura scientifica; creando uma individualidade que se imponha pelo respeito e pela dedicação ao proximo.

O homem, meus netinhos, como Vovô já tem dito a vocês, não deve almejar apenas para si um beneficio. Quando pelo trabalho honesto, pela actuação moral, consegue o homem situações que o collocam em posição de destaque entre os seus semelhantes, um dever logo se lhe impõe: — é o de beneficiar, numa bella demonstração de dedicação ao proximo, todos que o cercam. Esse beneficio, meus netinhos, pode ser distribuido de diversas maneiras mas nunca poderá ser negado.

O homem culto e educado, é certo, se inclina ao trabalho em beneficio da collectividade e trabalhar desse modo é verdadeiramente ser bom cidadão.

VOVO

Se você, leitor querido,
Quer ter um livro bonito
De historias do papagaio.
Da onça, o gato, o cabrito.
Não convém mais esperar —
Peça — "No mundo dos bichos"
Que é lindo, cheio de contos,
Ao papae para comprar.

Anexo HH- "O que é preciso para ser um bom cidadão"- Lições de Vovô

O TICO-TICO

- 6 -

18 — Janeiro — 1933

NASCIMENTOS

☆☆ Nasceu a 6 deste mez a linda Mercedes, filhinha do casal Dr. Humberto de Almeida Campos e D. Isolina Carvalho Campos.

☆☆ Chama-se Lucia a linda menina que veio enriquecer de ventura o lar do Sr. Manoel de Oliveira Bastos e de sua esposa D. Hilda Camargo Bastos.

ANIVERSARIOS

☆☆ Faz annos hoje o menino Raul, filho do Sr. Alvaro Pinheiro.

☆☆ Maria Cândida, uma graciosa amiguinha, filha do capitão Nestor de Vasconcellos, festeja hoje a passagem de seu anniversario natalicio.

☆☆ Viu passar a 10 do corrente mez a data de seu natalicio a gentil Marina, filhinha do Dr. Maario de Abreu Lima.

☆☆ Francisco Veias, nosso assignante residente em Belo Horizonte, completou ante-hontem nove annos.

☆☆ Faz annos hoje o estudioso joven Arnaldo de Miranda.

NA GAIOLA

☆☆ Estão na gaiola de um jardim zoológico os seguintes amiguinhos de Villa Isabel: Americo, um macaco; Raymundo P. um porco espinho; A. Thomé, um camelo; Fedulla, um unico; Lançelotti, um urso pardo; Bento, um bôde; Pacheco, um elephante; Sylvestre, uma raposa; Marinho, um "bull-dog"; Ingles, um tigre; Allenão, uma onça; Miranda, um urso preto; Franklin, um jacaré; Marçilio, uma giboia; Raul, um cordeirinho; Humberto, uma girafa; Russo, um papagaio; Paulo V., um gato; Henrique S. V., um lobo; Albery, um leopardo; José Americo, um ganizé.

Os domadores incansaveis

X. Y. Z.

"O TICO-TICO" MUNDANO

NOSSOS AMIGUINHOS

Luiz Carlos — gañante filhinho do casal Tóti Nardi — Nathercia Ferreira Nardi, residente em Guaranésia, Minas Geraes.

EM LEILÃO

Leilão de alguns alumnos da Escola Brasileira (Tijuca)

☆☆ Quanto dão pelos cachos da Irene, pela robustez do Francisco, pela viva-

cidade do Raphael, pelo andar do Roberto, pelas boas lições da Marina, pelas covinhas do Jean, pela intelligencia da

Wanda, pela preguiça do Moysés, pelos olhos do Oswaldo, pela gordura da Maria, pela sympathia da Mariza, pelos olhos azues da Elma, pela boquinha da Aristéa, pelos cabelos ondulados do Elias, pela voz do Assylan, pela valentia do Marcos, pela semelhança que ha entre o Pinocliro e o Paulo, pelas graças da Jenny, pelo bom comportamento da Irene C., pelos puos da Leticia, pelos chapéus da Lucilia, pelos dentinhos do José, pela franjinha do Kleber, pela cor morena do Potyguar, pelas corridas do Eurico, pelos tombos do Luiz, pelas manhas do Jacomino, pelos olhos negros da Ivette, pelo acaanhamento da Yeda, pelos bonitos modos da Theresza, pelas risadas do Sergio, pelo modo agradável da Carlinda, pela cor rosada da Yvonne, pela eloquencia da Alice, pela ingenuidade do Gustavo e pelo atroimento da Leileira?

NA BERLINDA

☆☆ Estão na berlinda as seguintes moças e rapazes do Maxwell.

Nair por ter uma gargalhada muito estridente. Orlando por ser elegante. Orlandina por ser muito sympathica. Joaquim por ter voz de mulher. Lucy por sua esbelteza. João por ser muito garboso. Alayde por ser muito arisca. José por sua bella dentadura. Maria por ser muito bochechuda. Christino por sua bella plastica Didi por seus olhos castanhos. Syvio por andar sempre fardado. Bianca por ser pianista. Waldemer por seu modo elegante de andar. Jacyra (Teleph.) por ser muito gentil. Miguel por ter os cabelos de espiga de milho. Carmen por ser dansarina. Antonio por ser molle. E eu por falar a verdade, Anonymo.

NOSSOS AMIGUINHOS

Violeta Alves da Cunha, nossa graciosa amiguinha.

Jair, filhinho do sr. Jacintho Tavares de Reg.

Nosso amiguinho e collaborador Aloysia Figueiredo.

Anexo II- O "Tico-Tico" mundano

Anexo JJ- Costura e Bordado

O TICO-TICO

— 28 —

15 — Fevereiro — 1933

CONCURSO N. 3.735

Para os leitores desta Capital e dos Estados

USA
JUVENTUDE
ALEXANDRE
Para os cabelos
CASPA E
CALVICIE

Neves, Luiza Gonzaga de Araujo Lima, Dulcy Meloes Filgueiras, Oswaldo Salzano, Julia Gonçalves, Ricardo D'Amelio Grossi, Newton Quintino, Moacyr Custodio Verjão, Joaquim A. B. Ottoni, Gilson Torres, Henrique Prisco, Anly Sandy T. Furtado, José Carlos Genschow.

Foi premiado, com um lindo livro de historias infantis, o concorrente:

GILSON TORRES

de 16 annos de idade e residente à Rua do Bispo n.º 246, nesta Capital.

DRAGÕES

Princesas adormecidas, heróis-meninos, viagens miraculosas, castellos encantados, peixes de escamas de ouro, meninos perdidos, velhos rabujentos, reis maus e reis bons:

São historias de successo do livro de Yantock

"OS SETE SERÇÕES DE NEMAYDA"

Preço 5\$900 — Pelo correio 6\$400

Pedidos à casa BRAZ LAURIA
RUA GONCALVES DIAS, 78
— RIO. —

MODA E
BORDADO
APRESENTA OS MAIS LIN-
DOS MODELOS.

Recortem os pedaços do clichê acima e formem com elles a caricatura do tradicional Velho, do Carnaval.

As soluções devem ser enviadas à redacção d'O TICO-TICO, travessa Ouvidor, 34, Rio, separadas das de outros quaesquer concursos e acompanhadas não só do vale que tem o n. 3.735, como também da assignatura, idade e residencia do concorrente.

Para este concurso, que será encerrado no dia 7 de Março vindouro, daremos como premio, por sorte, um lindo livro de historias infantis.

CONCURSO N. 3.736

Para os leitores desta Capital e aos Estados proximos

Perguntas:

1ª — Qual a bebida formada pela preposição e pela variação pronominal?

(3 syllabas).

Nathalia Torres

2ª — Qual o rio da Europa que com a inicial trocada é tecido?

(2 syllabas).

Luiza Portella Ottoni

3ª — Qual a pedra preciosa que sem a syllaba central é nome de mulher?

(3 syllabas).

Dirceu de Miranda Cordilho

ARTE DE BORDAR

Desta capital, das capitães dos Estados e de muitas cidades do interior, constantemente somos consultados se ainda temos os ns. de 1 a 13 de "Arte de Bordar". Participamos a todos que, prevendo o facto de muitas pessoas ficarem com as suas colleções desfalcadas, reservamos em nosso escriptorio, Trav. Ouvidor, 34, Rio, todos os numeros já publicados, para attender a pedidos. Custam o mesmo preço de 2\$000 o exemplar em todo o Brasil e também encontrados em qualquer Livraria, Casa de Figurinos e com todos os vendedores de jornaes do paiz.

Anexo KK- "Nossos Concursos"

Anexo LL- Encarte "Máscara para o Carnaval"

— Fevereiro — 1933 — 21 — O TICO-TICO

HISTORIA DO RATINHO CURIOSO
 (Desenhos de Walter Disney e M. D. Iwerks, exclusividade para O TICO-TICO, em todo o Brasil).

Num esforço desesperado, Ratinho Curioso, Cavallinho e Charabella procuram resgatar Macaquita dando o automóvel e demais pertences, que os ciganos recusam.

Ratinho Curioso vê Desferir sobre o um braço armado de uma bordoa-punhal que o ameaça. da com a sua arma.

Mas no mesmo instante Clara-bella recebe uma pedrada na cabeça. Enquanto...

...isso se passa, a pobre Macaquita está prisioneira de uns ciganos, amarrada a um poste. E a velha cigana que...

...a assiste tem gestos e exclamações de meter medo a um gigante!

No meio da floresta Ratinho Curioso vê um aviso: "Daremos 48 horas então, que o cão Plutão pode mar, gritando pelo cão: — Plutão! Plutão!"

Ratinho Curioso pensa, E sabe correndo a chaminé, então, que o cão Plutão pode mar, gritando pelo cão: — Plutão! Plutão!

Plutão acode e sahe, farejando, até uma casa abandonada, onde entra. E o cão encontra a pobre Macaquita...

...prisioneira. Mas os ciganos atiram-se ao cão...

...prendem-no e vão amarrá-lo ao lado de Macaquita. Mas nosso Ratinho os gritos! Plutão começa...

Curioso... (Continúa)

NO MUNDO DOS BICHOS, DE CARLOS MANHAES, E' UM LIVRO PARA CRIANÇAS — PREÇO: \$8000.

Anexo MM- História do Ratinho Curioso, de Walt Disney

Revista O Tico-Tico, nº 1426, de 01/02/1933, p.21. Foto digital.
 Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

Anexo NN- "A menina pobre", de J. Carlos

Revista O Tico-Tico, nº 1423, de 11/01/1933, p.25. Foto digital.
Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

O TICO-TICO

8

11 — Janeiro — 1933

RECO-RECO BOLÃO E AZEITONA

por Luiz Sá

Azeitona não podia estar sócego. Patocando pelo quintal, viu entre umas taboas velhas um "vira-latas" que dormia tranquilamente com o rabo à mostra. Pensou logo em pregar uma peça ao pobre cão, puxando-lhe a cauda.

Mas o "vira-latas", que não gostava de brincadeiras sentindo-se ofendido avançou para elle e ferrou-lhe os dentes na mão. Azeitona botou a bocca no mundo a gritar por soccorro.

Louco de dor, Azeitona saiu em disparada para fazer curativo na mão. No caminho viu a "Sinhá Preta" que calmamente lavava roupa num tanque, Azeitona vendo em cima do tanque uma lata cheia...

...d'agua, mettu a mão dentro, para estancar o sangue que corria em abundancia. Foi um desastre: a agua da lata estava fervendo, e além de lhe queimar a mão, respingou por cima de "Sinhá Preta" queimando-a também.

A preta velha, possessa de raiva, agarrou o seu grande pito e o fez em cacos no "coco" de Azeitona. O preto estava mesmo de azar...

Depois de tudo isso, foi para a cama curtir as dores, mas satisfeito porque havia muito tempo que não dormia em cama. Réco-Réco acompanhado de Bolão diz-lhe: — E' isso mesmo: Macaco velho não põe a mão em combuca.

Veja no proximo numero IORC, TOTO e CATITA

No fim deste mez "NO MUNDO DOS BICHOS" — primoroso livro de Carlos Manhães

Anexo OO- Reco-Reco, Bolão e Azeitona, de Luiz Sá

Anexo PP- "As aventuras de Chiquinho: " Futebol na rua". A. Rocha

8 — Fevereiro — 1933

— 7 —

O TICO-TICO

o Barão de Rapapé

Não é reclame, é verdade: "NO MUNDO DOS BICHOS" é o melhor livro para as crianças.

(No próximo número — "Zé Macaco e Faustina")

Anexo QQ- "O Barão de Rapapé", de Max Yantok

Anexo RR- Kaximborn, Pipoca & Cia, de Max Yantok

Revista *O Tico-Tico* , nº 1423, de 11/01/1933, p.16 e 17. Foto digital.
Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

Logo cedo, antes de seguir para o trabalho, o Dr. Silveira, entrando no escritório, chamou seu filho Armando, para um "caso serio", como dizia.

O rapazinho, que já não andava com a consciencia muito socegada, por umas renações que praticara, ficou meio sem jeito e planejando algumas respostas para encobrir suas culpas attendeu ao chamado do pae.

Momentos mais tarde em vez de verem-n'o sahir macambusio e triste como era o costume depois do pito, o rosto de Armando exprimia sua satisfação.

Aos pulos desceu as escadas do jardim, encaminhou-se á casa de um collega e amigo do coração.

Encontrou-o occupado em transplantar umas mudas da sua horta e terminar uns servicinhos de jardinagem.

— Escute, Joãozinho! e seus olhos falsavam de alegria...

— Escute, sim, mas primeiro dê-me bom dia, seu malcriado, nós não dormimos juntos!

— Perdôe-me meu amigo, mas estou tão radiante com a missão que me acabam de confiar...

— E por isso esquece-se dos outros ?!

— Para affirmar o contrario é que o vim procurar. Escute...

— Agora sim!

— Não me interrompa! Papae hoje ha pouco, chamou-me e em vez do que eu esperava, — um castigo pela nossa traquinagem de hontem na chacara do "Seu" Lopes...

— Aquella da tourada com pobres bezerros?

— Justamente! — pois bem, elle fez como se não soubesse, mas tenho certeza de que está sciente, o chacareiro, furioso, contou-lhe e...

— E como vae o bezerro a que sem querer deixamos com a perna quebrada?

— Parece-me que vae melhor. Eu estou arrependido e emendado mesmo, noutra não me metto! Mas, não me interrompa... Olhe, deixe-me contar mais depressa, estou encarregado de seguir manhã cedo para Itú fazer ás vezes de S. Nicoláo a uns priminhos que moram á beira do Salto. O pae está doente aqui, e os pobrezi-nhos iriam ter um Natal bem sem graça.

— E quanto tempo você ficará lá ?

— Quanto nós nos demoraremos? Pois você irá já pedir á seu pae para passar-

mos juntos dois dias em casa de minha tia em Salto de Itú.

— Bella idéa, mas a questão é...

— Qual, nada, eu faço de bom advogado e confio na bondade de seu pae.

Entrando na sala de jantar onde o Dr. Monteiro abria o seu correio, Armando sentiu-se meio atrapalhado em expor o "caso serio", só temendo uma recusa.

Mas, como sempre, foi bem recebido e depois de dizer direitinho que: pedia licença para ter como companheiro de excursão o seu inseparavel amigo, notou com surpresa que a physionomia do Dr. Monteiro, ao natural tão expansiva, mudou-se para uma expressão séria e este, batendo com o punho cerrado na mesa, pronunciou um "não" tão solemne que fez estremecer os meninos.

Essa mascara severa, porém, não durou dois segundos e rindo-se o bom senhor abraçou Armando, dizendo-lhe:

— Não dou licença ao Joãozinho para ir a excursão alguma, mas dou-lhe ordem de arrumar sua trouxa e de amanhã cedo seguir com o Sr. Armando Silveira para Salto de Itú. Riram-se todos e com um grande agradecimento dos dois amigos ao ad-

vogado, cada um foi tratar de apromptar o necessario para a primeira viagem que faziam sem companhia de gente grande.

A maior alegria era de se imaginarem independentes e quando se poz o trem em movimento seus olhares cruzaram-se exprimindo todo o seu contentamento.

Foi uma viagem optima, a folia da baldeação, a gentileza de ceder logar á senhoras afflictas vendo o vagão repleto, a compra de frutas, pastels e doces nas estações, tudo era motivo de prazer para os dois traquinas.

A todo o instante, porém, Joãozinho notava o mesmo movimento do companheiro para verificar se guardara as passagens; foi um alívio para os dois quando o chefe as reclamou pela ultima vez.

Dahi ha pouco tambem este annunciava: "Salto de Itú" e o trem diminuiu a marcha.

Desceram e indagando de um e de outro conseguiram achar o caminho que os levaria á chacara de D. Silveira.

Até o sol estava camarada e não os apouentava com raios muito fortes; dispostos para andar, logo chegaram. Foram recebidos com surpresa e grande alegria de todos.

Joãozinho ficou conhecendo os primos de Armando e num instante fizeram boa amizade.

Almoçaram á grande e, como a vontade de explorar quanto antes a villa, o rio e mattas era enorme, o bando de peraltas sahio a passeio logo após a refeição, levando o farnel do lunch prompto, o que indicava ser longa a caminhada.

Maurício e Cassio, os primos, levaram-nos a ver o salto e os dois jovens excursionistas ficaram maravilhados com aquella torrente formidavel de agua, de uma força brutal, e de beleza rara como panorama.

Um facto interessante lhes chamou logo a attenção, innumerous passaros muito semelhantes ás andorinhas, grandes, voavam de um lado a outro sobre a queda d'agua e pousavam em enormes lages que se elevavam á margem do rio.

Ali permaneciam como que collados ás pedras, todos juntos numa posição que aos meninos parecia bem incommoda; não podiam imaginar o modo pelo qual os passaros se agarravam a uma pedra vertical e tão lisa.

Pediram explicação sobre o nome do passaro, porque e como se sustentavam assim. Obtiveram resposta, bem acertada, dos dois moradores de Salto. Ainda que não pertencam á familia das andorinhas, são tambem como estas bastante uteis. Durante todo o dia sahem á procura de insectos de que se alimentam; fazem bem ás plantações exterminando os bichinhos nocivos.

A' noite é que vêm para as pedras onde permanecem até pela manhã na posição exquisita em que os viam os rapazes, e nessa hora fazem um rumor tão grande que chegam mesmo a abafar o barulho da queda d'agua.

Muitas pessoas affirmam que seus vãos são longos estendendo-se até Santos. Todos esses pormenores da vida desses passaros tão bonitos encantavam os meninos, que continuando seu passeio pela margem do rio conversavam com alegria por ter aprendido mais alguma novidade.

Quando o sol se escondeu tambem tinham saboreado seu lunch e já se punham a caminho da casa planejando o itinerario do proximo passeio.

TIO NOUGUY

NO MUNDO DOS BICHOS, de Carlos Manhães, está á venda

Anexo TT—"Taperá", de Tio Nouguy

Revista O Tico-Tico, nº 1427, de 08/02/1933, p.20.Foto digital.

Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

25 — Maio — 1938 — 20 — O TICO-TICO

TESOURO DO FARO por hire

GANHANDO TEMPO...
CAPÍTULO 18

FIRE

QUEM É O SENHOR ?

MEU NOME É ROGER, E O SEU ?

VÁ RECUANDO ?

VÁ ?

COMO ? AH !... SIM !... BEM !...

QUER QUE EU... .. RECUE... NÃO...

(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)

REPRESALIA

HISTORIETA

— Sou Lili, tenho seis anos,
Porém sou muito sabida,
Quando discuto me zango.
Nunca me dou por vencida.

Quem me fizer qualquer coisa
Me faça muito bem-feita,
Porque de nada me esqueço,
E fico sempre na espreita

Não me fulguem vingativa,
Mas também não sou santinha....
Quando me "fazem alguma"
Eu "tiro minha casquinha"...

Em questões de sociedade
Eu sou muito escrupulosa,
Observo o protocolo
De maneira cautelosa.

Pelo meu aniversário
Quem me vem felicitar
Eu vou, depois, como é praxe
Pessoalmente visitar.

Quem me manda um telegrama
Um outro receberá,
E, si me mandar um cartão
Um cartãozinho terá.

Meus deveres sociais
Gosto sempre de cumprir.
E tudo na mesma moeda
Hei de sempre retribuir

Quando casar algum dia
Muitos convites farei,
Entretanto, a "todo mundo"
Também não convidarei...

Por exemplo: lá em casa
Um convite ha que não vae:
Não mandarei covidar
A mamãe nem o papae...

E querem saber por que?
E' porque quando casaram,
Fizeram bem caladinhos...
Também não me convidaram...

Eustorgio Wanderley

RECEITAS

CREME COLOMBINA

Leva-se ao fogo, numa caçarola, 60 grs. de manteiga á qual, depois de derretida, junta-se 50 grs. de farinha de trigo, mexendo-se até ferver, acrescentando-se em seguida 2 litros de caldo de galinha.

Juntam-se 2 pombos alourados em manteiga, deixando-os cozinhar tudo durante meia hora, mais ou menos.

Escuma-se o caldo pondo-se no mesmo os pedaços dos pombos desossados.

No momento de ir para a mesa, adicionam-se á sopa 3 gemas desfeitas em um pouco de leite, deixando-se-lhe um pouco de molho.

Magy.

Anexo VV- "Represália", de Eustórgio Wanderley

O Rei do Sertão

NOVELLA ILLUSTRADA
Por M. YANTOCK

(Continuação)

— Eu, esconder-me? Isso não. Temos que mostrar o braço a esses brutos. Laurinda possuía boa dose de coragem. Apossou-se do furador para sementeira, enquanto o Venancio logrou encontrar um espeto enferrujado e foram seguindo o filho.

Iam já transpondo a porta do rancho, eis que o "Dingo" apparece latindo, passa como um tuíão, pelos donos e precipita-se no interior da casa, atacando o primeiro indio que encontrou.

Mais tres indios havia no interior do rancho, entretidos a saquear o quanto encontravam.

Foi tal a violência do ataque que Dingo derrubou o indio e ferrou o dente no pescoço, não o deixando, apesar de receber muitas facadas.

Dos outros dois tomaram conta Adhemar e seus paes, lutando para arrancarem as carabinas das mãos e surrando-os depois.

Apesar disso, os damnados, conseguindo livrar-se, fugiram com agilidade nunca vista, seguidos de perto por "Dingo" que mancava de uma pata.

Os outros haviam desaparecido, só ficando tres indios gravemente feridos no chão a se contorcereem. O primeiro morreu antes que Adhemar pudesse prestar-lhe soccorro.

O segundo, que fizera esforços sobre-humanos para arrancar a flecha da garganta, soltava urros de dor e rolava pelo chão em horribes contorsões.

Já o rancor de Adhemar havia cedido lugar á piedade. Ajoelhou-se ao lado do ferido e sem hesitar, torceu a ponta da flecha e fez-a sahir por outra parte, praticando assim segunda ferida, mas livrando a victima dessa arma terrivel.

Pediu á mãe que lhe trouxesse alguns curativos, presentes do Torquato, lavou, estancou o sangue e collocou ataduras. Alliviado o indio fixou seus olhos no rosto do rapaz, olhou-o intensamente, murmurou palavras incompreensíveis, talvez de gratidão e deixou-se ficar, quasi immovel com os olhos semicerrados.

Manchas de sangue por toda parte indicavam que a luta foi renhida e sangrenta.

— A paz que tanto sonhei, está comprometida! — lastimou Venancio.

E, dirigindo-se a Laurinda, acrescentou a menear a cabeça encanecida: —

— Minha velha, que é do nosso socego? Querem nos roubar, querem nos matar. Este nosso Novo Eldorado está se transformando em campo de batalha, a terra que eu pretendia semear de plantações está se semeando de mortos. Para que viemos morar tão longe? Malvados, foscinas por toda parte, disputando pouco terreno num territorio immenso como o nosso Brasil. Parece incrível!

— Socega, Venancio — disse Laurin-

da. Ha gente que acha melhor roubar com risco da vida do que adquirir com pouco trabalho e sem rico algum. Quem o que já está feito.

O velho ia continuar a lamentar-se mas Adhemar, calmo, como se nada houvesse acontecido, bateu carinhosa palma dinha no hombro delle e ponderou:

— Pelo menos podes dizer, papae, que este pedaço de terra custou muito, quasi a pagal-o com a vida.

Recolheram o ferido no rancho e traram de repór tudo em ordem, pois não foi pouco o estrago que os indios causaram naquella lar.

Entretanto, Adhemar, estranhava a ausencia de Dingo, o qual embora ferido

matto e a redondeza num raio de muitas leguas, chamando, assobiando, disparando a carabina, seus esforços não logravam resultado algum.

O indio que haviam tratado, logo que poud recobrar as forças, sumiu-se, sem que soubessem como. Mas não levou cousa alguma ou antes, deixou sobre a cama onde estivera, um interessante objecto constituido de tres pennas brancas e uma escura enfiadas numa argola de osso.

— Que querérá dizer isso? — indagou o Venancio.

— Só elles podem explicar — respondeu Adhemar. Quero é o meu "Dingo" vivo ou morto. Será possível que tam-

e mancando, lançava-se em perseguição do indio com o qual lutára.

— Tel-o-iam matado? Um calafrio, uma sensação de funda tristeza foram, nelle, o inicio de amargos presentimentos.

MENSAGEIRO DE QUATRO PÉS — OS SUBTERFUGIOS DE ADHEMAR

Dias se passaram, dias de sol, lindos, realçando os maravilhosos matizes da intensa vegetação, entremeada de fruteiras carregadas, emmoedurando o rancho do Venancio.

Mas, seus donos assistiam tristes as festivas manifestações da natureza excessivamente generosa.

«Faltava alguém, "alguem" que não era gente, mas nem por isso, menos apreciavel.»

Faltava o "Dingo", esse cão admiravel, esse fiel e destemido defensor do lar dos seus donos, que não quiz abandonar seu antigo amo.

Torquato Adhemar explorasse o

bem este amigo me abandone?

— Não — retorquiu Venancio. Os cães não são traidores nem abandonam seus donos.

O dia ia findar num allucinante pôr do sol, um clarão de incendio invadia o céu todo, como immensa fogueira.

Adhemar, mudo admirador desse gratuito espectáculo, observava-o sentado sobre uma pedra que sobressahia no espigão do morro.

Estava triste, o rapaz. Acabrunhado. Às vezes, olhando para as caprichosas formações das nuvens se lhe afiguravam formas que se pareciam com um cachorro, o "Dingo". Mas, isto durava um instante, a forma desfazia-se, modificava-se, tornando-se informe ou assumindo formas diferentes.

E elle devisiava a vista, desiludido. De repente viu uma qualquer cousa que corria pela ladeira fronteira ao morro.

— Que será?

Poz-se de pé, apurou a vista e não demorou a perceber a verdade.

(Continúa)

No fim deste mez, estará á venda o lindo livro de contos "No mundo dos bichos" — Preço 5\$000.

Anexo WW- "O Rei do Sertão", ilustrado por Max Yantok

Revista O Tico-Tico, nº 1426, de 25/01/1933, p.14.Foto digital.
Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

8.º — Fevereiro — 1933

— 9 —

OS SEMEADORES DE GELO

O TICO-TICO

...e foi bater á porta de outra casa. Bateu de leve, mas a porta abriu-se logo...

Era o Sr. Alcides, ou antes Julio, disfarçado como de costume.

O pobre rapaz passara uma noite atroz; apesar da confiança com que elle falara ao governador, estava mortalmente inquieto. Stella devia ser conduzida ao cadafalso ás 7 horas da manhã: Elle tomara todas as providencias para impedir a execução; mas se as providencias falhassem? Se a infeliz moça morresse?

Ao pensar em tão horrenda possibilidade, Julio tremia.

Atravessou a praça e foi bater á porta da outra casa. Bateu de leve, mas a porta abriu-se logo.

— E's tu, Crabb? — perguntou o engenheiro.

— Yes, mister Julio.

— E Candi, onde está?

— Cumprindo suas ordens. Sahiu ha uma hora.

— E tu? — perguntou Julio.

— Eu fiz tudo quanto o senhor ordenou.

— Ah? Poste á prisão? Conseguiste falar com Stella? Como?

— Eu levar meu pessoal ao prisão o dizer: Eu estar empregado de D. Olivio de Avarca, um daquelles que a prisioneira accusar de muita porção de crimes. Mas eu estar bom christão; agora que ella está condemnada a morte eu quer dizer a ella perdão —

(Continuação)

ella pôde morrer tranquilla, eu não guardar odio.

— Meu bravo Crabb. E que lhe diseste?

— Eu entrar na calabouço do pobre moço e dizer no seu orelha o que Sr. Julio tinha dito no orelha de miss.

Disse-lhe assim: Aconteça o que acontecer, miss, ainda que veja o garrote a seu lado não ter medo. Sr. Julio está velando por miss.

O engenheiro apertou energicamente a mão do dedicado inglex.

— Obrigado Crabb. E que te respondeu ella?

— Ella sorriu muito bonito e dizer — Diga ao Sr. Julio que elle bem sabe que só tenho medo de uma coisa... E' que aconteça alguma desgraça a elle.

— Querida Stella! — murmurou o engenheiro.

— Então eu... — continuou o inglex imperturbavelmente — então eu se despedir della e voltar para aquí.

— Está bem — disse Julio apertando-lhe novamente a mão — Mas não esqueças que as seis horas da manhã estarei á tua espera em casa de Olivio.

— Yes.

— Aquello miseravel convidou-me para assistir ao supplicio de Stella,

da janella da casa que alugou especialmente para isso. A's seis e meia não te esqueças.

Half past six — repetiu o inglex. Recuou, fechou a porta e Julio continuou a caminhar em direcção á praça do Garrote.

Mas chegando ali deteve-se e apertou as mãos contra o peito, como se quizesse comprimir as pancadas do coração.

Na praça quadrada e escura, no canto mais proximo á casa que Olivio alugara, erguia-se um estrado com uma machina sinistra.

Era o cadafalso com o garrote.

III

O GARROTE

O garrote é um instrumento barbaresco usado ainda na Bolivia, á imitação da Hespanha.

Executa os condemnados á morte apertando-lhes o pescoço até suffocá-los.

E Julio tremia ao pensar que o pescoço delicado de Stella poderia ser apertado naquelle apparelho horrendo.

Entretanto, sobre o cadafalso, agiavam-se formas humanas. Eram os ajudantes do carrasco, que acabavam de armar o garrote.

Ouviam-se no silencio da noite pancadas de martello.

Com passos lentos, mancando mais

Quer comprar dois lindos livros? — Eil-os: "Contos da Mãe Preta" e "No Mundo dos bichos".

Anexo XX- "Os semeadores de gelo", de Stela Roland, ilustrado por Cícero Valadares

Revista O Tico-Tico, nº 1427, de 08/02/1933, p.9.Foto digital.Colorida.
Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

Anexo YY- Capa- Almanaque d' O Tico-Tico, 1929

Arquivo pessoal- Fac-Símile

Anexo ZZ- Saudação- Almanaque d' O Tico-Tico, 1929

Arquivo pessoal- Fac-Símile

Anexo AAA- Capa- Almanaque d' O Tico-Tico, 1937

Arquivo pessoal- Fac-Símile

ALMANACH D'O TICO-TICO — 1937

ERA UMA VEZ...

-Ora graças, que você está progredindo nos estudos! Sua nota, hoje, é boa! - dizia a professora. - Olha aqui: o "Pé-de-Chumbo" recebeu vinte contos de réis de luvas...

...e vai ter por mez um conto de réis para jogar foot-ball!
-A "nota boa" da professora não enche barriga... Estes livros ficam aqui e eu vou tratar melhor da minha vida.

Vou treinar no foot-ball para ganhar bastante dinheiro!
-Para quem não tem cachorro o gato serve. Pedaco de...

...tijolo pôde ser pelota. O quintal do visinho é grande!
- "E vamos treinar!" Mas a pelota, que era um tijolo, foi...

...bater na vidraça de uma janella, quebrando-a. E o dinheiro roubado pelo menino vadio transformou-se...

...em meia dúzia de bolos e duas horas de joelhos dobrados sobre uma mesa!

Anexo BBB- "Era uma vez...", Almanaque d' O Tico-Tico, 1937

Arquivo pessoal- Fac-Símile